A DINASTIA DO CASTELO

O PODER, A GLÓRIA E A QUEDA

Espírito Klaus
Através do médium Fabio Bento

www.mediumfabiobento.com.br

Esta obra está registrada no Escritório de Direitos Autorais e o responsável pelo registro cede gratuitamente os direitos para veiculação através do site www.mediumfabiobento.com.br.

A divulgação, compartilhamento e tradução desta obra são livres e gratuitos, respeitada a sua integridade e não permitida sua comercialização.

Apresentação do Espírito Klaus

Este livro é a continuação de Trabalhos Mediúnicos na Casa Espírita, que teve seu formato como perguntas e respostas. Porém, neste novo trabalho o formato será o romance, contudo abordará temáticas sobre trabalhos mediúnicos realizados em uma casa espírita.

Este livro é baseado em fatos que ocorreram no decorrer de séculos e várias encarnações, pois a organização trevosa a qual dá nome ao livro sobreviveu por este período.

Não há dúvidas de que a narrativa ficou empolgante e muito pode explicar e esclarecer a médiuns e frequentadores como funcionam vários processos do lado de cá da vida, bem como abordará a faceta trevosa da espiritualidade e suas interferências nas casas espíritas.

Não temos a pretensão de contar uma história bela e rica em estilo. Narraremos os fatos sendo fiéis aos acontecimentos e preservando os nomes reais de encarnados e locais no plano terreno.

Desejamos uma leitura proveitosa.

Dr. Klaus
Rio de Janeiro, 13/01/2012

Apresentação do Espírito José Lázaro

Tive a satisfação em participar da equipe falangeira do bem que atuou nos trabalhos descritos neste livro. E ainda tenho imensa satisfação em continuar nesta equipe e participar de outros trabalhos.

Klaus é um grande amigo e trabalhamos juntos há muito tempo. Ele me convidou para escrever uma apresentação sobre este trabalho, que agora vira livro, porém não vejo o que poderia escrever. Disse a ele que não tenho nada a acrescentar no que pode dizer aos leitores. Mas ele me lembrou de algo que havia esquecido completamente. A minha visão sobre os fatos é diferente da dele. O castelo a qual o título do livro se refere é o local da base da organização trevosa, seu centro de força, seu núcleo. Porém, sempre disse que a força não estava no castelo, nem em seus comandantes. A força estava em uma energia que utilizavam, mas que perderam o acesso a ela depois de algum tempo. Eles conseguiram sobreviver pois tinham a empáfia de se julgar superiores a tudo. Mas sem a energia, considero aquela uma organização normal sem força para deter os avanços do bem, como aconteceu. Fiquem com Deus.

Espírito José Lázaro,
Rio de Janeiro, 13/01/2012

Prólogo

Da mesma forma que existem cidades espirituais belas e consagradas ao bem, como uma das mais famosas, Nosso Lar, existem lugares voltados às trevas, onde sua população é em maioria escrava e serve aos senhores da escuridão em seus maléficos propósitos.

Este livro fala de um desses lugares, onde o centro que tudo gira em torno é justamente o castelo. É lá que vive o mago negro comandante desta organização trevosa. Porém, vamos contar toda a história desde seu início.

Em um ambiente fétido, cercado de poças de sangue, de baixa luminosidade e com névoa, dois espíritos caminhavam. Eram Anderson e Fabrízio. O primeiro, um pequeno comandante da organização trevosa. O segundo era um pobre coitado que nada sabia sobre si mesmo, que fora arrastado para aquele lugar e nele perambulava tentando entender o que acontecia.

— Ande! Vamos! Não me faça te arrastar por esse inferno! — Anderson gritava e gargalhava ao fazer a ameaça.

Fabrízio nada dizia, apenas seguia o comandante na direção do castelo. Ao chegarem a seu destino, Anderson agarrou Fabrízio e o jogou, literalmente,

em uma pilha de outros homens que estavam em um pátio e falou a dois de seus comandados:

— Já está bom. Estes devem servir. Leve-os para as masmorras, dê comida e água e espere minhas ordens.

Assim foi feito. Todos aqueles homens eram escravos naquele lugar. Viviam em condições precárias, sem qualquer condição decente, principalmente nos quesitos de liberdade e igualdade.

Já dentro do castelo, Anderson se reportava a seu comandante diretamente superior, Oristeu:

— Os homens já foram selecionados e estão sendo levados às masmorras, senhor!

Oristeu respondia com satisfação:

— Perfeito. Avise-me quando estiverem prontos.

Aquele lugar se resumia ao castelo, que se localizava ao centro. Ao seu redor havia casas mal-acabadas, onde espíritos escravizados ou perambuladores tentavam se manter fortes de alguma maneira. Anexo ao castelo havia um enorme pavilhão que abrigava o dormitório dos soldados da guarda principal. Havia também um pequeno e escasso rio que cortava o local, mas sua

água era podre, porém era a única que poderia ser encontrada pela população escrava, portanto, era consumida.

Ao chegarem às masmorras, foram recebidos por carrascos e jogados em várias celas. Eram cerca de vinte homens que foram selecionados pessoalmente por Anderson. Patrício, o carrasco principal e chefe das masmorras apareceu. Sua figura alta e forte intimidava qualquer um, ainda mais aqueles pobres coitados tremendo de frio e medo. Vestindo apenas algumas peças de couro, Patrício ficou de frente para as celas onde os selecionados estavam e disse a eles:

— Vocês são meus agora! Não há mais liberdade! Nunca houve para vocês! — soltou uma sonora gargalhada. — Vocês farão o que eu mandar e obedecerão aos meus caprichos ou posso praticar tortura pela eternidade!

Na verdade, não era Patrício quem daria as ordens, sendo ele mesmo um subalterno. Porém, dentro das masmorras, Patrício tinha autoridade para torturar qualquer um e de qualquer forma.

Aqueles homens foram selecionados a pedido do mago negro, que precisava deles para uma missão especial com ligação a espíritos encarnados na Terra. Muito ainda iria acontecer, pois o poder e a glória do castelo estavam apenas começando.

Capítulo 1

Através de um longo corredor sombrio e estreito feito de pedras escuras, caminhava uma entidade perigosa em direção à sala principal do castelo, de onde o mago negro comandava sua organização. Tal entidade era um subcomandante, em hierarquia abaixo apenas do líder. Nesta sala, traçavam seus planejamentos e eram os mais poderosos da organização.

Ao adentrar, dirigiu-se ao mago negro, que estava sentado em seu trono, de costas para a entrada:

— Aluciphel, meu senhor, os escravos foram selecionados e já estão nas masmorras, como desejava.

Um sorriso sombrio por baixo do enorme capuz negro surgia antes do mago responder:

— Perfeito, Ieajh, perfeito.

— O que deseja agora, senhor? — Ieajh perguntou.

O mago negro pensou por alguns segundos e respondeu com extrema malícia:

— Deixe que Patrício se divirta um pouco. Depois vá até eles e converse pessoalmente.

Já se retirando da sala, o conselheiro trevoso respondeu:

— Sim, meu senhor.

Enquanto isso nas masmorras, Patrício estava prestes a iniciar sua “diversão” com os escravos selecionados.

Todos os escravos estavam gritando, pedindo clemência, chorando, pedindo água, comida, em desespero completo e absoluto. Isso era “música” para os ouvidos de Patrício, que ainda não havia começado com as torturas, pois desejava apreciar um pouco mais do desespero alheio. Porém, ele notou que apenas um dos escravos tinha um comportamento diferente. Estava sentado no fundo da cela e apenas observava a tudo. Parecia calmo e resignado. Por estar ao fundo, estava escondido atrás de todos os outros, por isso o chefe das masmorras não o viu antes. Mas ao perceber, Patrício entrou em ação. Caminhou com decisão até próximo da grade, gritando:

— Saiam da frente seus miseráveis malditos!

Os escravos dispersaram para as laterais da cela rapidamente, deixando a visão de Patrício limpa e o chefe das masmorras pôde ver Fabrízio, o escravo com comportamento calmo.

— Levante-se, maldito, e venha já aqui! — Patrício gritou impaciente.

Fabrízio não desejava mais problemas e obedeceu sem questionar. Ao se aproximar, Patrício abriu o portão da cela e indicou que Fabrízio saísse. O escravo obedeceu mais uma vez e o portão da cela foi novamente fechado pelo chefe das masmorras, que olhou com expressão de ódio para Fabrízio e disse a ele:

— Está calminho, animal? Vamos fazer você perder essa calma já!

Ao terminar de dizer, soltou uma sonora gargalhada e foi acompanhado no riso por seus subalternos trevosos. Segurou Fabrízio pelo braço e o carregou para uma mesa onde o deitou com seus braços e pernas amarrados e puxados por cordas.

Aqui cabe uma explicação. Estamos falando de espíritos desencarnados. Então o leitor pode estar se perguntando como é que se tortura alguém que já não mais tem corpo físico. A resposta é simples: através do perispírito.

Em casos assim, onde o espírito não conseguiu ser acolhido pelo bem e perambula por regiões trevosas, portanto não recebeu as orientações devidas, conserva as impressões do corpo material, por isso tem a sensação de dor, sede, fome, cansaço

e todas as demais sensações físicas que espíritos encarnados sentem.

Na mesa de tortura, ao perceber o que aconteceria, Fabrízio começou a gritar implorando que Patrício parasse o que estava prestes a iniciar. O chefe das masmorras, então, fez um sinal para seus subalternos a fim de interromper o início. Foi até próximo ao rosto de Fabrízio e disse a ele em tom baixo e intimidador:

— O que foi, amigo, perdeu a calma tão facilmente?

Fabrízio disse a ele em tom nervoso:

— Não me torture... eu faço o que quiserem, não precisa me torturar!

— Mas eu não vou torturar vocês para que façam o que eu quero. Isso eu já consegui! Eu vou torturar porque eu gosto!

Fabrízio olhou com pânico para Patrício, que sinalizou consentindo o início da tortura.

Optamos por não descrever tais procedimentos, por considerá-los desnecessários e irrelevantes ao propósito da obra.

Após a tortura consumada de Fabrízio, que se formos contar no tempo da Terra, durou algumas

horas, onde vários métodos foram aplicados, o pobre espírito foi jogado novamente na cela. Não mais conseguia falar e pouco se movia. Patrício gritou para todos:

— Neste lugar eu mando! E quero que todos sofram bastante! Quem não sofre naturalmente, precisa de uma ajuda, como nosso amado amigo no fundo da cela. Alguém mais deseja ser ajudado?

Ao terminar de falar, todos começaram a gritar como antes. O que fez com que Patrício e seus subordinados rissem ainda mais.

Mas Patrício não iria parar com as torturas e fez questão de praticar seus métodos em cada um dos escravos. No entanto, nenhuma sessão de tortura demorou tanto quanto a de Fabrízio; as demais tiveram, em média, metade da duração da dele.

Após todas as sessões e com todos os escravos devidamente humilhados, torturados e exauridos, Patrício deu um sinal e mandou que um de seus subordinados chamasse Ieajh. O festival ainda não tinha acabado.

Ieajh recebeu a informação de que já poderia ir até as masmorras, o que fez imediatamente. Ao chegar, pediu para que Patrício fosse chamado do lado de fora, na parte superior. O chefe do local prontamente atendeu.

— Sim, meu senhor — Patrício cumprimentou.

— Como estão? — Ieajh perguntou.

— Com medo — Patrício respondeu sorrindo.

— Ótimo! Estão onde devem estar. Bom trabalho, Patrício.

Mas antes de Ieajh descer até onde os escravos estavam, Patrício fez outra colocação:

— Existe apenas um escravo, que está com medo, mas não está na mesma vibração dos outros, parece apático em condições normais.

— Mostre-me ele.

Assim desceram até as masmorras e o chefe do local pediu para trazerem Fabrízio até à presença de Ieajh, o que foi feito. O escravo caminhava tranquilamente e sem demonstrar medo ou qualquer sensação. Ao ser deixado frente a frente com Ieajh, este perguntou:

— Qual seu nome, escravo?

— Fabrízio, senhor.

— Quem te disse que sou teu senhor?

— Estou aqui para lhe servir, senhor.

Até mesmo Ieajh estranhou o que ouviu e resolveu tentar entender:

— Quem pediu para que você me sirva?

Com certo tom irônico, Fabrízio respondeu:

— Se sou escravo, estou para servir.

Ieajh olhou para Patrício e disse:

— Você estava certo. Não está na mesma vibração. Mas você não entendeu onde ele está.

Olhou novamente para Fabrízio e disse, categórico:

— Você está livre. Pode ir agora.

Fabrízio não se mexeu. Ieajh continuou:

— Guardas, conduzam este homem livre para além de nossas fronteiras e o deixem lá para ser resgatado pelos filhotes do cordeiro. Agora!

Mesmo atordoados, os guardas olharam para Patrício, que também sem entender, fez sinal que obedecessem Ieajh, mas ao chegarem próximo a Fabrízio, este disse a Ieajh:

— Eu não quero ir embora. Deixe-me ficar e continuar servindo.

Ieajh sorriu e respondeu:

— Por que deseja ficar?

— Quero servir se puder caçar aqueles que me traíram, humilharam e acabaram com minha vida.

Ieajh permaneceu sorrindo e respondeu:

— Está bem. Mas primeira precisa provar que está apto a nos servir nesta missão junto com os demais escravos. Se for bem, deixará de ser escravo e nos servirá no castelo e sua posição dependerá de sua conduta na missão.

Fabrízio agradeceu:

— Obrigado, meu senhor.

Ieajh olhou para o atordoado Patrício e disse em tom baixo para que somente o chefe das masmorras ouvisse enquanto caminhava para próximo dele:

— Você é um incompetente. A vibração dele é diferente porque está muito mais próxima de nós que do bem. Ele quer servir, não precisava ser torturado. Já disse isso a você outras vezes. Pense antes de torturar qualquer um.

Patrício abaixou a cabeça e foi advertido por Ieajh:

— Recomponha-se, Patrício! Erga essa cabeça! Não mostre fraqueza na frente de seus comandados! Traga os outros aqui, incompetente!

Patrício fez sinal para que as celas fossem abertas e todos os escravos fossem enfileirados na frente de Ieajh, inclusive Fabrízio. Após todos eles estarem prontos, Ieajh começou a dizer:

— Estamos com uma situação em mãos que precisamos resolver. E vocês vão nos servir e atuar conosco, sob nosso comando. Estou certo?

Ninguém teve coragem de responder alto, então Ieajh gritou:

— Estou certo, escravos?

Um imediato coro de concordância ecoou nas masmorras. Ieajh continuou:

— Vocês serão comandados por dois de nossos melhores homens e terão a saudável companhia de Patrício para corrigir possíveis desvios de conduta. Irão até a crosta e atuarão onde forem designados, inclusive em encarnados. Alguma pergunta?

Alguém levantou um braço e Ieajh reagiu com intolerância:

— Quem permitiu que se levante o braço? Não disse que poderia perguntar. Não me importo se

você tem dúvidas ou não. Vai fazer o que for mandado e somente isso. Aguardem mais ordens. Por enquanto, continuam sob o comando apenas de Patrício.

Ieajh subiu as escadas enquanto Patrício dava ordens para prendê-los novamente nas celas, mas permitiu que fossem servidos de água e pão. Obviamente estes alimentos eram servidos de uma maneira que pudessem ser consumidos por espíritos desencarnados, ou seja, não estavam na mesma forma material da Terra. No entanto, como os espíritos ainda estavam muito ligados às coisas materiais, a forma dada aos alimentos imitava a da Terra.

Rapidamente Ieajh enviou uma mensagem para Anderson, que a recebeu mentalmente e disse a si mesmo:

— Já estão prontos...

Da mesma forma que recebeu a mensagem, a transmitiu a Oristeu, dizendo:

— Nossos homens já estão prontos... podemos agir.

Oristeu recebeu a mensagem no mesmo momento em que Ieajh dizia a Aluciphel que já havia cumprido sua etapa no planejamento.

Tudo já se encaminhava para o início de mais uma missão do povo do castelo, como eram conhecidos. Mais uma vez, os temidos do castelo sairiam em missão trevosa na crosta terrestre, desta vez com escravos dispostos a tudo para não serem torturados novamente.

Após alguns rápidos preparativos, Oristeu já estava pronto para liderar junto com Anderson e Patrício a missão na crosta. Na saída, Aluciphel os recebeu pessoalmente. Dentro do salão, com toda pompa, o mago negro recebeu seus comandantes com entusiasmo e certa rigidez:

— Aproximem-se, comandantes!

Ao se aproximarem, Oristeu, Anderson e Patrício viram o mago negro levantar-se e ficar diante deles. Assim, Aluciphel disse:

— Tenho expectativas nessa missão na crosta e acompanharei de perto. Preciso ter êxito... a qualquer custo... mas sei que envio meus homens mais capacitados para isso...

O mago negro sorria com ar macabro por baixo de seu capuz negro. Continuou:

— Oristeu... você será meu líder lá... meus olhos e ouvidos. O que tem a me dizer?

— Aluciphel, meu senhor, apenas agradeço por mais esta oportunidade de servi-lo e...

Foi interrompido aos gritos pelo mago negro:

— Eu não quero bajulações! Eu quero saber da missão! Agora!

— Perdoe-me, senhor. Iremos à crosta e imediatamente nos conectaremos às pessoas de seu interesse. Os escravos serão utilizados para aumentar certos desejos dos vivos, enquanto nós utilizaremos esse desequilíbrio para realizar nosso trabalho. O deixarei sempre com todas as informações.

— Óbvio! — o mago negro dizia em tom de deboche. – Eu mesmo consigo minhas informações. Não preciso que você as diga!

Aluciphel virou-se para Anderson e disse a ele:

— Como é ser comandado por um incompetente como Oristeu?

— Permita-me discordar, senhor. Vejo de outra maneira — Anderson disse em tom firme.

Um leve sorriso se abriu em Aluciphel, que prosseguiu:

— Não o considera incompetente? Então concorda com ele?

— O obedeço, senhor. Sua pergunta é direcionada à qual questão?

— Que preciso dele para ter as informações.

— O senhor não precisa de ninguém para isso, senhor.

— Por que Oristeu não é incompetente? Se esta for mesmo sua visão sobre minha pergunta...

— Ele é dedicado e cumpridor de suas tarefas, onde sempre tem êxito, senhor.

— Não o considera bajulador?

— Em certo grau, senhor.

Aluciphel soltou uma gargalhada que poderia ser ouvida das masmorras. Ainda rindo, disse a Anderson:

— Em certo grau? É engraçado! Mas gostei!

Olhou para Oristeu e disse a ele:

— Vocês podem ficar até amigos depois de tudo isso! Nunca vi alguém tão bajulador quanto você e

Anderson conseguiu te facilitar as coisas! Você precisa gostar muito dele!

Ao perceber que Oristeu tentava sorrir, mas que não conseguia manter a expressão de descontração, o mago negro gritou:

— Ria comigo, homem! Como? Não sabe rir? Como um comandante das trevas não sabe rir?

Oristeu se esforçou para rir e Aluciphel teve um gesto inesperado. O agarrou pela garganta e disse a ele, frente a frente:

— Está rindo só por que eu disse? Não tem critério? Não sabe o que fazer? Eu mando e você obedece, mas você ri se achar graça, não porque eu disse.

Depois de soltá-lo, voltou para seu lugar e continuou falando com o comandante:

— Você é um miserável, Oristeu. Tenho pena de você.

O mago negro virou-se para Ieajh e perguntou:

— O que faço? Continuo com Oristeu na missão?

Ieajh sabia que na verdade o mago negro não tinha qualquer dúvida, queria apenas dramatizar

para analisar as reações do comandante. Respondeu:

— Não sei ao certo, senhor. Por que não perguntamos a ele?

— Boa resposta, Ieajh. Então, Oristeu... devo mantê-lo liderando a missão? Devo mantê-lo na missão?

Oristeu olhou firme para o que era possível ver dos olhos do mago negro e respondeu sem fraquejar:

— Peço que me mantenha na liderança da missão. Tenho condições para isso e terei sucesso.

Aluciphel cerrou seus olhos e ficou em silêncio. Virou-se para Patrício e perguntou a ele:

— Patrício, devo fazer o que Oristeu nos diz?

Sem hesitar, o chefe das masmorras respondeu:

— Não poderia fazer seu trabalho, senhor. Não sei dizer o que o senhor deve ou não fazer. Com todo respeito digo isso.

— Patrício, mas é óbvio que você me tem respeito. Se caso não tivesse, não estaria aqui. Não seja bajulador como Oristeu! Ordeno que me responda.

Mas fez silêncio e caminhou na direção de Patrício ficando frente a frente com ele. Então continuou, falando baixinho:

— Estamos sozinhos aqui, Patrício... ninguém nos ouve... eu permito que me responda... porque você é quem vai decidir... devo manter Oristeu na liderança ou deixar que Anderson faça isso? Não sei... então faremos o que você disser agora. E precisa dizer...

Patrício olhava para Aluciphel com medo e sem saber o que responder. Mas pensou alguns segundos enquanto era encarado pelo mago negro e respondeu:

— Mantenha Oristeu.

Mas o mago negro queria saber o motivo:

— E por quê?

— Ele jamais perdeu uma missão...

O mago negro sorriu e voltou para sua posição inicial. Virou-se para Oristeu e disse:

— Patrício lhe salvou, Oristeu. Depois agradeça a ele.

O mago negro, dirigindo-se aos três, liberou-os para iniciar a missão:

— Prossigam agora com isto e tenham êxito.

Assim, retornou para seu trono enquanto os três comandantes saíam do salão.

A missão realmente começaria.

Após a conversa com o mago negro, os comandantes foram conduzidos por Ieajh até um salão onde pouquíssimos membros da organização tinham acesso. Na verdade, apenas altos membros e, mesmo assim, quando em saída de missão poderiam entrar em tal local, muito bem guardado e protegido. E sempre conduzidos por Ieajh.

Chegaram a uma enorme porta de madeira que conduzia a este salão. Antes de abrir a porta, Ieajh disse aos comandantes:

— Aluciphel deposita grande confiança em vocês para permitir que tenham acesso ao que está atrás desta porta. Não menosprezem isso. Não subjuguem a confiança de nosso líder.

O silêncio dos comandantes foi o consentimento para Ieajh abrir a porta.

Atrás dela havia um enorme corredor em sua extensão, mas pequeno em sua largura, de maneira que apenas um de cada vez poderia passar por ele. Formaram, então, uma fila indiana para ter acesso ao salão ao qual o corredor conduzia. Em silêncio,

caminharam. Quando faltavam poucos metros, Ieajh parou de caminhar, virou-se para os comandantes e disse a eles:

— Esperem aqui. Eu irei. Quando puderem ir, sinalizarei.

Assim, Ieajh prosseguiu sem a presença dos comandantes. O conselheiro do mago negro caminhou até chegar a um enorme salão com uma igualmente enorme abóboda. No centro do salão havia uma redoma de energia, que impedia o acesso ao que estava dentro dela a quem não fosse permitido. A energia que estava dentro dela era o segredo e a força da organização. Uma energia utilizada há séculos por povos e povos da antiguidade da Terra, que devido a sua escassez era guardada com todo cuidado pela organização de Aluciphel.

No centro da redoma havia uma pirâmide. Simples, pequena, mas radiante. E dentro dela, um pequeno foco de luz quase imperceptível. Ieajh concentrou-se, fechou seus olhos e tocou na redoma de proteção. Como tinha permissão, conseguiu acesso à pirâmide. Já no interior da redoma, mentalizou e três pequenos focos de luz saíram do foco principal e se dirigiram até a mão de Ieajh, que assim, saiu da redoma e sinalizou para que os comandantes pudessem entrar no salão.

Com a presença dos três, Ieajh soltou as esferas de luz de sua mão e elas pousaram sobre a cabeça de cada comandante para depois adentraram em seus perísspiritos. Ieajh falou:

— Vocês acabam de ter acesso a uma energia poderosa. Poderão a utilizar enquanto estiverem em missão. A manipulação dela é fácil para vocês, não haverá dificuldades. Basta fazer o que já sabem.

Assim, Ieajh apontou e todos saíram do grande salão em direção à porta de madeira, passando pelo estreito corredor.

Após todo o ritual, os comandantes já estavam preparados para sair em missão e Ieajh disse a eles antes de se despedir:

— Não falhem. Aluciphel considera esta uma das mais importantes missões que já tivemos. Ele observará e a qualquer sinal de subversão ou incompetência, ele agirá. Não queiram isso.

Depois de falar, Ieajh apenas virou-se e saiu. Os comandantes ficaram um pouco assustados, mas logo se recuperaram. Anderson disse aos outros dois:

— Não há motivo para preocupação. Já ouvi falar dessa energia antes... é poderosa. Com ela nada poderá nos deter...

Oristeu ficou preocupado com o que Anderson disse e respondeu:

— Tenha cuidado com energias poderosas, Anderson, pois podem se virar contra você.

Os três novamente silenciaram e foram rumo às masmorras, onde pegariam os escravos e partiriam em direção à crosta terrestre.

Capítulo 2

Ao chegarem às masmorras, Oristeu pediu a Patrício que retirasse os escravos das celas e separasse apenas um, que seguiria junto com eles.

— Patrício, retire-os e conduza-os como sempre, em nossa frente. Mas deixe conosco aquele de nome Fabrízio.

Patrício ainda não conseguia entender o que tanto viam naquele escravo, mas apenas obedeceu.

Naquela formação foram até um dos pátios do castelo para iniciar a ida até a crosta. Normalmente os comandantes possuíam condições de volitar rapidamente de onde estavam até a crosta terrestre, porém, como os escravos não tinham essa habilidade, era preciso realizar o transporte de outra forma, o que tornava o trajeto mais demorado devido à velocidade ser mais baixa. Oristeu pediu ajuda a Anderson:

— Mentalize comigo e façamos o escudo.

Anderson obedeceu e junto com Oristeu formaram uma bolha fluídica ao redor deles, que era capaz de flutuar com todos dentro. Então, mesmo em velocidade baixa, iniciou-se a ida à crosta mantendo-se a formação de escravos na frente e comandantes atrás, com exceção de

Fabrízio que seguia ao lado de Oristeu, que se dirigindo a ele, disse:

— Soube que tem planos de vingança...

Fabrízio o olhou e respondeu com calma:

— Sim.

— Não os quer compartilhar comigo? — Oristeu perguntou.

— Eu fui traído e humilhado. Perdi o que tinha. Agora desejo fazer igual.

— Por este motivo veio nos procurar?

— Não. Não me lembro de como cheguei ali.

— De que se recorda?

— De acordar ferido, machucado, coberto de sangue e em cima de uma poça imunda e fétida.

— E antes disso?

— Ainda estava na luta.

— Na luta? Era guerreiro?

— Por assim dizer...

Oristeu fez uma pausa e depois continuou:

— Sabe, Fabrízio... eu posso entrar em sua cabeça e ver tudo o que se passa. Não preciso conversar com você. Sabe disso, não sabe?

Fabrízio olhou com receio para Oristeu e respondeu:

— Sei, senhor.

Oristeu continuou:

— E sabe por que não faço isso, Fabrízio?

Fabrízio respondeu com nítido tom de respeito na voz:

— Não, senhor. Por quê?

— Porque, Fabrízio, quero lhe tratar como igual, diferente desses escravos. Você não é um deles. Você estava junto deles por um descuido. Seu lugar é conosco, mandando, não obedecendo.

Oristeu fez uma pausa enquanto olhava para Fabrízio, depois continuou:

— Mas se deseja guardar sua vida para você, tudo bem. Tenho certeza de que Patrício cuidará bem de você nas masmorras.

Fabrízio arregalou os olhos e perguntou assustado:

— Você tem poder para me deixar lá?

Oristeu respondeu confiante:

— Não há dúvidas! Sua participação nesta missão é decisiva para determinar sua permanência ou não nas masmorras. Eu tenho o comando mais alto e sou o responsável por ela e me reporto diretamente a nosso mestre, Aluciphel. Portanto, meu jovem, como percebe... não há dúvidas de que posso o jogar nas masmorras pela eternidade.

Fabrízio compreendeu rapidamente a gravidade da situação e perguntou calmamente a Oristeu:

— O que deseja saber?

— Nada — Oristeu respondeu com frieza.

— Nada? — Fabrízio não entendia.

— Ainda não tenho interesse em sua vida... que pretensão a sua! Queria medir seu envolvimento conosco.

— Enorme, senhor! — Fabrízio disse empolgado.

Mas Oristeu não pensava assim:

— Discordo, meu jovem. Você não me disse nada. Apenas reagiu como antes: sob pressão e tortura. Isso não me interessa.

Enxergando-se em apuros, Fabrízio disse afobadamente:

— Eu posso mudar! Já mudei! Eu...

Oristeu interrompeu Fabrízio:

— Não adianta mais. Sua chance de mostrar lealdade passou. Terá de esperar por outra. Por enquanto, você continua sendo tão escravo quanto os outros. Pode voltar para lá. Vá, agora!

Fabrízio abaixou a cabeça em extrema tristeza e desgosto e então dirigiu-se para junto dos outros escravos. Com ele longe, Oristeu confidenciou a Anderson:

— Este será nosso melhor escravo. Poderá executar os trabalhos mais duros por nós.

Anderson sorriu maliciosamente junto com Oristeu. Patrício, que observava o caminho, apontou para frente e anunciou:

— Estamos próximos à crosta! Já a vejo!

— Mais um pouco, já desembarcamos — Oristeu disse a Anderson.

— Em que ponto? — Anderson perguntou.

— No oriente.

Anderson olhou para Patrício e disse:

— Patrício, prepare os homens!

Assim, o chefe das masmorras começou a gritar com os escravos:

— Estamos próximos! Fiquem juntos e não tentem fugir, porque estão sob nosso controle. Se tentarem, saberemos e conteremos. E depois ficarão como meus hóspedes pela eternidade no castelo!

Patrício terminou de falar e soltou uma sonora gargalhada. Oristeu se pronunciou aos escravos:

— Fiquem calmos. Apenas obedeçam e façam o que lhes for ordenado por nós. Não falem entre vocês e não falem se encontrarem alguém que conheçam, vivo ou morto. Aquele que desobedecer será comida das tropas quando voltarmos.

A bolha já sobrevoava um campo vasto próximo a uma cidade em ruínas e de importância histórica no oriente da Terra. Iriam desembarcar.

Patrício se animava; Anderson fechava a expressão, demonstrando seriedade e Oristeu não demonstrava nenhuma reação, mas estava com

muito medo de falhar, pois temia Aluciphel. Ao desembarcarem, a bolha sumiu ao comando de Oristeu, que disse aos escravos:

— Iremos os separar por gostos, não por habilidades. Então os conduziremos até aqueles que desejamos tirar as forças.

Ao terminar de falar, pediu para Patrício os deixar enfileirados e foi passando lentamente por cada um. Passava, parava em frente e dizia qual o gosto principal, ou seja, qual o vício que mais gostavam de alimentar na Terra quando encarnados. Assim, eles seriam apenas colocados próximos aos alvos e a obsessão aconteceria de maneira natural. Isso faria com que os obsidiados perdessem força e se desconcentrassem de seus objetivos.

Após Oristeu dizer e acertar os gostos de cada um, a reação dos escravos era de empolgação, pois vislumbravam a possibilidade de estarem próximos aos vícios novamente. Depois da separação por vícios, Anderson chamou Oristeu e perguntou a ele em particular:

— Não entendo, Oristeu. Eles farão nosso trabalho?

Oristeu sorriu e respondeu:

— Não, Anderson. Eles agirão apenas em alguns homens de menor interesse ou que estejam ligados ao nosso real objetivo. Nós cuidaremos do que é mais importante.

Com as explicações de Oristeu, Anderson ficou mais tranquilo. Não era sua primeira vez em missão, mas ele sentia que aquela era, de certa forma, especial.

Oristeu voltou para junto aos escravos e disse:

— Agora estarão sob as ordens de Patrício, que os conduzirá até seus destinos. Obedeçam e façam o trabalho.

Os escravos já estavam se deslocando ao comando de Patrício, quando Oristeu, que também já se deslocava com Anderson, voltou um pouco e disse:

— Espere, Patrício. Deixe-me com um deles. Dê-me Fabrízio.

Fabrízio, ao ouvir, deu um leve sorriso. E assim foi feito. Ao chegar próximo a Oristeu e Anderson, Fabrízio manteve o respeito e evitou olhar diretamente para eles. Mas Oristeu lhe disse:

— Nesta missão seremos iguais. Contudo você nos obedece, porque é nosso subalterno.

Ao ouvir estas palavras, Fabrízio olhos nos olhos de Oristeu fixamente, mas nada disse.

Dessa forma, o grupo da missão foi dividido em dois. Uma parte comandada por Patrício que obsidiaria alguns homens considerados importantes para o cumprimento da missão. Com esses homens desatentos ou fora do caminho, seria útil para o outro grupo, com Oristeu, Anderson e Fabrízio, que atuariam diretamente no objetivo da missão.

Até aquele momento, nem mesmo Anderson sabia ao certo qual seria o objetivo real da missão. Apenas Oristeu tinha conhecimento, pois se utilizava de um artifício que evitava vazar a informação e assim dificultar ou impossibilitar o cumprimento da missão. Quando chegavam próximos a cidade, Anderson exclamou:

— Jerusalém!

Oristeu sorriu e explicou:

— Isso mesmo, meu amigo... ainda há seguidores do Cordeiro que se agitam por aqui, mesmo com mais de cem anos após sua partida.

— Isto empolga — Anderson disse.

— Mas mantenha a calma, pois precisaremos nos concentrar — Oristeu advertiu.

À medida que adentravam na cidade, perceberam que havia mais ruínas que as glórias do passado. Enquanto Anderson parecia ter ciência sobre o cenário que viam, Oristeu demonstrava certa surpresa. Mas caminhavam livremente sem qualquer espírito ligado ao bem surgir, no entanto, uma multidão de espíritos perdidos, sofredores, angustiados e sem conhecimento de que estavam desencarnados perambulava pelo local. Fabrízio se mostrava igualmente surpreso, mas também espantado. Anderson esclareceu:

— São os espíritos dos mortos. Dos que sofrem e não sabem como estão. Viemos aqui e os pegamos, como fizemos com alguns de vocês, inclusive com você. Acabam perdendo a consciência e somente acordam em nosso território sem lembrar-se do que aconteceu antes, mas alguns lembram. Ao que sei, você se esqueceu por completo.

Fabrízio, em silêncio, demonstrava espanto com o que via e, principalmente, com o que ouvia de Anderson, que continuou:

— Esses mortos podem nos ver, mas não sabem quem somos. Se soubessem, alguns já teriam vindo pedir ajuda, porque no estado em que estão, qualquer ajuda vinda de qualquer lugar é sempre bem-vinda.

Fabrízio, movido pela ansiedade, tomou liberdade de perguntar mesmo sem saber se poderia:

— Não existem espíritos do bem?

Anderson, apesar de saber que não seria bom esclarecer um escravo, também sabia que aquele não era mais como um escravo comum. Então, respondeu:

— Existem. Já sabem que estamos aqui e se preparam para nos impedir de agir, mas por enquanto não aparecem, pois ainda não fizemos nada.

— E quando faremos? — Fabrízio perguntou.

Oristeu, que ouvia a conversa, respondeu:

— Em pouco tempo. Agora, Fabrízio, silencie, pois entraremos em território reservado.

Anderson o interrompeu, indagando:

— Território reservado? Onde?

Oristeu respondeu de maneira firme:

— Onde fica o governador.

Anderson reagiu com espanto:

— Oristeu... não há governador em Jerusalém. O cargo é de procurador e ele nem fica situado aqui. Não sabia?

Oristeu não conseguia responder por realmente não ter conhecimento da situação. No entanto, não poderia deixar transparecer. Por isso tentou argumentar:

— Não fale besteiras, Anderson. É claro que tem governador e ele fica aqui. Obviamente uma cidade como essa, com essa importância, precisa ter um governo sediado no local.

Anderson o respondeu:

— É claro que sim, mas olhe ao seu redor. Não vê as ruínas? Não está vendo o cenário de destruição? Diga-me Oristeu, onde está o templo? Porque eu só vejo um pedaço do muro que o rodeava. Onde você pretende ir aqui?

Oristeu, visivelmente constrangido, pegou Anderson pelo braço e o retirou de perto de Fabrízio. Quando poderiam falar em particular, Oristeu admitiu:

— Viemos agir no governador de Jerusalém. Não me diga que não está aqui...

— Não existe governador em Jerusalém, Oristeu. A cidade está sob a autoridade do

procurador romano da província da Judeia, que fica em Cesareia Marítima. Esse procurador responde diretamente ao imperador e, em certos assuntos, ao legado da província da Síria. Jerusalém, Oristeu, não tem governo próprio agora; está subordinada à administração romana.

Oristeu ficou em silêncio. Anderson, percebendo a tensão na fisionomia do comandante, tentou ajudá-lo:

— Oristeu, fique tranquilo. Aluciphel não se importa em quem você vai agir, o nome do cargo que ocupa ou o lugar onde fica. Ele só quer que você cumpra o que precisa. Tenho certeza de que ele não vai se incomodar com o fato de você não ter conhecimento do que acontece aqui. Em todas as missões, o ajuste de rumo é esperado.

Fez uma pausa e continuou enquanto Oristeu ainda guardava silêncio:

— Você disse que precisa atuar sobre o governador de Jerusalém. Mas me diga com clareza, para que eu possa te ajudar: a missão exige agir diretamente sobre o procurador romano da Judeia, que está em Cesareia Marítima, ou teremos de intervir junto à autoridade maior na Síria?

Oristeu respondeu com algum constrangimento:

— É uma ação voltada para Jerusalém. Acredito que esse procurador já sirva.

— Perfeito. Vamos até ele, porque não está aqui. E você poderá agir da forma planejada.

— Ele fica próximo? — Oristeu perguntou.

— Para nós, sim. Como disse, ele se estabelece em Cesareia Marítima. Chegamos rápido até lá. Os escravos que estão com Patrício precisam ser redirecionados?

— Não. Eles estão agindo em homens que estão aqui.

Oristeu já não demonstrava a confiança de antes e respondeu à pergunta de Anderson sem qualquer convicção. Preferiu não envolver Patrício nem os escravos, decidindo seguir com Anderson e Fabrízio até o local onde se encontrava o procurador da Judeia.

Sem demora, os três se dirigiram até Cesareia Marítima. Oristeu demonstrou abatimento pela falha no planejamento, apesar de concordar com a opinião de Anderson sobre a visão de Aluciphel sobre o fato.

Já em Cesareia, os três espíritos trevosos se encontravam no local onde ficava o procurador da Judeia. Havia muitos guardas, encarnados e

desencarnados. Oristeu, em tom baixo, explicou a Anderson e Fabrízio:

— Eles estão protegendo o local das forças do Cordeiro. Este lugar é nosso, eles não conseguem nos atingir.

Anderson perguntou:

— Eles, do Cordeiro, não entram aqui?

— Não deveriam, por isso tantos guardas das trevas — Oristeu respondeu.

Seguindo o plano original, Oristeu se aproximou de um deles e lhe entregou um pequeno pedaço de papel, que era uma carta de Aluciphel. Ao ler, o soldado chamou seu comandante, que lhe atendeu prontamente. Ao ver a carta mostrada pelo soldado, o comandante disse a Oristeu:

— Faça um bom trabalho. Daremos apoio, se necessitar.

Mentalmente, o comandante ainda ordenou a todos os seus subordinados que aqueles três espíritos estavam em importante missão e que poderiam ter acesso a todos os locais. Que não deveriam ser importunados e que receberiam ajuda, caso necessitassem.

Oristeu agradeceu e rumou com Anderson e Fabrízio para o local onde estava o procurador. Caminharam por corredores imponentes com sua ostentação e requinte típicos do Império Romano. O procurador estava sozinho em sua sala de audiências, no que se refere a encarnados, de pé em frente a uma janela e olhando para o lado de fora. Parecia pensativo e angustiado. Oristeu olhou em volta e não havia nenhum espírito do bem naquele gabinete, apenas alguns soldados trevosos que faziam a proteção do governador. O comandante disse a eles:

— Já sabem de nossa presença. Iremos trabalhar. Se precisarmos, solicitamos auxílio.

Os guardas apenas concordaram balançando a cabeça e nada disseram. Então Oristeu virou-se para Anderson e disse:

— Tentarei uma aproximação inicial para medir o quanto ele pode me ouvir e descobrir de qual maneira irei o influenciar.

Oristeu deslizou pela sala na direção do procurador, se aproximou e assumiu a forma de névoa negra, que ficou rodeando a cabeça do romano. Enquanto observavam Oristeu trabalhar, Fabrízio, que estava muito curioso, perguntou a Anderson:

— O procurador sabe que este local está tomado pelas trevas?

Anderson olhou firme para Fabrízio e lhe respondeu:

— Não sabe, mas atende nossos pedidos.

— Como assim? — Fabrízio perguntou.

— Ele não sabe que age sob nossa influência, mas seus pensamentos nos atraem mais do que poderia supor. Com isso, nos dá liberdade de ação e facilmente acata o que propomos.

— É isso que Oristeu está fazendo?

— Ainda não. Ele está estudando como irá fazer isso.

— Ainda não sabe?

— Os encarnados podem mudar de opinião com facilidade, podem estar mais sujeitos a nós um dia que outro, podem estar fracos e sem paciência. Tudo isso e mais precisa ser medido antes de iniciar, uma vez que com esse estudo podemos saber de qual forma iremos agir. Tudo depende de como está o encarnado naquele momento.

— Entendi, mas preciso ver para realmente entender na prática.

— Você não vai fazer nada, Fabrízio. Vai ficar calmo e em silêncio. Se precisarmos, daremos as ordens para você — Anderson foi enfático.

Fabrízio se calou. Depois de novamente tomar a forma de comandante, Oristeu voltou para próximo de Anderson e Fabrízio. Disse:

— Existem muitos pensamentos passando por ele. Está pressionado e confuso, mas pensa no assunto que desejamos abordar e isso ajuda. Vou tentar dizer algo para ver como reage.

Tendo dito isso, Oristeu voltou para junto do procurador, se aproximou de seu ouvido e disse bem devagar e em tom baixo:

— Procurador... procurador... você está brilhante no comando da Judeia! Você está brilhante no comando da Judeia! Ninguém faria melhor que você! Sorria! Sorria! Escute o que essa voz lhe diz...

Falou e se afastou, mas estava conectado na mente do obsediado no intuito de saber como ele reagia. O procurador demonstrou certa agitação. Olhou para baixo, olhou para a sala, respirou fundo e deu um sorriso. Igual fez Oristeu, que olhou para Anderson e disse:

— Estou com ele...

Oristeu se aproximou novamente do ouvido do procurador e disse da mesma maneira hipnotizante de antes:

— Os cristãos estão te matando aos poucos... os cristãos estão te matando aos poucos... não pode deixar isso acontecer! Não pode! A cidade é sua! Aquele Jesus já causou problemas demais! O que é isso? Ele quer continuar a arruinar o império mesmo depois de morto? Ele morreu! Acabou! Liquidamos ele! Agora, temos que liquidar quem ainda está com ele... liquidar... liquidar... liquidar os cristãos...

Terminou de dizer e se afastou. Mas como antes, ficou conectado observando a reação do procurador. Oristeu não tinha certeza da absorção das ideias ventiladas. Tinha sérias dúvidas. Mas Anderson deixou Fabrízio sozinho, se aproximou e disse baixinho a ele:

— As ideias foram plantadas. Não consegue ver?

Oristeu olhou com indignação e espanto para Anderson e respondeu:

— Vejo! Vejo, sim. Mas é claro! Estava apenas confirmando. Você não confirmou?

Anderson sorriu debochadamente e respondeu:

— Confirmei, Oristeu... confirmei.

— Volte para lá que continuarei aqui — Oristeu ordenou a Anderson.

O comandante continuou:

— Os cristãos são uma praga! Os cristãos são uma praga! Liquide-os! Liquide-os! Liquide-os!

Afastou-se novamente e depois continuou a dizer no ouvido do procurador:

— Matar é pouco, não adianta. É preciso torturar onde todos vejam. É preciso dar exemplo, caso contrário eles voltam. Caçar, torturar e matar cristãos... caçar, torturar e matar cristãos...

Oristeu ficou alguns minutos dizendo esta frase no ouvido do procurador, que andava pela sala nitidamente incomodado com as ideias que lhe eram sopradas.

A movimentação mental do procurador era intensa. Ele realmente enxergava os cristãos como um problema, pois alguns queriam fazer como Jesus, outros queriam enfrentar diretamente o poder do império e o César não estava gostando de toda aquela movimentação popular e muitas vezes cobrava atitudes de procuradores e governadores. Mas ele ainda tinha dúvidas sobre como fazer. Se apenas os prendia, se seguia os exemplos

sanguinários anteriores, se perseguia ou se apenas tentava os conter com ações isoladas. Porém, com a ação de Oristeu, o procurador ficou muito tentado a aceitar a ideia de perseguição, tortura e morte. Mas ainda não estava decidido, por isso tanta movimentação mental.

Depois que Oristeu já estava há alguns minutos repetindo a mesma frase no ouvido do procurador, Anderson se aproximou e disse a seu comandante:

— Pare um pouco. Deixe-me tentar algo.

Oristeu parou e olhou para Anderson com semblante desafiador. Mas permitiu:

— Pode tentar.

Anderson se concentrou e buscou mentalmente acessar o poder da energia que lhe foi dada no castelo por Ieajh. Ao conseguir conectar a energia, provocou uma conexão mental, uma ponte entre ele e o procurador, tão forte, que mesmo Oristeu não conseguia acessar mentalmente o que iria dizer. O procurador parou e, mesmo onde estava, no meio da sala, voltou a olhar para a janela. Anderson se concentrou profundamente e, com extrema habilidade, entrou na mente do procurador e lá plantou a certeza de que caçar, torturar e matar os cristãos era a melhor opção a ser tomada. Então se desconectou e o procurador voltou a caminhar para

a janela, mas de repente virou-se e disse para si mesmo em voz alta:

— Preciso mesmo fazer isso. Devo avisar aos comandantes.

Anderson sorriu com extremo deboche para Oristeu, que não se entregou e disse com seriedade para ele:

— Isso apenas foi possível porque eu iniciei o trabalho. Você apenas o terminou.

Anderson nada disse e os três permaneceram na sala de audiências em silêncio, apenas observando as ações do procurador.

Porém, Oristeu recebeu um chamado mental de Ieajh: deveriam retornar imediatamente para o castelo. Oristeu não entendeu o motivo, por isso, pediu que Ieajh repetisse a mensagem, mas neste momento percebeu que o próprio Aluciphel entrara na comunicação mental direta com ele, dizendo:

— Volte imediatamente, Oristeu. A missão terminou.

Atordoado, Oristeu apenas respondeu:

— Sim, meu senhor. Estamos retornando.

Oristeu virou-se para Anderson e o informou do comunicado, dizendo para chamar Patrício e preparar os escravos para retornarem ao castelo. Anderson apenas sorriu e respondeu em tom irônico:

— Farei prontamente, Oristeu...

Mentalmente, Anderson conectou Patrício que, assim como Oristeu, se surpreendeu com a notícia, mas não demorou a acatar. Todos se encontraram na saída da cidade de Jerusalém. Oristeu e Anderson fizeram a proteção fluídica e iniciaram o retorno ao castelo.

Capítulo 3

No castelo, enquanto aguardavam o retorno da comitiva da missão, Ieajh e Aluciphel conversavam. O mago negro dizia:

— Eu estava certo.

O conselheiro respondeu sem demora:

— Como sempre, senhor.

Mas o mago negro reagiu com intolerância:

— Não me bajule, Ieajh! Sabe que repudio este método!

— Perdoe-me, senhor. Não quis o bajular, apenas...

Mas foi interrompido por Aluciphel:

— Quis, Ieajh... eu sei que teve essa intenção... Está, acaso, me subestimando?

— Não, senhor! — dizia o tenso conselheiro. — Perdoe-me...

O mago negro silenciou e ordenou que Ieajh se retirasse do recinto. Ele ficou pensativo e monitorando mentalmente o que se passava com seus principais comandantes.

Aluciphel era inteligente, com muito conhecimento histórico e de diversas técnicas de controle mental e manipulação de fluídos e objetos. Poucos eram tão capazes quanto ele, porém, muito de sua força estava na energia que sustentava o castelo. Sem ela, poderia ficar um tanto vulnerável. Por este motivo, naquele momento ao ficar sozinho, mentalmente retirou a permissão de Ieajh para acessar a energia, mas não o avisou, porém permaneceu monitorando para sondar seus sentimentos e ações.

Ieajh não suspeitava do monitoramento do mago negro, porque Aluciphel bloqueou sua capacidade de suspeitar dele — algo que somente os grandes magos negros são capazes de fazer —, mas advertimos novamente: apenas por conta da energia do castelo. Evidente que Aluciphel conhecia diversas técnicas, mas não possuía a energia necessária para aplicar e manter a manipulação, dependendo do objetivo desejado.

Portanto sem saber que era vigiado, Ieajh, que sabia do enorme poder da energia que sustentava o castelo e que era grande parte do poder de Aluciphel, suspeitou que o mago negro pudesse querer trocá-lo. O que seria terrível, pois nestes casos, os substituídos costumavam ser descartados e, às vezes, torturados e mantidos prisioneiros por séculos. Devido a isso, sob pressão e inseguro, apelou para o desespero e pensou em dar um golpe, pois tinha acesso à energia. Ao menos era o que ele

acreditava. Dirigiu-se rapidamente para o local da energia e tentou acessá-lo, o que não conseguiu. Ele queria retirar a maior parte da energia e concentrar toda nele, com isso considerava ter mais poder que Aluciphel. Então destituiria o mago negro, sendo ele próprio, o próximo senhor do castelo das trevas.

Tentou novamente e nada conseguiu. Entrou em desespero maior ainda. No íntimo, já sabia que Aluciphel descobrira seu plano. Porém ainda tentou mais uma vez, novamente sem sucesso. Então não perdeu tempo e tentou fugir o mais rápido que pudesse. Mentalizou para sair do castelo e se transportar para longe de lá imediatamente, mas o mago negro já havia bloqueado o castelo para este tipo de fuga, colocando uma barreira fluídica que impedia a saída e entrada de qualquer espírito de baixa vibração utilizando o transporte. Ieajh precisava, portanto, sair andando de lá. Correu procurando a saída mais próxima.

Aluciphel, evidentemente monitorava toda movimentação de Ieajh e até se divertia com isso. Neste ponto, o mago negro já sabia que não contaria mais com Ieajh como seu conselheiro, pois sabia da traição, portanto, não o deixaria sair do castelo. Faria isso sozinho, sem o auxílio de ninguém.

Enquanto corria procurando a saída, Ieajh viu alguns soldados vindo em sua direção. Por isso

diminuiu o passo, os cumprimentou tranquilamente e continuou sua procura. Alcançou uma saída lateral e tentou a atravessar, mas também não conseguiu, pois Aluciphel havia bloqueado. Neste momento de extremo desespero, Ieajh ouviu uma mensagem mental do mago negro:

— Volte, Ieajh. Você não vai conseguir sair do castelo. Apenas se eu permitir. Volte, você não fez nada tão grave. Volte e iremos resolver antes que os outros retornem. Volte sem parecer tenso.

Ieajh pensou em tentar fugir de outra maneira, mas não havia saída. Não havia jeito, pois ele sabia que Aluciphel tinha bloqueado todas as formas de fuga. Sem ter outra opção, obedeceu ao mago negro e voltou calmamente para a sala principal, mesmo sabendo que seria punido. No entanto considerou que se pedisse perdão poderia ser rebaixado, mas não preso e torturado.

Ao chegar à sala de Aluciphel, Ieajh entrou timidamente. O mago negro estava sentado de costas para a entrada e apenas disse:

— Aproxime-se.

Ieajh, muito receoso, obedeceu, mas seguiu devagar. Ao ficar no centro da sala, o mago negro ordenou que parasse ali mesmo. Aluciphel levantou-se lentamente e depois se virou para Ieajh.

Com muita calma, caminhou até ele e quando estava frente a frente, disse em tom intimidador:

— Achou que podia me enganar.

A reação de Ieajh foi instantânea:

— Não, meu senhor! Não achei!

Mas Aluciphel não deixou espaço para explicações:

— Não foi uma pergunta, Ieajh. Eu não preciso que você me explique nada, eu sei. Você achou que podia me enganar, mas eu conheço sua mente. Sabia antes de você mesmo saber, o que iria tentar. E você é muito tolo acreditando que conseguiria. Tenho pena de você, Ieajh.

— Perdoe-me, mestre! — exclamava Ieajh, ajoelhando-se.

Mas Aluciphel não se convencia com as desculpas de Ieajh:

— Pode se ajoelhar, pode até se rolar no chão e dizer que está arrependido e pedir perdão sete mil vezes. Nada adiantará, pois ainda irei fazer o que eu quero, de acordo com o que eu penso.

Ieajh, em prantos, completamente desesperado, pois já havia presenciado situações como aquela

anteriormente, sabia que o mago negro não costumava ser complacente. Levantou-se do chão e pediu clemência. Mas Aluciphel estava inflexível:

— Clemência? — soltou uma sonora gargalhada. — Onde acha que estamos? Em Nova Jerusalém? Acha que estamos em algum lugar onde o perdão tem valor? Ieajh... não me decepcione ainda mais. Será que errei tanto assim contigo, julgando que poderia ser meu conselheiro? Você está se mostrando um fraco! Acho que precisa entrar para o rebanho do Cordeiro...

Ieajh chorava e voltava a cair de joelhos, mas Aluciphel continuou:

— Você devia se ver, Ieajh, chorando como um pobre coitado. Você é um fraco. Você é um miserável, digno de pena. Mas não terei pena de você...

Ieajh olhou para cima e gritou por misericórdia:

— Tenha misericórdia, senhor! Me rebaixe, mas não me torture, não me prenda!

Após rir bastante, Aluciphel fechou a expressão e respondeu em tom sério:

— Misericórdia? Acha que sou o Messias? Já lhe disse que está no lugar errado. Você acha que

será rebaixado? Isso seria um prêmio para você. Tortura e prisão? Não sei... acho que é pouco.

— Não! — Ieajh gritava descontrolado.

— Silêncio, infeliz! Estou falando! O que esperava, Ieajh? Que iria continuar livre depois de me trair? De tentar me trair, pois nem disso foi capaz. Tenho vontade de te roubar a consciência e colocá-la em um jarro pela eternidade enquanto você vira um objeto de enfeite na minha sala.

— Por favor, mestre... por favor...

— Cale-se, infeliz! Já não disse que não adianta pedir, pois farei o que quero? Por enquanto... ainda não sei o que fazer de verdade, por isso, no tempo em que me decido, deixarei Patrício feliz...

— Patrício não!

— Prefere que eu faça pessoalmente? Estou lisonjeado...

Ieajh se calou e apenas soluçava de tanto chorar. Neste momento, Aluciphel esticou seu braço direito e, mesmo sem tocar em Ieajh, o segurou pelo pescoço e o levantou do chão, provocando sensação de sufocamento. Enquanto observava a agonia do antigo comparsa, Aluciphel disse a ele em tom calmo, baixo e intimidador:

— Vou te deixar na minha prisão especial, por enquanto. Você vai ficar em silêncio e não quero ser perturbado com choros e soluços, porque isso só iria aumentar minha ira, entendeu?

Ieajh respondeu com a cabeça, pois não conseguia falar. O mago negro o soltou e ele caiu no chão respirando ofegante. Aluciphel gesticulou seus dois braços e Ieajh ficou enclausurado em uma bolha fluídica, que depois flutuou até o canto da sala, no meio da parede, como um troféu.

Após prender Ieajh, o mago negro se concentrou e disse baixinho a si mesmo:

— Estão chegando.

Ele se referia à comitiva vinda da crosta. Imediatamente enviou uma mensagem mental para Oristeu:

— Oristeu, venha com Anderson para minha sala assim que chegarem. Mande Patrício para as masmorras junto com todos os escravos e diga para mantê-los lá, por enquanto.

Oristeu recebeu a mensagem e prontamente respondeu ao mago negro, dizendo que já se aproximavam do castelo e em breves instantes estariam juntos.

Assim foi feito. Ao adentrarem na sala de Aluciphel, Oristeu e Anderson logo notaram Ieajh dentro da bolha fluídica. Ao ver o espanto dos dois, Aluciphel disse:

— Estou pensando em dar vida às paredes...

Depois de gargalhar sozinho, com seus comandantes apenas sorrindo nervosamente, o mago negro completou:

— O que acham? Será que está bom assim?

Oristeu e Anderson não sabiam o que dizer, pois temiam terem a bolha como destino. O mago negro parou de rir, caminhou e parou na frente de Oristeu. Então perguntou:

— Rapidamente, em poucas palavras... como foi a missão?

— Excelente, senhor.

— Excelente... — Aluciphel fez expressão de surpresa, mas continuou: — Como pode, Oristeu, uma missão ser considerada excelente se é interrompida logo no início? Me responda, pois fiquei curioso...

Oristeu logo ficou mais nervoso e isso já era bem visível. Tentou responder:

— Bem... o senhor sabe que estávamos conseguindo...

O mago negro interrompeu:

— Quem estava conseguindo e o quê?

Oristeu respirou fundo antes de prosseguir:

— Nós, os comandantes, estávamos conseguindo infiltrar pensamentos no procurador e...

Foi novamente interrompido pelo mago negro:

— É interessante, Oristeu, pois eu acompanhava a tudo e não vi isso acontecer... quando exatamente os comandantes conseguiram algo? Porque até o momento em que eu vi, apenas Anderson conseguiu progresso. Será que perdi a melhor parte? A parte onde você vira um ser mitológico e cria confiança em sua própria capacidade e então vence a batalha final contra os malvados romanos? — Aluciphel ironizava.

Oristeu tentou se defender:

— Mas, senhor...

Aluciphel não permitiu:

— Deixei você falar? Não me lembro disso também! Diga-me, Anderson... estou perdendo o juízo? Será que não me lembro mais das coisas? Diga-me, Anderson, rapidamente e em poucas palavras... como foi a missão?

Anderson, sem demora, respondeu firme:

— Até o momento da mensagem para encerrarmos, a missão cumpria seu objetivo.

O mago negro perguntou:

— E você considera isto algo excelente?

— Não, senhor.

— E por quê?

— Porque não nos foi permitido cumprir a missão, senhor.

— Mas, Anderson... é verdade que o procurador estava cedendo aos nossos sopros?

— Sim, senhor. Mas apenas quando eu agi diretamente nele, pois Oristeu utilizava um método sem frutos.

Oristeu tentou se defender, mas o mago negro agiu rápido:

— Cale-se, Oristeu! Não estou com disposição para você! E olhe em meus olhos e diga que é mentira o que Anderson disse!

Oristeu se defendeu:

— Anderson somente conseguiu depois que eu...

Foi interrompido pelo mago negro:

— Isso novamente? Já ouvi isso antes quando disse pela primeira vez ao Anderson. E é mentira.

O mago negro fez uma pausa e iniciou um discurso:

— Vocês acham que eu não iria monitorar a missão? Vocês acham que quando estão na crosta eu não sei de tudo o que se passa? Vocês acham que não conheço vocês? Querem ir para a parede também? Essa missão tinha um único objetivo e eu digo para vocês... ela foi cumprida. É lógico que vocês não sabiam do que se tratava, mas quando os resultados estavam garantidos, chamei-os de volta.

Fez outra pausa enquanto os comandantes estavam com olhar perplexo. Continuou:

— Oristeu... eu desconfiava de sua incompetência... só não sabia que era tanta. E Anderson... eu suspeitava de sua capacidade... só não sabia que tinha tanta. Precisava testá-los no

campo. Foi o que fiz. Oristeu, você foi incapaz de soprar uma frase que entrasse na cabeça do procurador e saísse de sua boca como se fosse ideia própria. Foi preciso que Anderson, usando o poder do castelo com habilidade, fizesse isso. Nem consigo dizer, Oristeu, o quanto estou decepcionado com você... e sabe o que aconteceu com o último que me decepcionou? Foi para a parede? E então, o que faço contigo?

Fez outra pausa durante o silêncio de Oristeu, mas prosseguiu:

— Você é tão incompetente que nem se dignou a elaborar um planejamento decente. Estava tão arrogante ultimamente que não se atualizava mais. Mas eu te digo, Oristeu... tem que saber sobre tudo. Principalmente, onde vai atuar. A sua arrogância lhe deixou incompetente. Você lembra o que te pedi para essa missão? Te pedi para soprar aos romanos a ideia de perseguir os cristãos em Jerusalém. Eu disse exatamente essa frase. Eu não me importava se era necessário convencer o governador, o procurador, o sucessor. Só precisava que fosse bem-feito. Então você vai para Jerusalém, mas a pessoa, seja quem fosse, em quem deveria plantar a ideia nem estava lá! Eu acho até que você nem sabia da destruição do templo. Anderson precisou te dar uma aula de história, ainda tentando te ajudar. E depois, a cena patética de ficar repetindo a mesma frase. No máximo estava causando náuseas no infeliz que a ouvia. E

ainda não utilizou a nossa energia. Por esquecimento? Talvez... não me interessa mais. A verdade, Oristeu, é que essa missão era para confirmar a sua incompetência e a competência de Anderson. Se eu quisesse que os romanos perseguissem os cristãos, iria diretamente no imperador e trataria os detalhes com ele.

Oristeu não conseguia se mexer. Seus olhos estavam esbugalhados e seu corpo tremia de pânico. O mago negro perguntou:

— Anderson... preciso de sua ajuda. Diga-me... o que faço com Oristeu, que é um incompetente e fraco? E o que faço com aquilo na parede, que é, além de fraco e incompetente, também um traidor da pior espécie, pois não sabe como fazer uma traição sem rastros? Ajude-me, Anderson...

Anderson não teve dúvidas:

— Primeiro, um tempo com Patrício... para aprenderem bons modos...

O mago negro disse:

— Agrada-me... o que mais?

— Depois, um passeio pelo castelo e pelas proximidades com eles amarrados pelo pescoço... para mostrar a todos o que acontece com traidores e incompetentes como eles.

— Isso é excelente! Está aprendendo, Oristeu? — o mago negro delirava com as sugestões de Anderson.

— Depois — Anderson continuou — talvez um pouco mais de Patrício, somente para motivá-lo, porque se sente tão solitário às vezes... e depois prisão eterna, com ferramentas levando à loucura e à transformação em animal rastejante. Mas isso é somente algo que penso agora... posso melhorar mais...

O mago negro adorou:

— Excelente! O que posso fazer, Oristeu, Ieajh? Anderson que disse!

O mago negro repetiu o gesto, prendendo Oristeu em outra bolha fluídica e o colocando na parede também. Depois disse a Anderson:

— Cuide disso e depois conversamos.

Anderson sorriu e pediu permissão para sair, mas antes lembrou ao mago negro que ainda estavam com a energia do castelo, ao que Aluciphel respondeu:

— Não estão mais... já peguei de volta.

Anderson sorriu, saiu da sala e logo preparou tudo de que necessitava naquele momento. Foi até

Patrício e lhe contou a novidade de que Ieajh e Oristeu passariam algum período com ele, dizendo ser uma ordem expressa de Aluciphel. O corpulento chefe das masmorras nem se preocupou em saber sobre o motivo. Afinal, se as ordens vinham do próprio mago negro, ele não iria questionar. Ainda mais quando tais ordens o beneficiariam tanto, pois teria material precioso para torturar, como ele mesmo considerou Ieajh e Oristeu.

Anderson retornou até a sala de Aluciphel e pediu permissão mentalmente para entrar, o que foi prontamente concedido.

Ao adentrar o salão, disse ao mago negro em tom empolgante:

— Patrício já espera seus novos e importantes hóspedes!

Aluciphel apenas respondeu:

— Pode levá-los... mas não os considere tão importantes assim. Depois que estiverem com Patrício, volte e conversaremos.

Assim Anderson fez. Oristeu e Ieajh não trocaram palavras com ele, mas ao chegarem às masmorras, Oristeu tentou convencer Patrício a ser brando com ele:

— Patrício, você sabe que é isso é temporário, não sendo preciso se esforçar...

Mas Patrício não quis saber de menor esforço:

— Obedeço a ordens e farei meu serviço.

Ieajh nada disse, apenas manteve sua cabeça baixa de tamanha vergonha. Os prisioneiros, incluindo os escravos que foram em missão, se surpreenderam com a presença de Oristeu e Ieajh, pois os conheciam. Patrício não tardou a começar seu trabalho, porém sem dor, apenas com sessões de humilhação. O chefe das masmorras ordenou que Oristeu e Ieajh lavassem e enchessem novamente as pequenas vasilhas de madeira usadas como reservatório de água dos prisioneiros, semelhantes às de animais, e as colocassem nas celas enquanto incentivava que os prisioneiros zombassem deles.

Anderson apenas observou essa pequena introdução na tortura e logo retornou para a sala de Aluciphel. Ao chegar na porta, pensou em novamente pedir permissão para entrar, mas antes disso o mago negro entrou em sua mente, dizendo:

— Permissão concedida.

Anderson se espantou, mas nem tanto, pois sabia da capacidade de Aluciphel. Entrou e

aguardou o mago negro se pronunciar. Logo o temido ser disse:

— Iremos avançar em nossos planos, pois entraremos em terrenos difíceis e precisaremos de homens qualificados como você, Anderson. Não gosto de me alongar, por isso lhe ofereço o cargo de general do meu reino. Não será meu conselheiro, como Ieajh. Não necessito. Ele era apenas um divertimento e você está muito acima disso. Não será o general das tropas porque estou satisfeito com quem está no comando e você também está muito acima disso. O que lhe ofereço é um posto que nunca existiu em minha horda. Um posto com autoridade total abaixo da minha. O que significa que na minha ausência, você é o chefe.

Aluciphel parou de falar e ficou olhando fixamente para Anderson, como se estivesse lendo seus pensamentos. Realmente estava. O mago negro queria sondar como Anderson reagia imediatamente a saber que, na sua ausência, ele era o chefe. Mas Anderson não tinha pretensões imediatas de poder como aquele, pois sabia que ainda precisava aprender mais. Por isso não tinha vontade em ser o chefe naquele momento, então não foi seduzido pela oportunidade. Com a reação calma de Anderson, Aluciphel prosseguiu sem dar pistas do que fez:

— Mas não se espante ou comemore, pois você seguirá tudo o que eu disser, entendido?

Anderson respondeu positivamente com a cabeça e o mago negro concluiu:

— Amanhã me pronunciarei a todos e direi sobre as mudanças. Até lá, apenas acompanhe os trabalhos de Patrício.

Anderson consentiu novamente com a cabeça.

Capítulo 4

No dia seguinte, com as tropas reunidas no pátio principal e seus respectivos comandantes, Aluciphel informou a todos sobre as mudanças, inclusive que Oristeu e Ieajh não eram mais comandantes. Na parte de Anderson, o mago negro disse:

— E Anderson, cuja capacidade está acima de seus interesses, passa a ser meu general, meu fiel aliado. Abaixo de mim, Anderson tem poderes em todos os lugares deste reino.

Aluciphel não se estendeu muito e logo encerrou o pronunciamento. Após o término, retornou com Anderson à sua sala para discutirem assuntos pertinentes à organização. Um dos principais temas era sobre os homens de comando. Anderson tinha algumas considerações:

— Senhor, creio que alguns não estão à altura de nossos interesses.

— E o que deseja fazer? — Aluciphel perguntou.

Anderson respondeu:

— Não há como trocar agora, pois não vejo quem os possa substituir de forma imediata. Mas podemos treinar alguns para o futuro.

O mago negro argumentou:

— E quais seriam esses e de onde os tiraríamos?

— Alguns aproveitamos de nossas fileiras, mas podemos tentar desencarnar alguns da Terra também — explicou.

O mago negro não se surpreendeu com a ideia, mas manteve o foco em quem já estava na organização:

— E quais você considera que seriam os de nossas fileiras?

— Alguns. Posso dar nomes ou...

O mago negro interrompeu:

— Não quero nomes, traga-os aqui... veremos se possuem capacidade para iniciar algum treinamento.

E assim Anderson iniciou sua busca. Já tinha alguns nomes em mente, porém precisava levar mais alguns para que o mago negro fizesse uma seleção. No entanto, não poderia levar qualquer um, precisavam ser homens com motivação e determinação para o mal. Pois se faltasse técnica ou capacidade, a vontade em agir poderia prevalecer e sustentar suas posições.

Desceu primeiro às masmorras, pois Patrício era um dos nomes que havia selecionado, mas precisava saber se o chefe daquele lugar aceitaria um novo desafio. Ao chegar, chamou Patrício e carrasco o saudou:

— Senhor... — fez reverência.

Mas Anderson disse em resposta:

— Patrício, não espero que me chame de senhor ou faça reverências. Sei que essas coisas podem nublar minhas ideias e me cegar de meu objetivo. Sei muito bem do que a vaidade é capaz.

Patrício retirou o que disse:

— Não sabia como me comportar...

Anderson prosseguiu:

— Não há problemas. Venho aqui para lhe fazer uma oferta.

— Oferta? – o chefe das masmorras estava curioso.

— Sim. Quero lhe oferecer outro cargo de comando. Com maior responsabilidade, mas onde você poderá ter mais influência e será mais útil, além de poder continuar usando sua força bruta.

Patrício coçou a cabeça, pois estava receoso. Disse a Anderson:

— Não sei... já vi acontecer isso muitas vezes. Tiram alguém do lugar onde está e colocam mais poder, mas quando não acontece o que esperam... é o final para o pobre infeliz. Estou bem aqui, faço bem meu trabalho e gosto do que faço. Aluciphel não terá piedade se eu falhar...

Anderson o interrompeu:

— Falhar em quê, Patrício? Você nem sabe o que fará! Como pode falar em fazer certo ou errado?

O chefe das masmorras respondeu:

— Mas não importa o que seja. Se falhar, sei que não voltarei para cá, vou virar o que Ieajh e Oristeu estão virando...

Anderson continuava argumentando:

— Mas Patrício, não colocarei você em algo difícil que não possa cumprir. Sei que tem condições de fazer um bom trabalho sem se comprometer.

— Não sei... mas afinal, o que é?

Anderson sorriu e respondeu:

— Será responsável pelo treinamento dos homens que guerreiam com exércitos de outras organizações.

Patrício se animou, mas tinha dúvidas:

— Mas serei o responsável pelas tropas?

— Não. Você irá treinar os homens. Também irá para as batalhas, mas não será responsabilizado pelos resultados, somente pela preparação para os embates.

Patrício gostou da ideia:

— Poderei ir às batalhas?

— Sim! Poderá fazer prisioneiros e os trazer aqui para torturá-los também! Pedirei pessoalmente a Aluciphel que você seja o responsável por isso.

Patrício se empolgava cada vez mais:

— Então... treinarei os homens, não serei responsável pelos resultados nas batalhas, mas sim pela preparação, poderei ir guerrear, fazer prisioneiros e os torturar... é isso?

Anderson respondeu com segurança:

— Sim, é isso. Muito bem!

Mas Patrício ainda não tinha certeza:

— Não sei... se falhar...

Anderson o interrompeu:

— Patrício, esqueça isso! Você quer ficar aqui para sempre com esses pobres miseráveis? Acha que pode ficar aqui para sempre? Não, não pode! É momento de aprender coisas novas. Para garantir, caso isso tudo acabe, que você saiba mais que fazer os outros sentirem sensações de dor. Se a organização acabar amanhã, o que fará? Não sabe nada além da tortura! O que lhe ofereço é uma oportunidade de melhorar e aprender que tudo possui riscos. E então, posso contar com você?

Patrício, que estava atônito com o que Anderson dizia, respondeu com confiança:

— Sim, Anderson... pode contar comigo. Quando começo?

Anderson sorriu e respondeu:

— Muito bem! Me aguarde, pois levarei você até Aluciphel para fecharmos esta questão.

Patrício concordou. Anderson olhou para as celas e perguntou ao carrasco:

— Onde está aquele escravo que foi conosco à crosta?

— Fabrízio?

— Acho que é esse mesmo seu nome. Onde está?

— Quer falar com ele ou quer que o torture?

Anderson olhou para Patrício com ares de repreensão:

— Patrício, não fique pensando só em torturar os outros. Não tem motivo para isso. Pense mais além de achar que a resposta para tudo é usar a força bruta.

— Desculpe-me.

— Não é necessário se desculpar. Quero falar com ele. Chame-o aqui.

Assim Patrício fez. Chamou Fabrízio e o levou até Anderson, que disse:

— Como vai, Fabrízio... lembra-se de mim?

O escravo respondeu:

— Sim... e você... lembra-se de mim?

Anderson sorriu de lado e foi direto ao assunto:

— O que te move, Fabrízio? Qual o desejo que carrega contigo?

A resposta foi curta e sincera:

— Vingança.

— Vingança? Bem interessante... o que está disposto a fazer para conseguir o que deseja?

— Tudo.

— Tudo? E o que sabe fazer?

— Minha capacidade é aprender tudo e rápido. Basta que me ensinem, às vezes, nem isso é necessário.

Anderson sorriu e vasculhou informações mentais em Fabrízio. Depois de alguns segundos em silêncio, disse:

— Tudo bem, me aguarde... trarei novidades para você.

Anderson pediu que Patrício retornasse com Fabrízio para a cela, mas recomendou para que todos ouvissem:

— Mas, Patrício, cuide bem deste homem, pois ele não é mais escravo. Agora está sob minha custódia.

Um silêncio respeitador se instalou nas masmorras e Fabrízio sorriu. Anderson estava iniciando seus planos com sucesso, mas ainda faltavam vários outros detalhes a serem resolvidos.

O general de Aluciphel se dirigiu ao comando das tropas no intuito de conversar com comandantes e alguns soldados. Ao chegar, procurou mentalmente o comandante maior das tropas, que da mesma forma e prontamente, lhe atendeu. Anderson solicitou sua presença no pátio, pois queria lhe falar. Não demorou e o comandante já estava à sua frente e lhe cumprimentou com reverências, mas desta vez, Anderson não as dispensou. Disse a ele:

— Comandante, preciso lhe perguntar como estão nossas linhas em relação à qualidade. Tenho visto que somos numerosos, no entanto, em muitos embates contra organizações como a nossa não nos saímos tão bem. O que tem a me dizer?

O comandante não mudou uma linha de sua expressão facial, desta forma, não demonstrando externamente alguma reação. O que não sabia, é que Anderson sondava sua mente em sigilo. Respondeu:

— É verdade, senhor. Nas últimas duas vezes que fomos ao embate por territórios, não vencemos, mas não perdemos e...

Anderson o interrompeu:

— Mas estávamos em vantagem numérica...

O comandante prosseguiu:

— Sim, mas devemos lembrar que lutávamos contra organizações, que se perdessem as batalhas, perderiam tudo, pois destituiríamos todos os seus postos e derrubaríamos suas bandeiras e colocaríamos a nossa. E nós, se perdêssemos, apenas não conseguiríamos mais um território, não perdendo tudo o que temos.

— Você fala como se isso fosse bom.

Ao que o comandante argumentou:

— Mas isso significa que temos vantagem nos embates...

Foi interrompido novamente por Anderson:

— Essa vantagem é que me incomoda, comandante. Ela está fazendo com que seus soldados estejam sonolentos e incapazes de derrotar um inimigo praticamente vencido. Volto a perguntar o que tem a me dizer.

Externamente o comandante continuava sem alterar a expressão, mas sua mente fervilhava e Anderson conseguia captar essa movimentação mental. Mas nada disse, deixando o comandante responder:

— Com todo respeito, senhor, não acho que nossos homens estejam incapazes. Repito o que disse: enfrentamos soldados que lutavam pela sobrevivência da vida como conheciam, tinham muito a perder e não havia outra saída, a não ser lutar. E nós...

Foi interrompido novamente por Anderson:

— Essa é a questão. Um inimigo quase vencido nos expulsou de seu território porque tinha vontade de vencer. E nós, comandante? Qual nossa vontade? O que temos aqui? Homens sem vontade? É isso que quer me dizer? O que tem a me dizer, comandante? E antes que me responda, quero lembrar-lhe que já lhe fiz esta pergunta três vezes e ainda não me respondeu. Esta é a sua chance, pois não perguntarei novamente e ficarei com a minha própria resposta. E baseado nela, agirei. Quer isso, comandante?

Naquele momento, uma reação de espanto, mesmo de leve, se fez presente na expressão do comandante, que tentou responder à pergunta:

— O que tenho a lhe dizer, senhor, é que precisamos motivar nossos homens de maneira mais firme.

Anderson sorriu e disse:

— Uma resposta. Isso é uma resposta. Mesmo sendo patética, é uma resposta.

Anderson parou de falar e ficou alguns segundos encarando o comandante, que ficou em silêncio e se mostrando cada vez mais nervoso. Anderson continuou:

— Você está me dizendo, comandante, que nossos homens estão desmotivados, por isso não lutam como deveriam? É isso mesmo ou estou equivocado?

O comandante tentou responder:

— Não digo desmotivados...

Mas Anderson o interrompeu:

— E diria o quê?

O comandante definitivamente estampava pavor em sua expressão. Respondeu:

— Que devemos cobrar mais deles... assim a motivação se renova e...

Anderson o interrompeu mais uma vez e continuava com sua fala calma e pausada:

— Não cobramos deles? Não entendo...

— Cobramos, mas talvez devêssemos...

Anderson mais uma vez interrompeu o comandante:

— Comandante... vou lhe poupar de tentar defender, o que obviamente é indefensável, e me poupar de ouvir você gaguejar tantas bobagens e tolices.

Anderson fez uma pausa curta, olhou bem fundo nos olhos do comandante e falou com entonação de ameaça:

— Você tem até o fim do dia para me trazer cinco soldados valentes, seus melhores homens. E é bom que todos estejam preparados, inclusive você, porque faremos um desafio no pátio inferior. Leve também os demais comandantes de nosso exército. Quando estiver pronto, me avise. Não demore.

Anderson saiu e deixou o comandante em absoluto pânico, sem saber ao certo o que estava acontecendo e o que iria acontecer.

Anderson estava andando pelos corredores do castelo quando passou por Junes, um jovem talento

da área médica na Terra, mas que desencarnou prematuramente por conta de sua mente intensa, que o levou a perturbações que não conseguiu conter. Junes estava na organização, mas não sabia ao certo o que fazia ali. Afinava-se com algumas ideias, contudo não tinha completa percepção de onde estava. Aquele espírito já apresentava traços característicos referentes a um processo inicial de loucura espiritual e Anderson sabia disso. Cumprimentou o jovem:

— Junes, o curador! Como tem passado?

Junes se surpreendeu com o cumprimento e respondeu:

— Bem... quem é?

— Sou seu amigo... Anderson. Lembra de mim? — Anderson falava do que não existia.

— Sim... Anderson! — Junes respondia como um lunático.

Anderson, que nunca tinha falado com Junes, tinha um plano em mente. Continuou:

— Venha comigo, meu amigo curador, tenho um caso sério para o senhor.

Junes, sem compreensão do que acontecia, o seguiu. Anderson o levou para seus aposentos e

pediu que pensasse na pior doença que pudesse existir. E disse a ele:

— Não saia daqui. Volto logo. Mas preciso que me diga, curador... é muito importante.

O general saiu e Junes ficou com a missão em mente, andando de um lado a outro, pensando no que Anderson lhe pedira.

Logo que saiu de seus aposentos foi até a antiga sala de Oristeu, onde estavam planos e alguns instrumentos e artefatos. Ao entrar na sala, pegou pedaços de pergaminhos que estavam jogados e os leu. Eram planos de ação contra encarnados. Seu único comentário antes de jogá-los novamente ao chão foi:

— Muita inocência achar que isso daria certo...

Mas o que Anderson procurava era um pequeno artefato feito de palha e bastante rústico que havia sido retirado da crosta terrestre e pertencia a uma tribo semisselvagem do continente africano. Era um artefato utilizado em rituais de magia negra. E especificamente naquele, estava contida uma energia de um encarnado. Com a energia acoplada ao artefato, Oristeu esperava atingir de forma violenta aquele encarnado, pois se tratava de um antigo desafeto seu. Mas Anderson tinha outros planos e guardou o artefato com ele.

Algum tempo depois, de forma mental, o comandante das tropas informou a Anderson que ele e os soldados solicitados e os demais comandantes já estavam o aguardando no pátio inferior. Anderson sorriu e, também mentalmente, respondeu que já estava a caminho.

Ao chegar encontrou todos enfileirados, mas em duas filas. Uma com os cinco soldados e outra com os comandantes. E o comandante maior estava à frente das duas. Anderson logo informou:

— Formem uma única fileira, intercalando soldados e comandantes e iniciando pelo chefão — se referiu ao comandante maior.

Apesar da surpresa, foi atendido de forma rápida. Assim que estavam prontos, ele prosseguiu:

— Temos aqui... o comandante maior, responsável pelo exército... seus outros comandantes... responsáveis pelas tropas... e os cinco soldados mais bravos... ao menos... na escolha de seu chefão. O que quero é bem simples: apenas saber o motivo dos fracassos nos campos de batalha. E como seu comandante não sabe dizer, resolvi descobrir pessoalmente.

Anderson caminhou lentamente e pensativo enquanto todos guardavam silêncio e apreensão. Escolheu um comandante. Mas não ao acaso. Ele

sabia exatamente quem escolher e o motivo para isso. Então disse:

— Você — apontou para o comandante —, venha até aqui e fique de frente para mim.

Foi atendido. Anderson deu três passos para trás e informou ao comandante:

— Eu vou lhe atacar e você precisa apenas evitar ser atirado longe.

O comandante arregalou os olhos e antes que pudesse se preparar, Anderson, de forma mental, conseguiu arremessá-lo a alguns metros de distância. O comandante já se levantava, mas Anderson disse:

— Patrício...

Todos ficaram surpresos, mas Patrício estava presente e escondido, a pedido de Anderson. O chefe das masmorras se aproximou e ouviu a ordem do general:

— Leve este homem para as masmorras e ensine a ele algumas lições de bravura. Por favor, Patrício. Obrigado.

O comandante se desesperou em gritos, mas Patrício rapidamente o silenciou à força. Anderson

esperou alguns segundos e voltou a falar aos homens:

— Estou entendendo...

Fez uma pausa e olhou profundamente e por alguns instantes para o comandante maior. Depois continuou:

— Lembro-me agora... motivação... era isso, não, comandante? — se dirigiu ao comandante maior do exército.

Não ouve resposta, apenas um olhar medroso. Anderson continuou:

— Eu acho que este comandante que escolhi não estava motivado... espero que vocês estejam. Quem será o próximo?

Não houve voluntários. Anderson, então, escolheu outro comandante e deu a mesma instrução a ele, conseguindo igual desfecho. Anderson atacou, o comandante foi atirado longe e Patrício foi convocado para levá-lo até às masmorras. Anderson repetiu isso até todos os comandantes de tropas terminarem, não havendo mais nenhum. O general havia deixado as tropas sem comandantes, apenas com o de maior patente, que nesta altura dos acontecimentos, não conseguia esconder sua aflição. Após todos os comandantes já terem saído para as masmorras, sendo levados por

Patrício, Anderson disse ao comandante de maneira que todos os cinco soldados ouvissem:

— Comandante... só restou o senhor de chefe. Deseja vir agora ou passa a vez para algum soldado? Não... não responda, por favor... não faria esta indelicadeza com você. Sorria! Não tem senso de humor, comandante?

O comandante sorriu tímido e apavorado. Anderson, então, parou de sorrir e disse aos soldados:

— Vocês, soldados, podem voltar para as tropas e contem o que viram aqui. E avisem aos outros que muito irá mudar e que aqueles que não estiverem motivados, como nosso comandante disse, serão levados às masmorras e, talvez, coisa pior.

Apressadamente os soldados retornaram às tropas e cumpriram a missão dada por Anderson, narrando fielmente os acontecimentos.

Ao ficar sozinho com o comandante maior, Anderson se aproximou dele e disse em tom ameaçador:

— Você ficará onde está... por enquanto... espero ter conseguido motivá-lo. Agora pode sair. Está dispensado.

Anderson voltou imediatamente para seus aposentos na expectativa de falar com Junes. Tudo aquilo fazia parte de seus planos, inclusive deixar o exército sem comandantes demais.

Ao chegar, Junes continuava andando de um lado a outro, mas ao ver Anderson, logo sorriu e disse em tom empolgado:

— Eu tenho uma doença que pode gostar!

Anderson, com voz mansa, respondeu a Junes em tom cordial:

— Quem bom, curador! Posso saber qual é?

— Nada que se possa ver...

Anderson arregalou seus olhos e comentou:

— Agrada-me...

Junes, sentindo-se importante, prosseguiu:

— Uma doença que consome o que temos por dentro de nós... na verdade, o que aqueles que estão no corpo tem por dentro... Silenciosa... Quando aparece no corpo, já não há mais tempo e a morte é a única esperança para aliviar o sofrimento.

Anderson sorria maliciosamente e sua mente já maquinava os próximos passos. Perguntou a Junes:

— Diga-me, curador... Podemos a provocar naqueles que ainda estão no corpo?

Junes não tinha uma definição, mas respondeu:

— Não sei ao certo. Mas ela surge através de problemas, aborrecimentos, má alimentação, complicações do corpo...

Anderson tinha sua resposta e interrompeu a explicação de Junes:

— Maravilha! Já sei como fazer.

Fez uma pausa olhando para o jovem curador e disse em seguida:

— Curador... Precisarei dos seus serviços.

Junes sorriu e respondeu sem saber do que se tratava:

— Será uma honra, senhor.

Desta forma, Anderson providenciou para que Junes tivesse aposentos melhores no castelo e todas as regalias possíveis, além de mantê-lo sob as vistas de soldados que faziam sua segurança e, claro, sob sua monitoração mental.

Anderson ainda escolheu mais alguns soldados e outros servos da organização usando seus próprios

critérios e sua intuição. Assim, contando com pessoal suficiente para levar até o mago negro, solicitou audiência com Aluciphel para mostrar os homens que tinha selecionado. O mago negro não tardou em responder, autorizando que tal audiência fosse realizada imediatamente, assim, Anderson convocou todos os seus escolhidos e levou até a presença de Aluciphel.

Estavam todos lá: Patrício, Fabrízio, os cinco soldados escolhidos pelo comandante, o comandante maior do exército, os soldados que ele, Anderson, escolheu, três servos, também de sua escolha e Junes. Anderson se pronunciou:

— Senhor... aqui estão nossos homens.

O mago negro apareceu por trás de seu trono e caminhando devagar perguntou a Anderson, mas olhando fixamente para cada um dos escolhidos:

— Você tem certeza de sua escolha, Anderson?

Sem dúvidas ou hesitações, veio a resposta:

— Sim.

— Muito bem — disse o mago negro —, diga-me seus planos.

Anderson iniciou, explicando como usaria Patrício. E depois de todas as elucidações sobre isso, o mago o interrompeu dizendo:

— Antes de prosseguir, quero resolver esta questão específica. Você quer tirar Patrício das masmorras? Entendi corretamente?

Anderson respondeu:

— Está correto, senhor.

O mago negro se dirigiu ao chefe das masmorras:

— Você está sabendo disso, Patrício?

Patrício, de forma acanhada, respondeu:

— Sim, senhor.

— E por que deseja isso? — o mago negro perguntou.

— Desejo mais do que já tenho. Poderei ser mais valoroso para o senhor e poderei ainda realizar trabalhos nas masmorras.

O mago negro vasculhou a mente de Patrício e confirmou que era verdade o que ele dizia. Então, disse a Anderson:

— Você tem autorização para fazer o que deseja, mas será responsável por isso. Deseja continuar?

Anderson não teve dúvidas:

— Sim, senhor.

O mago negro fez um gesto para que Anderson prosseguisse e assim ele passou a falar de seus planos para Fabrízio:

— Fabrízio — apontou para o ex-escravo — saiu dos arredores de nosso castelo e deseja vingança. Irei utilizá-lo a meu lado, como conselheiro pessoal.

O mago negro olhou para Anderson com desconfiança e certa surpresa. Ficou alguns segundos em silêncio e, dirigindo-se a Fabrízio, perguntou:

— Sente-se bem com que ele disse?

A resposta veio rápida e curta:

— Sim.

O mago negro, então, ficou sondando a mente de Fabrízio durante alguns segundos e perguntou a ele:

— Anderson disse que você deseja vingança... Mas contra quem?

— Fui traído e desejo...

Aluciphel o interrompeu:

— Eu entendo, Fabrízio, que você deseja vingança e que foi traído. O que quero saber é se você lembra o que aconteceu.

Fabrízio fez olhar de quem está atônito e balbuciou algumas palavras:

— Ele... eu... não lembro... me traiu, mas...

O mago negro novamente o interrompeu:

— Você não lembra, não é mesmo? Mas carrega apenas o desejo de vingança... isso é bom. Sabia disso, Anderson?

— Não, senhor — Anderson respondeu.

O mago negro sorriu e disse a ele:

— Não se preocupe, isso também é bom. Mostra que você tem faro.

Aluciphel voltou-se novamente para Fabrízio e disse:

— Gostei de você. Tem potencial. Eu sei o que houve... está aí, dentro da sua cabeça... eu vi, mas você não lembra. Quer saber?

Fabrízio arregalou os olhos e respondeu:

— Não, se isso for me atrapalhar.

O mago negro soltou uma sonora gargalhada e disse a Anderson:

— Se ele fala isso sinceramente, você garimpou bem. Mas se não, é um covarde!

O mago negro olhou para Fabrízio e perguntou novamente:

— Deseja saber ou não? Não irei perguntar outras vezes.

Fabrízio esperou alguns segundos e respondeu:

— Sim... Eu quero saber.

Capítulo 5

Aluciphel andou lentamente pela sala. Ora olhava para baixo, ora olhava para Anderson, ora olhava para Fabrízio. Depois de alguns instantes em silêncio, perguntou novamente:

— Fabrízio, posso realmente lhe dizer sobre seu passado? Quer mesmo saber? Acha que consegue suportar o peso da verdade?

Fabrízio, que era sondado mentalmente pelo mago negro sem saber, respondeu de forma clara e firme:

— O que mais posso perder? Não tenho mais nada. Não vejo qual mal além do que já tenho poderia se abater sobre mim. Por favor, senhor... conte-me a verdade.

Aluciphel sorriu maliciosamente e disse:

— Como queira, então... Direi a você... E todos aqui ouvirão. Tem alguma objeção quanto a isso?

— Nenhuma, senhor — Fabrízio respondeu.

O mago negro então iniciou a narrativa dos acontecimentos do passado de Fabrízio:

— Fabrízio... você foi valente... foi bravo... pode-se dizer que foi um guerreiro de extrema

coragem... ninguém era capaz de lhe afugentar ou impor medo. Você era forte e destemido, mas incapaz de agir por si mesmo. Tinha a força física, nada mais. Não pensava, apenas agia seguindo orientações, ordens ou desejos de outros. Isso lhe comprometeu a existência — o mago negro fez uma pausa e perguntou a Fabrízio logo em seguida: — Devo prosseguir, ou está bom até aqui?

Fabrízio, com expressão séria e corajosa, respondeu:

— Sim, por favor, senhor.

O mago negro, então, continuou:

— Sua força bruta e seu talento com armas forjadas em ferro aliadas à sua vontade de lutar, lhe impulsionaram para as grandes cidades. Mas mesmo antes de chegar à maior de todas, Roma, você se deparou com a chance para usar suas habilidades. Conheceu um homem inescrupuloso, cruel, ambicioso e com algumas posses. Tratava-se de um lanista. Ele presenciou uma luta de exibição sua e ficou impressionado contigo. Logo o chamou para tomar parte de seu grupo de guerreiros, que se apresentavam em praças e pequenos lugares armados para divertir o povo. Lutavam entre si e às vezes contra grupos de outras escolas de gladiadores. E podiam morrer assim. Não seria inteligente para um lanista autorizar a morte de um gladiador, porque o gladiador representava um

investimento. Mas em muitos casos, a morte era um destino possível. Isso não lhe intimidou, não teve dúvidas e aceitou o convite. Ganharia boas moedas por cada exibição e ainda teria a chance, caso sobrevivesse, em ir a Roma lutar no tão falado Coliseu...

O mago negro parou de falar e observou a expressão de Fabrízio, já abatida naquele momento. Sondou um pouco sua mente e perguntou a ele:

— Devo prosseguir ou não suporta a verdade?

Fabrízio, visivelmente atordoado pois as lembranças lhe vinham à mente, respondeu de forma confusa, mas clara o suficiente para que o mago negro prosseguisse:

— Sim... sim... desejo que... sim, sim...

Aluciphel lhe atendeu:

— Vocês viajavam por várias cidades e lutavam em todas elas. Você era bom... muito bom... matava com crueldade... sabia como divertir o público quando tinha a oportunidade. Era um dos melhores gladiadores que o velho lanista que lhe empregava já havia possuído. E ele sabia disso. Você esperava com paciência seu momento de entrar no Coliseu, o maior e mais famoso anfiteatro romano, que há pouco tempo abrigava jogos, mas já era um estrondoso sucesso em todo império. Um dia, o

velho que lhe empregava surgiu com uma novidade. Alguns de seus gladiadores iriam participar de algo diferente. Entrariam em uma pequena arena com suas armas, mas as lutas seriam até a morte, o que lhe seduzia. Mas não lutariam com outros gladiadores. Pois as lutas eram disfarce para a real intenção: matar cristãos.

Aluciphel interrompeu a narrativa novamente e Fabrízio estava olhando para chão, com suas lembranças retornando como uma bomba para ele. Mas o jovem olhou para o mago negro e fez um sinal, pedindo que continuasse e foi atendido:

— De início, você não quis... mas o velho era sábio e lhe fez promessas que não poderia cumprir. Disse que se lhe fizesse este e outros favores iguais, poderia lhe garantir a ida até Roma e você lutaria no Coliseu. Foi o suficiente. Você aceitou. E naquele mesmo dia, matou cristãos com seus braços, com suas armas e com suas mãos. Usando violência para tirar sangue e a vida de inocentes, que apenas defendiam suas crenças no Cordeiro. Você, Fabrízio, matou vários cristãos naquele dia. E não parou mais. Foi um longo período fazendo isso, adquirindo gosto, inclusive. Mas logo se lembrou da promessa do velho e o cobrou. Ele, sem ter como cumprir o que prometeu, pois não conseguia entrar em Roma e colocar seus gladiadores no Coliseu, fez o que poderia fazer para salvar sua pele. O traiu. Você dormiu livre e acordou escravo... vendido por ele, sendo levado

para terras distantes onde seria forçado a trabalhar na terra para comer e se manter vivo. Você não aguentou muito tempo, pois o ódio e a tristeza adoeceram você, que morreu de tanta raiva.

Aluciphel parou de falar e Fabrízio estava em choque. O mago negro disse a Anderson:

— Deixe que se refaça, se quiser que ainda seja útil.

Assim, Anderson colocou Fabrízio sentado em um canto da sala e disse a ele:

— Fique em silêncio... e lembre-se do traidor que te humilhou...

Fabrízio o olhou consentindo com suas palavras. Anderson voltou para onde estava e o mago negro continuou:

— O que temos agora, Anderson?

O general tratou de explicar:

— Temos o comandante, os soldados...

O mago negro o interrompeu:

— Espere, espere...

Aluciphel olhou para Anderson e para Junes, sondando suas mentes. Depois de alguns segundos fazendo isso, disse:

— Primeiro... falemos com nosso amigo curador...

Junes sorriu inocentemente, pois nem ao certo sabia onde estava e com quem estava lhe dando, mas como ouviu seu nome, julgou ser algo bom. O mago negro, que já sabia como tratá-lo, pois percebeu isso na sondagem mental de Anderson e do próprio Junes, disse sorrindo e em tom agradável e manso:

— Meu amigo curador... como tem passado? Sente-se bem conosco? Sua estada tem sido agradável?

Junes, muito inocente, respondeu com alegria:

— Sim, senhor! Estou muito bem! Obrigado!

O mago negro continuou:

— Isso é muito bom! Anderson, o que temos para nosso amigo Junes, o curador?

Anderson entendeu a estratégia do mago negro e respondeu:

— Temos grandes planos para ele! Junes é um de nossos melhores homens! Tem muito futuro e terá grandes êxitos!

Enquanto Junes sorria orgulhoso, o mago negro perguntou a Anderson:

— Como quer utilizá-lo, Anderson? Como poderemos fazer para usar este valoroso homem?

Anderson respondeu:

— Ele vai colaborar para o bem-estar físico das pessoas... já conversamos e ele pode mudar as coisas de forma definitiva...

O mago negro sorriu, pois havia entendido a colocação de Anderson e perguntou a Junes:

— Diga-me, curador... sabe onde está?

Junes fez expressão de quem tenta encontrar uma resposta, mas não consegue. Porém, respondeu assim mesmo:

— Entre amigos, presumo...

Aluciphel sorriu e disse maliciosamente:

— Sim! Entre amigos... presumiu corretamente, curador!

O mago negro olhou para Anderson e decretou:

— Tem permissão para prosseguir com Junes e Fabrízio. Faço o que desejar.

O mago negro já retornava para seu trono quando Anderson disse:

— Mas, senhor... e nossos outros amigos? – Referindo-se aos homens que ainda não tinham sido entrevistados.

Aluciphel não se virou para dizer e a resposta foi seca e rápida:

— Não fazem diferença alguma... trate-os como quiser... use-os como quiser. Não me aborreça com isso.

Anderson sorriu, mas os outros homens perceberam que estavam nas mãos de alguém muito capaz e com autorização para colocar seus planos em ação. Portanto não sorriram, mas se preocuparam.

Com a autorização e aprovação do mago negro, Anderson iniciou a segunda parte de seu planejamento. Pediu que Patrício deixasse as masmorras sob os cuidados de dois de seus melhores soldados e que o acompanhasse até o pátio do exército, onde seria apresentado às tropas em seu novo posto.

Antes, deixou Junes em seu quarto, pedindo para que o médico desenvolvesse melhor a teoria sobre como despertar a poderosa doença em encarnados.

Sem a presença do chefe das masmorras, enviou o comandante geral das tropas e os soldados para o pátio, onde aguardariam sua chegada com Patrício e Fabrízio, que agora, o acompanharia em todos os momentos e teria um quarto só para ele.

Os outros servos que demostraram habilidades em potencial para desempenharem bem seus papéis no planejamento, foram enviados por Anderson para uma sala de preparo, onde as amarras seriam retiradas e novos trajes providenciados. Depois, pessoalmente, Anderson conversaria com eles.

Com todos os soldados presentes no pátio, Anderson, Fabrízio e Patrício chegaram diante às tropas. O silêncio se fez imediatamente e todos correram para se alinhar em formação. O comandante saudou Anderson:

— Ave, Anderson, senhor de nosso exército!

Anderson, que não gostava de saudações ostentosas, repreendeu o comandante, mas sem ser incisivo:

— Comandante... agradeço sua cordialidade, mas prefiro que faça outra saudação em uma próxima ocasião.

O comandante apenas flexionou levemente a cabeça para baixo demonstrando que havia entendido a mensagem e iria acatar o pedido. Anderson, então, iniciou seu discurso às tropas:

— A partir de hoje iniciaremos uma nova fase em nossas vidas. Serviremos ao nosso senhor com mais entusiasmo e dedicação. Para isso, o exército será fundamental. Invadiremos territórios, conquistando e destruindo. Seremos maiores e mais temidos. Seremos mais fortes e poderosos. Agiremos com eficiência no astral e na Terra. E para ajudar a realizar a parte que cabe ao exército... apresento-lhes... Patrício.

Um suspiro de pânico, quase imperceptível pôde ser ouvido no pátio. Anderson continuou após a pausa:

— Acredito que muitos já conheçam bem nosso amigo Patrício... pois acredito que ele já conheça muitos de vocês... mas não temam, porque agora Patrício está ao lado de vocês... ao menos até o primeiro erro, até a primeira vez que não estiverem motivados... até a primeira derrota... até a primeira derrota causada por desânimo e falta de interesse. É apenas isso, não temam. Patrício está aqui para que vocês não sofram mais com falta de interesse nas

batalhas. Não queiram mais ser motivos de divertimento nas masmorras. Patrício, agora, estará de perto para observar.

Anderson pausou, Patrício sorriu de uma forma que causava medo nos soldados e o comandante sentia que a época de descontração havia terminado. O general continuou:

— Patrício irá os treinar em lutas. Irá ensinar tudo que sabe em batalhas, em crueldade e na arte de fazer sofrer através da dor profunda. Aqueles que forem bem, não tem o que temer.

Nova pausa para apreciar os soldados em choque e Anderson deu a palavra a Patrício:

— Por favor, Patrício, diga algumas palavras a seus novos amigos!

Patrício olhou para Anderson e fez expressão de que iria ser breve, mas falaria algo:

— Como Anderson disse, seremos amigos, mesmo se eu tiver que os punir nas masmorras. Isso não irá modificar nada entre nós... é apenas meu trabalho. Irei ensinar o que sei, como Anderson disse. E junto com o comandante, levaremos este exército ao topo! Seremos o exército mais temido do submundo da morte!

Os soldados não resistiram e soltaram urros de alegria. Anderson sorriu, pois viu o potencial carismático de Patrício, maior do que esperava.

O pronunciamento terminou e Anderson deixou que Patrício, que estava empolgado, iniciasse seus trabalhos e treinamentos. Em seguida, chamou o comandante para falar em particular, mas pediu que Fabrízio o acompanhasse. O comandante chegou e Anderson disse em voz baixa, mas em tom nada amistoso:

— O que pensa me saudando daquele jeito? Acha que pode me constranger? Acha que pode brincar comigo?

O comandante tentava falar, mas Anderson não deixava:

— Cale a boca, pois não lhe dou permissão para falar. Você está a um passo do fim, comandante... acho melhor se esforçar bastante. Estou te observando de perto, um deslize e acabou para você. Espero que tenha me entendido. Não vou perguntar se entendeu, porque não quero, sequer, ouvir a sua voz.

Anderson virou de costas e saiu, deixando o comandante em aflição. O novo Aluciphel, como já estava sendo chamado pelas tropas, foi até os servos para dizer o que esperava deles. Ao chegar à sala, anunciou de pronto:

— Não me estenderei. Vocês não são livres. Apenas não são servos, pois não tem mais amarras. Contudo, continuarão servindo nossos propósitos, mas sem necessitar andar no lodaçal. Irão fazer minha segurança pessoal. Estarão onde eu estiver mas à distância, sem serem notados. Sei que todos vocês realizavam atividades parecidas quando na Terra. Portanto não será novidade, sendo fácil para vocês. Andarão como sombras por onde eu estiver e se alguém perguntar a vocês se me servem ou me escoltam, neguem. Ninguém pode saber disso. E se eu estiver em perigo, entrem e se exponham ao perigo em meu lugar. Se não fizerem, se eu suspeitar que não farão, estarão condenados sem oportunidade de misericórdia. Fui entendido?

Os servos apenas responderam positivamente balançando a cabeça. Anderson saiu da sala.

Seus propósitos estavam claros em sua mente e começavam a ganhar forma. Anderson tinha planos ambiciosos para a organização de Aluciphel e tinha muitas chances de conseguir o que desejava.

Faltava apenas acertar com Junes a forma de agir nos encarnados a fim de provocar a doença fatal. Assim poderia iniciar o planejamento com a ação através do artefato de palha, cujo encarnado que tinha a energia contida, era uma das peças-chave de seu plano.

Tudo estava prestes a começar...

Capítulo 6

Anderson tinha planos audaciosos. Queria levar a organização até o posto de mais temida entre todas. Desejava estender a área de atuação do ponto onde estavam, um pouco acima da crosta terrestre, até a Terra, onde encarnados seriam importantes e afetariam em decisões, no intuito de enfraquecer as ações do bem entre os habitantes do planeta. Igualmente desejava estender seus domínios em locais parecidos com o da organização, outras colônias trevosas. O plano era atacar e conquistar.

Mas o grande objetivo de Anderson ao final de tudo isso, conquistando novos espaços e aliando-se a encarnados importantes com poder de decisão, era implantar as trevas no seio da religiosidade. Desejava ser a principal organização trevosa para comandar essas ações e tinha o poder da energia do castelo, que garantiria boa vantagem. Depois disso, através da atuação nos encarnados, faria os movimentos certos, colocando e retirando peças, como em um jogo de tabuleiro, ao seu bem entender.

O plano era mesmo ambicioso. Anderson queria aproveitar o nascimento de uma nova etapa religiosa na Terra para usar sua força contra ela mesma. Para isso, manipularia seus dirigentes, governantes e líderes, contaminando todos os decisores, ou a maioria, com a embriaguez de poder e luxúria. Dessa maneira, conseguiria que os fiéis

seguissem seus interesses, ocultos através das instruções passadas pelos líderes, ou seja, sem a necessidade de agir diretamente em todos os seguidores. Manipulando a cúpula, não seria preciso agir no povo. Era a frase que movia Anderson e que ele próprio repetia internamente sempre, para lembrá-lo do foco de suas ações.

Seus planos eram grandiosos, mas ele tinha potencial e recursos para conseguir, como a energia do castelo.

Toda movimentação estava começando. Anderson tinha autonomia fornecida pelo mago negro, que por sua vez, sabia exatamente do que seu general era capaz e monitorava todos os seus movimentos e até pensamentos. Confiava que Anderson pudesse concluir o planejamento, mas se algo falhasse, ele seria salvo ou teria grandes chances disso, pois não estaria na linha de frente, nem mesmo estaria visível, pois que para muitos, Anderson era confundido como o próprio mago negro do Castelo.

Aluciphel, portanto, estava incógnito, protegido como desejava e cedia o controle a Anderson para isso, mas não deixava de ter tudo sob seu monitoramento. Todas as ações eram mapeadas por ele, nada que Anderson fazia e pensava escapava de sua percepção. Ou seja, se Anderson pensasse em traí-lo, ele saberia. Mas isso não era uma pretensão de Anderson, que sabia que poderia ser

confundido como mago negro, mas sabia também que a organização não era dele e isso o ajudaria. Pois queria atingir seu objetivo sem ter a glória trevosa por isso. Quem conhecesse a organização e realmente soubesse o que se passava, saberia que Anderson não era o mago negro. Portanto a assinatura do projeto, por assim dizer, não seria sua, e sim de Aluciphel. Anderson também queria ser incógnito. E o mago negro sabia disso. E como queria que a assinatura fosse sua, a parceria entre eles era bem proveitosa para ambos os lados.

O tempo passou cerca de seis meses em contagem terrena depois da nomeação de Patrício e da implantação das novas mudanças. Isso significava que já havia um tempo razoável para analisar se o planejamento estava funcionando. Anderson sempre observava tudo, mas queria fazer uma espécie de balanço deste período de preparação. Foi até Patrício. Ao chegar, o cumprimentou e foi direto:

— Como estão os treinamentos dos homens, Patrício?

O ex-chefe das masmorras respondeu sorridente:

— Muito bem, Anderson. Eles me respeitam, por isso fazem o que peço e com alegria. Porque se não fazem, os castigo aqui mesmo, na frente de todos.

Anderson não esboçou reação e continuou perguntando:

— Acha que já estão prontos para sairmos em batalha contra outras organizações?

Patrício deu um largo sorriso e respondeu entusiasmado:

— Já era hora! Eles precisam lutar! Só treino não basta!

Anderson comentou:

— Mas é melhor iniciar com organizações menores, que tenham exércitos mais acanhados.

Patrício respondeu:

— O que importa é lutar. Do jeito que estão, se lutarem contra tropas menores irão massacrar, pois a fúria dentro deles está detida, mas na batalha, poderão soltar... e nada Anderson, nada, poderá os deter.

Anderson confiava em Patrício, mas precisava ver ação. Então pediu que selecionasse dez homens: cinco dos melhores e cinco medianos. E que depois os levasse a sua presença, primeiro os melhores. Assim foi feito.

Quando chegaram, Anderson contou a eles uma história inventada. Disse que estava sabendo de uma traição nas tropas e que eles eram os líderes rebeldes. E que por isso os iria eliminar, fazendo-os escravos. Mas que antes disso, achava justo que soubessem que quem os entregou foram seus próprios companheiros, os outros cinco que estavam aguardando e não ouviam o que se passava.

Ao revelar os delatores, os traídos se enraiveceram de uma forma tamanha, que mesmo Anderson não conseguia conter seus ímpetos. Eles correram na direção dos supostos traidores com a intenção de massacrá-los. Ao perceber o que aconteceria, Anderson interveio não permitindo a ação de seus soldados, usando seu poder mental e rapidamente os homens pararam e se voltaram para ele, que disse:

— Obrigado. Podem retornar para os alojamentos. Nada aconteceu aqui.

Hipnotizados temporariamente, todos os dez soldados retornaram para onde vieram sem qualquer recordação do que havia acontecido. Anderson estava convicto de que a época dos treinamentos havia passado e que era chegado o momento de agir.

O general chamou o comandante maior do exército e o informou que entrariam em ação.

Assim começou a mostrar seu planejamento, mas foi interrompido pelo comandante:

— Com todo respeito, senhor, não considera que seria de maior prudência se eu traçasse os planos?

Anderson estava surpreso com a colocação do comandante. Olhou nos olhos dele e respondeu com firmeza:

— Não. Você não tem competência para isso. Coloque-se no seu lugar.

O comandante calou-se. Anderson prosseguiu:

— Iremos tomar esta organização — apontou para um ponto em um mapa — avançaremos por este lado, mas os surpreenderemos por aqui – continuava apontando no mapa.

O comandante, que acompanhava a tudo com atenção, teve uma dúvida:

— Mas esta organização é pequena, tem um exército pequeno e...

Anderson o interrompeu:

— Fique quieto! É por isso que você não planeja mais nada por aqui. Esta organização tem função estratégica. Não se intrometa!

Dessa forma, Anderson continuou passando as orientações de ação para o comandante, que permaneceu em silêncio durante o resto do tempo.

Ao terminar, Anderson disse a ele:

— Prepare as tropas, partimos amanhã.

O comandante apenas acenou com a cabeça. Anderson saiu do local e foi procurar Junes. Ao chegar saudou o curador, que animadamente lhe disse:

— Senhor, descobri uma forma de causar uma doença através de ratos!

— Ratos? — Anderson perguntou curioso.

Junes explicou:

— Sim. É mais fácil causar a doença diretamente em animais que em pessoas, em especial os ratos, pois vivem em ambientes fétidos, portanto, bons para proliferação de doenças.

Anderson continuava sem entender:

— Mas isso nos ajude em quê?

Junes continuou a explicação:

— Descobri que há uma doença que se passada ao homem pelo rato pode ser fatal em pouco tempo. E podemos fazer isso em quantidade! Basta que...

Anderson interrompeu concluindo o raciocínio de Junes:

— Basta que façamos os ratos contaminados invadirem as casas das pessoas e todos os locais onde estão!

Anderson ficou alguns segundos apenas sorrindo e em seguida perguntou a Junes:

— E a outra doença? A mais lenta e dolorosa?

— Ainda trabalho nela. É mais difícil, senhor — Junes respondeu.

Anderson percebendo o constrangimento no jovem, sorriu e disse em tom cordial:

— Não se apresse, amigo. Apenas continue trabalhando nisso.

Junes sorriu e Anderson voltou a perguntar sobre a doença com ratos:

— E esta doença através de ratos... já está pronta? Já podemos agir?

Junes respondeu animado:

— Sim! Basta que o conteúdo deste pote — mostrou um pequeno pote — seja colocado dentro de alguns ratos através de comida ou água. Depois, eles mesmos passarão para os outros. Quando tivermos muitos, fazemos eles irem até os homens.

— E essa doença é mesmo fatal? Por que os ratos não morrem antes de passar aos homens? — Anderson ficou curioso.

Junes explicou:

— Os ratos estarão com a doença, mas serão apenas, digamos, cavalos da doença, levando-a de lado a outro, na maioria dos casos. Alguns podem mesmo sentir os efeitos, mas a manifestação é muito maior nos homens. Estes, ao terem contato com ela, apresentam os sintomas e sofrem as consequências.

Anderson ainda perguntou:

— E como os ratos passam a doença aos homens?

— Pode ser através da urina... ela está com a doença... mas também pode ser através de pulgas que ficam nos ratos, o que seria mais letal — Junes explicou.

Anderson sorriu e balançou a cabeça de forma positiva. Havia entendido. Contudo ainda tinha

mais uma dúvida. Seria uma curiosidade, propriamente dita:

— Você criou esta doença?

Junes riu e respondeu:

— Não, senhor! Só quem cria tudo é nosso Pai, que está nos céus! Essa doença já existia, eu apenas consegui colocar no pote o que é necessário para fazer o rato ficar com a doença.

— Entendi. Encontrou uma forma de adoecer os ratos com uma doença que já existia — Anderson repetiu para mostrar que havia compreendido a explicação.

— Isso mesmo!

Junes fez uma pausa e perguntou a Anderson com muita calma e tom de voz baixo e certa melancolia:

— Senhor... quando verei os anjos do Senhor?

Anderson percebeu a intenção de Junes, mas deixou que prosseguisse pois queria ter mais informações sobre o que se passava em seu interior, uma vez que não conseguia compreender o que se passava mentalmente com o jovem, devido à insanidade e à conturbação fluídica:

— Anjos do Senhor? Como assim?

— Isso, senhor, os anjos. Já morri e não vi nenhum anjo... achei que poderia ver. Eu não quero ver tanta tristeza que vejo aqui, senhor. Eu quero estar com os anjos e ver a Glória de Deus, que me foi prometida por Jesus.

Anderson precisava ser paciente com Junes. Então apenas sorriu e lhe disse:

— Junes... sei que em pouco tempo você não mais estará aqui. E verá o que lhe prometeram. Mas para isso, precisa querer muito e esperar. Depois que conseguir fazer o que lhe pedi, vou te deixar livre para seguir com os anjos.

Junes sorriu e disse:

— Obrigado, senhor! Muito obrigado! Vou continuar com fervor!

Anderson sorriu e saiu da sala. Ele não havia mentido. Sabia que logo Junes seria resgatado pelas falanges do bem, pois não desejava o mal. Pensou que se conseguisse o manter no castelo até obter o que queria, depois poderia permitir a ida de Junes apenas facilitando o acesso a ele.

Pode parecer estranho, mas Anderson havia sido amoroso com Junes, em algum grau, de alguma

forma. Havia demonstrado compaixão com o próximo.

Em seguida, o general do castelo constatou que todos os preparativos em relação às tropas já haviam sido executados pelo comandante do exército. Patrício o procurou e perguntou se poderia tomar parte na incursão, ao que Anderson reagiu com uma sondagem mental que constatou a integridade de seu pedido e uma sincera intenção de participar, por isso consentiu.

Nas primeiras horas da manhã seguinte, em contagem terrena, as tropas já estavam enfileiradas no imenso pátio principal. Anderson chamou o comandante e lhe disse:

— Escolha a metade dos soldados e os deixe aqui. Dos que forem, escolha fortes e fracos, em equilíbrio.

O comandante retrucou:

— Mas, senhor, será um número pequeno para levarmos. Estaremos assim, quase em igualdade de condições.

Mas Anderson não mostrou interesse por isso, respondendo:

— Sim, eu sei, mas venceremos mesmo assim. Faça isso e sem demonstrar estar inseguro.

Assim foi feito. A metade que iria ficar, estaria aos cuidados de um dos melhores soldados, com o qual Anderson fez uma ligação mental, pois também sairia na batalha.

Aos soldados que sairiam em batalha, Anderson fez um rápido pronunciamento:

— Soldados. A hora de vocês chegou! E é agora! Depois de tanto tempo com Patrício sofrendo todas as amarguras de um treinamento puxado, chegou a vez de se vingarem! De mostrar o que aprenderam e fazer com o inimigo o que Patrício faz com vocês para castigá-los! O inimigo não merece piedade! Merece dor, sofrimento e derrota! Acabem com eles! Retirem toda vida em forma de sofrimento!

Ao terminar de falar, os homens gritaram como incivilizados, motivados pelo discurso. Ao sinal do general, o comandante deu ordem para iniciarem a marcha, de acordo com o planejamento de Anderson.

Marchando, logo saíram dos domínios do castelo e desbravavam as trilhas trevosas como uma flecha repleta de veneno com direção certeira. O comandante e Patrício seguiam na frente e Anderson atrás, mas envolto a uma proteção fluídica invisível, que ele mesmo colocou. No momento certo, se distanciaria da batalha, apenas a observando.

Anderson monitorava a marcha mentalmente, analisando os caminhos, possíveis perigos e a movimentação do adversário, que ainda não parecia saber que seria atacado.

Enquanto caminhavam, vários seres espreitavam por entre rochas, árvores murchas e pequenos montes. Todos demonstravam medo e respeito pelas tropas, pois reconheciam ser do castelo de Aluciphel. No entanto, alguns desses seres identificaram a direção tomada e perceberam qual poderia ser o destino. Isso fez com que fossem imediatamente avisar à organização que achavam que poderia ser alvo sobre o possível ataque. Anderson sabia e permitiu que isso acontecesse.

Algum tempo depois, atingiram um imenso vale. Anderson pediu que o comandante parasse as tropas e fosse conversar com ele. O general disse:

— Divida as tropas: envie a metade pela direita por trás das montanhas com Patrício e a outra metade pela esquerda, também por trás das montanhas e siga com eles. Ao final, chegarão ao destino. Não façam alarde. Esperem meu sinal para atacar.

O comandante demonstrou surpresa com as orientações e argumentou com Anderson:

— Mas, senhor... não era esse seu planejamento original e...

Foi interrompido por Anderson:

— Eu sei que não era esse... foi eu quem o fez, lembra?

O comandante se calou quanto a isso, mas fez uma observação quanto ao novo plano:

— Com todo respeito, senhor, não creio que dividir as tropas seja uma boa escolha...

Anderson, sem se abalar e com sorriso sarcástico no rosto, respondeu:

— Com todo respeito, comandante, não lhe pedi opinião. Faça o que mandei e espere mais ordens. Entendeu?

O comandante se calou e gesticulou demonstrando entendimento.

As tropas foram divididas e Anderson seguiu pelo meio do caminho, contudo de forma invisível devido à proteção fluídica. Mais à diante, chegariam ao destino.

Os seres que espreitavam e levavam informações à organização alvo não conseguiram detectar a mudança, pois Anderson plasmou todos os soldados no vale, pelo caminho central, por onde as tropas deveriam passar inicialmente. Ou seja, os seres enxergavam as tropas ali, mas elas estavam

em outro lugar. E como no momento da divisão não havia ninguém observando, pois Anderson se certificou disso, o ataque seria surpresa. Qualquer um que olhasse, mesmo mentalmente, veria os soldados marchando pelo vale. Mas se igualmente olhassem por trás das montanhas, também veriam as reais tropas, o que daria a impressão de um maior contingente. No entanto, Anderson sabia que isso não aconteceria, mas caso acontecesse, seria um acréscimo ao plano de ação, fazendo com que as tropas parecessem maiores do que realmente eram.

As tropas chegaram à beira da entrada da organização, que já colocava homens na espera, mas ficaram camuflados, escondidos atrás de pedras e árvores secas. Os dois lados, esquerdo e direto, estavam a postos. E a julgar pela movimentação defensiva, o inimigo parecia não saber disso. Ao contrário, estavam olhando o vale vazio e enxergando o exército marchando por ali. Mentalmente, Anderson avisou a Patrício e ao comandante:

— A postos... esperem mais um pouco. Quando der o sinal, invadam com violência e tomem tudo. Aguardem mais um pouco.

Dessa forma, Anderson fez com que as falsas tropas plasmadas por ele corressem na direção dos adversários, em movimentação de ataque. Isso fez com que todas as atenções fossem voltadas para

eles e praticamente todo exército inimigo partiu para o meio do vale, onde não havia ninguém.

Anderson deu o sinal mental:

— Agora! Invadam e destruam!

Foi prontamente atendido por Patrício e pelo comandante. Os soldados inimigos, ao atingirem as tropas plasmadas irreais, não se chocaram com nada e não entendiam o que acontecia. E neste momento de confusão mental, Anderson os aprisionou em uma contenção fluídica, uma espécie de enorme bolha, afastando-os de lá. Com isso, apenas um quarto do exército inimigo estava disponível para defesa e era pego de surpresa pelas laterais. O massacre começava.

As tropas da organização do castelo não deram chance alguma aos adversários. Em pouco tempo, não havia mais com quem lutar. Os domínios inimigos foram tomados e Anderson aproximou-se com calma. Apenas aqueles que não ofereceram resistência foram poupados.

Anderson havia colocado uma contenção fluídica que impedia a passagem despercebida de quaisquer entidades mais poderosas, como em uma tentativa de fuga. Mas seus radares não detectaram nada. Com isso, acreditava que o mago negro daquela organização ainda estivesse dentro de seus

domínios ou tivesse fugido antes mesmo de ser atacado.

Com calma, Anderson deu ordens mentais ao comandante e a Patrício para que interrompessem as lutas e apenas mantivessem a situação sob controle. Dessa forma, iniciou um processo de busca mental por entidades poderosas ainda presentes nos domínios atacados. Logo nos primeiros instantes, Anderson captou uma vibração muito forte. Era o mago negro o chamando para uma conversa particular. Ele estava em sua sala, portanto não havia abandonado o território. Anderson aceitou o convite. Ao chegar ao local indicado, entrou e deixou ordens para que ninguém os incomodasse.

Ao entrar se deparou com um ambiente escuro e sombrio. Logo percebeu uma entidade com tamanho maior que dois homens e vestindo túnica preta se apresentar, deslizando pelas sombras na parede. Anderson esperou algum movimento e a entidade disse, após parar de frente ao general com distância de alguns metros:

— Parabéns, meu jovem. Venho acompanhando seu trabalho e vejo que ainda tens muito a crescer. Mas não entendo o que veio fazer aqui. Quero que me explique o que pretende conosco.

Anderson respondeu sem demora:

— Agradeço seus elogios, mas devo dizer que nada tenho de fenomenal. Apenas me esforço na tentativa de aplicar o que aprendo para a obtenção dos resultados que espero.

O mago negro sorriu levemente e voltou ao ponto:

— Você ainda não disse o que quer.

Anderson respondeu:

— Não disse, pois o senhor já sabe.

O mago negro sorriu novamente e foi ainda mais direto:

— Certo, meu jovem. Mas você sabe que não consegue me capturar, não sabe?

Anderson com calma e serenidade, respondeu:

— Tenho plena convicção de sua superioridade mental e de manipulação fluídica. Não vim aqui para capturá-lo. E sei que não desejas um confronto comigo. E nem poderia, pois acaba de perder seus domínios. Só nos resta realizar um acordo.

O mago negro sorriu mais amplo e disse:

— Agora... agora diz ao que veio. Que tipo de acordo?

Anderson explicou:

— Escolhi seu povo, pois sei de sua capacidade e queria lhe demonstrar a minha. Devastei seu exército e escravizei todos os outros. Seus auxiliares fugiram. Somente resta o senhor, que é capaz de me vencer, mas não consegue mudar o que está feito. Com isso, podemos ser úteis um ao outro.

O mago negro indagou:

— Aluciphel sabe deste acordo?

— Sim. Não venho aqui para traí-lo. Tudo que faço é vigiado por ele. Todos os meus passos. E sei que ele aprova o que vim fazer. Quero o senhor como aliado. O senhor tem a opção de ir embora sem nossa resistência e refazer seu povo em outro lugar. Ou pode nos ajudar e ter nossa ajuda depois para reconstruir seu povo, seus domínios. A escolha é sua.

— O que deseja? — o mago negro perguntou.

— Ajuda em nosso plano na Terra.

— Devo voltar? Isso não farei.

Anderson respondeu:

— Não será preciso. De onde está poderá ajudar. Quero sua força mental a nosso serviço, a serviço da organização de Aluciphel.

— Do contrário... — o mago negro perguntou.

Anderson não deixou dúvidas:

— Não há contrário... já devastamos seus domínios. Já fizemos tudo o que poderíamos se o senhor não aceitasse. Não há o que discutir. Não vim impor nada. Ou aceita ou não. Apenas demonstramos que não somos fracos. E digo-lhe que iremos mudar o rumo da história na Terra. Oferecemos a chance de participar. Como disse, senhor, é sua escolha aceitar ou não.

O mago negro se calou por alguns segundos e respondeu:

— Eu ficarei aqui. Assumam suas posições em meus domínios. Não sairei desta sala até lhe responder. Faça o que quiser, mas não invada esta sala ou nosso acordo estará quebrado. Se for trabalhar com você, saio daqui e vou para outro lugar. Respondo-lhe quando souber o que fazer.

Anderson disse:

— Certo. Eu lhe procuro.

Anderson saiu da sala e deu ordens ao comandante para ocupar o lugar, mas que não invadisse aquela sala, inclusive, colocou uma proteção fluídica para que isso não acontecesse. Iria esperar a resposta do mago negro.

Sob as ordens do comandante, as tropas invadiam o lugar e ocupavam os espaços, capturando quem estivesse pelo caminho. Das tropas da organização vencida, os poucos que resistiram foram presos, porém muitos conseguiram fugir. Grande parte ficou presa na contenção fluídica que Anderson armou e flutuando sem destino, até que, tempos depois, uma equipe do bem os socorreu e conseguiu salvar todos, pois estavam arrependidos.

Todos respeitaram a ordem de Anderson para não entrar na sala, que ninguém sabia o que tinha dentro. Anderson foi para o lado de fora, de um ponto que avistasse a tudo e ficou esperando, monitorando os movimentos. Na contagem terrena de tempo, dias se passaram. Anderson não fazia qualquer movimento e mantinha suas tropas no local. Até que o mago negro pediu que retornasse à sala, no que foi prontamente atendido. Ao chegar, Anderson o saudou:

— Saudações, senhor.

O mago negro não sorriu, mas devolveu o cumprimento:

— Saudações.

Ficou em silêncio e Anderson também não disse nada. Até que o mago negro se pronunciou:

— Tenho algumas condições...

Anderson perguntou:

— Quais são?

— Não irei ficar subordinado a ninguém, principalmente a Aluciphel ou a você. Trabalho sozinho. Serei eu ajudando a vocês, mas quero escravos novos e saber o que irei ganhar.

Anderson sorriu sarcasticamente:

— Escravos? Você quer saber o que vai ganhar? Vou lhe dizer... vai ter liberdade e não vai ficar subordinado a ninguém. Esse é nosso acordo. Vai fazer o que lhe pedimos, em troca, lhe fornecemos liberdade.

O mago negro respondeu:

— Mas isso não é bom para mim. Não é justo. Por que aceitaria um acordo como este? Você acha que está em condições de me afrontar? De ditar normas?

Anderson sorriu e disse:

— Não estou afrontando... estou dizendo a verdade. E quem não está em condições de algo aqui é o senhor. Se precisa de ajuda, devo lembrá-lo que acabou de perder seu povo e está em cárcere em seu próprio domínio. O que acha?

O mago negro soltou uma gargalhada que ecoou longe e depois disse, sorrindo:

— Você acha que não posso sair daqui?

Anderson olhou bem para ele e disse:

— Tudo bem. Pode tentar.

— Tentar? Não tento. Eu consigo.

Anderson guardou silêncio e o mago negro prosseguiu:

— Ainda estou aqui apenas para conseguir boas condições para mim, mas se não as conseguir, vou embora. E você? Todo arrogante? Está em uma sala vazia comigo... não tem medo? Ainda não te trucidei e acabei com todos os outros porque desejo vantagens... mas se não as der para mim...

Foi a vez de Anderson gargalhar e depois dizer:

— Você acredita mesmo que estamos sozinhos? Não achei que fosse tão ingênuo!

O mago negro franziu a testa e percebeu, estarrecido, Aluciphel surgir de um canto escuro da sala. O mago negro do castelo disse ironicamente ao outro:

— Saudações, meu amigo. Como tem passado? Vejo que não tão bem...

O mago negro tentava se refazer e não demonstrar tanta surpresa. Portanto ficou em silêncio e Anderson prosseguiu:

— Não há saídas para você. Aceite nosso acordo.

O mago negro perguntou:

— E a liberdade prometida?

— Você terá liberdade para trabalhar sem ser subordinado a ninguém. Mas estaremos atentos a você. Não conseguirá fugir — Anderson esclareceu.

— Então serei prisioneiro de qualquer jeito? — O mago negro perguntou.

Anderson respondeu:

— Não veja por esse lado... depois que cumprir com sua parte, poderá ir e fazer o que desejar.

O mago negro ficou em silêncio alguns momentos e logo em seguida perguntou:

— E o que tenho que fazer?

Anderson disse:

— Agir mentalmente nos homens na Terra para que façam o que queremos.

O mago negro argumentou:

— Mas isso vocês podem fazer.

Anderson explicou:

— Além de conseguirmos uma área maior, você agirá em homens que já estão acostumados com sua influência...

O mago negro sorriu fazendo expressão de quem finalmente entende um propósito:

— Entendo... quer agir nos homens importantes... Como sabia que eu os tinha?

— Descobrindo — Anderson respondeu brevemente.

Aluciphel esclareceu:

— Sabíamos de sua influência e que eles obedecem a você sem questionar. Sem sua ajuda seria um longo tempo até conseguirmos influenciá-los, o substituindo. Isso seria um atraso e um risco, pois poderíamos não conseguir exatamente o que desejamos fazer. Por isso, sua importância.

O mago negro ficou pensativo, mas em seguida se pronunciou:

— Eu quero parte nesse negócio.

Anderson sorriu e respondeu:

— Esse negócio não é seu. Não terá nada.

Mas Aluciphel olhou para Anderson e disse a ele:

— Vejamos o que ele quer, Anderson.

O general se calou e Aluciphel fez sinal com as mãos para que o mago negro prosseguisse:

— Quero ter direito a receber algumas almas depois que morrerem na Terra. Quero mil almas, que vou escolher.

Aluciphel se dirigiu a Anderson:

— O que acha?

Anderson respondeu:

— Se iremos dar algo a ele, isso não é nada demais. No entanto, podemos usar de veto com algumas, aquelas que desejamos também. Ele pode ficar com as que não nos interessa.

Aluciphel concordou com a cabeça e deu a palavra ao mago negro, que pensou um pouco, mas respondeu:

— Eu aceito.

Assim os três resolveram todos os detalhes e o mago negro se refugiou em outro lugar. Aluciphel retornou para o castelo e Anderson foi ao encontro das tropas passar orientações. Após todas as informações necessárias serem transmitidas ao comandante, Anderson resolveu retornar ao castelo com Patrício, pois o comandante ficaria com parte das tropas ocupando o lugar, apesar de não existir necessidade, pois que o objetivo havia sido conquistado. Mas para fins morais com as tropas, Anderson deu ordens para ocupação, porém avisou ao comandante que poderia enviar novas ordens em breve.

Parte da tropa retornou com Patrício e Anderson. Durante o retorno, o ex-chefe das masmorras disse, empolgado:

— Foi uma ação muito boa! Conseguimos dominá-los com facilidade!

Anderson concordou:

— Sim, vocês agiram muito bem.

No entanto, Patrício desejava maiores informações:

— Qual será o próximo?

Anderson apenas disse a ele:

— Não se afobe, Patrício. Haverá novas chances.

Assim continuaram o caminho de volta apenas conversando amenidades, pois Anderson se esquivava de responder qualquer pergunta sobre o planejamento.

Ao chegar ao castelo, Patrício e os soldados foram para seus alojamentos e Anderson foi recebido por Fabrízio, que eufórico, dizia:

— Soube que tudo correu conforme seus desejos!

Anderson respondeu:

— Sim, Fabrízio, correu, sim.

Assim como Patrício, Fabrízio queria mais informações sobre as futuras ações, mas Anderson também não respondeu, como anteriormente. Apenas lhe disse:

— Estou cansado. Depois falamos nisso. Preciso falar com Junes... depois nos encontramos.

Com isso, Fabrízio retornou a seus afazeres e Anderson, que não estava cansado, foi mesmo procurar Junes. Ao entrar no cômodo, o saudou:

— Saudações, curador!

Junes ficou feliz em ver Anderson e respondeu com alegria:

— Senhor Anderson! Que bom revê-lo! Tenho novidades!

— Espero que boas! — Anderson respondeu.

Junes explicou:

— Sim... muito boas! Consegui uma forma para ter total controle sobre a doença dos ratos, porque antes ainda havia pontos sem controle, mas agora não! Nada passará despercebido ou sem controle por nós! Além disso, sobre a doença lenta e fatal...

Fez uma pausa querendo provocar um clima de mistério. Anderson, que precisava ter muita

paciência com Junes, percebeu a intenção e seguiu de acordo:

— O que tem, curador? O que tem? O que descobriu?

Junes, sorridente, por crer ter provocado ansiedade em Anderson, respondeu feliz:

— Acalme-se, senhor Anderson! Posso lhe dizer! Consegui encontrar um jeito de provocá-la nos encarnados. Isso significa que não precisamos provocar sintomas anteriores, para que estes causem o início da doença. Podemos nós mesmos, usando o que descobri, desencadear a enfermidade!

A notícia era realmente muita boa para Anderson, que reagiu com espontaneidade:

— Mas isso é excelente, curador! Ótimo trabalho! Já tem tudo sob controle?

Junes respondeu:

— Não, senhor Anderson, mas trabalho nisso. Por enquanto sei o que fazer, mas não sei bem como fazer nos homens, entende?

Anderson disse:

— Sim, entendo, curador. Mas continue trabalhando que logo conseguirá, tenho certeza!

Assim, Anderson saudou o jovem, saiu do cômodo e se dirigiu até Aluciphel. Apenas ainda não sabia que falanges do bem já tinham ciência de seus planos com Junes para levar doenças potencialmente perigosas até os homens encarnados. E que essas mesmas falanges já planejavam invadir o castelo, envolver Junes e o levar para um lugar melhor, longe de sua ascendência. Na colônia espiritual onde planejavam a ação, um mentor olhou para o outro e disse em tom sério a respeito de Junes:

— Se não tirarmos ele de lá já, depois que contrair essa dívida, ficaremos impossibilitados.

Capítulo 7

Alguns dias se passaram e Anderson se preparava para iniciar suas ações com os encarnados na Terra. Estava com o artefato de palha em mãos e convicto a sair em comitiva até a crosta. Mas sentiu uma vibração diferente no mesmo instante em que Fabrízio chegou ao cômodo onde estava gritando apavoradamente:

— Estamos sendo invadidos!

Anderson, surpreso, reagiu nervoso:

— Invadidos? Quem tem essa audácia?

Fabrízio não sabia de quem se tratava:

— Não sabemos... é melhor vir ver...

Anderson saiu em disparada até uma das sacadas do castelo e, ao longe, detectou a vibração diferente que sentira. Não havia nada para se ver, apenas a vibração era sentida. Ele olhou para Fabrízio e perguntou:

— Como souberam que estamos sendo invadidos?

Fabrízio, muito tenso, respondeu:

— Eles estavam lá, Anderson! Eu pude vê-los, Patrício também viu e colocou as tropas em prontidão... mas agora, sumiram...

Anderson voltou a olhar para o horizonte e respondeu a Fabrízio:

— Não... não sumiram. Mas perceberam que tinham sido vistos e se esconderam. Continuam vindo e são competentes.

Imediatamente entrou em contato mental com Patrício, passando a seguinte mensagem:

— Patrício, coloque homens protegendo o castelo em todas as possíveis entradas e deixe um menor contingente na retaguarda.

Patrício respondeu também de forma mental:

— Entendi, Anderson. Mas eles continuam chegando?

— Não sei se pararam ou continuam em progressão. Mas estão lá. Faça isso e aguarde mais orientações — Anderson respondeu.

Da mesma forma que se comunicou com Patrício, assim fez com o comandante que estava com parte das tropas no local recentemente invadido:

— Comandante? Comandante?

Anderson não conseguia resposta do comandante, mas insistiu algumas vezes até obter sucesso.

— Sim, senhor — o comandante respondeu.

Anderson, furioso, perguntou:

— O que você está fazendo e onde está que não me responde?

— Desculpe-me, senhor, mas eu estava...

Anderson o interrompeu e disse:

— Não tenho tempo pra isso. Deixe o local imediatamente e venha para cá já! Estamos sendo invadidos. Venha em silêncio, à surdina. Se aproxime e espere minhas ordens. Tentaremos os surpreender por trás.

O comandante respondeu:

— Entendido, senhor. Estamos partindo imediatamente.

O comandante demorou a responder, pois ele e alguns soldados estavam realizando uma pequena festa particular, cujos detalhes são desnecessários citar. A questão é que ele e esses soldados não

estavam em condições fluídicas e vibratórias ideais para um combate.

Parados e escondidos, monitorando a tudo, estavam as tropas do bem. Eram inúmeras falanges do que hoje são conhecidos como caboclos, pretos-velhos, exus e vários espíritos que, na encarnação anterior, haviam sido soldados e estavam ao lado do bem. Os mesmos dois mentores que conversaram em uma sala de controle na colônia onde habitavam, comandavam a operação e trocavam informações dentro de uma proteção fluídica que impedia o monitoramento externo.

— Ele sabe que estamos aqui — o primeiro disse.

— Sim. E por isso se comunicou com seus auxiliares sem proteção. Tenta nos passar informações falsas — o segundo respondeu.

— Ele não tentará nos surpreender pelas costas.

— Não. Apenas quer que pensemos isso. Ele sabe que estamos o monitorando. Ele é muito capaz.

— O que faremos?

— Temos a vantagem de não sermos ouvidos por ele. Deixemos que ache que acreditamos em suas informações. Ele não sabe quantos somos.

Tentaremos entrar por essas “possíveis entradas” que ele disse, apenas para criar um chamariz. Depois que a atenção estiver voltada para este ponto, invadimos sem chamar atenção.

— Apenas nós dois?

— Levemos alguns magos também.

No castelo, Anderson foi até a sala de Aluciphel e criou uma bolha de proteção para sua conversa com o mago negro. Disse:

— Senhor, estamos sendo atacados e...

Foi interrompido por ele:

— Eu sei. Já passou informações falsas?

— Sim — Anderson respondeu.

— O que fará? — o mago negro perguntou.

— Eu mesmo protegerei Junes e aguardaremos a movimentação deles.

— Por que Junes? — O mago negro se interessou.

Anderson esclareceu:

— Eu sei quem eles são, senhor. Nenhuma horda seria audaciosa a ponto de nos atacar. Só podem ser do bem e do amor. E, se forem, quero proteger minha arma mais importante.

Assim, em estado de alerta, os dois lados se preparavam para o embate.

As equipes do bem ficaram sem qualquer movimentação durante um bom tempo, mas continuavam se fazendo presente para Anderson, de forma intencional.

E no castelo, Anderson transferiu Junes para outro cômodo, mais próximo da sala de Aluciphel, além de envolver o quarto com uma barreira fluídica. Passou apenas a observar e monitorar a movimentação das equipes do bem. Fabrízio, que estava com ele, percebendo a ausência de movimentação por parte das equipes do bem, indagou:

— Anderson, não há nada. Será que desistiram?

Mas Anderson sorriu e foi enfático:

— Não. Estão lá ainda. Apenas esperam o momento que consideram certo.

O cerco durou, em tempo terreno, aproximadamente dois dias, com a maior parte sem movimentação alguma. Isso era uma estratégia das

equipes do bem para minar a paciência do povo do castelo e gerar ansiedade. Mas não surtiu muito efeito em Anderson, nos demais, sim.

No entanto, após todo esse tempo, os mentores do bem que comandavam as ações dialogaram:

— É chegado o momento?

A resposta:

— Sim. Orientemos que nossos melhores soldados sigam e cumpram sua parte.

Dessa forma, espíritos que haviam sido guerreiros em encarnações anteriores marcharam rumo às entradas principais, laterais e dos fundos. Com eles, foram vários magos que caminhavam à frente e protegiam a investida, garantindo que a violência não existiria. Os mentores aguardaram.

Como a movimentação das tropas era feita de maneira visível a todos, Fabrízio se exaltou ao ver o deslocamento de soldados:

— Estão vindo, Anderson, estão vindo!

Mas Anderson se mantinha calmo:

— Não são todos.

— Como não? — Fabrízio indagou.

Anderson esclareceu:

— Primeiro porque não se envia tudo o que se tem no primeiro movimento. Depois porque suspeito que eles possam estar protegendo suas reais intenções a fim de nos confundir.

Mentalmente se comunicou com Patrício:

— Patrício, estão vindo. As entradas estão protegidas?

Mentalmente, Patrício respondeu:

— Sim, Anderson.

— Certo. Não ataquem. Esperem do lado de dentro em silêncio, sem movimentação, mas fiquem atentos. Somente ataquem se eles tentarem invadir de alguma forma. Entendido? — Anderson instruía o comandante interino das tropas.

Patrício respondeu:

— Sim, Anderson. Entendido.

Anderson continuou observando a marcha das tropas do bem em silêncio. Percebeu a presença dos magos à frente e sentiu que seus adversários contavam com artilharia pesada, mas não se intimidou. Confidenciou a Fabrízio:

— Eles planejam alguma coisa...

Pensou mais um pouco e disse:

— Fabrízio, lembra como chegar ao local onde coloquei Junes?

— Sim — Fabrízio respondeu.

— Vá até lá e fique de guarda na porta. A qualquer movimento, me chame imediatamente — Anderson orientou.

Fabrízio acatou prontamente. Anderson sabia que a presença de Fabrízio era irrelevante para impedir os avanços de quem pudesse querer resgatar Junes, mas julgou que seria avisado com maior facilidade. Anderson não foi soberbo, mesmo confiando em seus poderes. Colocar um vigia na porta para o avisar de um possível ataque, demonstrava que admitia que a movimentação poderia ser demais sutil, com isso, dificultando sua percepção. Para alguém ligado às trevas, apresentar superação da soberba ou ausência dela é muito significativo.

As tropas do bem, compostas naquele momento por guerreiros de outras encarnações liderados por magos, chegou o mais próximo possível das entradas e parou. Seguindo as orientações de Anderson, Patrício não ordenou ataque, apenas que

mantivessem silêncio, mesmo sabendo da presença do outro lado dos portões.

Anderson se concentrava em suas observações. Não tentava entrar na comunicabilidade dos estrategistas do bem, pois sabia que seria inútil.

Os magos, de forma demasiadamente lenta, iniciaram a formação de uma barreira sutil de força à sua frente, que subia do chão e se elevava cerca de cinco metros. Anderson observava e não entendia o motivo daquilo. Mesmo assim mantinha sua orientação para Patrício aguardar.

Os magos prosseguiam subindo a barreira fluídica sem serem incomodados pelas tropas do castelo, sob as ordens de Anderson. Enquanto isso, os dois mentores dialogavam ao longe.

— Já está em nosso momento, irmão?

— Não. Esperemos alguma movimentação do lado de lá. Mas entendo que para tanto, precisaremos realizar alguma ação mais contundente.

— Avisemos aos magos na frente de batalha?

— Sim. Mas espere que terminem a barreira protetora.

Assim, após os magos terminaram de colocar a proteção fluídica à frente das tropas do bem, foram avisados mentalmente por um dos mentores sobre a necessidade de alguma ação. Mas com uma ressalva:

— Não viemos atacar. Não viemos destruir. Viemos em paz. Apenas assuste sem ferir, para chamar a atenção. Depois permaneça em defensiva, mas permitindo que entendam que atacaremos a qualquer momento.

O mago que liderava na linha de frente respondeu positivamente e orientou aos demais para criarem bolas fluídicas que se posicionassem à frente dos portões e fossem jogadas contra eles, mas sem força suficiente para quebrá-los, apenas causando tremor e estrondo. Assim que as bolas fluídicas foram levantadas, Anderson arregalou seus olhos e avisou Patrício imediatamente:

— Patrício, Patrício, algo vai acontecer! Acho que atacarão os portões! Fique atento! Se os portões caírem, ataque sem piedade! Mas só se os portões caírem!

Patrício respondeu com entendimento e aguardou, assim como Anderson, o desenrolar dos acontecimentos. As bolas foram suspensas e jogadas contra os portões. Um enorme barulho se ouviu. Os portões balançaram bastante, pedras caíram pelas laterais, mas os portões permaneciam

de pé. Imediatamente os magos fizeram surgir mais daquelas bolas e iniciaram o mesmo movimento. Anderson apenas acompanhava.

Enquanto esta ação se desenrolava, os mentores dialogavam:

— Agora, irmão?

— Sim, agora. Chame os outros dois magos e iniciaremos nossa incursão.

Assim foi feito. Os outros dois magos que ainda estavam na retaguarda colocaram uma proteção nos dois mentores, assim como neles próprios, que permitia que suas vibrações fossem baixadas a níveis quase que imperceptíveis. Mas ainda assim poderiam ser descobertos, por isso, a necessidade da ação para desvio de atenção. Eles sabiam que seria difícil não serem notados, mas mantinham essa esperança, embora estivessem preparados para enfrentar o próprio mago negro, se houvesse necessidade. E ainda havia outro problema. Anderson havia colocado uma proteção fluídica no castelo. Passar por ela sem um arsenal muito grande, sem as tropas e os demais magos, seria muito difícil. Ou seja, apenas em um grupo com quatro integrantes, isso seria muito complicado. No entanto, cientes dessa situação, os mentores pediram aos magos que fizessem outra ação: que baixassem suas vibrações ao máximo possível, para que estivessem próximo do padrão vibratório da

proteção de Anderson. Assim, com algum esforço, conseguiriam passar. Isso era perigoso, eles sabiam. Mas não havia muitas opções menos perigosas ou arriscadas. Os magos realizaram o trabalho nos mentores e neles próprios. Dessa forma iniciaram, sem serem percebidos, o caminho até uma das laterais do castelo, longe dos portões secundários, que ficavam naquela ala da fortificação. Anderson, preocupado com as investidas dos magos, não percebeu a movimentação. Mas já começava a desconfiar de algo, pois já três tentativas tinham sido feitas e nenhuma derrubou os portões. Começou a achar que aquela ação não tinha o objetivo de derrubar nada. Mas ainda assim, aguardou. Evitando até mesmo pensar nesta possibilidade, com receio de que seus pensamentos pudessem estar sendo monitorados.

Ao chegarem ao limite da contenção fluídica, os mentores e os magos pararam e observaram, uma vez que a proteção era invisível aos demais, mas poderia ser percebida por eles. Os magos muito lentamente colocaram suas mãos na proteção para testar a potência vibracional. Um dos magos disse:

— É possível passar sem problemas com nosso estado atual.

Ele se referia ao estado vibracional. Um dos mentores, então, respondeu:

— Iniciemos a passagem. Um de cada vez, para não causar uma alteração muito grande.

Ele disse isso porque sabia que Anderson poderia sentir alterações na proteção. Então, quanto maiores fossem essas alterações, mais chances Anderson teria de senti-las. Ao invés disso, passando um de cada vez, essas alterações seriam menores e mais sutis, dificultando a percepção, que mesmo assim ainda poderia acontecer.

Todos passaram pela contenção de maneira individual.

Enquanto passavam, Anderson sentiu algo em seu campo vibracional, mas não soube identificar com exatidão. Ele sentiu uma alteração, mas não deu muita importância porque estava ocupado com as investidas das tropas nos portões. E como já desconfiava desta ação, prestava muita atenção a isso, relegando a vibração sutil que sentiu para segundo plano.

Os mentores e os magos entraram no castelo e ainda estavam despercebidos. Com a vibração que usavam e com certo “disfarce energético” não poderiam ser descobertos por ninguém, à exceção de Anderson e do próprio Aluciphel. Eles sabiam disso. Um dos mentores perguntou ao outro:

— Então, para qual lado?

Teve a resposta:

— Me acompanhem. Eu sei onde é. Conseguimos saber seguindo Junes.

O mentor quis dizer que, mesmo do centro de controle das forças do bem, era possível saber onde Junes ficava, através da identificação e monitoração de sua faixa vibracional. Mas foi interpelado pelo outro mentor:

— Mas e se ele estiver em outro lugar?

— Eu sei onde ele está agora, pois o sinto. Basta seguir isso — o mentor respondeu.

Ele quis dizer que já conhecia a faixa vibratória de Junes e a estava seguindo. Com isso, não estava indo ao lugar onde a equipe identificou que estaria, mas sim, indo ao local de onde a vibração de Junes emanava.

Dessa forma, percorriam os corredores do castelo e não havia ninguém no caminho deles. Após pouco tempo, chegaram próximo da porta de entrada do cômodo onde estava Junes e viram o inquieto e tenso Fabrízio andando de um lado a outro. Um dos mentores perguntou a um dos magos:

— Ele pode nos ver?

A resposta foi que não poderia. Mas o mentor continuou perguntando:

— Como passaremos por ele?

— Vamos devagar. Temos que ter cuidado para não fazer movimentos fortes para que não sinta alguma presença.

O mago quis dizer que não poderiam ter ações que pudessem desestabilizar o campo vibratório do cômodo, pois nesse caso, a vibração emanaria e Fabrízio poderia a perceber.

Foram lentamente em fila indiana, com um dos magos à frente. O primeiro passou e Fabrízio não o percebeu. E assim foi com o segundo, o terceiro e o quarto. Fabrízio não percebeu nenhum e todos já estavam no mesmo cômodo que Junes, que estava sentado e pensativo, alheio a toda movimentação dentro e fora da sala onde estava.

Contudo, Anderson percebeu que estava perdendo tempo observando as investidas infrutíferas das tropas do bem contra os portões. Naquele momento, lembrou da vibração alterada que sentira e teve certeza de que alguém estava no castelo. Pensou alto:

— Junes!

Transportou-se imediatamente para a porta de acesso ao cômodo onde havia deixado o curador.

Ao chegar, com o semblante preocupado, perguntou em tom ansioso para Fabrízio:

— Viu algo?

— Não, Anderson — Fabrízio respondeu.

Porém Anderson não perdeu mais tempo e abriu a porta abruptamente, deparando-se com as quatro entidades do bem. Que não se surpreenderam, pois já sabiam da presença do general mesmo quando ainda se deslocava para lá.

Alguns instantes de silêncio se deram. Anderson olhou para Junes, que já era envolvido por um dos magos brancos, mas não fez nenhuma ação. Olhou para o outro mago branco, que apenas o observava também. E finalmente, olhou para os mentores, que da mesma forma, olhavam para ele. Foram momentos de tensão. Anderson, mesmo muito forte, preferiu dialogar primeiro. Então disse:

— Vocês invadiram nossa propriedade.

Um dos mentores respondeu:

— Esta propriedade pertence a Deus, meu irmão. Nada é de posse nossa. Mesmo os locais que se dedicam à ausência de luzes pertencem a Deus.

Após perceber que sua primeira tentativa havia sido ineficaz, Anderson olhou para Junes e notou o envolvimento em estágio avançado. Imediatamente mentalizou um pedido de ajuda a Patrício, para que ele fosse para o local o mais rápido possível. Mas o segundo mentor conseguiu perceber a comunicação e disse a ele:

— Anderson, nada adiantará. Mesmo seus exércitos inteiros não podem combater a força irresistível de Deus. E esses magos estão conosco.

Sem fazer movimentos bruscos, Anderson atacou com um feixe de luz, mas um mago branco, que estava atento, tratou de cortar o efeito.

Anderson pensou: "Como? Como ele fez isso? Parece que já sabia..."

Neste momento, Aluciphel apareceu na sala. Os mentores não se moveram, mas um mago branco tomou à dianteira e apenas se colocou à frente do mago negro. A entidade do bem disse:

— Aluciphel... meu velho conhecido... voltamos a nos reencontrar...

Anderson se espantou, mas permaneceu em silêncio. O mago negro respondeu:

— Tem razão... novamente frente a frente... o que espera que eu faça?

O mago branco respondeu:

— O que entender que for melhor para você...

Aluciphel perguntou:

— Vocês querem Junes, não é mesmo?

— Ele não pode mais ficar aqui... precisamos retirá-lo agora — o mago branco respondeu.

Aluciphel continuou:

— Mas ainda não terminamos com ele...

— É por isso que ainda podemos levá-lo... e precisa ser agora — o mago branco explicou.

Nesse momento, Patrício chegou ao local com mais cinco soldados e Anderson bloqueou sua entrada, pedindo que esperasse o desfecho da conversa entre os magos. Aluciphel disse:

— Mas você sabe que eu não deixarei que vocês o levem... nós somos mais, mais fortes...

O mago branco retrucou:

— Mas nós estamos com Deus, irmão... nós iremos levá-lo... você pode colaborar e fazer isto do jeito certo ou...

Aluciphel interrompeu:

— Certo para quem? Para Deus? Ele não me diz nada! O meu certo é outro!

O mago branco, então, disse seriamente:

— Então, meu irmão, duelaremos aqui até o fim. Mas como das outras vezes, jamais há um vencedor... mas sempre consigo o que quero...

Aluciphel ficou pensativo e respondeu:

— Mas tenho Anderson... que não tinha antes... ele também não vai deixar Junes ser levado...

O mago branco respondeu:

— Mas eu tenho dois amigos meus — se referia aos mentores — que precisam levar Junes... e conhecem Anderson... sabem o que ele pode fazer e como fazer para o deter...

Anderson olhou bem para os mentores e não os reconheceu. Achou estranha aquela conversa, mas não a subestimou, ficando intrigado.

Aluciphel, no entanto, fez expressão pensativa e respondeu:

— É verdade...

Nesse momento, Anderson se intrometeu na conversa:

— Como é verdade? O que é isso? O que está acontecendo? Com todo respeito, senhor, mas de que lado o senhor está? Quem são eles? Como me conhecem? Responda essas, pois tenho muito mais!

Aluciphel virou de costas para o mago branco no intuito de ficar de frente para Anderson e explicar a situação, mas ao invés disso, deu sinal com o olhar para o ataque de Anderson, Patrício, Fabrízio e os soldados. O general entendeu e iniciou a ofensiva, sendo seguido por todos. Imediatamente, o mago branco que estava com Junes e já o tinha envolvido completamente, desapareceu junto com o curador. Anderson viu e tentou rastrear, mas o outro mago branco o impediu e contra-atacou em sua direção.

De um lado, havia os dois mentores e um mago branco. De outro, um mago negro, seu general, um comandante, alguns soldados e Fabrízio, que não sabia o que fazer. A batalha foi dura.

Neste momento da narrativa, decido não pormenorizar os fatos por julgá-los desnecessários para o entendimento da trama.

Ao fim de muito tempo de uma batalha que já havia sido perdida pelas trevas, pois Junes já estava em uma colônia do bem e em segurança, os

mentores e o mago branco conseguiram bater em retirada juntamente com todo exército do lado de fora do castelo.

Com a derrota definida, Anderson olhou para Aluciphel e disse a ele:

— O senhor tem muito há me explicar.

Aluciphel apenas o olhou de forma simples e respondeu:

— Acompanhe-me.

Eles rapidamente se dirigiram até a sala do mago negro. Anderson ficou em silêncio durante o percurso, apesar de extremamente contrariado por ter perdido Junes, a batalha e ter enormes dúvidas sobre os motivos dos mentores o conhecerem e ele não se recordar disto. O mago negro fez o mesmo. Mas ao chegaram e a porta ser fechada, Anderson expôs seus questionamentos:

— Primeiro me responda quem são eles, de onde me conhecem e por que não os reconheço.

Aluciphel respondeu calmamente:

— Primeiro, que você me diga como eles conseguiram entrar no castelo.

Anderson franziu a testa e, contrariado, argumentou:

— Mas esta informação é mais importante e...

Aluciphel o interrompeu:

— Questões referentes apenas a você são mais importantes do que as referentes a todos? Você acha mesmo que penso assim?

Anderson riu e respondeu:

— Você, Aluciphel, se preocupando com todos, ao invés de só com você?

O mago negro ficou em silêncio fazendo expressão séria e Anderson continuou:

— Preciso saber, senhor... o senhor precisa me dizer...

Aluciphel, então, disse a Anderson:

— São velhos conhecidos... estão ao lado das luzes... como você sabe. Você esteve com eles até pouco tempo atrás... ou não lembra?

Anderson respondeu:

— Sim... eu fugi das luzes... estava prisioneiro e os abandonei, vindo para cá...

— E não se lembra mesmo daqueles dois?

— Não — Anderson respondeu.

Aluciphel continuou:

— Você fugiu e veio para cá. Eles eram os responsáveis por o manter preso lá. Você não lembra, talvez por ter sofrido tanto por estar lá... Eles vieram atrás de você, pois conseguiram descobrir onde estava. Mas eu o protegi. Eu sabia quem eles eram. Você não, porque não se lembrava.

Anderson continuava questionando:

— Mas como sabiam como me deter?

— Porque te conhecem do tempo que ficou lá...

Anderson olhou bem para Aluciphel, ficando pensativo. O mago negro, por sua vez, o observava atentamente.

Nesse momento houve uma espécie de jogo de xadrez mental, onde Anderson tinha sérias dúvidas sobre tudo o que estava ouvindo de Aluciphel, mas não queria demonstrar isso em sua mente. Precisava esconder de alguma forma, pois sabia que o mago negro seria capaz de conseguir essa informação. E ainda não sabia ao certo o quanto mais Aluciphel sabia a seu respeito e não contava,

sobre seus poderes e capacidades e, inclusive, a forma de anulá-lo. Precisava, portanto, evitar pensar nas dúvidas, para não dar a chance de Aluciphel monitorar seu pensamento. Por outro lado, o mago negro tentava realmente conseguir saber o que Anderson pensava. Mas tinha quase certeza de que Anderson tinha muitas dúvidas, por isso queria saber realmente o que se passava, mas sem que Anderson desconfiasse. No entanto, com a movimentação preventiva de Anderson, estava difícil até mesmo para o mago negro descobrir, uma vez que a mente do general trabalhava em outras situações, projetando quadros secundários para a monitoração de Aluciphel.

Após alguns breves momentos de silêncio e estudo, Anderson disse:

— Com sua licença, senhor, pois preciso saber como eles entraram no castelo para poder lhe responder.

Aluciphel apenas consentiu com a cabeça. Mas o mago negro sabia que Anderson não havia aceitado tudo o que dissera. Tentaria o monitorar a distância. O que não era tão difícil, mas com a tática que Anderson adotara, poderia ser. Pois ele correria o risco de ser confundido com projeções mentais contraditórias em meio aos verdadeiros pensamentos. A batalha mental de xadrez entre Anderson e Aluciphel continuaria.

Capítulo 8

Os dias seguintes passaram tensos no castelo. Anderson não mais voltou a falar com Aluciphel, nem para lhe dizer como os mentores entraram. Havia descoberto, mas tinha a impressão de que o mago negro também já sabia e não queria conversar com ele naquele momento. Preferiu, portanto, evitar qualquer contato. Aluciphel, de sua parte, não fez questão nenhuma de saber por Anderson o que já havia descoberto sozinho. E nenhum movimento fez. Deixou que Anderson se sentisse à vontade. No entanto, ambos continuavam o jogo mental de mapeamento e monitoração de pensamentos.

Anderson começou a pensar no que faria sem a presença de Junes. Como daria prosseguimento ao plano sem contar com aquela peça, considerada fundamental. Isso lhe ocupou a mente por bastante tempo, fazendo com que o assunto sobre seu passado ficasse em segundo plano, mas não esquecido. Por um lado, ele achou interessante porque nublava o monitoramento de Aluciphel. Tentava pensar em seu passado, entre uma conjectura e outra sobre o planejamento, tentando com isso, dificultar o trabalho do mago negro.

No que se refere às tropas, Anderson precisava tomar uma atitude importante. O comandante fora chamado, não chegou a tempo e não ajudou em nada. Então, tomado de fúria contida por ter

perdido Junes, por saber que estava sendo privado de informações sobre seu passado e por ter a impressão de que estava sendo enganado, foi até o comandante, que dirigia um treinamento. Ao chegar, disse na frente de todos:

— Comandante! Venha imediatamente aqui!

O comandante dirigiu-se às tropas ordenando que parassem o treinamento e retornassem aos dormitórios. Mas Anderson deu outra ordem por cima:

— Não, soldados. Ordeno que fiquem onde estão!

O comandante olhou surpreso para Anderson, voltou-se para as tropas e apenas consentiu positivamente. Chegou perto do general e perguntou:

— Sim, senhor. No que posso ajudar?

Anderson foi enfático:

— Em nada! — dizia alto para que todos ouvissem. — Você é incapaz de ajudar em qualquer coisa! Você não tem competência para ajudar em nada!

O comandante se mostrava surpreso com a reação de Anderson e tentava o acalmar:

— Entendo, senhor, que não cheguei a tempo, mas...

Anderson o interrompeu novamente gritando para que toda tropa pudesse ouvir:

— Você acha que não sei o motivo da demora, de seu atraso? Você não tinha condições de vir... você abusou da minha confiança. Além de inútil, é um traidor!

O comandante tentou se defender:

— Traidor? Não sou traidor, senhor...

Anderson não queria ouvir mais nada e o interrompeu novamente:

— Nossa conversa termina aqui, comandante... para sempre...

Após dizer essas palavras, esticou seu braço e fez movimentos como se estivesse enforcando o comandante, mesmo sem o tocar. O comandante sentia-se sufocado e tentava se soltar, mas em vão. Quando já não mais aguentava, Anderson o largou e ele caiu ao chão. O general, então, chamou por Patrício, que estava por perto, e disse a ele:

— Patrício, leve este inútil para as masmorras e lhe dê uma recepção e uma estada de sua categoria. Mas deixe que o melhor eu mesmo farei.

O comandante foi levado por Patrício, mas antes que pudessem sair, Anderson pediu que retornassem. Na frente da tropa, do ex-comandante e de Patrício, de forma simples e seca, disse a todos:

— A partir deste momento, Patrício é o novo comandante.

Patrício sorriu e continuou seu trabalho com o ex-comandante. Anderson dispensou as tropas e retornou para seus pensamentos.

Anderson estava transtornado. Sua mente estava confusa e ele estava quase tomado pela ira. Mas sabia que precisava ter calma para acertar os planos. Não podia simplesmente sair pelo castelo mandando todos que encontrasse para as masmorras, como forma de punir o insucesso, como se ele próprio não tivesse culpa. Ou como se quisesse descontar nos outros sua própria frustração. No caso do comandante era diferente, Anderson já queria o tirar do cargo há muito tempo, aquela foi apenas uma oportunidade que aproveitou. No entanto, a vontade de Anderson era de exercitar sua ira nos outros. Mas, com grande frieza, se refugiou em seus aposentos durante alguns minutos para pensar e se acalmar. Ele sabia que não podia agir tomado pela raiva. Precisava ser calmo para ter clareza de raciocínio.

Depois de alguns minutos em silêncio e de olhos fechados, sua mente estava um pouco menos turbulenta e seu espírito mais calmo. Anderson sabia que mais do que isso não seria possível fazer, porque ele não podia esperar muito. Precisava começar a agir, pois não havia mais tempo a perder. Mas antes que pudesse pensar nos planos, lembrou-se de alguém. Fabrízio. Imediatamente, foi até seu auxiliar.

Anderson sabia que não poderia tratar Fabrízio como fez com o comandante, porque não queria se desfazer dele. Precisava ser firme, sem ser violento. Ter esse equilíbrio o incomodava um pouco, uma vez que não apresentava paciência suficiente para tratar de assuntos como este com tamanha diplomacia.

Ao encontrar Fabrízio, foi direto ao assunto:

— O que você estava fazendo na porta de Junes?

Fabrízio, com olhar assustado e temeroso, tentou responder:

— Anderson, eu...

Mas Anderson interrompeu:

— Eu quero saber o que eu mandei você fazer na porta de Junes. Você se lembra?

Fabrízio tentava responder, mas o nervosismo extremo não permitia um discurso limpo:

— Eu, sei, Anderson... foi que você... me pediu... e eu... mas...

Anderson balançava a cabeça negativamente, demonstrando extrema impaciência enquanto Fabrízio falava. Respirou fundo e, de olhos fechados para não explodir em ira novamente, o interrompeu:

— Eu mandei você ficar de guarda. E me avisar sobre qualquer coisa! E o que aconteceu? Quando cheguei lá tinha toda aquela gente lá dentro e você não viu nada! Como, Fabrízio? Me responda, como?

Fabrízio simplesmente não conseguia responder. A tensão era enorme para o auxiliar. Anderson percebeu e, como não queria o mandar para as masmorras, tentou ajudá-lo:

— Fique calmo e me responda devagar... você os viu ou não? Eu apenas preciso saber como entraram ali.

Com o tom mais baixo e menos ameaçador na voz de Anderson, Fabrízio sentiu mais confiança e conseguiu responder:

— Eu não vi, Anderson... — dizia Fabrízio com voz fraca.

Anderson fez expressão de contrariedade e respirou fundo novamente. Depois disse, mais calmo:

— Fabrízio, eu entendo que eles possuem a capacidade de entrar sem serem percebidos. Mas entendo também que se você estivesse mais atento, poderia suspeitar de algo e me avisar a tempo. Você não acha isso?

Fabrízio balançou a cabeça positivamente. Anderson prosseguiu:

— Como você espera que eu reaja, Fabrízio? Dei-lhe uma tarefa importante e você a executou com desatenção. E isso ajudou a nos fazer perder Junes.

Anderson fez uma pausa e observou Fabrízio. O auxiliar estava de cabeça baixa e demonstrava humildade, respeito e profundo arrependimento. Anderson podia perceber através de seu mapeamento mental. Continuou:

— Para que você possa continuar nesta posição, precisa se sentir nesta posição, entende? Não basta dizer que está comigo, me ajudando e servindo. Precisa entender o quanto isso é importante e se

dedicar com todas as suas forças. Eu não posso esperar menos do que isso.

Fez outra pausa e continuou mapeando Fabrízio. Depois prosseguiu:

— Você pode até falhar. Posso tolerar isso. Mas falta de atenção, de esforço, não.

Fabrízio continuava de cabeça baixa. Anderson respirou fundo e pensou bastante antes de se pronunciar. Mas disse ao auxiliar:

— Eu não vou lhe punir desta vez...

Fabrízio levantou a cabeça e mostrou um enorme sorriso de alívio. Anderson continuou:

— Mas saiba que estou perto de te punir de verdade. Não brinque comigo ou repita este comportamento só para ver o que farei. Não queira ver o que farei.

Antes que Fabrízio pudesse dizer algo, Anderson se virou e foi embora. O auxiliar estava aliviado, porém muito mais comprometido e tenso pelo que viria pela frente, seja lá o que fosse.

Anderson foi cuidar de seu planejamento. Precisava encontrar uma forma de substituir Junes dentro de seu esquema. Mas se atentou para um detalhe importante. Não conseguiria substituir

Junes com elementos parecidos. Precisava, pois, pensar em como substituir aquela fase, mas com ações diferentes. Mesmo que não tivessem o mesmo impacto.

Mais alguns dias se passaram. Anderson pouco se comunicava com os demais. Estava enclausurado em seu cômodo tentando resolver o problema do planejamento. Não quis saber sobre o comandante, sobre Patrício ou Fabrízio. Mas Aluciphel o chamou. Precisava atender, pois dias já haviam se passado e Anderson não lhe dava nenhuma satisfação. Mentalmente, respondeu que estava a caminho.

Ao chegar na sala de Aluciphel, se posicionou ao centro e aguardou, como era de costume. O mago negro lentamente se aproximou e, ao chegar bem próximo, disse a Anderson com baixo tom de voz:

— Você está desaparecido...

Anderson explicou:

— Tento consertar o plano.

O mago negro perguntou:

— E como está?

— Ainda não consegui — lamentava Anderson.

Aluciphel ficou em silêncio e se afastou um pouco. Parecia pensativo. Mesmo de costas para Anderson, perguntou:

— E como espera resolver isso?

— Vou resolver — Anderson respondeu.

O mago negro sorriu e comentou:

— Eu sei. Mas perguntei como espera resolver, não se irá resolver.

— Pensando, criando um jeito — Anderson foi evasivo.

O mago negro se aborreceu um pouco:

— Você não faz ideia de como, não é mesmo, Anderson? Acha que pode me iludir com essa conversa? Anderson... temos menos tempo...

Anderson se mostrou surpreso:

— Menos tempo? O que aconteceu?

Aluciphel respondeu:

— Apenas temos menos tempo. O que aconteceu foi que ficamos expostos. Todos ficaram sabendo que aqueles dois entraram aqui e resgataram Junes. Isso foi muito ruim para nós.

Precisamos recuperar o respeito, caso contrário, eles se unirão e irão tentar nos atacar e roubar nossa força. Precisamos agir com rapidez.

Anderson argumentou:

— Mas não encontro uma forma de substituir Junes...

O mago negro respondeu:

— Então faça sem isso. Mas comece imediatamente.

— Não posso começar um plano sem saber como fazer na metade... — explicou Anderson.

Mas Aluciphel estava irredutível:

— Se não começar de forma imediata, talvez não consiga começar. Sei que muitos já se reuniram e começaram a pensar em nos atacar. Estão ganhando confiança. Isso é ruim. Precisamos de algo para assustá-los.

Anderson deu uma sugestão:

— Vamos atacá-los.

— Atacá-los? — Aluciphel tentava entender.

— Sim. Recuperamos nosso respeito de forma direta e acabamos com o problema. Não precisaremos mais nos preocupar com eles — explicou Anderson.

Aluciphel argumentou:

— Mas, Anderson, são cinco organizações como a nossa...

— Não importa — Anderson dizia — atacaremos uma a uma... talvez não precisemos atacar as últimas.

O mago negro insistia em argumentar:

— E se as cinco resolverem se defender ao mesmo tempo?

Anderson foi categórico:

— Podemos vencer.

— Como pode ter tanta certeza? — o mago negro quis saber.

— Nossos homens estão bem treinados — respondeu.

Aluciphel ficou pensativo por alguns instantes. Andou pela sala em silêncio até que novamente se virou para Anderson e disse:

— Prepare tudo. Vamos atacar.

— Entendido — Anderson respondeu.

Aluciphel deu mais algumas orientações:

— Enquanto isso, tem mais tempo para pensar no que fazer.

— Eu sei — Anderson disse.

Assim, Anderson saiu da sala de Aluciphel com a missão de preparar o exército e todo o esquema de ação de guerra. Momentos difíceis estavam por vir.

Capítulo 9

Após alguns dias de preparativos com as tropas, onde Patrício mostrou-se extremamente confiante e ansioso para liderar o exército nas batalhas, Anderson reuniu-se com Aluciphel e com o novo comandante do exército para estabelecer as estratégias de ataque.

Reunidos na sala de Aluciphel, onde uma grande mesa era utilizada como apoio para mapas e maquetes, os três líderes da organização planejavam suas ações. Aluciphel disse:

— Alguns de nossos inimigos, após nos espreitar e notar nosso silêncio, pretendem agir com rapidez. Precisamos ser mais ágeis que eles. O que tem, Anderson?

Anderson tomou a palavra:

— Eu sei quem são estes... são exércitos do sugador de energia, do belo e do bárbaro.

Patrício interrompeu confuso:

— Belo, bárbaro, sugador de energia? São esses os nomes deles?

Anderson explicou:

— Não. São nomes que eu dou para facilitar sabermos quem são. Como dizia... sozinhos não são sérios problemas para nós. Mas juntos, podem dar trabalho, mas não a ponto de nos derrotar. Se estão confiantes, deixem que fiquem, pois assim serão derrotados.

Aluciphel argumentou:

— Mas não são apenas estes. Há mais dois inimigos que se apresentam mais ousadamente.

Anderson reagiu:

— Eu sei, Aluciphel. Mas não deixaremos que se unam. Temos que os isolar. Os cinco juntos podem nos causar problemas. E creio que se acabarmos com os três primeiros, os outros dois não criarão problemas.

O mago negro perguntou:

— E como pretende fazer isso?

Anderson respondeu:

— Eles acreditam que estamos acuados e enfraquecidos. Deixemos que tentem nos atacar. Não estaremos mais aqui, mas eles acharão que sim. Quando estiverem perto, não o suficiente para invadir o castelo, os emboscamos no caminho, pelos lados, por trás e pela frente, por todos os

cantos. Será um ataque surpresa e sem chance de defesa. Aluciphel, eles pretendem mesmo nos atacar ou teremos que dar alguma isca?

O mago negro respondeu:

— Gostei de sua estratégia... sim... eles pretendem nos atacar.

— Os três ou apenas um de cada vez? — Anderson perguntou.

— Ainda é cedo para saber, mas parece-me que os três — Aluciphel esclareceu.

Anderson comentou:

— Melhor assim. Você e eu, Aluciphel, criaremos a ilusão neles de que estamos fracos e precisam nos atacar aqui, pois não iremos sair. Quando resolverem vir, agiremos com Patrício e os homens.

Patrício perguntou:

— Mas, Anderson, como sabe que eles cairão nesta emboscada? Como sabe que não descobrirão que estão sendo enganados por vocês?

Anderson sorriu e disse:

— Meu caro, Patrício... temos que saber com quem lidamos antes de pensar em estratégia. O sugador de energia não é conhecido por sua inteligência e astúcia. Quer se apropriar do que não é dele sem precisar tramar para isso. O belo preocupa-se mais com sua aparência, por isso sempre está voltado para questões menores, que estão no entorno da questão principal, pois não consegue enxergar o que importa, a inteligência e não a beleza. Facilmente de se enganar com iscas bonitas. E o bárbaro consegue ser mais estúpido que o sugador de energia. O que tem de força lhe falta em inteligência. São facilmente enganados e manejados. Estão juntos porque se apoiam um no outro, mas não sabem somar suas forças e acabam somando suas fraquezas. Com isso se tornam mais vulneráveis, se soubermos agir com inteligência.

Aluciphel concluiu:

— Comecemos já.

Anderson orientou o comandante das tropas:

— Patrício, não faça nenhum alarde. Suspenda todos os treinamentos e não dê satisfações. Apenas não faça nada nos próximos dias, mas saiba que poderemos agir a qualquer momento. Faça isso. Por enquanto, Aluciphel e eu estaremos agindo.

Aluciphel disse a Patrício:

— Está dispensado.

Patrício saiu da sala e deixou Anderson e o mago negro iniciando o processo de manipulação através do poder mental.

Foi Aluciphel quem sugeriu a seu homem forte:

— Usemos nossa maior força...

Anderson logo soube que Aluciphel falava da energia do castelo, concordando mentalmente. De imediato, se transportaram para a sala da energia. O mago negro se dirigiu à fonte e colocou sua mão na saída do fluxo, retirando, através de sua capacidade especial de manipulação fluídica, uma quantidade mínima para seu uso. Tal quantidade, apesar de pequena, seria suficiente para o intuito. Anderson fez o mesmo, já que possuía a mesma capacidade de manipulação fluídica que Aluciphel. Em poder da energia, ambos retornaram à sala do mago negro.

Ao retornarem, Aluciphel absorveu mentalmente a energia que retirou da fonte. Como fosse oxigênio para os encarnados, enviou a energia à mente, aumentando e abrilhantando sua capacidade de manipulação mental. Anderson fez o mesmo. Com suas capacidades ampliadas, sentaram-se em tapetes individuais como mestres yogues e, de olhos fechados, iniciaram o processo.

Esta primeira etapa durou horas, na contagem de tempo da Terra, apenas para que os amigos tenham entendimento sobre sua duração. Neste processo, eles apenas mentalizavam os líderes das organizações e enviavam as mensagens que desejavam, cujos conteúdos eram de que estavam fracos e poderiam ser atacados. Isso, claro, de forma muito sutil, atingindo apenas o nível inconsciente de cada um dos líderes. Mas de forma intensa.

Após essa etapa, Anderson e Aluciphel abriram seus olhos e o mago negro orientou:

— Agora que já preparamos o que desejamos, vamos até eles para que vejamos como estão e se já reagem ao que fizemos.

Anderson argumentou:

— Não acredito que já estejam reagindo...

O mago negro respondeu:

— Sim. Eles não são capazes de reagir com essa velocidade. Mas precisamos ir para ver diretamente como estão, se a ponto de perceber algo ou não e, então, podemos retornar e agir de acordo. Além disso, precisamos ir para ver o que já preparam.

— Nada — Anderson disse — não preparam nada. Eu sei disso. Esperam partir para o ataque a

qualquer momento, mas sem muitas preocupações com a preparação. Porque se consideram fortes demais e nós, fracos demais.

— Eu sei — Aluciphel respondeu.

Assim, em desdobramento, e de forma que não fossem percebidos, visitaram cada um dos três líderes. E encontraram exatamente o quadro que esperavam. Seus possíveis adversários ainda não reagiam ao conteúdo inconsciente e não pensavam em planejamento, mas cogitavam a possibilidade de agir a qualquer momento.

Anderson comentou ao retornarem:

— Eles são muito fracos, Aluciphel. Eu quase acho que estamos nos preocupando demais. Se fôssemos direto e os atacássemos em seus domínios, igualmente venceríamos.

Aluciphel apenas sorriu e respondeu:

— Eu sei que você não funciona assim, Anderson...

Anderson sorriu de volta e disse:

— Não peço para fazermos assim, mas disse que se fizéssemos nos sairíamos bem.

Fez uma pausa e complementou:

— Eles estão prontos para que comecemos a pressão para atacarem, porque já pensam muito nisso.

Aluciphel concordou e eles retornaram às posições yogues.

O que Anderson quis dizer é que no conteúdo consciente de suas mentes, já constava o desejo de atacar a qualquer momento. O que iriam fazer no próximo passo era incentivar esse desejo consciente com as informações inconscientes que haviam plantado na primeira etapa, novamente utilizando a força mental para isso.

Pela contagem terrena, horas ininterruptas foram gastas na mentalização. Após esse longo período, Anderson abriu seus olhos e sugeriu mentalmente que Aluciphel fizesse o mesmo. O mago negro atendeu e o general comentou:

— Foi um trabalho muito bem-feito devido à fragilidade deles.

O mago negro consentiu, mas fez uma advertência:

— Concordo. Mas não devemos ficar despreocupados. O pior que pode acontecer é sermos derrotados pela certeza da vitória.

Anderson sorriu maliciosamente e respondeu:

— Concordo, mas isso também nos é útil caso eles entendam que estamos confiantes enquanto nos consideram fracos. Assim eles podem ficar negligentes. É mais uma força para nós.

Aluciphel sorriu, mas se concentrou novamente, como se estivesse recebendo informações ou captando algo e disse:

— Espere, Anderson...

O general se concentrou também e conseguiu entrar na mesma frequência vibracional de Aluciphel. Depois de alguns instantes, disse empolgadamente:

— Funcionou!

Aluciphel sorrindo, concordou:

— Sim! Foi muito rápido...

Eles captaram uma conversa entre os três líderes das organizações, onde eles concordavam que deveriam atacar neste momento, pois a organização do castelo estava enfraquecida e exposta.

Anderson se admirava com tamanha inocência dos líderes ao acreditarem facilmente em suas projeções mentais.

Aluciphel comentou:

— Acreditava que pudessem estar nos enganando... tamanha a facilidade que encontramos... mas vejo que são mesmo fracos...

Anderson, sem perder tempo, disse ao mago negro:

— Comecemos a nos preparar para a batalha de verdade.

O general saiu da sala de Aluciphel e foi ao encontro de Patrício para lhe dar a notícia de que as ações com as tropas iniciariam, enquanto o mago negro permaneceu monitorando a movimentação das organizações inimigas.

A guerra nas trevas iria começar.

Capítulo 10

Patrício tratou de reunir as tropas e passou todas as informações que Anderson havia transmitido. As tropas sofreram novas separações, ficando reunidas por setores e com cada grupo cobrindo uma entrada do castelo. Além disso, alguns grupos ficaram espalhados pelo perímetro mais próximo ao castelo, devidamente camuflados, enquanto demais grupamentos foram posicionados mais distantes, ocupando posições no caminho das tropas inimigas.

Em pouco tempo, o exército já estava posicionado e camuflado, apenas aguardando as orientações do comando.

Anderson retornou até Aluciphel para saber mais informações sobre os exércitos inimigos. Ao chegar, o mago negro tratou de lhe informar:

— Já estão com tudo preparado. Mais um pouco e virão.

Anderson disse em seguida:

— Já estamos preparados e esperando a ação deles. Precisamos, agora, passar fragilidade, mas sem chamar atenção demais.

O mago negro comentou:

— Anderson, o que precisamos é não fazer nada.

— Nada? — Anderson perguntou.

O mago negro esclareceu:

— Sim, nada. Não enviaremos nenhum movimento. Eles irão tentar nos monitorar.

Anderson concordou:

— Mas é isso que estou lhe dizendo, Aluciphel. Passar fraqueza, mas sem chamar atenção. E como passamos fraqueza? Dando a impressão de estarmos acuados em nosso próprio campo, sem realizar qualquer movimentação. Mas não podemos ir com isso até o fim, porque podem estranhar. Em certo momento, após estarem mais próximos, enviaremos mensagens de que iremos reagir, mas sem força. Apenas para que se convençam que não nos entregaremos sem luta, pois é isso que esperam de nós.

Aluciphel concordou:

— É mesmo isso. Vamos trabalhar.

E assim, Anderson e Aluciphel retornaram às posições yogues e continuaram emitindo as vibrações que desejavam para os líderes das três organizações.

Após algum tempo, Anderson abriu seus olhos e disse a Aluciphel:

— Estão vindo. Em pouco tempo estarão próximos.

— E como faremos? — Aluciphel perguntou.

— Não sei... — Anderson respondeu com voz rouca e fraca demonstrando hesitação e medo.

O mago negro se pronunciou:

— Mas não podemos terminar assim!

Anderson respondeu no mesmo tom melancólico:

— Mas são muitos... ficaremos dentro do castelo e tentaremos nos defender...

Aluciphel comentou:

— E se estiverem nos ouvindo agora?

Anderson respondeu:

— Não... não estão... não podem ser tão fortes assim... não acredito nisso.

O mago negro esperou alguns instantes e disse ao general:

— Não sei... pode ser que sim... será mesmo que não?

Anderson respondeu com convicção:

— Não. Não podem nos ouvir... estamos seguros. Prepararei nossas defesas. Reforçarei as entradas principais com o máximo de homens.

Os dois fizeram uma pausa e Anderson concluiu:

— Nossa única chance é se não entrarem no castelo. Se entrarem, estaremos perdidos... Prepararei os homens...

Após alguns segundos de silêncio, Anderson disse:

— Está feito... eles nos ouviram e acreditaram... não mais nos escutam agora.

Aluciphel comentou:

— Sim, eu sei. Mas será que acreditaram mesmo nessa conversa?

Anderson respondeu:

— Sim... acreditaram, sim... lutaremos com asnos...

— E como será a batalha? O que pretende fazer? — Aluciphel perguntou.

Anderson respondeu:

— Deixaremos que cheguem bem perto...

No local onde as tropas inimigas estavam reunidas, os três líderes conversavam animadamente. O sugador de energia, disse:

— Eu avisei que seria assim... estão com medo... somos mais fortes... atacaremos no campo deles e tomaremos o castelo!

Eles haviam acabado de ouvir a conversa entre Anderson e Aluciphel através de monitoramento mental, mas apenas ouviram a conversa falsa, a qual o mago negro e seu general permitiram que ouvissem. O bárbaro se pronunciou:

— Marchemos agora!

Mas o belo comentou:

— Antes precisamos saber como ficaremos depois que tomarmos o castelo.

O sugador de energia pediu explicações:

— O que isso significa?

O belo explicou:

— Quem será o novo rei do castelo? Quem de nós três será o novo líder? Afinal, somamos forças para vencer, mas como faremos depois?

Houve um silêncio entre os três. Estavam se entreolhando e tentando entender a situação. A vaidade estava os derrubando antes mesmo da batalha começar.

Mas o sugador de energia deu o veredito:

— Não podemos deixar que isso nos impeça agora. Precisamos ir. Não sabemos o que acontecerá conosco. Depois da batalha vencida, veremos o que faremos. Todos concordam?

Foi um discurso de bastante lucidez. Não havia motivos para que o belo e o bárbaro discordassem. Ambos, apesar de não dizerem nada, deram seus consentimentos não verbais. Após isso, o sugador de energia declarou:

— É hora de irmos! Comecemos a deslocar os exércitos para o castelo!

O bárbaro concordou:

— Isso! Comandarei pessoalmente as tropas!

O belo adicionou:

— Estarei na retaguarda dando apoio no caso de tentarem nos surpreender.

O bárbaro riu alto do que dissera o belo e comentou:

— Não gosta de batalhas? Prefere ficar apenas observando? Ou acredita mesmo que poderão nos surpreender?

O belo respondeu:

— Não sou como você e isso você já sabia. Mas não sou covarde, se é isso que deseja saber. E acredito que precisamos nos cobrir de cuidados e precauções, porque...

O bárbaro o interrompeu:

— Besteira! Não precisamos disso! Eles estão acuados! Você não ouviu? Basta atacarmos sem piedade! É muito bom que você fique no final mesmo...

O belo apenas ficou olhando para o bárbaro, revelando animosidade. O sugador de energia percebendo a situação, resolveu voltar ao assunto da batalha:

— Ataquemos já!

Dessa forma, o bárbaro ficou à frente das tropas, o sugador de energia se posicionou no meio e o belo no final dos exércitos. Iniciaram a marcha não muito longa até o castelo. A tática era simples: marchar até as portas do castelo e atacar sem piedade.

Não havia um plano para caso algo desse errado. Ou seja, não havia preparação alguma. Eles confiavam plenamente no que haviam escutado.

No castelo, Anderson olhou com um sorriso malicioso para Aluciphel e disse:

— Estão mesmo vindo... são tão inocentes que quase não acredito que estão fazendo mesmo isso... é quase coisa de criança... se não for...

Aluciphel sorriu e respondeu:

— Em pouco tempo, chegarão aonde queremos. Já está tudo pronto?

Anderson disse ao mago negro:

— Sim. Patrício já está posicionado com as tropas. Tudo está pronto. Não teremos piedade.

Mas o mago negro advertiu:

— Anderson... quero-os inteiros na minha frente...

Anderson sorriu e respondeu:

— Sim... eu também não quero perder esse espetáculo...

A marcha das tropas aliadas já havia começado e em pouco tempo já estariam posicionadas onde Anderson queria. Ciente disso, o general entrou em contato mentalmente com Patrício:

— Patrício... está em posição?

Da mesma maneira mental, o comandante do exército do castelo respondeu:

— Sim, Anderson. Já estou posicionado.

Anderson o atualizou com informações:

— Estão a caminho. Mantenha-se como está até minha ordem.

— Sim, senhor — Patrício respondeu.

O mago negro sentou-se em seu trono no intuito de monitorar mentalmente a marcha inimiga. Anderson saiu da sala de Aluciphel e foi ao encontro de Fabrízio. Já sabia onde estava e ao encontrá-lo, disse:

— Fabrízio, venha comigo.

Foi atendido sem questionamento. Eles se dirigiram para a sacada principal do castelo, que podia ser vista ao longe. Ficaram em silêncio todo o percurso. Fabrízio queria fazer perguntas, mas preferiu ficar calado. Ao chegarem, Anderson disse a seu ajudante:

— Fabrízio... confio em você. E sei que poderá cumprir com a missão que lhe confiarei.

Fabrízio, em silêncio e assustado, ouvia com atenção as palavras de Anderson, que prosseguiu:

— Tenho plena certeza de que pode e conseguirá realizar o que lhe confiarei. Está disposto?

Fabrízio respondeu prontamente:

— Sim, Anderson, estou disposto.

Mas Anderson argumentou:

— Não disse do que se trata. Como já pode dizer que está disposto?

Fabrízio explicou:

— Estou disposto a provar que tenho valor. Sei que tenho defeitos, que cometo erros, mas tenho valores. E para isso, Anderson, faço o que for. Confio em você como você confia em mim. Por

isso, se diz que posso realizar, eu aceito qualquer desafio.

Anderson, surpreso, mas satisfeito com a resposta, passou a explicar o que desejava que Fabrízio fizesse. Após as explicações, Fabrízio saiu da sacada para cumprir sua missão e Anderson ali ficou, olhando para o horizonte, aguardando a chegada das tropas inimigas.

Capítulo 11

A marcha dos exércitos aliados avançava e, depois de algum tempo, se aproximava do local onde Patrício estava com parte das tropas do castelo. Eles pararam e o sugador de energia perguntou ao belo e ao bárbaro:

— Podemos enxergar o castelo?

O bárbaro respondeu:

— Não...

Mas o belo deu uma resposta mais completa:

— Não podemos, é certo... mas a essa distância, fica mais fácil tentar ver com os olhos fechados...

— Faça isso — o sugador de energia orientou.

Belo se referia à possibilidade de uma espécie de vidência. Devido a suas limitações, precisava estar próximo ao local desejado. Outros espíritos, como Anderson, por exemplo, podiam ver o local que desejassem, a qualquer distância.

Ele fechou seus olhos e depois de algum esforço, narrou o que viu:

— Aquele menino está na sacada do castelo... parece nervoso... olha para todos os lados... está com medo...

O sugador de energia quis se certificar:

— Você fala de Anderson? O novo herdeiro de Aluciphel?

Belo respondeu:

— Sim... ele mesmo... se está assim, nervoso... podemos seguir sem problemas...

O bárbaro se pronunciou:

— Vamos agora! Sem demoras!

Mas o sugador de energia não tinha tanta certeza:

— Acalme-se... pode ser um truque.

— Um truque? — o bárbaro não entendia.

O sugador de energia explicou:

— Sim... ele fica demonstrando nervosismo, mas pode estar calmo e quer que pensemos que está nervoso...

O belo argumentou:

— Apesar de não ser totalmente estúpido o que você disse, não acredito ser isso que aconteça. Não se lembra da conversa dele com Aluciphel? Estão com medo. Avancemos e tomemos o castelo!

O sugador de energia ficou pensativo alguns momentos e logo respondeu:

— Certo... avancemos...

Dessa forma, o bárbaro deu sinal para que as tropas continuassem a marcha. Eles estavam muito próximos de Patrício. Anderson sabia disso e entrou em contato mentalmente com o comandante:

— Patrício... me escuta?

O comandante respondeu também mentalmente:

— Sim, Anderson...

Anderson continuou:

— Eles estão se aproximando de você... deixe-os passar e não permita que os vejam... entendido?

Patrício respondeu:

— Certo... já posso vê-los...

Anderson fortaleceu suas orientações:

— Patrício... é importante que não os vejam... não faça nada e não permita que os homens façam...

O comandante acalmou Anderson:

— Pode confiar, Anderson... eles passarão sem nos notar...

O general concluiu:

— Certo... aguarde mais instruções minhas...

Patrício respondeu:

— Certo, Anderson... entendido.

Assim, Patrício orientou seus homens e todos se esconderam ainda mais, permanecendo em estado total de silêncio. Não seriam notados.

A marcha avançava e os aliados atravessavam lentamente pela posição onde Patrício e seus homens estavam, mas sem ter a mínima desconfiança desta proximidade. Até que o exército inimigo passou por completo do ponto de camuflagem, se aproximando do castelo. Mas antes que prosseguissem, o belo pediu que interrompessem a marcha, sendo obedecido pelo bárbaro, mas o sugador de energia quis saber o motivo e o belo explicou:

— Vejamos novamente o castelo...

O sugador de energia concordou e o Belo, então, disse:

— Creio que o menino já nos vê... sua expressão de medo é enorme...

O sugador de energia pediu que a marcha prosseguisse e foi atendido pelo bárbaro. Os aliados seguiram sem mais interrupções.

Anderson acompanhava a tudo atentamente, monitorando cada metro avançado pelas tropas inimigas, esperando apenas o momento certo para agir. Aluciphel se comunicou mentalmente com ele:

— Anderson... estão onde nós queremos?

O general respondeu:

— Ainda não... só mais um pouco e estarão...

Foram mais alguns minutos de marcha. Silêncio de ambos os lados. Ninguém dizia nada. Um enorme vazio sonoro preenchia o cenário da batalha. Os aliados que pretendiam tomar o castelo entendiam que ainda faltava algum terreno para a ação, pois a fortificação ainda estava um tanto distante, apesar do contato visual. Mas Anderson sabia que a batalha estava prestes a começar.

Subitamente, Anderson prestou bastante atenção e disse de forma mental para apenas um de seus comandados:

— Agora...

A resposta foi imediata com o entendimento. Então, na sacada, Anderson pegou uma grande bandeira branca e a sacudiu, simbolizando que o povo do castelo se rendia.

Belo foi o primeiro a avistar e dizer:

— Ele está se rendendo! Vencemos! Vencemos sem mesmo lutar!

O sugador de energia quis entender:

— Se rendendo? Como se rendendo?

— Não vê? — Belo perguntava — ele está acenado uma bandeira branca na sacada.

Mas o sugador de energia era cauteloso:

— Se é assim, ordene para que desça e venha até aqui. Iremos esperar.

Belo tentou um contato mental com Anderson:

— Anderson... entendemos seu gesto como rendição. Mas ordenamos que venha até aqui se

entregar. Se fizer isso, não atacaremos ou destruiremos o castelo.

O general de Aluciphel demorou um pouco a responder, mas disse:

— Entendido... aguardem-me.

Assim, saiu da sacada e se dirigiu até a entrada principal do castelo. Os portões se abriram e Anderson passou a caminhar na direção das tropas inimigas. Mas parou no meio do caminho, indicando que desejava que alguém fosse até ele.

Belo entendeu, mas logo se antecipou em dizer:

— Que audácia! Quer nos ver indo até ele!

Mas o sugador de energia retrucou:

— Não vejo entraves... funciona mesmo assim.

O bárbaro consentiu com o sugador de energia e disse aos outros dois:

— Vocês podem ir e eu fico à frente do exército. Qualquer problema, dou ordens de ataque.

O belo e o sugador de energia concordaram, iniciando a caminhada até Anderson.

Mentalmente, Anderson disse a Patrício:

— Prepare-se, Patrício, para atacar por trás...

Patrício apenas respondeu:

— Estamos prontos e sedentos...

O belo e o bárbaro chegaram até Anderson e estavam apenas a alguns metros de distância. Foi o belo quem se pronunciou:

— Está rendido, Anderson... entregue-se e o pouparemos de tortura eterna e da humilhação diante de todos...

Anderson não respondia, apenas ficava olhando para o belo e o sugador de energia, que se impacientou:

— Não vê que estamos perdendo tempo com ele! Vamos capturá-lo de vez!

Anderson olhava com expressão debochada. Mentalmente partiu a ordem:

— Agora, Patrício...

Quando Belo suspeitou que algo pudesse estar errado, apenas foram ouvidos os gritos dos homens de Patrício atacando as costas do exército aliado. Não houve chance para os homens da retaguarda e rapidamente a destruição se deu.

Enquanto belo e o sugador de energia olhavam para trás, Anderson se afastou, mas ainda mantendo-se no campo de visão deles. Os dois não sabiam ao certo o que fazer, menos ainda o bárbaro, que apenas tentava se defender.

Anderson deu ordens para que outras partes do exército do castelo partissem ao ataque. Os aliados estavam emboscados e praticamente dominados. Foi então que diante dos olhos do belo e do sugador de energia surgiu algo que os deixou sem ação, enquanto Patrício procurava avidamente pelo bárbaro para um confronto direto.

Capítulo 12

À frente de belo e do sugador de energia havia dois espíritos de Anderson: um que estava mais afastado e outro que chegava naquele momento. O sugador de energia tentou entender a situação e se antecipou ao falar:

— Um deles não é verdadeiro!

Mas o Anderson que se aproximava respondeu com calma:

— Somos os dois verdadeiros. Existimos.

Enquanto os dois líderes aliados estavam estarrecidos, não perceberam a aproximação sutil de Aluciphel, que os capturou e os prendeu em uma redoma de energia. E sem dizer absolutamente nada, os levou para sua sala.

O Anderson que havia se aproximado depois, se dirigiu ao Anderson que chegou primeiro e disse:

— Bom trabalho, Fabrízio... eles acreditaram o tempo todo.

Quando Anderson levou Fabrízio até a sacada, disse que ficaria escondido, mas que plasmaria sua forma no auxiliar para enganar os inimigos, com isso, ele, o verdadeiro Anderson, poderia agir sem ser notado. Uma estratégia brilhante e bem

executada. Confundiu a adversário e possibilitou que agisse livremente.

Enquanto Anderson conversava com Fabrízio, o exército aliado já estava totalmente vencido pelas tropas do castelo. Patrício havia encontrado o bárbaro e o enfrentado em um duelo difícil, mas vencido pelo comandante da horda de Aluciphel.

O próprio Patrício tratou de imobilizar o adversário e o entregou para Anderson, que o colocou em uma redoma fluídica, assim como Aluciphel fez com os outros. Depois, o levou até o mago negro.

Patrício e Fabrízio comandaram a prisão de todos os homens do exército aliado que ainda restavam, pois muitos haviam fugido.

Na sala de Aluciphel, ele apenas aguardava a presença de Anderson para iniciar a conversa com os líderes que tentaram tomar o castelo. Com a chegada do general com o terceiro prisioneiro, o mago negro disse:

— Anderson, o coloque na parede junto com os outros... comecemos a conversa.

Anderson apenas sorriu e obedeceu ao mago negro, que andou calmamente até seu trono e sentou-se nele, para depois ser irônico com os três líderes aliados enquanto dizia a seu general:

— Você não me disse que entraríamos em guerra? O que aconteceu? Já acabou?

Anderson seguindo o tom de Aluciphel, respondeu:

— Eu acreditei que sim, mas começou e já acabou... o que fazer?

O mago negro levantou-se abruptamente e com expressão séria. Andou rapidamente para próximo dos líderes e quando estava bem perto, disse aos três em tom elevado:

— Acreditaram que poderiam nos vencer? Acreditaram que estávamos vulneráveis? Vocês são tão incompetentes que acreditaram em tudo que dissemos e fizemos para enganar vocês! Vocês são fracos e sem capacidade de nos enfrentar! E agora... agora apodrecerão em nosso castelo... acreditaram que ficariam aqui para sempre e ficarão... nisso estavam certos...

Nenhum dos líderes disse nada, mas suas expressões eram de tensão e medo.

Aluciphel pediu que Anderson se pronunciasse:

— Anderson... diga algo para nossos novos amigos...

Mas o general apenas se dirigiu ao mago negro:

— Com todo respeito, senhor, se me permite... poupar-me-ei desse inconveniente... minhas palavras valem muito para serem desperdiçadas com essa gente sem capacidade.

Aluciphel sorriu ironicamente, aprovando a postura de seu general e apenas respondeu:

— Permissão para ficar em silêncio concedida... eu mesmo já me cansei dessa corja. Onde está Patrício?

Anderson se concentrou por alguns instantes e em seguida respondeu:

— Ainda está ocupado com os prisioneiros.

— Certo — prosseguiu Aluciphel — deixemos estes três inúteis aqui, por enquanto. Esperemos Patrício e depois os entregamos a ele.

No entanto, Anderson comentou:

— Mas, senhor... não quer fazer nada com eles? Por que não mudamos suas formas? Poderia ser divertido...

Aluciphel, gostando da crueldade de seu general, respondeu:

— Fique à vontade, Anderson.

O mago negro sentou-se em seu trono e apenas assistiu ao show de horror que Anderson proporcionou enquanto provocava metamorfoses nos três líderes.

Anderson procurou fazer do jeito mais doloroso, pois queria passar a mensagem de que ao buscar confrontos com ele e com o povo do castelo, a dor era inevitável.

Durante uma longa sessão de tortura de todos os tipos, Anderson provocou dores tão profundas nos três, que seus gritos eram ouvidos por todo o castelo, uma vez que Anderson amplificou os sons emitidos na sala de Aluciphel.

Através de técnicas de manipulação da consciência, ao final da sessão de tortura, Anderson conseguiu alterar as formas dos líderes para as de animais. Três asnos. Mas com plena percepção da realidade.

Ao término, disse a Aluciphel:

— Agora, senhor, pode entregar essa escória a Patrício... deixe que se divirta também.

Capítulo 13

Os líderes foram aprisionados e passaram um longo período daquele jeito, naquele lugar. Foram esquecidos por conta de tanto tempo trancafiados. Mas, mesmo esse aparente período de abandono serviu para eles, através da reflexão. E se enganam quem acredite que foram esquecidos por Deus e seus falangeiros. Não foram. Receberam muito naquele período, tanto, que houve significativos progressos na direção do bem, e se não foi da parte de todos, um ou outro aproveitou de acordo com suas vontades.

Após a vitória esmagadora, Aluciphel e Anderson reavaliaram a situação e perceberam que haviam readquirido o respeito da comunidade trevosa, além de constatarem que eram mais temidos que anteriormente. Estavam, pois, ainda mais fortes. A notícia que correu é que o povo do castelo liderado por Aluciphel e Anderson, que era colocado, não abaixo, mas ao lado do mago negro, era tão forte e capaz, que suas tropas sobrepujaram três exércitos juntos.

Portanto, havia mais espaço para se trabalhar naquele período e Anderson e Aluciphel concluíram de que era o momento de não somente retomar o projeto, mas como ser mais ousado, o ampliando e agindo com maior rapidez na estratégia e na ação. Em reunião fechada, Anderson dizia ao mago negro:

— Tem algo que desejo fazer... será grande e nos fará ter total controle sobre os outros...

Aluciphel ficou apenas olhando para Anderson, o observando e tentando mapear o que pensava. Mas após algum tempo, perguntou:

— Eu posso pensar em várias coisas que você poderia dizer e fazer. Mas vindo de você, tudo é possível. Então, Anderson, o que deseja?

O general sorriu e disse:

— Eu pessoalmente irei liderar as ações.

Aluciphel riu e comentou:

— Mas você já não faria isso?

Anderson respondeu:

— Sim... mas não farei isso daqui...

Aluciphel fechou a expressão e tentou confirmar o que havia entendido:

— Não daqui... quer dizer que você pensa em...

Anderson o interrompeu e concluiu o raciocínio do mago negro:

— Sim... voltar ao corpo e comandar tudo de lá...

Aluciphel ficou em silêncio alguns segundos olhando fixamente para Anderson. Mas disse em seguida:

— Não sei se permitirei isso, Anderson...

— Já esperava por essa resposta — Anderson argumentou.

O mago negro pediu por um complemento na explicação:

— Continue...

Anderson atendeu:

— Me infiltrarei no seio do comando e poderei dar as ordens que nos sejam úteis. Além de tecer planos com o mesmo intuito.

O general tinha muito mais a dizer, porém o mago negro o interrompeu:

— Mas isso é arriscado, Anderson. E se você esquecer quem é? E se você não conseguir alcançar o posto que deseja? E paro nessas perguntas somente para não dizer outras mais. Responda-me essas primeiramente.

Anderson sorriu e calmamente respondeu:

— Tenho tudo sob controle, Aluciphel.

O mago negro perguntou:

— Então me explique. Como?

Anderson explicou:

— Há uma família que tem uma forte chance de conseguir gerar um descendente capaz de entrar no seio do lugar que desejamos. Isso é um estudo que faço. Eu sei o que querem, seus desejos e possibilidades de uma gestação agora. Então me antecipo ao que pode acontecer. Esta é nossa melhor oportunidade para entrar.

Aluciphel interrompeu:

— E se não der certo?

Anderson respondeu rapidamente:

— Você me mata.

— Mas perdemos tempo — Aluciphel concluiu.

— Nem tanto assim — Anderson respondeu.

O mago negro pensou um pouco e comentou:

— Isso pode dar certo. Mas e se você esquecer quem é?

Anderson, com um sorriso malicioso nos lábios, respondeu:

— Não há o que temer. É certo que não lembrarei exatamente de quem sou, no início. Mas serei protegido por você, que me trará todas as noites para cá e reforçará nossos planos. Além de já sair daqui banhado pela energia do castelo. E depois de alguns anos no corpo, serei capaz de lembrar de tudo com clareza, pois o contato com você e minha capacidade mental me darão essa chance.

Aluciphel argumentou:

— Continua sendo arriscado. E se você não se lembrar? Mato você também nesse caso?

Anderson respondeu:

— Sim. Nesse caso é a saída. Mas pense, Aluciphel, no que podemos fazer se der certo... será muito melhor do que planejamos... teremos um poder destruidor muito maior. Para conseguirmos mais do que planejamos, precisamos fazer assim. É assim que somos, poderosos e atrevidos... capazes e habilidosos. Ninguém nos deterá comigo lá dentro.

Aluciphel indagou:

— Mas você pensa em ter o maior posto? Isso seria difícil... até para nós...

Anderson respondeu:

— Não... terei o posto suficiente... não gosto de exposição... prefiro agir sem alarde. Onde estarei terei grande influência... jogarei bem com as pessoas... como sabe que sei fazer...

Aluciphel sorriu e consentiu em dar sequência ao que Anderson pretendia.

O general passou a preparar tudo de que necessitava para realização de seu planejamento. Nos meses que se passaram, se formos considerar a contagem de tempo da Terra, Anderson se dedicou apenas à preparação para dar início ao projeto.

O artefato de palha que pertencia a Oristeu foi guardado, pois naquele momento não seria utilizado devido à alteração de planos.

Inicialmente, Anderson iria voltar ao corpo sozinho, mas cogitava a ideia de levar consigo para a mesma família alguém que pudesse o ajudar e conversou com o mago negro sobre isso.

— Aluciphel, penso em levar alguém comigo...

A resposta foi de pronto:

— Leve Fabrízio.

Mas Anderson também respondeu com rapidez:

— Esqueci de dizer que desejo alguém que me ajude...

Aluciphel pediu explicações:

— Mas ele não é seu ajudante? Como não lhe servirá?

Anderson explicou:

— Na carne, Fabrízio causará mais problemas que ajuda. Preciso de alguém mais forte mentalmente.

Aluciphel questionou o propósito:

— Mas Anderson, não vejo motivo para isso. Isso pode atrapalhar. Prefiro que trabalhe sozinho.

Anderson ficou em silêncio e o mago negro continuou:

— Eu o acompanharei de perto e você estará sempre aqui. Eu lhe guiarei se algo falhar. E se precisar de apoio na Terra, eu mesmo cuido para que tenha essa ajuda. Não vejo motivo para levar alguém.

Anderson permaneceu em silêncio durante alguns segundos. Mas em seguida disse ao mago negro:

— Está bem. Mas apenas porque não enxergo capacidade em ninguém aqui, além de você, para ser-me útil. Buscar alguém fora seria perigoso. Mas ainda vejo motivo para ter alguém que me ajude. No entanto é verdade que não há com quem contar aqui e não posso perder tempo.

Aluciphel disse a ele:

— Anderson, acredita que este plano possa dar certo já na primeira tentativa? Porque muitos já tentaram coisas parecidas...

O general sorriu maliciosamente e apenas disse entre os dentes:

— Incapazes...

O mago negro quase sorriu, achando graça do que Anderson havia dito, mas não o fez. Ao contrário, o indagou ainda mais:

— Mas Anderson, como você pode julgar de incapazes alguns daqueles que tentaram antes de você? São capacitados, sim.

Anderson explicou:

— São, não negarei. Mas não tomaram todos os cuidados e colocaram suas capacidades acima do planejamento. Confiaram em suas habilidades de forma cega e isso os derrubou. Pode rever a história de cada um e verá que estou com a razão. Eles caíram por conta própria.

Mas o mago negro insistiu:

— E como você garante que isso não irá acontecer? Como você garante que não vai cair?

Anderson respondeu seguro de si:

— Não garanto. Essa é a diferença. Sei que posso cair, não tenho certeza de que conseguirei. E por isso sou precavido, tomo cuidado. Penso nos detalhes. Confio em mim, mas não a ponto de descuidar do plano ou evitar enxergar as dificuldades.

Aluciphel ficou pensativo por alguns momentos e logo em seguida continuou:

— Você sabe, Anderson, que confio no que faz. Mas este plano... é muito bom, mas é muito perigoso também. O que mais me preocupa não é não dar certo. É você ser pego. Você sabe que corre esse risco. Alguns já foram pegos antes de você.

— Eu sei — a resposta de Anderson foi extremamente resumida.

Mas Aluciphel continuou:

— Mexeremos com algo muito sério e importante. Acha que já não nos observam? Acha que já não suspeitam de nós? Acha, Anderson, que será fácil sair ileso, mesmo dando errado?

Anderson respondeu de forma segura:

— Eu sei, Aluciphel... sei de tudo isso. Conheço os riscos. Mas acredito no plano e em mim. E se for pego, não será por muito tempo.

O mago negro apenas comentou:

— É de minha parte dizer estas coisas... mas acredito que voltará ileso.

Assim a reunião terminou. Anderson estava confiante, mas precisava se concentrar nos detalhes do plano, que esperava colocar em prática em pouco tempo.

Capítulo 14

Em algum ponto da região astral, mas nos domínios do bem, em uma colônia consagrada ao Cristo, Jesus, os dois mentores que comandaram o resgate a Junes, conversavam sobre os planos de Anderson.

— Ele tentou manter isso em segredo, mas já era prevista uma volta ao corpo. E por mais que tente nublar nossa visão agora, conseguimos entender o que pretende...

O outro mentor perguntou:

— Sim... mas será que ele entende que não saberemos disso?

— Não sei. Mas na carne será mais fácil para nós termos acesso a ele, sem que perceba.

O outro completou:

— Então poderemos o persuadir a desistir, a seguir o caminho do bem e da paz.

— Sim. Mas não será tão fácil, porque Aluciphel estará nos seguindo, nos observando, tentando nos impedir. Teremos que ter um plano para combater esse assédio por parte deste comandante das trevas.

— E o que faremos?

— Com ajuda de nossos amigos do bem, conseguiremos controlar Aluciphel. Minha preocupação de verdade é com Anderson...

— Não entendo...

— Não será tão fácil influenciá-lo quanto possa parecer...

— E por quê?

— Ele é muito forte, meu amigo. Mesmo na carne, conseguirá levar alguns poderes, algumas técnicas.

— Mas ele saberá de tudo? Saberá quem é? Ele conseguirá saber quem é e o que faz?

— Não totalmente. Quando dormir encontrará Aluciphel, isso é certo. E, aos poucos, com o passar dos anos, começará a se descobrir. Mas seus poderes sempre o acompanharão.

— Isso quer dizer que quando descobrir quem é, poderá fazer na Terra o que faz no astral?

— Temo que sim, meu amigo...

— E por que não o impedimos de voltar ao corpo?

— Essa é nossa maior chance de conseguir dar mais um passo com ele...

— Entendo...

— Na carne, mesmo perigoso, temos uma grande chance de conseguir influenciá-lo e trazê-lo para nós, assim, dando mais um passo.

— É arriscado demais.

— Mas é o jeito, meu amigo.

— E se conseguirmos?

— Ele passará um tempo conosco e depois terá nova chance na carne, dessa vez, com propósitos voltados ao bem.

— E seus poderes?

— Teremos que convencê-lo a deixá-los aqui.

— Ir ao corpo sem seus poderes? É isso?

— Sim. Mas como seus poderes foram adquiridos, não podemos apenas tomá-los. Ele precisa concordar com isso.

— E se ele se arrepender depois? Ficar agressivo e tentar algo contra nós ou contra o bem?

— Existe esse risco, amigo, e desde agora sabemos disso. Mas, nesse caso, é para o próprio bem dele que terá de cumprir todos os passos, muitas vezes sem a visão clara do que está acontecendo, para aprender a amar, para aprender a ter fé, para assim, conseguir o que deseja, mas está esquecido agora...

— A permanência no bem...

— Sim, meu amigo... a permanência no bem e no caminho de evolução do planeta. Mas agora, precisamos trabalhar em seu plano. Não podemos permitir que funcione. Será difícil.

— Quais as chances de funcionar?

— O plano dele?

— Sim.

— Muitas... ele é muito forte e contará com Aluciphel nas trevas, que fará de tudo para que consiga.

— E se conseguirmos capturar Aluciphel?

— Chegará este momento... mas não é agora... o momento é de Anderson...

E assim, os dois mentores continuaram trabalhando em seu plano de contenção contra as ações de Anderson, cientes de todos os problemas.

Meses se passaram e Anderson havia traçado todo o planejamento: o que teria de fazer, suas rotinas noturnas, o que faria ao dormir, a família onde encarnaria, seus principais objetivos e como faria para conquistá-los.

A organização do castelo não foi mais incomodada por nenhuma outra, pois o resultado da investida das tropas aliadas do belo, do bárbaro e do sugador de energia, intimidou quem pudesse estar pensando em agir parecido. Dessa forma, o castelo voltou a ser respeitado e temido como antes, na verdade, até mais. E Anderson começou a ser encarado como um grande perigo a quem se colocasse em seu caminho.

Os mentores que trabalhavam para impedir Anderson de ter êxito em suas ações, também já estavam com todo planejamento de contenção pronto.

O momento era de concentração de todos os lados. Anderson se isolou, evitando provocar qualquer movimento, com isso, fazendo silêncio. Os mentores sabiam exatamente o que isso significava. Eles conversavam assim:

— Anderson está quieto... o castelo está quieto. O que estará acontecendo?

— Não se engane, amigo... está prestes a começar...

— Mas está tudo tão quieto...

— Anderson se prepara para voltar ao corpo...

— E não podemos agir agora e impedi-lo?

— Não podemos interferir agora, pois ele ainda não se ligou à mãe.

— Não há gravidez?

— Ainda não. Anderson escolheu a família e tenta agora que a concepção seja feita para iniciar o processo de ligação e ser ele, a criança gerada.

— E como ele faz isso?

— Na verdade é muito simples, basta conhecer as técnicas certas e ter a força mental suficiente para aplicá-las.

— Mas isso não é ir contra as Leis de Deus? Ir contra ao que Deus quer?

— A Lei de Deus diz que haverá reprodução. E os futuros pais de Anderson utilizam suas vontades,

o livre arbítrio, para reproduzirem. E fazem isso sob as induções mentais de Anderson, portanto, se as rejeitassem, poderíamos nós, do bem, agirmos, pois eles mostrariam vontade contrária ao induzido. Mas como reagem bem a Anderson, se ligam a ele, criando um vínculo forte, difícil de ser quebrado.

— Mas não podemos tentar?

— Sim. Tentaremos. Mas neste ponto o que podemos fazer? Forçar a mãe a perder a criança? Sujaríamos nós, nossas mãos com sangue? Cometendo assassinato?

— Não tinha pensado nisso...

— Este é um ponto muito delicado... não há muito o que se fazer... e Anderson, mesmo com todo seu poder, estará mais exposto na carne, em um corpo. Facilitando nossas ações.

— Deixemos que as coisas aconteçam...

— Deixemos, porque os envolvidos estão usando suas vontades, não podemos quebrar isso. Nós somos das forças do bem. Não assassinos e provocadores da dor de pais ao perderem um filho.

— Entendo... mas quando Anderson irá começar a se ligar à mãe?

— Em pouco tempo...

— Ele sabe que o observamos?

— Isso pouco importa para ele, na verdade... não faz muita diferença. Confia tanto nele e em seu plano, que nos ignora as ações por completo.

E o tempo continuou a passar na mesma calmaria.

Anderson, cada vez mais, se distanciava das questões corriqueiras do castelo, cuidando apenas de seu vínculo com a futura mãe e com todo o planejamento para aquela encarnação.

Um dia, Anderson foi até a crosta terrestre visitar seus futuros pais. Na verdade, queria medir o nível de sintonia com a proximidade, uma vez que mentalmente não tinha problemas. Foi sozinho.

Chegou a uma casa grande, de pessoas de posse. Sua futura mãe, uma jovem bonita e casada com um homem poderoso, de família rica e influente, estava descansando em um dos cômodos. A concepção ainda não havia sido concretizada e Anderson queria tirar suas últimas dúvidas. A jovem estava sozinha. Anderson se dirigiu até ela e apenas emitiu vibrações para verificar se a jovem as captava. Sua futura mãe sentiu um arrepio no corpo e a sensação de frio, mas não se incomodou com isso. No entanto, Anderson gostou do resultado. Emitiu novas vibrações e teve o mesmo

retorno. Sorriu e resolveu ser mais ousado. Mentalmente, disse para a jovem:

— Ser mãe é ser uma mulher sábia e capaz.

A jovem não conseguiu entender a frase literalmente porque Anderson não quis assim, mas automaticamente sua mente começou a pensar em maternidade. Anderson continuou a aproximação devagar:

— Ser mãe é uma atitude bela... e de amor...

A jovem sorriu. Como da primeira vez, não tinha entendido a frase, mas captou o sentimento de amor que envolve a maternidade. Anderson passou a fixar essa frase:

— Ser mãe é uma atitude de amor...

A repetiu algumas vezes. Não precisou de muito tempo e a jovem já se sentia pronta para a maternidade, praticamente convencida de que ser mãe era o que lhe faltava no momento. Anderson ficou satisfeito com a conexão, pois percebeu que conseguia manipular sua futura mãe com facilidade, mesmo antes de ter nascido.

Deixou a jovem e foi procurar seu futuro pai, que não estava em casa, pois cuidava dos negócios. Era um homem ocupado e bem-sucedido. Anderson o encontrou com facilidade. Foi até ele e repetiu o

processo, vibrando primeiro. A ligação foi mais difícil, pois o homem estava disperso em outras atividades. Mas Anderson percebeu de outra maneira. Ele entendeu que seu futuro pai teria menos conexão com ele que sua mãe. Mesmo assim, se comunicou mentalmente:

— É o momento de ser pai... quem vai cuidar dos negócios na sua velhice?

Anderson ficou emitindo pensamentos como este e percebeu que aqueles que falavam de negócios tinham maior entrada na mente de seu futuro pai. Fixou-se nisso:

— Quem vai cuidar dos negócios da família? Vai deixar nas mãos de estranhos?

Em pouco tempo, o homem lembrou-se de sua mulher, a jovem e bela que o aguardava em sua casa. Não foi preciso mais nada. A ideia de ter um filho com maior rapidez já estava plantada na mente dos dois e a concepção seria questão de tempo.

Anderson voltou ao castelo. Havia cumprido sua missão naquele dia.

Ao retornar, foi imediatamente até a sala de Aluciphel. O mago negro, que já sabia de seu retorno, lhe recebeu buscando suas impressões sobre a ida a Terra:

— Anderson... o que temos lá? Conseguimos começar já?

Anderson respondeu com firmeza:

— Já começou... é apenas questão de tempo. Logo estaremos ligados a eles.

Aluciphel continuou a perguntar:

— E tudo o que você planejou... será feito? Teremos problemas?

Anderson respondeu:

— Sempre teremos problemas. A questão é como faremos para resolvê-los.

— Anderson, pensei bastante e creio que alguém nosso na carne contigo seria bom para os planos – Aluciphel explicou.

Mas Anderson não gostou da colocação:

— Já não conversamos sobre isso? Seria bom, sim. Se fosse alguém capaz e de confiança. Não temos ninguém capaz e de confiança.

O mago negro argumentou:

— E se lhe desse alguém de confiança?

Anderson duvidou:

— Quem? Não creio que conseguirá.

O mago negro começou a explicar:

— Há alguém que conheço e que...

Anderson o interrompeu:

— Eu conheço?

Aluciphel respondeu:

— Não, mas...

Anderson interrompeu novamente e elevou o tom para responder:

— Então não quero! Não conheço. Não é de minha confiança.

Aluciphel argumentou:

— Mas é da minha confiança.

Anderson respondeu:

— Mas não é da minha! Serei eu quem estará naquele lodaçal. E sendo assim, será do meu jeito.

O mago negro não gostou da colocação de Anderson, ficando em silêncio apenas o observando. Por sua vez, o general também nada disse. Até que Aluciphel se posicionou, pausadamente:

— Você se esquece de quem é essa organização...

Anderson respondeu com firmeza:

— Não esqueço. É sua. Mas o plano é meu e eu estarei em campo pessoalmente.

Aluciphel silenciou e retornou para seu trono. De lá, disse a Anderson:

— Que seja...

Anderson saiu da sala. O clima estava tenso entre o mago negro e seu general.

Capítulo 15

A tensão ficou no ar durante dias. Anderson e Aluciphel não trocavam palavras e não se viam, tampouco faziam questão disso. O general continuou com seus preparativos, assim como o mago negro. Ambos se monitoravam e sabiam o que o outro fazia. Mas Anderson surpreendeu o mago negro dando-lhe uma informação que não estava sendo trabalhada por ele, mas guardada em sua mente. Pediu permissão e foi até a sala de Aluciphel, então disse:

— Levarei alguém comigo.

A decisão de Anderson não surpreendeu Aluciphel, que acreditava mesmo que ele pudesse voltar atrás e aceitar a sugestão. O mago negro perguntou:

— Quem levará?

Aluciphel não demonstrou, mas tinha certeza de que Anderson levaria seu indicado. No entanto, Anderson o surpreendeu com sua resposta:

— Levarei Patrício.

O mago negro, finalmente, demonstrou surpresa:

— Patrício?

Anderson respondeu com tranquilidade:

— Sim, Patrício. Algum problema?

Aluciphel viu ironia no olhar de Anderson. E sem pensar muito, respondeu levantando-se de seu trono e demonstrando muita irritação:

— Sim, Anderson... tem problema, sim... você o escolheu para me desafiar... e agora eu pergunto a você... quer mesmo fazer isso?

Anderson, que já previa essa reação, não se intimidou e manteve sua postura:

— Quero levar Patrício. Se você quiser saber os motivos, lhe direi, se não quiser... não digo.

O mago negro continuava tomado de raiva:

— Anderson, não me queira como inimigo. Você sabe que faríamos uma boa briga, mas eu ganharia no final.

— Quem está falando em briga, Aluciphel? Apenas você. Não o desafio. Levo apenas quem eu quero levar.

— E por quê? — O mago negro perguntou.

— Patrício é de minha confiança e pode ser útil. Apenas isso.

Aluciphel questionou:

— E por que não outro? Alguém que escolhi?

Seco, Anderson respondeu:

— Porque não é da minha confiança.

O mago negro ficou em silêncio, mas disse logo em seguida:

— Faça de seu jeito. Mas se esconda de mim se falhar. Saiba que vou atrás de você.

Anderson nem respondeu. Apenas virou-se e saiu da sala. O clima ficava ainda mais tenso entre os líderes do castelo.

O general foi imediatamente procurar Patrício. Em sua presença, foi claro e direto:

— Você vai voltar ao corpo junto comigo.

Patrício, que foi pego de surpresa, tentou entender:

— Voltar ao corpo? Como... não estou entendendo, Anderson...

O general explicou:

— Preciso de alguém de minha confiança nesta missão.

Patrício perguntou:

— E que missão é essa?

Mas Anderson deu o seguimento que desejou:

— Isso não é importante agora. Só preciso saber se você está preparado para isso.

Patrício, sem muita opção, respondeu:

— Estou... estou...

Anderson foi enfático:

— Está mesmo?

Patrício se colocou melhor:

— Anderson... estou disposto a tudo para ajudar. Voltar ao corpo para cumprir uma tarefa é coisa nova para mim, mas minha vontade em fazer tudo pelo castelo é grande e irá superar minha incapacidade.

Anderson disse:

— Você não é incapaz. Apenas tem mais força em algumas coisas. Voltar ao corpo, como você

disse, para cumprir uma missão não é fácil. Mas acho que você conseguirá cumprir seu papel.

Patrício tentou retirar mais informações:

— Sei que você disse que a missão não é importante saber agora, mas preciso, Anderson, de mais detalhes...

O general ficou em silêncio alguns segundos, mas respondeu:

— Certo, Patrício... vou lhe dizer um pouco. Nos infiltraremos no seio do poder... após isso, conquistaremos o respeito daqueles que nos cercam... e teremos, nós, o poder... e com o poder... faremos do nosso jeito para alcançar o que desejamos...

Patrício perguntou:

— Mas, Anderson... como eu lhe ajudarei?

Anderson respondeu:

— Haverá um momento em que precisarei de sua força... sua brutalidade. Você me será fiel quando for chamado a isso?

Patrício pensou alguns segundos e perguntou:

— Terei de matar alguém?

Anderson respondeu:

— Se necessário for, sim. Preciso saber isso agora. Não há espaço para erros.

Patrício foi firme:

— Aceito. Serei fiel a ti no que for preciso... mesmo para matar alguém.

E assim, Anderson acertou com Patrício a forma como deveria se preparar a partir daquele momento. E depois, quando a gestação se iniciasse, receberia novas instruções.

Com esta parte definida, Anderson foi cuidar pessoalmente da concepção que resultaria em seu nascimento. Isso precisava ser rápido, pois Aluciphel queria resultados e já estava impaciente. A tensão entre eles, resultante das divergências sobre as ações, diminuía consideravelmente a boa convivência e Anderson não queria ser mais um na lista de destituídos de Aluciphel. Por isso, caso necessário, duelaria com ele como pudesse. Teria condições de vencer, mas seria muito difícil por apenas um motivo: trapaça.

Um duelo justo, de igual para igual, somente entre eles dois, garantiria a Anderson tanta chance de vencer quanto a Aluciphel. Contudo, o mago negro conhecia essa realidade. Tinha amigos tão fortes quanto ele e os usaria, tornando o combate

desigual. Uma prática de se esperar naquele ambiente. Anderson sabia que, apenas por isso, precisava evitar a luta contra Aluciphel. Pois seria vencido por um grupo de magos negros. Exatamente por isso, precisava iniciar a ação, tudo pronto ou não.

Anderson retornou à crosta e procurou aqueles que seriam seus pais biológicos. Utilizou-se de alguns de seus artifícios de manipulação mental para induzir a concepção, certificou-se de que seria ele, o espírito ligado naquela gestação e obteve sucesso. Ficou feliz com o resultado. Naquele momento, o general do castelo já estava ligado à sua mãe.

Depois do êxito em sua empreitada biológica, Anderson retornou ao castelo e procurou Aluciphel apenas para informá-lo de que tudo já havia se iniciado e que precisaria começar a se afastar para se ligar ainda mais à sua mãe. Disse ao estar na presença do mago negro:

— Já está feito. Iniciou-se. A mulher já me contém.

Aluciphel foi seco na resposta:

— Eu acompanhei.

Anderson não se importou com a resposta curta e complementou:

— Preciso começar a me afastar para ligar-me ainda mais à mulher.

Aluciphel manteve o padrão de resposta:

— Perfeito.

Anderson continuou:

— Patrício irá comigo. Já lhe disse o que precisa saber por enquanto.

Anderson daria outras informações, porém Aluciphel o interrompeu, perdendo a postura tranquila e seca:

— Ainda não sei como ele pode lhe ajudar, Anderson!

O general não perdeu a calma e respondeu:

— O maior problema em Patrício encarnar é o mesmo que o de todos, inclusive o meu: perder a lembrança da missão. Isso não pode acontecer. Isso precisa ser trabalhado nele com a mesma importância que em mim. Você precisa ajudar. Não pode se negar apenas para ver a missão fracassar para depois me perseguir.

Aluciphel se irritou:

— Crê que desejo o fracasso apenas para lhe ter?

Foi a vez de Anderson responder secamente:

— Sim.

Aluciphel, que já esperava essa resposta, continuou:

— Pois está errado, general! Colocarei todas as forças nesta missão e em todos os que dela participarem, inclusive Patrício. Apenas lhe digo, que se falhar, sendo culpa de Patrício ou não, eu lhe cobrarei pessoalmente.

Anderson comentou de forma seca:

— Não tenho medo de falhar. Sei que isso é possível, mas não temo. E não tenho medo de você.

Aluciphel comentou:

— Eu sei. É por isso que é tão forte e por isso que lhe tenho aqui e confio em você. Mas se falhar...

Anderson interrompeu:

— Não precisa mais dizer! Você já disse várias vezes! Eu já sei, Aluciphel.

Disse isso e saiu sem deixar que o mago negro se pronunciasse novamente.

A tensão entre eles aumentava ainda mais.

Na verdade, o plano era todo de Anderson. Ele não se importava com a organização ou se Aluciphel o perseguiria ou não. Apenas queria colocar o plano em prática, o que era uma ambição particular.

Como não desejava ter seu nome como mentor ou executor de nenhum projeto ou planejamento, aceitava fazer parte da missão representando a organização do castelo, pois assim, o nome que iria figurar seria o de Aluciphel. Isso significava, que na verdade, Anderson usava o mago negro para se esconder na história, sem que o líder do castelo suspeitasse disso.

Capítulo 16

Pela contagem de tempo terrena passaram-se meses, nos quais Anderson realizava sua ligação com o ventre materno, cada dia mais forte, em um local isolado no próprio castelo. O mesmo acontecia com Patrício. Eles não seriam irmãos, mas viveriam perto um do outro e se conheceriam próximo à vida adulta, de acordo com o plano, se tudo corresse bem.

Anderson, antes de iniciar a fase final de desligamento com a consciência e adentrar definitivamente em sua ligação uterina, orientou Patrício o máximo que pôde. O general procurou informar o comandante do exército sobre seus deveres e responsabilidades, para com ele, Anderson, em primeiro lugar, para com o plano e para com a organização do castelo. O informou também sobre sua conduta durante o sono, para sempre procurar refúgio no castelo ou mesmo procurar por Anderson, que por sua vez, igualmente sempre o procuraria. O general do mago negro também orientou o próprio Aluciphel, para que este, percebendo algum perigo para o planejamento, sendo algo externo ou mesmo um desvio por parte de algum dos diretamente envolvidos, ele e Patrício, agisse rapidamente e conseguisse reverter a situação, salvado o plano de ser fracassado.

Neste ponto, Aluciphel concordava com Anderson e lhe daria apoio irrestrito. O general deixou Fabrízio encarregado de auxiliar Aluciphel no que ele precisasse em relação aos assuntos específicos da missão. Ou seja, Fabrízio não ficaria em seu lugar, apenas ajudaria ao mago negro nas questões ligadas ao planejamento.

Finalmente, passando pouco mais de duas décadas do ano 200 D.C., Anderson perdia totalmente sua consciência e renascia na Terra, em Roma, filho de poderosos, em família rica e influente. Alguns meses depois, nasceria Patrício, também em Roma, mas filho de trabalhadores, de pessoas do povo.

Anderson recebeu o nome de Anturion, e Patrício, de Pévlius.

Os primeiros meses foram fáceis, assim como os primeiros anos de vida. Logo que adormeciam, sendo noite ou mesmo durante o dia terreno, Anderson e Patrício, ou Anturion e Pévlius, eram buscados por Fabrízio diretamente em Roma, antes mesmo que seus espíritos libertos pudessem ir a outros lugares, e os levava para o castelo, onde eram colocados por Aluciphel em uma redoma fluídica que continha a energia que sustentava o local. Todos os dias eles se nutriam desta fonte, e antes de retornarem ao corpo, eram brevemente lembrados pelo mago negro de suas funções e tarefas.

Obviamente, ao retornarem a seus corpos, por serem corpos e mentes de crianças, não se recordavam exatamente de tudo, na verdade, quase nunca se lembravam de nada, guardando apenas pequenas lembranças, como fossem sonhos.

Os pequenos Anderson e Patrício, já acostumados com seus atuais nomes, Anturion e Pévlius, ao completarem a idade de cinco anos receberam a visita de Aluciphel em suas casas, em momentos em que estavam sozinhos, um de cada vez.

O primeiro foi Anturion. O pequeno membro da elite estava só em seu quarto quando percebeu a presença de alguém. Virou-se lateralmente e viu um homem estranho, mas não se apavorou. Algo naquele homem o acalmava e não lhe causava espanto. O homem, ao ver a reação de Anturion sorriu levemente. Era Aluciphel, que lhe disse:

— Anderson... este é seu verdadeiro nome. E você será grande... e fará coisas... e mudará coisas e mandará em muitos homens. Você, Anderson, tem em mim seu apoio nisto. Eu virei quando precisar e te ajudarei. Guarde isto contigo para sempre e não conte nada a ninguém.

Assim, Aluciphel sumiu como apareceu. O pequeno Anturion, com bastante calma, sentou-se e continuou brincando como fazia antes. Nada contou a seus pais.

Da mesma forma o mago negro fez com Patrício, que também nada contou, mas teve reações mais apavoradas. No entanto, Aluciphel precisou apenas lhe energizar para tranquilizá-lo.

Desta maneira, os primeiros cinco anos na Terra, na missão em Roma, estavam completos e eram bem-sucedidos. Mas todos já esperavam por essa tranquilidade. Contudo, os próximos anos seriam um pouco mais complicados.

Os anos passavam e Aluciphel tentava manter o mesmo processo. Fabrízio continuava sendo útil e em nada era ameaçado. No entanto, os dois mentores que levaram Junes do castelo começavam a se movimentar em relação a esta questão. Eles conversavam:

— Irmão, é o momento de agirmos?

— Creio que é o momento de começarmos a tentar... passo a passo, teremos mais chances de êxito que tentar executar tudo de uma só vez.

— Concordo. Mas como faremos?

— Ora, meu caro... sempre que adormecem são conduzidos por Fabrízio até o castelo, onde Aluciphel os espera. Nos primeiros anos, este mago negro se cercou de todos os cuidados referentes a Fabrízio, pois sabe ser ele um elo frágil. Porém, como nada aconteceu, Aluciphel relaxou um pouco

neste aspecto. Mas nada aconteceu porque nós nada fizemos, nada tentamos, logicamente de forma propositada. Queríamos exatamente fazer com que se sentissem bem, sem ameaças, para relaxarem nas precauções.

— O irmão quer dizer que atuaremos em Fabrízio?

— Como disse, meu caro, Fabrízio é o elo mais frágil, mais fraco desta corrente. É ele quem leva os espíritos de Anderson e Patrício em desdobramento. O que digo é que, se algum dia, Fabrízio falhar, por qualquer motivo, Anderson e Patrício estarão sujeitos a irem a qualquer lugar.

— Irmão... perdoe-me. Mas agir em Fabrízio e fazê-lo falhar me parece tarefa fácil... contudo, fazer com que Anderson e Patrício nos sigam parece ser mais difícil.

— O irmão está correto. É mesmo mais difícil. Mas não impossível. Eles estarão em desdobramento, portanto, se recordarão de quem são. Mas correm o perigo de, sob influenciação do meio em que vivem, do dia a dia, mesmo sem desejo expresso, ir a outro lugar. É isso que Aluciphel e Anderson temem. Por isso usam Fabrízio, pois sabem que isso é possível.

— Então usaremos isso também?

— Sim.

— Mas como?

— Esperaremos o momento certo. Algo sempre acontece. Se agirmos neles durante o dia, Aluciphel irá perceber e se cercará de cuidados durante o sono. Não queremos isso. Não queremos chamar sua atenção. Ao contrário, agiremos sem sermos percebidos. Deixaremos que algo relativo ao bem e à paz aconteça em suas vidas, os inclinando para bons sentimentos, mesmo que passageiros. Lembre-se que são crianças na Terra. O momento é agora.

— Então, quando algo acontecer... agiremos? Está correto?

— Não. Aluciphel pode perceber e antever isso. Deixemos que aconteça uma, duas, três vezes. Deixemos que vire rotina. Assim, Aluciphel não se cercará de cuidados com Fabrízio e a ação nos será mais fácil.

— Mas, irmão... o fato de algo de bom acontecer em suas vidas e os conduzir a bons sentimentos já será o suficiente?

— Não. Evidente que não. Mas será uma brecha, um espaço para atuarmos. Sem a condução de Fabrízio, eles podem ficar um tanto quanto sem rumo e poderão aceitar nosso convite.

— Irmão, com todo respeito à sua estratégia, mas acredita mesmo que Anderson irá cair nesta armadilha?

— Pode cair ou não. Se cair, melhor. Se não cair, poderemos atuar nele de forma que se entorpeça pelos poderes do bem. Faremos apenas uma limpeza, pois um breve contato já será de muito avanço. Não iremos capturar ninguém, não podemos fazer isso. Queremos apenas um contato. Queremos que eles tenham contato com o bem, mesmo que rapidamente. Será um início.

— Isso pode dar certo.

— Sim, pode.

— E depois?

— Há tanto ainda para acontecer... preocupemo-nos com nossos passos iniciais, primeiramente...

— É o que podemos fazer, irmão...

— Você está certo novamente... é o que podemos fazer no momento. Tentaremos evitar o pior.

— O irmão sabe de todos os planos deles?

— Posso presumir. Mas sei de muita coisa. E sei também que é possível travar algumas, mas nem tudo poderá ser evitado. Rezemos ao Senhor...

Os mentores estavam certos. Todo coração, até mesmo o de Anderson, é capaz de captar o amor. Essa antena não se rompe ou apresenta defeitos. O que o espírito faz com o sentimento de amor captado é outra questão. Mas captá-lo, todos conseguem.

Naquele momento, onde seus espíritos encarnados ainda animavam corpos de crianças, não havia condições plenas para que controlassem o ambiente. Com isso estariam sujeitos aos mais diversos sentimentos, inclusive o amor. Os mentores contavam com essa imprevisibilidade e foi isso o que aconteceu.

Mas se tratava de algo simples, não sendo necessário um grande evento. Um abraço materno mais afetuoso já poderia despertar tal sentimento. Já seria suficiente para aquecer os coraçõezinhos dos pequenos Anderson e Patrício. Devido ao fato de os mentores terem essa percepção, Aluciphel monitorava as ações ao redor de seus missionários das trevas para que não fossem impactados por atividades externas, como a deles, por exemplo. Mas o mago negro não poderia evitar que estivessem sujeitos a eventos simples do dia a dia, eventos que acontecem quando se está encarnado, sem que isso levantasse suspeitas.

E os abraços maternos aconteciam cada vez com maior frequência, tanto no pequeno Anderson, quanto no pequeno Patrício. Aluciphel sabia, pois monitorava as ações, mas nada fazia. Os trevosos confiavam nas tratativas durante o sono, quando Fabrízio sempre os buscava e eles eram levados ao castelo para que Aluciphel rompesse os laços de amor com seu poder destrutivo, o que era possível devido às inclinações da dupla para o mal.

Como previam os mentores, Aluciphel se cobria de cuidados com Fabrízio nos dias em que eventos de amor naturalmente aconteciam. Mas com o passar do tempo, quando os pequenos já tinham seis anos, acreditando que nada aconteceria pois que a rotina lhe mostrava bons resultados, o mago negro enviou Fabrízio para buscar Anderson e Patrício descuidando-se do monitoramento. Apenas aguardou a chegada deles, enquanto realizava outra atividade. Foi a brecha suficiente. Os pequenos haviam recebido diversos abraços de suas respectivas mães, como virara costume. Um dos mentores disse ao outro:

— É hoje que agiremos. Prepare tudo.

Rapidamente duas equipes foram organizadas. Uma agiria em Fabrízio e a segunda em Anderson e Patrício. Enquanto as equipes apenas aguardavam o momento de agir, um dos mentores perguntou:

— Já está tudo pronto, caro amigo?

O outro respondeu:

— Sim. Todos estão em suas posições, apenas aguardando seu comando.

Ele respondeu:

— Quando Fabrízio vier, já sabemos que Aluciphel não o observará. Esse será o sinal para a ação nele. E, por sua vez, essa ação será o sinal para nossa atuação em Anderson e Patrício. Temos apenas de ter o cuidado em saber se Aluciphel tentará nos enganar ou se realmente não irá observar seu enviado.

Na Terra, os pequenos se preparavam para dormir. Seus corpinhos cansados já mostravam sinais de sonolência. No castelo, Aluciphel ao ver tal cena, enviou Fabrízio para buscá-los. E realmente não se preocupou, cometendo um erro.

Com a saída de Fabrízio, o primeiro grupo, onde nenhum dos dois mentores estava, iniciou a ação. Foram até ele e o fluidificaram de maneira simples, mas o suficiente para que seu espírito se entorpecesse e ele ficasse “desacordado” pelo tempo necessário. Sem luta, sem dor, sem ferimento. Apenas uma ação tranquila, pautada pelo amor. Tanto que Fabrízio foi deitado em uma maca e o tempo todo em que esteve “desacordado” recebeu passes, sendo fluidificado e tratado por

enfermeiros em suas necessidades. Tudo feito com amor e interesse em auxiliar o próximo.

O segundo grupo, onde os dois mentores estavam, agiu a partir do momento em que Fabrízio foi interceptado. No entanto, os mentores não descuidavam do monitoramento em Aluciphel, para certificarem-se de que ele não os observava.

Os espíritos de Anderson e Patrício já estavam fora de seus corpos e vagavam rumo ao castelo, mas somente até determinado ponto, onde de costume se encontravam com Fabrízio. Até tal ponto foram e aguardaram a chegada do comparsa, o que não aconteceu. Eles permaneceram no local até que um dos mentores se aproximou e apenas vibrou amor. Um amor imenso. Anderson e Patrício reagiram bem, correspondendo tal vibração.

Era de se esperar que Anderson, mesmo em desdobramento, tentasse combater esse sentimento. De fato, tentou. Mas antes que conseguisse algo, o segundo mentor se aproximou e vibrou igual. Mesmo impactado por tanto amor, Anderson ainda tentou se livrar da boa vibração, mas nesse momento, toda a equipe se aproximou e vibrou em conjunto. Eram mais de vinte espíritos capacitados vibrando incessante amor. Nem mesmo Anderson foi capaz de evitar o envolvimento, sendo entorpecido pela vibração. E assim como Patrício, também “desacordou”, sendo levado para a central

do bem, onde os mentores mantinham seu "quartel general". Receberiam passes e intuições leves lhe seriam sopradas. Ao menos até Aluciphel perceber que seus missionários não voltavam.

Enquanto Fabrízio repousava tranquilamente, Anderson e Patrício eram tratados pelos mentores. Porém o momento pacífico estava prestes a terminar, pois Aluciphel já procurava por Fabrízio, dando conta de sua demora.

O mago negro monitorou a vibração de seu subordinado, mas nada encontrou. Isso porque os mentores haviam a diferenciado na frequência justamente para causar confusão em Aluciphel e ganhar mais tempo, pois sabiam que o mago negro descobria, mas com atraso. O mesmo procedimento foi realizado em Anderson e Patrício.

Aluciphel já tinha certeza de que algo havia acontecido e esbravejava contra os mentores, pois suspeitava de que estavam por trás do sumiço de seus missionários encarnados e desencarnados:

— Só pode ser coisa daqueles dois! Miseráveis! Bastardos!

Enquanto o mago negro mapeava as vibrações de seus enviados, os mentores trabalhavam os espíritos de Anderson e Patrício. Especialmente o general de Aluciphel, que ao contrário de Patrício, que permaneceu adormecido, foi desperto para uma

tentativa de diálogo. No entanto, o estado era de torpor suave. O que significa que Anderson responderia com consciência parcial de si mesmo. Logo após acordar e se sentir um pouco mais confortável, um dos mentores sorriu para ele e logo lhe disse em tom amigável:

— Que bom, meu amigo! Vejo que se sente melhor! Fico feliz por isso!

Anderson olhava em volta e não reconhecia nada nem ninguém, isso porque Patrício estava em outro cômodo do lugar. Bastante zonzo, não conseguia articular muitas frases, apenas conseguindo realizar uma pergunta:

— Onde estou?

A resposta do mesmo mentor que lhe deu boas-vindas não demorou em chegar:

— Está entre amigos! Estamos cuidando de você!

Mas a pergunta seguinte de Anderson causou surpresa nos mentores:

— Onde está minha mãe? E meu pai, onde está? Quero ver meu pai e minha mãe!

Os mentores se entreolharam e logo perceberam que Anderson se identificava apenas com sua atual

personalidade, não recordando, pois, ao menos naquele momento, de sua personalidade enquanto general de mago negro. Para tirar a dúvida, o mentor perguntou:

— Diga-me, filho... qual seu nome?

— Anturion — respondeu com firmeza.

O segundo mentor, que apenas acompanhava a conversa, disse ao ouvido do primeiro:

— Será que está fingindo? Para nos enganar?

Mas o primeiro mentor rechaçou essa hipótese:

— Não creio. Está sob muita força nossa. Não conseguiria. Não estou dizendo que não possa, apenas creio que não é este o caso aqui.

Disse isso e continuou com Anderson:

— Diga-me, filho, Anturion... onde estão seus pais?

— Estão em minha casa. Quero ir para lá — respondeu.

O mentor o tranquilizou:

— Nós o levaremos de volta, filho. Não se preocupe.

O segundo mentor disse a ele:

— Meu filho... está entre amigos... saiba que amar seus pais é o melhor que pode fazer... amar seus pais... as pessoas, os bichinhos...

Anturion apenas disse:

— Eu sei, senhor.

Mediante a resposta, o primeiro mentor lhe perguntou:

— Então por que não está fazendo isso?

Anturion ficou em silêncio e o mentor insistiu:

— Por que, meu filho? Não tenha medo de responder. Ou não sabe o que dizer?

Anturion respondeu sem convicção:

— Não sei... quero fazer, mas não quero fazer... não sei... quero meu pai e minha mãe!

O mentor lhe disse:

— Tudo bem, meu filho... nós o levaremos. Mas saiba que amar seu pai e sua mãe é a melhor coisa que pode fazer, está bem? Entendeu?

Anturion respondeu positivamente com a cabeça. Dessa forma, o mentor o entorpeceu e seguiu com ele desacordado no intuito de lhe fluidificar melhor. Ficariam assim até a hora do retorno ao corpo ou até Aluciphel os descobrir ali, o que de fato aconteceu. Ao ter a informação a respeito, o mentor comentou:

— Isso já era previsto.

O segundo mentor perguntou a ele:

— E o que faremos agora?

Com calma, o mentor explicou:

— Não queremos manter ninguém aqui. E não queremos que Aluciphel venha para entramos em batalha desnecessária. Façamos com que voltem ao corpo imediatamente.

O segundo mentor perguntou:

— E quanto a Fabrízio?

— Peça para que o acordem e o liberem — o mentor respondeu.

Assim foi feito. Antes mesmo que o mago negro pudesse se locomover ou se transportar para o local, o que implicaria certamente em batalha direta, Anderson e Patrício foram conduzidos de

volta ao corpo e Fabrízio desperto e liberado. No entanto, Aluciphel, que não estava satisfeito com o ocorrido e sabendo da liberação de seus missionários, enviou um recado mental para o primeiro mentor:

— Meu amigo... não tente me desafiar. Não tente me enganar. Não queira ficar na minha frente. Afasta-se enquanto ainda tenho vontade de poupar você e os seus.

O mentor apenas ouviu e nada respondeu. Mas o segundo mentor lhe interpelou, pois sabia da mensagem, porque esta foi direcionada para ele também:

— Não irá responder?

— E para quê? — Perguntou.

O segundo mentor não sabia dizer o motivo. Mas tentou achar algum:

— Ora... para dizer que não iremos parar por aqui e...

O primeiro mentor lhe interrompeu calmamente e respondeu:

— Amigo... Aluciphel sabe que não iremos parar por aqui. Apenas deseja nos intimidar com

suas palavras fortes. Nada além do que já sabemos. Tudo está dentro do previsto. Não se incomode.

E assim os mentores permaneceram em seu local de trabalho monitorando a movimentação e já planejando a próxima ação.

Apesar de não ter surtido um grande efeito imediato, a ação da equipe do bem mostrou ao mago negro falhas em seu esquema. E fundamentalmente, que mesmo o mais poderoso ser dedicado às trevas, não pode ser páreo para os poderes divinos através de militantes imbuídos em bons interesses.

Anderson e Patrício voltaram para o corpo e despertaram sem recordações do ocorrido, por isso não houve resultado imediato. Mas já havia uma pequena semente plantada pelo bem em seus corações. Foi como disse o primeiro mentor a seu amigo também mentor logo após o despertar da dupla missionária do castelo:

— Não será hoje. Não será nos próximos anos. Pode não ser nas próximas décadas. Pode não ser nesta vida. Mas algum dia, seja na Terra ou no Céu, o que fizemos hoje será de grande utilidade para eles. Algum dia, mesmo que dure séculos, eles despertarão para o Cristo e o que fizemos hoje será importante para isso. Agradeçamos a Deus.

Fabrízio retornou ao castelo tranquilamente. Ficou tão bem com a fluidificação que recebeu, que esqueceu completamente de sua missão. Sequer percebeu que tinha ido buscar Anderson e Patrício e não estava com eles. De forma descontraída, entrou no castelo e foi se ocupar. Mas Aluciphel mentalmente o chamou até sua sala. Foi então que o auxiliar de Anderson percebeu que havia falhado. Sabendo que não poderia fugir, pois Aluciphel iria atrás dele, de forma resignada, se dirigiu até o mago negro. Timidamente e com medo, entrou na sala e permaneceu em silêncio. O ambiente estava escuro e o mago negro estava sentado em seu trono com a cabeça abaixada. Sem alterar sua postura, perguntou com voz fraca a Fabrízio:

— Fabrízio... onde estão Anderson e Patrício?

Fabrízio não conseguia responder. Primeiro porque não sabia a resposta e segundo porque sua voz não saía. Portanto, permaneceu em silêncio. Aluciphel levantou a cabeça e perguntou novamente:

— Volto a perguntar... onde estão Anderson e Patrício?

Com muito esforço, Fabrízio respondeu com voz muitíssimo fraca:

— Não sei... meu senhor...

Aluciphel olhou para Fabrízio com expressão de fúria e disse:

— Não sabe? Como não sabe? Não foi até lá para trazê-los aqui? O que aconteceu, então?

O subordinado engasgava e não conseguia dizer nada. Aluciphel levantou-se do trono e foi caminhando até o imóvel Fabrízio, enquanto dizia:

— Se não sabe, Fabrízio... vou lhe dizer... você falhou e Anderson e Patrício foram pegos pelos amigos do Cordeiro... por sua culpa... não sabia disso? E sabe do que mais não sabe, Fabrízio? O que será seu castigo por isso...

Já frente a frente com o auxiliar de Anderson, o mago negro completou:

— Você vai se afastar por algum tempo de seu trabalho... e ficará aqui... em minha sala... pendurado de cabeça para baixo, bem no meio... vou te deixar cego... não enxergará nada enquanto estiver sendo punido... terá as mãos amarradas e todos os dias, todos os dias... um animal que você não saberá qual... pois será sempre um diferente, virá e se alimentará um pouco de você... você será lentamente mutilado... e sofrerá dor eterna por isso.

Fabrízio quis gritar, quis correr, mas não conseguiu. Imediatamente Aluciphel começou a cumprir o prometido, colocando Fabrízio na

posição que havia dito e o cegando de forma temporária.

Para seu lugar na tarefa, designou outro homem e tomou as precauções devidas para que a falha na estratégia não voltasse a acontecer.

Evidente que Fabrízio não foi propriamente mutilado, mas como possuía forte ligação com o corpo físico, mesmo que de maneira mental, teve a sensação de mutilação. Ou seja, se percebeu assim e carregou a impressão de mutilações e restrições para seu perispírito, moldando dessa forma, seu espírito com os cortes provocados pelos animais. Isso somente seria resolvido algum tempo depois, em tratamento médico em uma colônia espiritual voltada ao bem.

Capítulo 17

Os anos se passaram com a supervisão firme de Aluciphel, por isso os mentores não conseguiram mais brechas para trabalhar os espíritos de Anderson e Patrício para o bem. O substituto de Fabrízio executava bem o trabalho, não por ser muito bom, mas devido ao auxílio do mago negro, que não descuidava por nenhum momento. Fabrízio, por sua vez, permanecia no mesmo estado, cada vez mais deplorável.

Os pequenos já haviam completado oito anos e ainda não se conheciam na Terra. Anderson não demonstrava nenhum instinto malévolo porque não desejava o mal, apenas fazia o que precisasse para cumprir seus objetivos. O mal pelo mal não lhe interessava, assim como Patrício, que também não revelava más tendências. No entanto, os dois já demonstravam interesses dentro de seus perfis.

Patrício demonstrava atenção sobre abates de animais e lutas, assim como desejava aprender a controlar armas forjadas, como punhais e espadas. Era forte e seu pai ficava muito orgulhoso de vê-lo assim, robusto e interessado em armas e combates. Portanto, o incentivava aos poucos.

Anderson demonstrava interesse em leituras, gostava de conversar com os mais velhos, em especial os idosos, que lhes davam mais atenção. Gostava de jogos que aguçavam a inteligência e se

interessava também pelo sistema de governo vigente naquela época. Como seu pai era influente, respondia a tudo que perguntava. Assim como o pai de Patrício, o de Anderson também estava bastante orgulhoso.

Os mentores observavam toda a movimentação na vida dos dois. Um dia, houve o seguinte diálogo entre eles:

— Estou preocupado.

— Com o quê, meu amigo?

— Aluciphel não nos dá mais espaço, assim não conseguiremos chegar novamente em Anderson e Patrício.

— Sua preocupação é justa, mas isso não me assusta.

— Por quê?

— Por enquanto estão indo bem. Seus interesses são por atividades que já desenvolviam anteriormente. Ou seja, nada fora do normal. Depois é que precisaremos agir.

— Mas se não agirmos agora, como faremos depois? Digo, como confiarão em nós?

— Não confiarão jamais. Isso não vai acontecer.

— Mas eu achei que precisávamos ganhar a confiança deles...

— Podem confiar agora, mas depois de algum tempo saberão exatamente onde estão e quais suas missões. Portanto, estabelecer confiança nesse caso é construir casa em um pântano. Irá afundar.

— Como faremos, então?

— No momento certo, agiremos da forma que for mais eficaz. O importante é dar sempre a opção do amor.

— Mas se eles não quiserem...

— Se não quiserem... sem sangue, sem violência, faremos o que estiver a nosso alcance para evitar ao máximo as desgraças que desejam realizar.

O mentor fez uma pausa e perguntou ao outro:

— Por que desejam tanta desgraça?

— Porque não conhecem o amor de Deus. Não conhecem o outro lado.

— Anderson conhece.

— Mas não vivenciou. Precisa vivenciar.

Assim, os mentores continuavam sua vigília.

No castelo, Aluciphel se preparava para ter uma conversa mais profunda com Anderson e Patrício na próxima noite. Todas as vezes que os missionários das trevas iam em desdobramento até o castelo, recebiam instruções, conversavam, mas tudo ficava em nível inconsciente e, acima de tudo, a conversa não podia ser tão profunda, pois Anderson e Patrício não tinham condições mentais, devido à tenra idade do corpo físico, de manterem, perceberem e guardarem as informações com precisão. Porém, esta seria a primeira vez.

O mago negro estava antecipando tal conversa, que somente deveria acontecer quando os missionários completassem dez anos na Terra. Mas Aluciphel estava preocupado com a falta de movimentação por parte dos missionários do bem, os mentores, e por isso julgava que estavam tramando algo, portanto, pensou em agir logo. Não sabia ao certo se seus missionários teriam totais condições de conversar da maneira certa, mas se esforçaria em garantir isso.

Quando a noite chegou, os pequenos dormiram na Terra e foram conduzidos até o castelo pelo escolhido de Aluciphel para o trabalho. Na chegada, o mago negro já os esperava em sua sala. Estava vibrando uma energia diferente, que vinha da fonte de poder do castelo, para garantir o teor

mais profundo da conversa. Recebeu seus missionários dizendo:

— Bem-vindos... Anderson e Patrício!

Apenas com o olhar, o mago negro fez sinal para que o condutor de Anderson e Patrício se retirasse e somente voltasse com sua ordem. Assim ele o fez. Aluciphel começou:

— Quem são vocês?

Anderson respondeu primeiro:

— Anturion.

Aluciphel se dirigiu a Patrício:

— E você?

Ele respondeu:

— Pévlius.

Aluciphel perguntou:

— Por que os chamei por outros nomes, então? Será que estou louco?

Os dois nada disseram, portanto o mago negro prosseguiu:

— Todas as vezes que vieram aqui, conversamos de outra forma. Agora, precisamos mudar isso.

Anderson interrompeu e perguntou:

— Nossos nomes são outros?

Aluciphel respondeu:

— Sim.

Anderson prosseguiu:

— E quem é você?

Aluciphel respondeu:

— Sou aquele que apareceu para vocês e está aqui para protegê-los. Sou Aluciphel.

Anderson ficou em silêncio e o mago negro prosseguiu:

— Vocês são Anderson e Patrício. São meus enviados para cumprirem suas missões. São crianças ainda, mas irão entender e lembrar de tudo. Precisam se lembrar disso quando voltarem. Confiem em mim.

Anderson e Patrício ficaram em silêncio. Aluciphel se aproximou e impôs suas mãos sobre

as cabeças de seus missionários, lhes transmitindo um pouco da energia que sustentava o castelo. Assim que terminou, chamou de volta seu escolhido para o posto de Fabrízio e ordenou que os deixasse em repouso até o momento da volta ao corpo. Assim foi feito.

Quando seus espíritos retornaram ao corpo físico, lembraram-se do acontecido em fragmentos e como se fosse um sonho. Porém, a essência da conversa estava viva em seus inconscientes e iria emergir no decorrer da vida, no momento certo.

Esse contato com Aluciphel acabou por se tornar cada vez mais frequente e mais forte. O jovem Pévlius os tomava como pesadelos, que por vezes narrava aos pais. Mas Anturion reagia com naturalidade, pois mesmo estando longe da consciência de sua missão trevosa, sentia uma tranquilidade com os "sonhos".

Os mentores continuavam tentando alguma aproximação durante o desdobramento do sono, mas sem muito sucesso. Por tal razão, começaram também a tentar se aproximar enquanto em vigília. Isso foi possível algumas vezes, mas logo Aluciphel tratou de armar guarda com alguns soldados de forma permanente, próximo a seus missionários, resguardando-os, assim, das forças do bem.

Os anos se passaram com a mesma dinâmica: os mentores tentavam usar a criatividade para chegar até as almas de Anderson e Patrício e Aluciphel os protegia com o máximo de zelo contra suas investidas.

Através das constantes conversas com o mago negro, Anderson e Patrício se fortaleciam em seus propósitos, enquanto Aluciphel conseguia os preparar para o próximo passo. A dupla deveria se conhecer na Terra, pois devido ao planejamento feito por Anderson seriam grandes amigos, a ponto de sacrificarem-se um pelo outro, caso necessário.

Ao completarem quinze anos de vida, o momento de se conhecerem havia chegado. Aluciphel os preparou durante um longo tempo e na semana anterior ao fato, os orientou ainda mais, informando que isso deveria acontecer.

Anturion caminhava por um campo vasto, pensava na vida e em seus propósitos na política, pois era um de seus passatempos favoritos, quando ouviu o som de um porco grunhindo, típico de quando o animal está sendo abatido. Era Pévlius exercitando um de seus passatempos favoritos: abate de animais.

Curioso, Anturion procurou a fonte sonora e logo encontrou Pévlius com o animal já morto à sua frente. O jovem sujo de sangue e com a ferramenta fatal na mão, disse ao estranho:

— O que deseja? Há algo contra o que faço? Ou aprecia comer uma boa carne de porco? Será bem-vindo, se quiser.

Anturion sorriu e respondeu:

— Não tenho nada contra e de fato aprecio uma boa carne de animal. Me chamam de Anturion.

Pévlius, mesmo ressabiado, respondeu:

— Sou Pévlius. Permita-me apenas terminar para que possamos fazer fogo e assar o animal.

Dessa maneira, Anturion se ofereceu para fazer a fogueira enquanto Pévlius terminava de cortar e limpar o porco abatido. Durante isso, conversavam. Pévlius disse:

— Você tem roupas boas. Parece ser de boa família. O que faz caminhando sozinho por aqui?

Anturion respondeu:

— Minha família não é rica, mas não é pobre. Mas não é por este motivo que não deva caminhar por onde gosto.

Pévlius comentou:

— Gosto de você. Não sei o porquê. Mas gosto de você.

Anturion sorriu e respondeu:

— Tenho sentimento igual, caro Pévlius.

E assim, saboreando a carne daquele pobre animal, Anturion e Pévlius se conheceram e passaram horas conversando animadamente sobre suas vidas e seus propósitos. Era o início de uma boa amizade naquela encarnação, pois que já era de longa data.

Depois daquele dia passaram a ser bons amigos e até mesmo confidentes, sempre se encontrando para falar sobre suas vidas e até para caçar. Pévlius ensinou Anturion algumas técnicas e ambos se divertiam nas caçadas. Estavam cada vez mais juntos e Aluciphel mostrava-se satisfeito, mas não descuidava de seus missionários, pois sabia que os mentores poderiam interferir a qualquer momento.

Mas o mago negro cercava-se de cuidados principalmente nos momentos de sono, em desdobramento, deixando os momentos de vigília levemente soltos. Com isso, os mentores identificaram tal brecha e investiram na aproximação, primeiramente em Pévlius.

Os mentores foram até Pévlius. Ele estava caminhando sozinho de volta para sua casa. Já estava anoitecendo e os mentores se fizeram perceber. Devido à sensibilidade de Pévlius às manifestações espirituais e porque os mentores

utilizaram tudo que estava disponível para a aproximação, o jovem pôde perceber uma movimentação diferente. Pévlius ouviu um barulho no mato. Parou e olhou, mas não viu nada e seguiu.

Contudo, ouviu novo barulho. Parou novamente e disse em tom ameaçador:

— Não tenho medo. Saia e me enfrente!

Nada aconteceu e ele continuou andando. Mas um novo barulho, de movimentação no mato, voltou a acontecer. Pévlius pegou seu instrumento de corte e disse ainda mais bravo:

— Se não for um bicho... posso matar!

E pensou que se fosse um bicho, mataria também. No entanto, sem mais barulhos, o mentor apareceu em sua frente, visível como se fosse encarnado. Tanto que Pévlius achou que estivesse vivo e disse:

— Como saiu tão rápido do mato? O que deseja, homem estranho?

Pévlius mantinha o objeto cortante em punho, mas sem mencionar que era espírito desencarnado, o mentor disse a ele:

— Não tenha medo ou queira me ferir. Não venho para atacar ou lutar. Venho lhe dizer que existe muita bondade em você.

Pévlius achou tudo muito estranho e perguntou:

— Quem é você? Como me conhece? Por que não vai embora e me deixa passar?

O mentor sorriu e respondeu:

— Sou um amigo. Conheço-lhe há muito tempo.

Pévlius perguntou intrigado:

— Como me conhece? Eu não te conheço...

O mentor se identificou como desencarnado, deixou que Pévlius percebesse seu corpo espiritual, diminuindo a intensidade da aparição, com isso, ficando transparente, de certa forma. Depois, disse ao já assustado Pévlius:

— Meu jovem... sou um amigo do céu. Ouça-me e tudo ficará bem para você... posso lhe garantir isso.

Pévlius estava em estado de choque. Ficou paralisado de medo. O mentor, percebendo que não daria para fazer mais nada, sorriu e sumiu. Mas antes disse a ele:

— Eu volto, meu amigo. Fique com a paz de Deus em seu coração.

Assim, depois do susto e sem a presença do mentor visível a ele, Pévlius correu para casa e decidiu que não contaria nada a ninguém sobre o acontecido.

Pévlius estava nervoso, pálido e trêmulo. Fora algo assustador para aquele jovem. Mas apesar da intenção inicial de não contar nada a ninguém, Pévlius havia decidido, passado o calor do momento, contar para seu novo amigo Anturion no dia seguinte.

O que Pévlius não desconfiava é que aquele pensamento lhe foi soprado pelos mentores, que continuavam o acompanhando, porém invisíveis aos olhos humanos. O desejo dos mentores é que a história chegasse a Anturion, pois a ação em ambos os interessava. Porém, como em Anturion, por algum motivo seria mais difícil, ao menos conseguiriam que a história chegasse a ele.

Aluciphel ainda não sabia da interferência dos mentores, pois não estava monitorando naquele momento. Os mentores sabiam disso, porque haviam mapeado todas as ações do mago negro em relação à vigia aos missionários. Era certo que Aluciphel descobriria, mas enquanto isso não acontecia, os mentores sabiam que deveriam aproveitar o momento.

Naquela noite Pévlius demorou para dormir. Estava tenso e com medo, portanto, ficou acordado o máximo que pôde. Isso chamou a atenção do mago negro, que ao perceber a demora de Pévlius, passou a vigiá-lo e percebeu sua aflição. Anturion já havia sido conduzido ao castelo e aguardava instruções, enquanto Pévlius ainda relutava em dormir. Aluciphel orientou seu mensageiro a voltar até a casa de Pévlius e lhe induzir ao sono, no que foi obedecido.

Enquanto isso, Aluciphel tentava descobrir o motivo da tensão e já tinha suspeitas. Disse consigo mesmo:

— Isso só pode ser coisa daqueles dois...

O mensageiro do mago negro conseguiu, de acordo com as instruções de Aluciphel, induzir o sono em Pévlius. Com isso logo estavam no castelo. O mago negro já tinha quase certeza do que havia ocorrido, mas esperou pela chegada de Pévlius e lhe disse, elevando o tom da voz gradativamente dentro de sua narrativa:

— Patrício... sim, esse é o seu nome! Me cansa ter que toda noite contar a mesma história! Já estou farto e cansado disso! É hora de vocês começarem a perceber sozinhos quem são! Patrício, estou falando com você! Acorde!

Aluciphel gritava ao final de sua fala, enquanto Patrício parecia um tanto zonzo, mas rapidamente "despertou" e o mago negro continuou em tom agressivo:

— Patrício, o que aconteceu durante o dia? O que houve que você não queria dormir? Fale-me, homem! Conta-me a verdade! Agora!

Aluciphel gritava exigindo explicações, enquanto Patrício tentava se lembrar até obter sucesso:

— Senhor... algo surgiu para mim... na estrada, voltando para casa... algo surgiu e me falou sobre Deus...

— Malditos! — Aluciphel gritou.

Os olhos do mago negro ficaram vermelhos como sangue e pareciam fervilhar de ódio, se isso fosse possível. Ele andou de um lado a outro e disse a Patrício:

— Não tema... não é culpa sua. Nada irá lhe acontecer.

Virou-se para Anderson e perguntou:

— Já sabe que é Anderson ou ainda pensa que é Anturion, o bonzinho?

Anderson apenas respondeu sem reagir ao sarcasmo:

— Diga, Aluciphel. O que pensa em fazer?

Feliz por Anderson já estar consciente, Aluciphel comentou com ele:

— Eles estão começando a criar problemas demais. Precisamos detê-los.

Anderson perguntou:

— Mas como?

Aluciphel ficou em silêncio alguns instantes, andou um pouco pela sala e logo respondeu:

— Temos que atacar. Tirá-los do caminho.

Ao que Anderson fez o seguinte comentário:

— Posso ajudá-lo nisso... contudo, Aluciphel... sei que já falamos a respeito, mas seria possível retirar Fabrízio desta situação? O pobre miserável já não sofreu demais? Retire-o e o deixe descansar por um tempo. Termine com essa punição.

Aluciphel, sorrindo, usou novamente o sarcasmo:

— Veja, Patrício... Anturion, o bonzinho está conosco. Quanto amor em seu coração, Anderson... quanta bondade e misericórdia...

Anderson não reagiu aos comentários maliciosos e apenas ficou em silêncio e sem expressões corporais. Aluciphel, diante sua impavidez, apenas disse:

— Que seja. Se isso lhe incomoda, vou retirá-lo da punição e jogá-lo em qualquer lugar, para que possa descansar... como sua bondade exige.

Assim, o mago negro chamou alguns serviçais e retirou a punição sobre Fabrízio, que foi levado pelos vassalos para descansar em outro lugar, como prometido a Anderson. Após isso, o mago negro perguntou a ele:

— Feliz? Podemos falar sobre o que é importante agora?

Anderson apenas respondeu com ar de seriedade:

— Agora podemos.

Capítulo 18

Sem mais demoras, o mago negro iniciou a conversa com Anderson:

— Pelo seu tom com Fabrízio, não creio que deseje avançar e destruir. Estou certo?

Anderson ignorou o novo deboche e comentou apenas sobre seus pensamentos a respeito das possíveis ações contra os mentores do bem:

— Aluciphel, você tem razão quando diz que precisamos atacá-los. Posso ajudar no planejamento. Mas no tocante à execução, não sei. Estou muito mais frágil devido ao corpo de carne.

O mago negro comentou:

— Tem razão, Anderson. O corpo tira recursos. Mas o que sugere fazermos?

Anderson lhe disse:

— Não há muito a se pensar. Encontramos o lugar onde estão e atacamos. Com nosso maior poderio. Mas sem desguarnecer o castelo, para não nos pegarem desprevenidos, é claro.

O mago negro respondeu:

— Mas não sei onde estão.

— Descubra — Anderson respondeu.

Aluciphel comentou com um sorriso no canto da boca:

— Não é tão fácil... conseguimos falar com eles... mas saber onde estão...

Anderson, então, propôs:

— Podemos cercá-los em emboscada fora de seu lugar, que deve ser mesmo muito bem protegido.

O mago negro comentou:

— Se pegarmos apenas eles, novos virão.

Mas Anderson disse:

— Novos virão, mas ganhamos tempo e respeito.

Aluciphel comentou:

— Pegá-los em seu lugar seria perfeito.

No entanto, Anderson desdenhou e advertiu:

— Muito difícil mesmo. Mas precisamos saber onde estão. É importante saber. Agindo lá ou não... eles sabem onde estamos.

Aluciphel disse:

— Vou procurar... tentarei... posso conseguir. Mas sua ideia de emboscada parece ser proveitosa. Diga mais.

Anderson obedeceu:

— Eles estão sempre por perto. Podem tentar novamente nos levar para algum lugar, que pode ser o lugar deles, onde ficam, ou outro lugar. O plano é bem simples. Façamos que pensem que estamos indo com eles por descuido da guarda e os cercamos no caminho ou até mesmo no próprio lugar.

Aluciphel perguntou:

— E o que fazemos com eles depois?

Anderson foi simples:

— Cárcere.

Patrício, que ouvia toda a conversa, comentou animadamente:

— E tortura!

Anderson disse a seu companheiro:

— Calma, Patrício. Primeiro os pegamos...

Aluciphel apenas comentou:

— Sim. Depois pensamos no que fazer com eles. Cárcere seria bom. Mas... virão todos atrás deles. Seria ruim para nós.

Anderson sugeriu:

— Os capturamos. Torturamos um pouco, depois soltamos, para evitar que venham até nós. Irão nos respeitar e pensar muito antes de nos atrapalhar novamente.

Aluciphel terminou a reunião dizendo:

— Certo. Vocês precisam voltar, sinto isso. Mas me parece bom. Pensarei mais e conversaremos depois, quando retornarem.

Anderson e Patrício voltaram ao corpo.

Se o plano fosse bem executado, os mentores teriam problemas sérios com as trevas...

Porém, o que nem Aluciphel desconfiava, é que os mentores estavam um passo à frente dos planos trevosos e, além de já suspeitarem da tentativa de ataque das trevas, também monitoravam as ações do mago negro. Naquele mesmo dia, infiltrado no castelo, havia um espião, mais precisamente um agente duplo, que guardava aparência negra, intimidadora e presença forte, que trabalhava nas

fileiras da organização do castelo, mas que, na verdade, servia ao Cordeiro, Jesus, levando informações aos mentores e a outros falangeiros do bem.

É imprescindível que se diga que tal entidade ainda era muito embrutecida em sua energia, para que pudesse ser convincente nas trevas, caso contrário, o disfarce poderia ser facilmente descoberto. Tal espírito, apesar de portador de grosseira energia, havia passado por extenso treinamento nas colônias do bem para realizar tal função. Tratava-se de um espírito recém-convertido ao bem, mas com total interesse em manter-se assim. Espíritos como ele são utilizados até hoje em funções como aquela.

Tal espírito, como dito, estava no castelo há bom tempo, importante dizer. Naquela noite, havia conseguido se infiltrar em cômodos vazios, vizinhos à sala de Aluciphel e instalado aparelho capaz de transmitir toda conversa diretamente para os receptores na colônia onde estavam os mentores, que claro, ouviram a tudo com fidelidade de informações.

Tal agente infiltrado realizou seu trabalho com competência sem ser pego. Ao terminar, desmontou a aparelhagem e retornou a seu posto sem levantar suspeitas. Muito habilidoso e corajoso.

Na colônia do bem, onde estavam os mentores, depois de ouvirem toda conversa atentamente, o mentor mais curioso perguntou ao outro sobre a segurança do agente infiltrado:

— Amigo, você não considera esta uma ocupação extremamente perigosa? Se o descobrem, o que pode acontecer a ele? E por que, nem Aluciphel, nem Anderson desconfiaram?

Sorrindo, o outro mentor respondeu:

— Sim, meu caro amigo, é perigoso. Mas ele sabia dos riscos e nós nos prontificamos a prestar socorro e resgate no caso de ser descoberta a camuflagem.

O mentor curioso insistiu:

— Mas por que Anderson e Aluciphel não perceberam?

O outro mentor respondeu:

— Anderson não percebeu pois estava em desdobramento, ligado ao corpo, o que o limita muito. Fica muito difícil para ele, nestas situações, perceber algo tão sutil, como foi a presença e atuação de nosso amigo.

O curioso insistiu:

— E Aluciphel?

Ao que o outro mentor respondeu:

— Estava preocupado em zombar de Anderson, preocupado em nos atacar, preocupado que seus missionários percam logo os esquecimentos impostos pela carne e, distraído, digamos assim, pelo bom trabalho feito por eles... até agora. Por isso, apesar de ter a capacidade de perceber, não o fez. Também por ter a prepotência de julgar que não poderá jamais ser espionado em sua própria sala.

— Somos fortes — o outro mentor comentou.

— Sim, mas não aparentamos a ele — respondeu, o primeiro.

— E o que faremos quanto ao ataque?

— Deixemos que tentem. Não conseguiram e não conseguirão nos descobrir aqui. Nossas bases estão protegidas. E, a partir de agora, andaremos com proteções extras, conosco e camufladas.

— Eles que serão surpreendidos? — O outro mentor perguntou.

Respondeu-lhe o primeiro:

— Essa é a intenção.

Ambas as partes se preparavam para o embate, que não seria o primeiro, nem o último.

Anturion e Pévlius voltaram ao corpo e, como sempre, não se recordavam de nada ao acordar. Às vezes, como fosse um sonho, vagas lembranças eram levadas por eles.

Dias se passavam e nada acontecia. De um lado, os mentores se cobriam de cuidado, sem deixar transparecer, e do outro, Aluciphel combinava com Anderson, sempre durante os desdobramentos deste, sobre as ações que fariam. Tanto o mago negro quanto seu general sabiam que ainda não era o momento, pois o plano ainda não estava completo. Mas não era bem isso.

Durante uma dessas reuniões, Anderson disse ao mago negro:

— Como estão aqueles? — Referindo-se aos mentores.

— Em silêncio — Aluciphel respondeu.

Anderson sorriu sarcasticamente e disse ao mago negro:

— Não acha estranho? Justamente quando pretendemos atacá-los estão em silêncio.

Aluciphel esboçou responder, mas Anderson interrompeu e perguntou:

— Já descobriu onde estão?

Aluciphel iria responder, mas novamente Anderson o interrompeu:

— Ainda não sabe, estou certo? Não conseguiu nada, não foi? E não acha tudo isto muito estranho, Aluciphel?

Patrício, que acompanhava em silêncio a reunião, deu alguns passos atrás. O mago negro cerrou as sobrancelhas e disse em tom ameaçador a Anderson:

— Não se esqueça de quem dá as ordens aqui, senhor Anderson...

O general, sem se intimidar, respondeu:

— Não me esqueço disso, Aluciphel, um momento apenas. Mas não fuja do assunto. O que fez da sua parte?

Aluciphel continuou sem gostar do tom de Anderson. Caminhou dois passos em sua direção, ainda mais ameaçador, quase face a face. Enquanto falava, seus olhos vermelhos pareciam brilhar de ódio, de tão luminescentes:

— Não pense que não conheço você o suficiente. Sei de onde veio. Sei de quais fontes bebeu... sei quem lhe ensinou, sei como e onde... sei o que fez... eu sei de tudo. E você, meu amigo... não sabe a metade... e ficará, ao que sei, muito tempo sem saber...

Anderson não se moveu, mas não se intimidou, permanecendo em silêncio. Aluciphel continuou:

— Ainda... ainda dou as ordens aqui. Não me cobre. Não me diga o que tenho de fazer. Não diga que não fiz o que sei que tenho de fazer... porque sei tudo sobre você... o que você, tão bom... tão poderoso, não sabe. Saiba sobre seu passado, antes de me cobrar e dizer o que tenho de fazer...

Fez uma pausa e foi ainda mais ameaçador. Falou seriamente:

— Se quiser... pode sair agora. Está livre do compromisso. Terminamos aqui a missão. Viva, se mate, faça o que quiser. Mas pode ir.

Anderson respondeu em tom igualmente sério e sem demonstrar intimidação:

— Não farei isso. Porque não quero e porque não lhe darei este alívio. Você pode saber sobre mim o que ainda não sei. E é covarde o suficiente para usar isso logo que se sente ameaçado. Não tenho medo de você, Aluciphel. Tenho interesses,

como você também os tem. Sugiro que continuemos em nossa suposta paz e sigamos com os planos. Depois, veremos.

Aluciphel ficou alguns segundos em silêncio, se afastou e apenas respondeu:

— Continuemos.

Patrício se aproximou novamente e eles continuaram a planejar.

O que havia de errado? Eles não se entendiam mais como antes.

O planejamento havia terminado, apesar do clima de animosidade entre Anderson e Aluciphel. Não havia nenhum planejamento mais audacioso ou bem elaborado. Mesmo com as restrições de Anderson, como explicado, devido ao vínculo com o corpo de carne. Não esperavam ter problemas.

Na base dos mentores, eles conversavam sobre o possível e iminente ataque das trevas:

— Amigo, já tem a certeza de que atacarão?

O outro respondeu:

— Creio que sim. Pode considerar certo este ataque.

— E quando e onde será?

— Isso não há como saber. Mas também tenho a certeza de que não descobriram nossa base. Com isso, tentarão nos atacar enquanto estivermos em missão.

— Sugere algo?

— O que você faria, meu amigo?

— Aproveitaria a oportunidade para angariar alguns para nossas fileiras do bem...

— Isso. É sempre uma boa razão.

— Mas como faremos?

— Novamente pergunto o que sugere, meu amigo.

— Criaria uma situação de pseudofragilidade e combateria as investidas com amor.

O mentor sorriu e respondeu com tranquilidade:

— Se você já sabe... não precisa ficar me perguntando...

— Podemos começar a nos preparar?

— Sim, meu amigo... chame todos para conversarmos.

O mentor se referia a alguns dos espíritos de maior experiência na arte de defesa contra as trevas, que serviam com eles naquela colônia.

A reunião foi feita e o plano de ação do bem estava pronto. Com isso, na verdade, a ação seria do bem, não das trevas. Aluciphel considerava que atacaria, mas seria atacado sem saber, pois quando fosse atacar seria puramente por indução das falanges do bem, acreditando que os mentores estavam em posição de fragilidade.

Durante todos os dias, os mentores circulavam pela Terra para rodear Anturion e Pévlius, tentando os influenciar para o bem, de alguma maneira, e para monitorá-los de perto. Aluciphel, obviamente sabia disso. E os mentores também tinha essa informação, evidentemente.

Somente após Anturion e Pévlius adormecerem e partirem para o castelo, é que os mentores retornavam para sua base. Isso não era uma regra, pois havia dias em que os mentores não iam até a Terra, em outros, retornavam antes que a dupla adormecesse. Mas quase sempre faziam a mesma coisa. E evitavam ser seguidos, pois se transportavam para a base, sem deixar rastros.

A ideia dos mentores era criar a ilusão em Aluciphel de que precisariam, por algum motivo relacionado à fragilização ou à perda de força, retornar à base sem se transportarem diretamente, com isso, poderiam ou ser seguidos ou ser atacados no meio do caminho.

O que Aluciphel não suspeitava é que, ao cair nesta ilusão, seria cercado pelas falanges do bem, que atuariam com amor nas tropas das trevas. E fariam isso no meio do caminho, ao serem atacados ou se estivessem sendo seguidos. O fato de serem seguidos significaria que o mago negro desejaria saber o local da base, portanto, surpreenderiam as trevas antes de serem atacados.

O plano era bom e o mago negro, por desleixo seu, não suspeitava.

Anderson, por sua vez, precisava confiar estes detalhes a Aluciphel, devido a suas restrições impostas pela encarnação.

O embate era inevitável. E estava próximo.

Capítulo 19

Aquele parecia ser mais um dia normal. Um dia em que os mentores estariam próximos a Anturion e Pévlius tentando os aliciar para o bem, enviando boas vibrações. Mas ninguém realmente achava que seria somente isso. Ninguém. Nem os mentores, tampouco Aluciphel e sua horda.

O fato é que os mentores, devido a informações de dentro do castelo, já sabiam que o cerco estava bem próximo. Com isso, induziriam Aluciphel a tentar atacar naquele dia, quando seria surpreendido. Poderia ser em outro dia, mas os mentores já sentiam as vibrações provenientes das fileiras das trevas.

Os mentores conversavam enquanto observavam Anturion, tentando disfarçar:

— Crê que poderá acontecer? Quero dizer... Anturion, você sabe...

O outro respondia:

— Sim. Creio mesmo.

Sem se retirarem do local, para não levantar suspeitas, os mentores se revestiram de uma fina proteção fluídica imperceptível que os impedia de serem ouvidos. Então voltaram a conversar:

— Agora podemos falar tranquilamente.

— Acha mesmo isso? Que podemos falar tranquilamente?

— Sim. Não vê a proteção? Aluciphel certamente não a detecta. Como dizia?

— Tentará nos atacar hoje? Acredita nisso?

— Sim. Sinto a agitação do lado deles. Não sente também?

— Na verdade, sinto, sim.

Depois de algum momento de silêncio, o mentor continuou:

— Sinto a agitação e sinto o peso da responsabilidade sobre nós...

O outro mentor sorriu e lhe respondeu:

— Também sinto isto, meu caro amigo... mas devemos saber que Nosso Pai nos exige empenho e bom coração. Façamos o melhor que pudermos, dentro de Suas Leis, assim, seja qual for o resultado, estaremos limpos dentro da Lei Divina. O que realmente me preocupa são eles. O que será deles se falharmos? Se não conseguirmos os impedir?

— Eles? Você fala de Anderson...

Foi interrompido pelo outro mentor:

— Sim, meu caro... de Anderson, Patrício, Fabrízio, até mesmo Aluciphel, por que não? São todos filhos legítimos de Deus, Nosso Pai. É certo que Aluciphel está mais distante de um possível arrependimento... mas os outros... podem sofrer muito e se distanciarem ainda mais do Pai se conseguirem o que desejam... minha maior responsabilidade não é comigo, meu amigo... é com eles. Preciso, os impedindo, ajudá-los a não se afundarem ainda mais. Temos essa missão. E pretendo honrá-la... até o fim... custe o que custar.

O outro mentor abaixou a cabeça, fechou seus olhos e disse em tom reverencial:

— Que assim seja.

O dia transcorreu. E como esperado pelos mentores, Aluciphel preparava o ataque. O que o mago negro não sabia e não esperava em hipótese alguma, é que estava ele, Aluciphel, sendo induzido pelos mentores a atacar naquele dia, naquele momento, dentro daquelas circunstâncias.

Os mentores iriam refazer o caminho para a colônia do bem sem se transportarem diretamente para lá, justamente para passar a imagem ou de cansaço ou de fraqueza e, principalmente de

fragilidade. Tinham certeza de que, agindo assim, incitariam o mago negro a atacá-los. E como planejado, reagiriam, não sendo pegos desprevenidos ou sozinhos.

Todo plano do bem estava pronto. Havia um pequeno exército de entidades de vários tipos de atuação preparadas para agir com amor nas fileiras das trevas. Na verdade, o ataque seria do bem, que aguardaria as primeiras movimentações suspeitas dos trevosos e armaria sua ofensiva, cercando os pelotões de Aluciphel.

No momento de irem embora, após Anturion e Pévlius já estarem em suas respectivas moradias, os mentores se olharam com expressão de cumplicidade e aconteceu o seguinte diálogo:

— Como faremos hoje?

— Pensei em irmos com calma.

— Com calma? Como?

— Sem ir diretamente... precisamos descansar. Aproveitemos o caminho para pensar melhor nas estratégias. De acordo?

— Sim, de acordo. Sinto o mesmo.

Fizeram silêncio e se colocaram a trilhar o caminho de volta para a colônia. Obviamente que

aquele diálogo foi produzido para induzir Aluciphel ao ataque. E funcionou.

É importante ressaltar que em condições normais, aquele mago negro suspeitaria daquele teor de diálogo. Mas Aluciphel estava tão seguro de si, tão convicto, que sua arrogância o impediu de enxergar o plano do bem. Este foi um erro que cometeu. Pagou por ele, mas também aprendeu a lição.

No castelo, Aluciphel, que observava os mentores através de uma tela fluídica, disse a um comandante que havia promovido para esta ação:

— Chegou o momento. Iremos agir. Já.

O comandante, que também havia acompanhado o diálogo, suspeitou daquela conversa e do fato dos mentores quererem fazer o caminho para sua colônia sem se transportarem diretamente. Receoso, disse a Aluciphel:

— Mas, senhor... o senhor não suspeita disso? Não estariam eles preparando uma emboscada para nós?

O mago negro gargalhou alto e respondeu com deboche:

— Eles? Preparando uma emboscada? Que absurdo! Não percebe a bobagem que diz, meu jovem? Junte as tropas e façamos o planejado.

Diante da resposta, o comandante apenas cumpriu suas ordens.

Assim, com as tropas rapidamente reunidas, Aluciphel se colocou à frente e iniciaram a marcha em direção ao ponto onde os mentores estavam.

No decorrer da marcha, algumas tropas eram deslocadas, mudando seus rumos. Isso era apenas para posicioná-las melhor no momento da batalha.

Aluciphel estava muito confiante. Não demoraria e já estariam próximo aos mentores. O mago negro tinha absoluta certeza de que nada daria errado e os mentores seriam capturados. A ideia de emboscada para ele, era considerada completamente absurda. O comandante temporário das tropas voltou novamente ao assunto enquanto marchavam:

— Senhor... com todo respeito... não considera que devemos nos resguardar ao menos um pouco? Se deixarmos alguns de nossos homens colocados...

Mas foi interrompido por Aluciphel:

— Chega dessa conversa! Não quero ouvir mais nada sobre isso! Estamos à beira da vitória. Faça silêncio e concentre-se!

O comandante se calou e obedeceu ao mago negro. Mas em seu íntimo, tinha a quase certeza de que seriam surpreendidos.

Do lado dos mentores já havia uma intensa movimentação defensiva. Porém, toda essa agitação e movimentação não eram percebidas por Aluciphel e suas tropas. Isso porque as falanges do bem estavam vibrando em faixas que não podiam ser percebidas pelo mal. O fato de estarem em faixas vibratórias superiores ao que poderia ser percebido, impossibilitava a horda do mago negro de captar suas presenças. Era simples, mas estava funcionando. E sempre funciona.

Alguns espíritos, como Aluciphel, por exemplo, mesmo não tendo a capacidade de vibrar em faixas elevadas, por suas experiências diversas, conseguem perceber algumas presenças. No entanto, o mago negro, devido à postura adotada na batalha, não conseguia se concentrar o suficiente para captar as falanges do bem.

Os mentores conversavam em uma faixa segura de comunicação, onde Aluciphel não os escutaria:

— Aluciphel não os pode ver? — O mentor se referia às falanges do bem que estavam escondidas.

Ao que o outro mentor respondeu:

— Não. Sua arrogância o impede. Se estivesse mais cauteloso ou ouvisse seu comandante, teríamos de adotar outro plano.

Ao dizer isso, os mentores pararam. Estavam em um local aberto, muito próximo da primeira fronteira astral. Não tão perto de sua colônia, nem tão perto da Terra. Ou seja, no local ideal. Apenas pararam e nada disseram.

Aluciphel, ainda um pouco distante, conseguiu perceber pois os monitorava. Assim, ordenou velocidade às tropas e ataque imediato para seu comandante. Estariam no mesmo local que os mentores em poucos instantes.

E isso logo aconteceu. Mas Aluciphel desejava uma entrada triunfante. Para tanto, apareceu sozinho para os mentores, que o perceberam de imediato, mas permaneceram onde estavam, em silêncio. O mago negro caminhou lentamente na direção dos mentores e quando chegou bem perto, os cumprimentou:

— Vocês... sempre bem distintos... é sempre bom revê-los...

Um dos mentores respondeu:

— Aluciphel... o que deseja?

Sorrindo maliciosamente, o mago negro respondeu:

— Vim propor que se rendam agora e nada mais acontecerá. Tenho um exército cercando esse local... vocês não terão chance.

O mentor não esboçou reação, mas perguntou:

— Mas qual o motivo, Aluciphel? Por que isso?

— Quero tirá-los do meu caminho — respondeu o mago negro.

O mentor insistiu:

— Quer nos prender? Amarrar-nos? Torturar-nos? E para quê? Qual a finalidade disso?

Aluciphel foi irônico:

— Tortura... eu nem tinha pensado sobre isso... mas acho que vou querer, sim!

O mentor continuou:

— Isso é sobre Anderson e seus planos, não é mesmo?

— Como você é inteligente... — Aluciphel debochou.

O mentor percebeu que não haveria uma conversa produtiva com o mago negro. Com isso, deu a notícia pela qual Aluciphel não esperava:

— Aluciphel... enquanto conversamos aqui... suas tropas foram interceptadas por nossos homens do bem... e com isso, como foram pegos de surpresa... muitos já estão sendo conduzidos, por vontade própria, para nossa colônia, para tratamento... outros fugiram... você se enfraqueceu... você está perdendo homens... para o bem...

Aluciphel arregalou seus olhos, que ficaram vermelhos, incandescentes de raiva. Rapidamente saiu do local e foi até suas tropas, mas as falanges do bem, por orientação dos mentores, já haviam se retirado.

O resultado era terrível para Aluciphel. Mais da metade de seus homens havia partido para a colônia do bem, por já estarem cansados, por estarem muito tempo no mal ou com o mago negro, que não os tratava bem.

O que as entidades do bem fizeram foi apenas cercá-los e oferecer com amor, a oportunidade de mudança. Não houve embate. Foi pacífico. Quem quis ir, foi. Quem não quis, ficou. Alguns fugiram, aproveitando a oportunidade.

Aluciphel foi induzido mentalmente pelos mentores a aparecer sozinho, para que as tropas do bem pudessem agir.

O amor era tanto no local, que nenhum homem das trevas levantou uma arma para o ataque.

Os mentores saíram de onde estavam e se transportaram imediatamente para a colônia, onde muito trabalho os aguardava.

Aluciphel se encheu de ódio. Tentou localizar os mentores, mas não conseguiu. Teve de engolir o orgulho e recolher os pedaços que sobraram de seu exército e retornar ao castelo com aquela derrota sob sua responsabilidade.

Capítulo 20

Na colônia do bem, felizes por terem conseguido sucesso em sua estratégia, os mentores conversavam enquanto se dirigiam ao local onde os recém-chegados eram recepcionados pelas equipes de pronto socorro e atendimento:

— Foi melhor do que imaginava!

O outro mentor era mais contido:

— Foi bom. Tivemos pouco tempo com Aluciphel.

— Isso porque você logo contou o que estava acontecendo...

— Não se engane, caro amigo... logo ele perceberia e seria pior, pois seríamos obrigados a nos defender, pois que ele atacaria e o embate seria inevitável. Não é isso que queremos, jamais.

— Tem razão. E agora? Temos pessoal suficiente para atender a todos?

— Não aqui. Mas já estão chegando socorristas de outros lugares que nos ajudarão a receber nossos novos amigos.

— Estou muito feliz que esses novos amigos estejam aqui.

— Eu também, meu caro e velho amigo, eu também...

No castelo o clima era bem diferente. Aluciphel se isolou em sua sala durante alguns minutos, mas logo desceu ao pátio onde o que restou do exército estava e atacou alguns homens, obviamente os deixando em estado lastimável.

O mago negro estava irado e tentava descontar sua frustração em seus soldados. Também como demonstração de força diante seus subordinados, uma vez que sabia que havia sido enganado pelos mentores.

Nada fez com o comandante. Mas depois que terminou o que estava fazendo no pátio, o chamou em sua sala para conversarem.

Na sala, o mago negro disse a ele:

— Agora teremos de contra-atacar... não podemos deixar isso ficar assim.

O comandante, sempre polido, respondeu:

— Senhor... tenhamos mais calma... eles esperam uma reação agora... não podemos fazer o que eles esperam que façamos... já fizemos isso... acabamos de fazer, em verdade...

Aluciphel guardou silêncio e apenas disse ao comandante:

— Certo. Aguardemos um pouco mais. Agora saia. Preciso pensar.

O comandante saiu e Aluciphel ficou sozinho com seus pensamentos. Depois disse a si mesmo a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— Preciso conversar com Anderson...

O general já estava a caminho, pois que Anturion e Pévlius haviam adormecido há pouco. O mago negro ansiava pela presença de Anderson. Andava de um lado a outro em sua sala, transbordando ódio.

Tão logo Anturion e Pévlius chegaram à sala, Aluciphel iniciou o processo de identificação, que ainda era preciso para que os dois missionários das trevas se percebessem com Anderson e Patrício.

Demorou o tempo habitual, apesar da ansiedade e impaciência de Aluciphel. Assim que o mago negro notou que seus pupilos estavam bem, ou seja, sabiam quem eram, foi direto ao assunto com Anderson, uma vez que o mensageiro já havia se retirado da sala:

— Anderson... aconteceu algo terrível para nós.

Calmamente, apesar de notar o desespero no mago negro, Anderson perguntou:

— O que aconteceu, Aluciphel?

— Travamos uma batalha com aqueles miseráveis e eles acabaram nos enganando e levando muitos de nós... agora estamos com poucos homens e enfraquecidos.

Anderson pensou alguns segundos e tornou a dizer:

— Vou perguntar novamente... o que aconteceu?

Aluciphel, de tão nervoso, não percebeu a ironia em Anderson e já estava prestes a explicar novamente quando foi interrompido por seu missionário:

— Eu entendi, Aluciphel... o que não entendo é como você deixou que isso acontecesse... como assim foi enganado? Como puderam eles nos levar tantos homens? Quantos foram mesmo?

Aluciphel tentou responder, mas Anderson continuou:

— E como? Porque duvido que tenham usado força para isso. Onde você estava, Aluciphel?

O mago negro, envergonhado, tentou desviar das perguntas:

— O importante agora, Anderson, é definirmos o que fazer...

Mas foi interrompido por seu general:

— Discordo, Aluciphel... quero saber o que houve.

O mago negro respondeu:

— Eu sei o que houve.

— Mas eu não sei! Não estava lá! Se quiser minha ajuda tem que me dizer, porque preciso entender como aconteceu! Preciso saber a forma como agiram e como conseguiram te enganar.

Aluciphel ficou alguns segundos apenas olhando para Anderson, mas acabou dizendo tudo. Durante a narrativa, Anderson apenas escutou. Ao final, o general se pronunciou:

— Eles são muito inteligentes. Não podem receber o tratamento para tolos novamente. Quanto ao castelo... não vejo nenhum perigo, pois não há ninguém que tenha força para nos ameaçar, mesmo agora. Além disso, recrutar homens não é nenhum problema... é um trabalho que sabemos fazer. O que aconteceu não chega a ser um estrago para

nossa estrutura. E sim uma demonstração de força do lado de lá. Temos de manter nosso trabalho. Fazemos bons avanços em campo.

Aluciphel entendeu tudo, porém ainda tinha perguntas:

— Mas não atacaremos? Não iremos reagir?

Anderson respondeu friamente:

— Não. Não é importante. Temos de nos reforçar.

Patrício, que estava na sala e acompanhava a tudo, opinou:

— Não faremos porque eles esperam que façamos isso, certo?

Anderson respondeu:

— Na verdade, Patrício, não acho que esperam isso agora. Vejo o que aconteceu como um gesto desesperado para dizer que podem nos enfrentar. Mas sei que se fizermos corretamente o que planejamos, não podem nos impedir. Eles tentaram nos desestruturar com isso. Nos levar à batalha sem sentido apenas para nos tirar da verdadeira batalha, que é nosso planejamento. Não demos a eles o que desejam. Nos reforcemos, mas sem perder a atenção ao plano.

Aluciphel ficou em silêncio, pensativo. Mas acabou concordando com Anderson, que inseriu assuntos relativos ao planejamento citado.

Assim passaram o restante do tempo dedicando seus esforços aos planos de Anderson e Patrício na Terra.

Na colônia do bem, enquanto ajudavam no auxílio ao recém-chegados, os mentores conversavam:

— Ainda me preocupo, meu amigo.

— Qual sua preocupação?

— Temo que eles não iniciem nenhuma jornada contra nós.

— Isso seria bom e ruim. Mas receio que realmente não irá acontecer. Anderson já deve estar com Aluciphel.

— E o que faremos?

— Nada. Não faremos nada. Deixemos que eles façam. Vamos nos preocupar com esses irmãos necessitados que estão conosco.

— Eles se preocuparão com o planejamento deles, estou certo?

— Creio que sim, amigo. Com isso, devemos redobrar a atenção e não medir esforços para impedi-los ou apenas para reduzir os danos causados por eles.

— Concordo.

Dessa forma, os mentores permaneceram trabalhando. A vitória deles era comemorada, pois muitas almas foram salvas naquela noite, porém eles sabiam que os planos de Anderson eram muito fortes e as chances de darem certo eram grandes. Com isso, os riscos ao planeta eram igualmente catastróficos. Mantiveram-se no trabalho.

Pouco antes do amanhecer, Anderson e Patrício retornavam ao corpo. Haviam passado quase toda a noite conversando sobre os planos com Aluciphel. A conclusão a que chegaram é que o planejamento seguiria sem surpresas, mas o esmero em sua execução deveria ser impecável e que não retaliariam os mentores naquele momento, pois julgavam que a melhor resposta era o sucesso de suas ações.

Patrício perguntou a Anderson enquanto retornavam calmamente ao corpo:

— Anderson... acha que tudo isso é mesmo o certo a se fazer?

Anderson achou a pergunta estranha:

— Como assim, Patrício? O que quer dizer?

Patrício pensou bem para responder e escolheu as palavras:

— Entenda que não estou desistindo, estou do seu lado e vou continuar com o mesmo empenho. Mas tanto será feito para destruição de outros. Como isso pode nos ajudar? A mim e a você? E até a Aluciphel?

Anderson respondeu com frieza:

— Você não entende agora, mas entenderá no futuro. São esforços que fazemos por nós mesmos. As pessoas apenas sofrerão porque se deixarão sofrer. Pense em nós como aqueles que fazem sua própria justiça. Mas de forma que não é usualmente bem-vista...

Patrício entendeu a essência da explicação de Anderson e calou-se. Mas ainda tinha algumas dúvidas. Contudo continuaria no planejamento com esforço total e isso não mudaria.

Retornaram ao corpo. Aquela noite havia finalmente terminado com muitas baixas para as hordas trevosas, mas sem nenhum arranhão ao planejamento de Anderson. E que, naquele momento, acabava por ganhar força extra em dedicação e atenção. O pior ainda estava por vir.

Capítulo 21

O tempo passou. Aluciphel consertou os estragos feitos à sua horda pelos mentores, que por sua vez, continuavam o trabalho de observação e acompanhamento das ações de Anderson e Patrício, que cresceram e já estavam na idade adulta, recém-chegados a ela.

Anturion seguiu a carreira política, mas não ocupava nenhum cargo ou desempenhava alguma função. Sequer tinha um trabalho específico. Mas estava sempre muito bem acompanhado de políticos e líderes influentes que sempre o ouviam com atenção devido a suas ideias e seu pomposo e eficiente discurso.

Pévlius era um homem do povo, um camponês, mais especificamente um negociante de animais. Ele os caçava, matava e vendia as carnes, as peles, tudo que seus clientes desejassem. Pévlius era uma espécie de açougueiro, mas com especial prazer em caçar e matar.

Os dois, como previa o planejamento, continuavam amigos muito próximos. Isso nunca havia sido problema porque Anturion não ganhava destaque público, o que poderia impedir a amizade com um camponês.

Anturion conhecia praticamente todos os homens influentes. E todos os que conhecia

gostavam dele e lhe davam atenção. Alguns, inclusive, aplicavam suas sugestões em suas carreiras e conseguiam sucesso. Mediante a tal sucesso, estes lhe ofereciam cargos públicos com altos ganhos, mas Anturion recusava a todos.

Sua fama cresceu, mas somente nos bastidores do poder romano. Ele era considerado como um guru, um consultor ou, em alguns casos, até mesmo um marqueteiro, para adaptar os termos aos dias de hoje. Mas sem nunca aparecer.

Anturion fazia questão absoluta de permanecer no anonimato. Em alguns casos, nem a comunidade política sabia que ele estava envolvido em algo, apenas aquele que ele ajudava. E nunca cobrou nada em troca. Vivia da fortuna de sua família, abastada e poderosa, que tinha diversos negócios e que eram tocados por seu pai, tios e alguns primos.

Pévlius ajudava Anturion em alguns serviços específicos, também sem cobrá-los. Tudo dentro do planejamento.

Até que anos depois Anturion foi apresentado por um amigo influente nas questões públicas, que já havia sido ajudado por ele, a um homem ambicioso, com altas aspirações, influente e poderoso, mas com ar misterioso e que não sabia exatamente como conseguir o que desejava, precisando, portanto, da ajuda de alguém para isso. Alguém com experiência e que fosse astuto.

Alguém como Anturion. O primeiro encontro foi na casa deste amigo político. Ele, Anturion e o novo amigo estavam presentes. Apenas os três.

O homem com altas ambições foi direto ao assunto:

— Sou um homem pouco influente nas questões públicas. Mas sou um homem de força e garra. Faço o que for preciso para conseguir o que quero. Sem medir esforços. E estou disposto a fazer isso agora. Será você capaz de me ajudar?

A pergunta foi feita com um sorriso cínico beirando o desprezo, mas Anturion não se incomodou e reagiu com o mesmo cinismo:

— Eu posso lhe ajudar, mas você está preparado para ser ajudado por mim? Quero dizer... estará pronto para conquistar o que deseja?

O homem ficou surpreso com a reação ousada de Anturion e respondeu a ele, mas igualmente se dirigindo ao amigo que os apresentou:

— Que pergunta é esta? Evidente que estou pronto. Você, que tenho dúvidas.

Anturion deixou de lado essas pequenas acusações que a nada levariam e foi ao ponto crucial:

— Senhor... o que deseja conquistar?

A resposta veio rápida e de forma objetiva:

— Ser Imperador de Roma.

Anturion sorriu maliciosamente. Seus planos começavam a ganhar vida.

No entanto, Anturion não estava sozinho. Aluciphel estava com ele. O mago negro tentava lhe intuir quanto ao político.

— Anderson, preste atenção... Anderson, preste bem atenção... ele é mais do que diz ser... mais do que diz ser...

Anturion não percebia a presença de Aluciphel, mas começava a captar algo de sua orientação. O mago negro insistia em seu ouvido:

— Pergunte quem ele é de verdade... pergunte quem ele é... pergunte quem ele é de verdade.

Aluciphel repetiu esta frase incessantemente até que Anturion conseguiu captá-la e acabou por reagir em voz alta:

— Quem ele é de verdade? — Anturion falou com surpresa.

O homem arregalou seus olhos. A reação dele fez Anturion mudar sua feição de surpreso para a de inquiridor. Fez pausa dramática e perguntou em tom sério:

— Quem é o senhor... o que o senhor é, em verdade?

O amigo de Anturion quase interferiu, pois julgava um abuso e uma ofensa aquele tipo de pergunta. Mas antes que pudesse dizer algo, o homem se manifestou:

— Não sei como sabe... é certo dizer que sou homem de assuntos públicos, mas sou mais que esperavam.

O amigo de Anturion não resistiu e precisou se manifestar:

— Você não me disse a verdade?

E Anturion ainda perguntou a este:

— Você me apresentou a ele sem saber a verdade? Como isto pode ser?

O homem tomou a palavra e esclareceu tudo:

— Permita-me esclarecer. O conheci há pouco tempo. Utilizo da esfera pública para alcançar o

que desejo, ser imperador de Roma. Não sei como você descobriu que havia algo mais.

Anturion perguntou:

— E o que tem a mais?

Aluciphel já ditava a resposta de forma frenética em seu ouvido:

— Militar! Militar! Militar!

O homem ainda estava receoso e esperou alguns segundos para responder, pois não confiava plenamente em Anturion. Mas quando o missionário trevoso disse a palavra certa, a confiança que faltava apareceu de vez:

— Militar... permita-me dizer. O senhor é militar... por que não disse antes? Qual seu receio? De que não seja o conselheiro certo para você? Está provado que sou.

O homem estava absolutamente surpreso. Demorou alguns segundos, mas ele respondeu:

— Sim... sou militar... e você tem razão em tudo o que diz. Mas não mais farei segredos. No entanto, nada do que é dito aqui poderá sair desta sala — disse isso se voltando ao amigo de Anturion.

Anturion pediu mais explicações:

— Certo, meu amigo... mas esperamos mais explicações...

Então o homem começou a falar:

— Atuo nos assuntos públicos, mas sou general de batalhas... e não consigo conformar-me com a atual situação. Nossos homens também não concordam. Precisamos agir... precisamos mudar isso.

Anturion comentou:

— E espera mudar isso utilizando a esfera pública...

O general respondeu:

— Sim, é o que espero.

Anturion respondeu com segurança:

— Meu amigo...creio que conseguiremos... mas não apenas com esfera pública.

O general disse:

— Não entendo...

Anturion esclareceu:

— Usaremos sua melhor arma... a força bruta.

O general sorriu maliciosamente em consentimento com a sugestão.

Após alguns momentos de silêncio, Anturion retornou ao ponto principal:

— General... disse que não está satisfeito com a atual situação... pode explicar-nos melhor o que quis dizer?

Mesmo confiando mais em Anturion, o general pensou um pouco antes de responder, mas acabou dizendo:

— Este árabe é um fraco... não tem mão para governar Roma como Roma merece e precisa.

Anturion entendeu, mas tentou obter mais informações:

— É somente isso que o incomoda? O fato de ser fraco militarmente? Entendi de forma correta, general?

O general se exaltou um pouco:

— Somente isso? Considera pouco? Se os exércitos de Roma não fossem fortes não teríamos o império que temos, não seríamos quem somos! E se formos fracos, perderemos o que temos em pouco tempo... é isso que tento evitar que o árabe acabe conseguindo.

Anturion explicou:

— Eu entendo, general... creio ter sido mal interpretado. Concordo com sua lógica. O que desejo saber é se há algo mais...

O general pensou alguns segundos e logo respondeu com segurança:

— Não. É somente isso.

Anturion sorriu e perguntou ao general:

— General... somente para nos conhecermos melhor... o senhor cultua quais deuses? Suponho que Mitra seja um deles...

O general respondeu com tranquilidade:

— Não gosto de expor a quem me devoto, mas posso dizer que sou tradicional... não gosto dessas novas ideias...

Anturion comentou:

— Ideias que agradam ao árabe...

O general cerrou as sobrancelhas. A expressão de seu rosto se fechou. Ele perguntou buscando mais informações:

— Agradam ao árabe?

Anturion prosseguiu:

— Sim... o general não sabia? O árabe pretende converter-se em pouco tempo... de forma pública.

O general comentou:

— Então isto é mais um motivo para retirá-lo de lá... podes me ajudar com isso, Anturion?

Anturion sorriu e respondeu calmamente:

— Sim, posso ajudar.

O general perguntou:

— Quantas moedas irá cobrar por isso?

Anturion respondeu:

— Quantas o general quiser pagar.

O general insistiu:

— Vamos, dê seu preço.

— Não faço isso pelas moedas, general... mas se o general quiser pagar, que pague quanto achar que vale — Anturion respondeu.

O general sorriu, pois a resposta o agradou bastante.

Em seguida fez uma pergunta a Anturion:

— Parece-me que não está tão interessado em moedas... o que lhe interessa, então? Se é que estou certo nisso...

Anturion sorriu e respondeu:

— As moedas me interessam, sim... mas não sou ganancioso. O poder me interessa tanto quanto a você, general. Mas prefiro manter-me nas sombras...

O general sorriu maliciosamente e foi bem claro com Anturion:

— Corro o risco de ser traído por você? Teria a ousadia de tentar tirar meu poder, meu império? Porque se tentar...

Anturion o interrompeu:

— Acalme-se general... isso não me interessa. Já ajudei tantos a conseguir muito poder e jamais quis trair qualquer um deles.

O general ficou calmo e perguntou a Anturion:

— Temos que traçar tudo. Em quanto tempo conseguimos?

Anturion respondeu:

— Não posso lhe dar tempo agora. Preciso planejar com calma, preciso que me diga mais, preciso saber detalhes. Temos de planejar com calma. Depois falamos em tempo.

O general disse:

— Entendo. Só há um problema.

Anturion perguntou:

— Qual seria?

O general respondeu:

— O filho do árabe. Em caso de sua saída ou morte, o filho assume.

Anturion disse:

— Não vejo problemas... é somente mais um trabalho a ser feito...

O general perguntou:

— Os dois trabalhos pelo mesmo preço?

Anturion disse:

— General... o senhor não está me pagando para matar ninguém... não sou matador. O senhor está me pagando para assumir o Império. Garantirei isso

ao general, custe o que for, inclusive com o sangue de quem quer que seja.

O general sorriu e disse a Anturion:

— Está bem. Faça o que for. Planeje o que tiver que planejar e depois diga-me o tempo que irá durar.

Eles se despediram e o planejamento de Anturion começaria. Um imperador cairia e outro assumiria em seu lugar. Esta era a meta. Ambiciosa, mas possível.

Aluciphel havia acompanhado toda a conversa, até mesmo intuindo Anturion em alguns momentos, mas ansiava por conversar com seu pupilo de forma consciente. Era apenas questão de horas, pois ao dormir, Anturion logo foi dirigido para o castelo, onde encontrou o mago negro.

Ao chegar no local, Aluciphel já aguardava seu missionário com muita expectativa. Disse a ele:

— Caríssimo Anderson... nossos planos transcorrem bem!

O missionário, que já conseguia diferenciar rapidamente Anderson de Anturion, respondeu sem demora:

— Meus planos, você quer dizer...

Aluciphel engoliu a resposta a seco com um sorriso sem graça no rosto. Não era o momento de atritos entre eles. O mago negro continuou:

— Independente do autor, meu caro Anderson, estamos unidos por estes planos... ou não estamos?

Anderson foi claro e curto na resposta:

— Não há dúvidas que sim.

Um breve momento de silêncio e o missionário das trevas se pronunciou:

— Sei que tudo é possível de realizar, mas é algo muito grande e delicado de ser feito. Não podemos errar. Precisamos de tudo que pudermos ter.

— Sinto preocupação em sua fala — Aluciphel constatou.

Anderson respondeu:

— Minha preocupação não é se consigo ou não. É se tudo que não depende de mim será realizado com êxito. Não poderei fazer tudo sozinho.

O mago negro se colocou:

— Mas Anderson, estarei diretamente auxiliando a todos os envolvidos. Nada passará sem minha permissão e direcionamento.

Anderson retrucou:

— Eu sei, Aluciphel, mas não podemos confiar nas execuções perfeitas de nossas ordens.

O mago negro foi direto:

— Anderson... o que você quer fazer agora? Qual o passo que você acha que deve ser dado?

O missionário trevoso olhou objetivamente para o mago negro e respondeu:

— Temos de planejar muito todos os próximos passos. E a partir de agora.

Dessa forma, Anderson e Aluciphel passaram o resto da noite de sono de Anturion iniciando os planos para aquele importante movimento sem a presença de Patrício, que seria comunicado de tudo posteriormente.

Seria mesmo possível que manipulações e planejamentos das trevas fossem capazes de derrubar um Imperador Romano? Seria mesmo isso possível? E por quê?

Capítulo 22

O tempo dos planejamentos havia passado. Todas as metas já estavam traçadas e todos os envolvidos já estavam identificados. Como em um tabuleiro de xadrez, Anturion via suas peças e sabia qual movimentação poderia obter de cada uma delas, dentro de suas possibilidades. O jogo iria começar. E pouco antes da figura do possível novo imperador surgir, Anturion encontrou-se às escondidas, durante a fria noite romana, com um importante e respeitado membro do senado. Uma peça influente e decisiva para as pretensões de seus planejamentos.

Com um manto escuro para se confundir com a noite, Anturion chegou até o local combinado e encontrou o senador, que também vestia similar roupagem.

— Boa noite, senador.

Com a frieza de quem teme ser visto, o senador respondeu:

— Boa noite. Ninguém o viu, certo?

— Ninguém nos viu. Posso garantir — Anturion respondeu.

O senador foi ao assunto sem rodeios:

— Alguém muito importante me disse que você me encontraria aqui e que me falaria de um assunto de meu total interesse. Estou certo?

Anturion respondeu:

— Sim... nosso amigo, que não precisa surgir mais posteriormente, intermediou nosso encontro. Foi ele quem me disse que o senhor senador era a pessoa certa, ele me garantiu, para se beneficiar com o que irei lhe propor.

O senador olhava para Anturion com desconfiança, mas prosseguiu com a conversa:

— Não preciso saber seu nome. Não quero saber nada... de mais nada... antes de saber do que se trata. Diga o que tem para mim.

Anturion lhe disse:

— O senhor senador tenha calma. Garanto que ninguém nos verá aqui. E no mais... não confia em nosso amigo, que nos beneficiou com este encontro?

— Plenamente — o senador respondeu.

Com isso, Anturion seguiu adiante:

— Muitas moedas. Tantas que poderiam ser bastante para comprar parte do Império somente para o senhor...

Os olhos do senador se arregalaram por breves instantes, mas logo o político se refez. Então, disse:

— Não pense que irei cair em qualquer golpe vindo de qualquer um que não conheço...

Anturion o interrompeu:

— Justa sua colocação. Mas não sou qualquer um. Nosso amigo sabe muito bem disso. Está onde está, pois eu arranjei isso para ele. E não serão apenas moedas que posso lhe garantir. Posso garantir posições, poder e diversão com os melhores vinhos e as melhores mulheres durante o restante de sua gloriosa vida até seu leito de morte...

O senador fez uma pausa e perguntou:

— Até agora me disse o que posso ter. Mas o que quer que eu faça? E quais seus interesses?

Anturion sorriu maliciosamente:

— Apenas preciso que garanta que meu indicado seja o próximo Imperador de Roma.

O senador riu se admirando:

— Apenas isso? Acha isso pouco? Como posso fazer para...

Anturion o interrompeu:

— Não seja tão humilde assim, senador. Tal postura não combina com o senhor. Sabemos que pode indicar alguém e fazer com que seja o escolhido – apelou para a vaidade.

O senador concordou:

— Posso, mas em situações especiais. Como deve saber, o senado desempenha um dever secundário em situações assim.

Mas Anturion disse:

— Eu posso garantir tais situações. Preciso apenas que me garanta que está do meu lado, que irá apoiar quem eu lhe indicar. Ninguém saberá sobre mim, por consequência, ninguém saberá sobre nós. Eu lhe garanto.

O senador sorriu e disse:

— Todas essas coisas são realmente muito interessantes, mas o que acontecerá comigo?

Anturion sorriu e, como já estava preparado com um pequeno "agrado" providenciado pelo possível futuro imperador, puxou uma pequena

saca com quantidade considerável de moedas de ouro e disse:

— Aqui está uma pequena amostra do que podemos lhe oferecer. Isto é apenas por vir ao nosso encontro e se mostrar simpático à nossa causa. Em alguns dias nosso amigo lhe dará novas orientações e precisará de uma resposta definitiva. Se estará conosco ou não.

Animado pelo conteúdo da saca, o senador sorriu generosamente e respondeu:

— Posso lhe dar esta resposta agora... defenderei seu indicado para ser o novo Imperador de Roma. Mas apenas defenderei uma indicação. Não posso garantir que seja escolhido.

— É do que preciso — Anturion respondeu.

Apertaram brevemente as mãos selando o acordo e cada um, sorrateiramente, foi para seu lado.

A primeira peça estava movida. E com sucesso. O primeiro passo havia sido dado.

Capítulo 23

Anturion já tinha toda estratégia traçada e tudo começava a se encaixar. Chamou o general para uma conversa e disse a ele que as coisas estavam encaminhadas e que o próximo passo já poderia ser dado. Desta forma, sem muita demora, Anturion acompanhou o general até encontrarem os exércitos romanos da fronteira. Uma vez no local onde as tropas estavam acampadas, o general era saudado por todos com muito respeito, mas além do respeito pela patente e pela hierarquia, Anturion reconhecia admiração dos soldados pelo general. Então, cochichou em seus ouvidos:

— General, eles estão prontos... faça como lhe disse.

O general inicialmente duvidou:

— Anturion, não sei se já é o momento...

Mas o missionário das trevas insistiu:

— Sim, general. É o momento. Escuta-me. Faça agora.

Como o general estava confiando demasiadamente na astúcia de Anturion, resolveu aceitar seu conselho. Imediatamente chamou alguém de alta patente e ordenou que juntasse todas as tropas para um pronunciamento seu. Foi

prontamente atendido e logo as tropas já estavam dispostas, devidamente enfileiradas com os soldados vestidos com suas armaduras e portando suas armas. Ao ver a cena, Anturion novamente cochichou ao ouvido do general:

— Ordene que guardem as armas, retirem as armaduras, as coloquem em suas barracas e voltem para cá vestindo trajes simples, como estavam vestidos quando chegamos. E depois quando estiverem se preparando para entrar novamente em formação, interrompa e peça para que fiquem à vontade, inclusive com permissão para se sentarem onde quiserem.

A princípio, o general considerou um completo absurdo o pedido de Anturion:

— Isto é um ultraje! Como um general pode falar às tropas desta forma! São soldados, não são plebeus! Eu sou um general, não um líder do povo!

Anturion rebateu o argumento:

— Eu sei. Mas preciso que eles entendam que quem falará não é um general para suas tropas. E sim, um homem experiente e poderoso que quer ajudá-los, que quer ajudar Roma e precisa do apoio deles. Você precisa do apoio deles, general. Sem eles nada acontecerá da forma como traçamos. Lembre-se que eles podem a qualquer momento se reportar a Roma diretamente e revelar seu golpe.

Você precisa ser amigo deles, porque precisa da lealdade deles. Os trate como amigos, não como soldados subalternos. Diga que precisa deles a serviço de Roma, a seu lado, por Roma, para a eternidade.

O general ouviu em silêncio e ordenou como foi orientado por Anturion. Quando os soldados retornaram, o general começou a discursar enquanto as tropas se enfileiravam:

— Soldados fiéis a Roma... não se alinhem. Sentem-se ao chão. Estamos entre amigos. Venho para falar de nossa amada Roma, de um cidadão romano para outros cidadãos romanos.

A princípio, houve surpresa, mas logo os homens foram se ajeitando ao chão, ainda ressabiados, mas confiantes nas palavras de seu líder. Quando todos se acomodaram, o general iniciou:

— Bravos soldados romanos... não se cansam destas mudanças em nossas tradições? Não se cansam de todos quererem nos mudar? Dizer-nos o que temos de fazer? Não se cansam da fraqueza de alguns? Somos soldados! Todos nós! Somos fortes! Somos Roma! Temos o mundo a nossos pés!

Os soldados vibraram com este início do discurso do general, que durou pouco mais de duas horas.

Durante o discurso, Anturion se afastou, apenas observando de longe, pois não queria aparecer ao lado do general em momentos importantes e decisivos.

O general discursou contra o atual imperador, o acusando de fraco como governante e inábil como soldado e líder militar. Além de acusá-lo de quebra com as principais tradições romanas, incluindo as tradições religiosas, pois naquela época o Cristianismo ganhava muitos adeptos que antes cultuavam deuses romanos, como Mitra, por exemplo. O general era a favor das tradições e desejava, mais que tudo, além do poder, é claro, terminar com a suposta quebra nas tradições romanas e permanecer fiel às origens. Evidente que a questão religiosa era inflamada no general por Anturion. Pois que o general tinha outras prioridades a tratar quando assumisse o poder.

O discurso foi bem-feito e as tropas acompanharam cada palavra com atenção. Ao final, vibraram e demonstraram euforia. O general havia conquistado o apoio que precisava e Anturion estava satisfeito. Era o momento de seguir com a estratégia e dar os próximos passos. Saíram do acampamento, mas com a certeza de que voltariam em poucos dias. Anturion foi procurar Pévlius.

Na noite daquele mesmo dia, Anturion encontrou Pévlius e os dois conversaram rapidamente, pois o assunto tratado já era de

ciência de ambos, faltando apenas o sinal de Anturion para o início e suas orientações finais para tal.

Com a orientação de Anturion, Pévlius partiu em viagem levando na bagagem todo o necessário para cumprir a tarefa assumida: apenas armas.

Anturion pediu ao general que esperasse apenas alguns dias a fim de que Pévlius chegasse a seu destino. Mas após esse tempo, Anturion notou que o motivo da viagem de Pévlius estava errado, pois seu alvo, o filho do atual imperador, não estava viajando, e sim, em Roma.

Diante disto, Anturion pediu ao general que enviasse um de seus homens para avisar Pévlius sobre o fato e pedir que voltasse para Roma. Isto ocorreu, mas atrasou um pouco os planos. Desta forma, não foi possível esperar mais tempo, pois as tropas da fronteira já estavam bastante agitadas e os militares de Roma já suspeitavam de algo acontecendo, com isso, o imperador poderia tomar alguma providência para defender-se.

Anturion disse ao general:

— Faça já. Faça agora. Não espere mais nada.

O general, diante disto, reuniu os exércitos da fronteira e os liderou pessoalmente contra os

exércitos do império que faziam a proteção de Roma. O intuito era executar o imperador.

Enquanto a marcha prosseguia, Pévlius já havia localizado seu alvo e já se posicionava para cumprir sua missão: executar o filho do imperador.

Anturion apenas se refugiou confortavelmente em sua casa, de onde poderia receber notícias sobre as consequências dos atos.

Com a aproximação dos exércitos da fronteira liderados pelo general, os exércitos de proteção a Roma já se preparavam para o iminente combate, mesmo sem entender direito o que estava acontecendo.

O imperador, ao saber, tratou de liderar o exército contra os insurgentes, como de se esperar. Mas deixou seu filho em Roma, que seria um alvo fácil para Pévlius.

Com uma rede de contatos muito bem montada, Anturion soube quase que instantaneamente sobre a ida do imperador à batalha e seu paradeiro, assim como o de seu filho. Desta forma, orientou o general e Pévlius, através de mensageiros.

O general permaneceu firme na marcha, enquanto as tropas lideradas pelo imperador já haviam saído do coração de Roma.

A batalha inevitável foi vencida sem entraves pelas tropas da fronteira lideradas pelo general. O imperador, além de derrotado, foi morto também, assim como seu filho, também executado com crueldade por Pévlius.

Assim, o império estava sem imperador e sem sucessor. Mas o general foi proclamado como novo imperador por suas próprias tropas. Mas não seria assim tão fácil, pois, apesar da decisão sobre quem ficaria com o trono de Roma não estar nas mãos do senado, este grupo poderia intervir contra a proclamação militar.

Sabendo das vitórias, Anturion procurou o senador com o qual teve conversas anteriormente e lhe disse que indicava o general para assumir o trono.

O senador consentiu com a indicação e respondeu que seria fácil prosseguir com o plano. E assim realmente aconteceu. Após um rápido período, o senador subornado por Anturion foi decisivo para que o senado reconhecesse o general como novo imperador de Roma. Um ato pró-forma, mas que tornou oficial o que havia sido conquistado militarmente.

Imediatamente após a vitória, o novo imperador chamou Anturion para uma conversa em particular. Após rasgados elogios e conversas sobre os bastidores da campanha vitoriosa, com as quais o

novo imperador se deliciava, assim como se gabava de suas articulações na batalha, disse a Anturion em tom quase de ordenação:

— Quero você a meu lado no império. Quero você em Roma.

Anturion sorriu de forma tímida e disse sem euforia e educadamente:

— Imperador, eu agradeço de forma efusiva. Porém sinto ter cumprido o que prometi, com isso tenho minha missão concluída com o imperador.

O novo imperador não aceitaria ter seu pedido negado e insistiu:

— Anturion, deve haver alguma forma de contar com você a me aconselhar...

O imperador fez uma pausa e perguntou:

— Deseja ouro? Riquezas? O que posso lhe garantir?

Anturion respondeu:

— Sabe o imperador que não me interesso pelo ouro. Mas se o imperador insiste em contar com meus conselhos, peço apenas que eu não seja nomeado oficialmente. Tampouco desejo encontra-

me com o imperador em público. Serei um amigo, um conselheiro particular e anônimo.

O imperador pensou e perguntou em seguida:

— E o que deverás ganhar?

— Que me escute.

O imperador consentiu. Assim, Anturion estava onde queria e da forma que desejava. Tudo dentro dos planos.

Naquela mesma noite, Pévlius e Anturion foram encontrar com Aluciphel para renovar os planejamentos da próxima etapa. O pior ainda estava por vir, pois tudo o que havia acontecido era apenas a preparação para o verdadeiro planejamento. As trevas estavam começando, verdadeiramente, a invadir a Terra e suas relações.

Capítulo 24

Anturion se afastou do novo imperador por alguns dias, permitindo que a vaidade das pompas do império fosse instaurada no âmago do general. E como a vaidade quase sempre caminha acompanhada do orgulho, foi neste último que Anturion focou seus próximos esforços. No encontro seguinte com o novo imperador, perguntou:

— Imperador, quais serão suas atitudes? O que fará de agora em diante? Visto que és imperador de Roma, podes fazer o que quiseres. Então, o que fará? Derrubou seu antecessor para realizar mudanças... quais fará primeiro?

O novo imperador olhou seriamente para Anturion, como quem ainda procurava uma resposta, e lhe disse:

— Estou mudando muitas coisas, meu caro Anturion.

Anturion percebeu que o novo imperador estava completamente atordoado com a nova condição e perdido devido aos inúmeros e intermináveis festejos por evento de sua posse, por isso ainda não estava pensando em nada, muito menos em prioridades. Portanto, atacou no ponto que lhe interessava:

— Sabes, meu imperador, que seu antecessor foi batizado por este papa que ainda aí está?

O novo imperador ficou surpreso e tenso ao mesmo tempo. Disse:

— Batizado? O que quer dizer? Ele converteu-se mesmo a essa religião dos seguidores de Jesus?

Anturion respondeu com calma:

— Sim. Com isso, meu imperador, incentivou o devotamento a este Jesus... seus seguidores aumentam... consideravelmente...

O novo imperador estava nervoso com a informação:

— Este papa, este...

Anturion o interrompeu:

— O árabe foi o primeiro imperador de Roma a ser convertido a Jesus. Como pode isso acontecer com tão grandioso império, meu senhor?

Os olhos do novo imperador encheram-se de ódio. Anturion continuou:

— O orgulho de Roma está ferido... mas está em suas mãos corrigir este mal. Mas corra, porque se demorar ainda mais, o mal será irreversível.

O novo imperador bradou, completamente fora de si:

— Devemos parar essa ascensão dos seguidores de Jesus! Devemos frear esse Papa!

Anturion guardou silêncio, pois desejava que a ideia para a qual encaminhava a conversa saísse espontaneamente pelo novo imperador, que lhe perguntou:

— Mas como? Como farei para interromper a ascensão dos seguidores de Jesus?

Anturion deu uma ajuda fazendo um comentário pontual, mas com ar de desabafo:

— Eles estão cada vez mais livres... andando por Roma, como se Roma fosse deles...

— Não podem! — gritou o novo imperador.

Anturion perguntou se fazendo de inocente:

— Não podem? Como não podem?

O novo imperador disse:

— Não devem. Precisam nos temer. Precisamos que tenham medo de nós. Somos Roma! Mas já foram feitas tantas perseguições, mesmo assim ainda estão por aí.

Percebendo que a conversa caminhava para onde queria, Anturion disse:

— Já foram perseguidos antes, especialmente por Nero e continuam por aí, mas todas as vezes que foram perseguidos, diminuíram de tamanho e o incentivo a novos adeptos foi freado. E, principalmente, o imperador que fez isso não teve sua imagem arranhada. Imagine se o senhor fosse conhecido na história por ser o imperador que permitiu o crescimento dos seguidores de Jesus a pontos nunca alcançados? E se os seguidores de Jesus crescessem tanto a ponto de ameaçar o próprio império? E imagine isto acontecendo durante seu governo...

Foi o suficiente. O novo imperador disse:

— Basta! De agora em diante minha prioridade será caçar esses bastardos seguidores de Jesus! Não permitirei que isso aconteça comigo! E iremos atrás também deste papa!

Anturion apenas disse:

— Como o imperador quiser.

A partir daquele momento, nenhum cristão teve mais sua vida facilitada. Uma nova perseguição de Roma aos seguidores de Jesus havia sido iniciada e influenciada por um missionário das trevas.

O novo imperador passou a ouvir Anturion em todas as decisões, e não somente no contexto religioso. Como Anturion sempre tecia boas tramas, conseguindo assim, bons resultados, ganhava ainda mais sua confiança. Ele se aproveitava disso para conquistar seus objetivos.

Influenciou o imperador a construir novos templos dedicados a deuses romanos e a se apropriar de qualquer edificação voltada ao culto cristão, evitando, assim, que as cerimônias ocorressem. O imperador era apenas uma marionete, neste sentido, nas mãos de Anturion, sem entender muito bem os motivos pelos quais tomava tais atitudes.

— Ordenei que os cristãos fossem capturados e presos — o novo imperador disse, certa vez, a Anturion.

O conselheiro não-oficial respondeu:

— Capturados e presos... o imperador me perdoe, mas qual o motivo disso?

O imperador reagiu com espanto ao comentário de Anturion:

— Como? Não entendo... não acordamos que os cristãos deveriam...

Anturion interrompeu o novo imperador:

— Com todo respeito, senhor, não creio que os prender seja a solução. Presos, servirão de exemplos vivos da fé que professam.

O novo imperador ficou pensativo e perguntou em seguida:

— E qual seria a solução?

Anturion não vacilou em responder:

— Eles não podem sobreviver. Precisam ser exemplos de como a morte age enquanto existir crença em Cristo.

— Devemos matar os cristãos? — o novo imperador perguntou.

Anturion respondeu:

— Sim. E não somente matar. Devemos erradicar o culto a Cristo do império. Devemos arrancar qualquer escrito das mãos de quem quer que seja e queimar e destruir. Não pode haver nenhuma palavra sobre Jesus. Inclusive, senhor imperador, não devemos dizer mais este nome.

O imperador perguntou:

— Você tem certeza disto?

— Absoluta — respondeu Anturion.

O imperador decretou:

— Então está feito. Darei ordens pessoalmente para que sejam perseguidos e mortos e seus escritos destruídos completamente.

O imperador parou de falar por um minuto e perguntou a Anturion:

— Podemos construir ainda mais templos para nossos deuses Romanos?

Anturion respondeu sorridente:

— Sim. Quantos mais templos, melhor. E incentive os antigos sacrifícios, reforce os cultos. Beneficie quem seguir, facilite a vida dos seguidores de nossos deuses e mate os cristãos. Isso ajudará seu império.

E assim Roma seguiu.

Anderson, bem como Aluciphel, tinha por meta que o nome de Jesus fosse esquecido, riscado da história como se nunca tivesse existido. Anderson já sabia naquela época, que Jesus é o governador celestial, sabia de seu poder e sua missão, portanto, sabia de sua importância para o planeta Terra enquanto da preparação para a transição planetária. Apagando os registros sobre Jesus, a organização do castelo esperava afogar em trevas e desconhecimento os homens encarnados, a fim de

que, sem norte, ficassem perdidos e, com isso, cometessem atos que os levassem diretamente para a ruína moral. A finalidade suprema do plano era aumentar consideravelmente o número de almas perdidas sofrendo o degredo no momento da transição planetária. Com o degredo, em um novo planeta, estaria, esta vasta multidão de almas perdidas, à mercê, não somente das garras trevosas da organização do castelo, como de outras tão ou mais poderosas. Seria mesmo a ruína moral dos habitantes da Terra, visto que sem a lembrança e os registros da passagem de Jesus, a fé, o devotamento, a esperança, o consolo e a firmeza de propósitos do crente, não existiriam como hoje.

Mas este era um plano audacioso, que mirava ninguém menos que o próprio Jesus. Obviamente, isso não seria tão fácil de executar, embora, até aquele momento, tudo funcionava perfeitamente.

O tempo passava e a perseguição aumentava cada vez mais e, a cada dia, ficava mais cruel e sanguinária. No entanto, tal perseguição não configurava em documentos oficiais. Anturion tinha o controle total do imperador e da situação. Muitos escritos perderam-se para sempre. Muitos evangelhos não conseguiram ser salvos e suas histórias não foram passadas por escrito ou por oralidade, pois aqueles que as conheciam foram martirizados pelos soldados do império. Mas Anturion ainda não estava satisfeito. E certo dia, com muito jeito, sugeriu ao imperador:

— Senhor... devemos marcar forte presença de nossos deuses no coração de Roma. Ainda não está como deve ser. Ordene, se julgar prudente, que todos os romanos façam um sacrifício religioso na presença de oficiais nossos.

O imperador estava curioso:

— Mas ainda não está de seu agrado? Ainda não está bom, Anturion? Não entendo...

Anturion interrompeu o imperador, dizendo:

— Muitos cristãos ainda se escondem. Muitos deles passam despercebidos. E riem sob sua presença, imperador. Riem do senhor, pois que não são descobertos. Mas se o senhor ordenar que todos façam um sacrifício a um de nossos deuses, aqueles que forem cristãos apenas terão uma alternativa para viver. Ou negam aquele outro, negam sua fé e se convertem. Ou perdem suas vidas. Pois aquele que não fizer, será morto. Exija isso, imperador. Não permita que escape ninguém. Não permita que o povo ria de Roma. Do seu império.

O imperador concordou prontamente com Anturion, que prosseguiu apenas para concluir:

— E exija que o papa também faça o sacrifício.

— O Papa? — o novo imperador reagiu com espanto.

Anturion prosseguiu:

— Sim. O Papa também é um cidadão e não pode se subverter à vontade de Roma, do Império, à sua vontade, senhor. Mostre que o senhor manda em Roma. E que, em Roma, nossos deuses são os eleitos.

Mesmo ressabiado, o imperador aceitou a sugestão e ordenou, através de edito, que os cidadãos romanos, o que incluía todo e qualquer cristão, assim como o papa, exceto judeus, deveriam realizar sacrifícios públicos aos deuses romanos na presença de oficiais, para assim, estarem de acordo com os ideais das antigas tradições. E quem não o fizesse, sofreria as consequências, que poderia incluir perseguição, prisão, tortura e execução.

O Papa, obviamente cristão, deveria negar Cristo e sua fé, se quisesse viver. E se o fizesse, provavelmente seria o fim do Cristianismo. Imagine se o líder da igreja negasse seu maior pilar? Seria difícil, em tempos como aquele, reverter a situação.

Mas as forças do bem estavam prontas para agir. Uma grande batalha entre o bem e o mal estava por vir, mas travada nos bastidores da história terrena.

Capítulo 25

Apenas pela intenção expressa de colocar a igreja e a fé em Cristo em xeque, Anturion atraiu para si uma guerra que não poderia vencer, contra o próprio Jesus. A ideia das forças do bem era blindar o papa das ações trevosas, não para evitar que sua convocação fosse feita, mas, ao contrário, que a recebesse e aceitasse, mas ao invés de realizar o sacrifício pagão, que não se distanciasse de Jesus, a fim de dar testemunho de sua fé.

O problema é que logo após a convocação formal do imperador a todos os romanos, incluindo o papa, este se sentiu ofendido no primeiro momento e afirmou que não se submeteria a tais procedimentos. No entanto, o imperador ordenou que soldados se mantivessem do lado de fora de sua habitação e não saíssem de lá sem sua presença para a realização do sacrifício.

Além disso, o imperador ainda enviou um representante oficial para entregar o documento que expressava a vontade suprema do império e que o papa não poderia se eximir, sob pena de morte. O papa tremeu e sentiu a força de Roma sob sua cabeça, percebendo que não poderia fugir de tal convocação.

Neste momento, legiões de demônios cercavam a morada papal tentando romper o círculo de proteção colocada pelas forças do bem, no intuito

de fazer o papa fraquejar e negar sua fé no momento da apresentação oficial.

Por outro lado, as forças do bem apenas tentavam conter os avanços, especialmente os de condição mental, que, de alguns demônios, conseguiam vencer a barreira de proteção e chegar até o papa.

As tropas do bem não avançavam contra as trevas, apenas defendiam o papa dos ataques.

O papa, por sua vez, temeu por sua vida e pensou seriamente em negar sua fé, preferindo viver. Mas as tropas do bem insistiam em lhe soprar pensamentos contrários.

Aqui se faz um parêntese, pois, evidentemente, o papa poderia exercer seu livre-arbítrio e tomar sua decisão. Em nenhum momento as forças do bem tentaram induzir o papa à decisão de manter sua fé e ser martirizado pelo império romano. O que se fez foi apenas sugerir um caminho, mostrando os estragos que seriam feitos, caso negasse sua fé.

Foi um período muito tenso. Enquanto muitos negavam sua fé na hora do testemunho e mantinham suas vidas, outros se negavam a realizar os sacrifícios aos deuses romanos e eram mortos por isso. O papa acompanhava as notícias. Ele sabia de tudo. E titubeava na fé. Foi então que algo

aconteceu. O próprio Jesus apareceu ao papa, mas em sonho, em uma das poucas vezes que conseguiu dormir. Na verdade, esta foi uma indução das forças do bem. Jesus surgiu ao papa dizendo que confiava em sua decisão, por isso não pediria para lhe dar sua vida em benefício de todos. Mas que, caso o fizesse, comprovaria o valor que se presumia que tivesse.

O papa acordou com a recordação perfeita do sonho. Sereno e pensativo, teve certeza de que havia sido visitado por Jesus. Naquele momento havia tomado sua decisão. Disse apenas algumas palavras antes de se encaminhar para a apresentação:

— Ele nos deu sua vida. Por que eu também não a posso dar em minha hora?

O papa saiu de sua morada e acompanhou os soldados até o local da apresentação, o que para muitos pareceu como o ato de sua prisão. A notícia chegou rapidamente ao imperador e até Anturion. Mas o missionário das trevas não guardou esperanças, pois em seu íntimo sabia que o Papa jamais negaria sua fé. Anturion sempre soube que as forças do bem lideradas por Jesus, jamais permitiriam que isso acontecesse. Mas ele poderia se aproveitar de outra forma.

A apresentação aconteceu e, como esperado, o papa não negou Jesus se recusando a realizar os sacrifícios romanos. Assim foi martirizado.

O imperador, nervoso, procurou Anturion:

— O que faremos? O papa se negou...

Anturion o interrompeu com calma:

— Imperador, com todo respeito, guarde compostura e tenha calma. Podemos ainda nos beneficiar da situação.

— Como? — o imperador perguntou.

Anturion explicou:

— Deixemos que fiquem sem líder. Não permita que elejam novo papa. Os obrigue a viver sem orientações. Deixe-os à deriva.

O imperador perguntou:

— Mas como?

Anturion explicou:

— Impeça novas eleições. Use seu poder. Use Roma. O poder é seu, é de Roma. Deixe-os sem líder.

O imperador aprovou a ideia e logo a colocou em prática. Obviamente houve um choque, pois os líderes da igreja tentavam ocupar prontamente o lugar que estava vago, mas não conseguiam. E o resultado era mesmo o esperado por Anturion. Meses se passaram nesse impasse.

Foi então que algo surpreendente aconteceu. Havia uma invasão bárbara em uma província romana, algo até normal e que poderia ser assumido por algum general experiente, como havia em Roma. Mas Anturion sugeriu que o próprio imperador e seu filho fossem até ao campo de batalha defender o império. O imperador reagiu com estranheza a tal sugestão, mas Anturion argumentou:

— O senhor precisa mostrar força. Esta invasão é séria e ameaça Roma. Além disso, ainda é uma ameaça direta ao imperador. Estes bárbaros são fortes e estão brincando com seu poder. Eles duvidam e passam a jogar o povo contra o senhor, contra seu poder. É preciso defender o império pessoalmente. É preciso mostrar que Roma tem um imperador forte militarmente e que Roma tem um herdeiro igualmente forte. O povo está rindo e duvidando do senhor, por causa desses bárbaros. E mesmo que o senhor envie algum general e vença, outros bárbaros acharão que o senhor é um fraco, que seu filho é fraco, que Roma é fraca e está sem defesa. Repito, imperador, é hora de pessoalmente defender Roma, seu governo e a sucessão.

O imperador ficou pensativo por alguns momentos e perguntou:

— Acha mesmo que todos estão pensando isso de mim? Que sou fraco?

Anturion respondeu:

— Não tenho dúvidas. Queria evitar este assunto, mas dizem que o imperador não passa de um covarde, pois martirizou inocentes e o próprio papa, enquanto bárbaros sobrevivem e invadem nossos territórios...

O imperador se encheu de fúria e esbravejou:

— Basta! Não sou covarde e não admito isso! Partirei já para a batalha junto com meu filho!

Anturion sorriu e saiu da presença do imperador. Foi procurar Pévlius. A conversa foi rápida. Anturion disse:

— O imperador e seu filho estão seguindo para uma batalha contra bárbaros. Apenas acompanhe e certifique-se de que os dois morram no combate. Caso sejam vencidos pelos bárbaros, que seja, mas caso sobrevivam, faça você mesmo o serviço. E depois termine com sua própria vida.

Pévlius apenas ouviu as ordens e iniciou seus preparativos.

Isto não estava nos planos do castelo. Isto fazia parte dos planos particulares de Anturion, na verdade, de Anderson, pois naquele momento, Anderson já tinha plena consciência de que animava um corpo na Terra. Sabia de tudo. De onde veio e para qual missão.

Em suma, enviar o imperador e seu filho para a morte não estava nos planos da organização do castelo. Mas estava nos planos de Anderson.

O motivo era simples. Anderson queria fundar sua própria organização, mas não poderia apenas sair do castelo, pois Aluciphel não permitiria. Por isso, tramou toda essa estratégia de riscar Jesus da história apenas como pano de fundo para seus planos pessoais. O que Anderson queria era "construir" um grande líder na Terra, que fosse disputado pelas organizações das trevas após seu desencarne. Anderson nunca quis aparecer. Por isso queria um líder para sua organização, mas apenas de fachada, pois ele quem comandaria de verdade.

Encarnou apenas com o objetivo de "gerar" este grande líder. A oportunidade surgiu, como ele esperava. E aquele que o ouvia era um general competente do exército romano, que ganhou diversas batalhas, que liderou o exército contra o imperador e o destronou, assumindo seu lugar. Um imperador cruel, que perseguiu cristãos, que matou, que destruiu registros sobre Jesus, que, inclusive, declarou guerra ao próprio Jesus e, que, por final,

expôs o papa ao ridículo e o martirizou. Este homem, de reputação cruel e sanguinária construída por Anderson, seria disputado por todas as organizações trevosas. Mas ouvia apenas a ele e o seguiria. E com isso, Anderson poderia nunca mais retornar ao castelo, pois que estaria em outra organização, tão ou mais poderosa.

Assim que Pévlius partiu para junto do imperador e seu filho, Anderson se despediu da carne para acompanhar o fim do imperador de perto e o receber assim que desencarnasse.

Anderson usou uma técnica muito antiga, que aprendera muito tempo antes, em terras longínquas. Algo que se assemelha a um suicídio, mas não é, pois que o indivíduo tem total controle da situação. Em uma tradução livre para a língua portuguesa, seria "despedir-se do corpo de carne". O indivíduo senta-se e calmamente aplica técnicas de respiração, que gradativamente vão cessando, até que o espírito consegue se desvencilhar do corpo por pura falta de oxigênio, mas sem dor e em paz.

Enquanto o imperador estava fora, um novo papa foi eleito. Pévlius certificou-se que o imperador e seu filho estavam mortos e, em seguida, tirou a própria vida sob os olhares do espírito de Anderson, que se preparava para recebê-los nas trevas.

Capítulo 26

De braços abertos, com postura imponente, porém receptiva ao mesmo tempo, Anderson recebeu o imperador e seu filho. Eles estavam desacordados, mas Anderson os despertou gentilmente. Ao abrir seus olhos, já desencarnado, o imperador viu Anderson e, assustado, lhe disse:

— Anturion... por que estais aqui, na batalha contra os bárbaros?

Anderson respondeu com voz mansa e bastante calma:

— Já não está mais na batalha, senhor. Este tempo já passou. Tempos melhores se iniciam agora. Mas não se preocupe. Estarei com o senhor a todo tempo.

O imperador olhou a sua volta e viu seu filho, caído e observando com espanto os arredores. Perguntou a Anderson:

— Anturion... não entendo... onde estamos se não na batalha?

Anderson sabia que muitos olhos das trevas os observavam naquele momento, inclusive Aluciphel, que já sabia de sua traição, portanto, não poderia se demorar muito naquele lugar. Mas respondeu:

— Imperador... todas as suas perguntas terão respostas. Por enquanto, venha comigo e traga seu filho, pois precisa descansar. Depois conversaremos.

Sem questionar, muito devido ao medo pelo novo, o imperador deu a mão a seu filho e a Anderson, que mentalmente foi capaz de deslocá-los para outro lugar, previamente escolhido por ele e seguro, mesmo que por algum tempo, dos olhares inimigos.

Ao chegarem, o imperador perguntou:

— Como fez isso, Anturion?

— Acalme-se, senhor. Repouse apenas. Está entre amigos — Anderson respondeu.

Extremamente desgastado, o imperador fechou seus olhos e caiu em sono profundo, assim como seu filho fez ao perceber seu pai descansando. Anderson os deixou no local e mentalizou Patrício, que também já havia chegado e estava desacordado. Descobriu o local e o buscou, como fez com o imperador. Mas o despertou e apenas o manteve em descanso, mesmo lúcido, por algum tempo.

Aluciphel estava furioso e sentia-se humilhado perante a comunidade trevosa. Sem sair do castelo, enviou mensagem mental para Anderson, mesmo

sem saber onde estava, pois havia direcionado o pensamento ao espírito receptor, não ao local:

— Anderson, seu traidor... vai me pagar por isso. Tenha completa certeza.

Anderson recebeu a mensagem e a respondeu no mesmo momento:

— Então venha me pegar, Aluciphel. Pode vir agora.

Aluciphel guardou silêncio, mas respondeu em seguida:

— Sabe que não sei onde está...

Anderson interrompeu e disse:

— Se realmente quiser vir medir forças, eu te digo. Venha agora, Aluciphel.

O mago negro riu e respondeu:

— Não... não deixarei que me espere... será surpresa, como fez comigo... uma emboscada...

Anderson apenas respondeu, para em seguida encerrar a comunicação:

— Parece-me apenas covardia, mas se assim desejar, que faça desta maneira.

Desta forma, Aluciphel ficou no castelo tramando um jeito de capturar Anderson, que apenas ficou onde estava, esperando algum tempo pela recuperação do imperador.

As trevas estavam agitadas, pois todos desejavam recrutar o imperador, mas também temiam Anderson, que já era conhecido em toda comunidade, fato que o desagradava. Todos os demônios estavam à espreita e tentavam descobrir o paradeiro da dupla.

Mas a comunidade do bem também se agitava, mas na tentativa de retirar o imperador do controle de Anderson, pois sabiam o quão destrutiva seria essa parceria.

Foram momentos difíceis, mas Anderson aguardou com paciência e em absoluto recolhimento pelo despertar do imperador.

Patrício, que já havia se recuperado, foi saudado por Anderson por sua bravura e fidelidade. O carrasco não sabia completamente sobre os detalhes do plano, mesmo assim o seguiu fielmente. E Anderson soube reconhecer tal gesto. Apenas disse a ele:

— Estarei contigo, Patrício, em qualquer tempo, em qualquer situação. Tua lealdade foi valorosa e serás muito bem recompensada.

Depois do período de adormecimento, o imperador calmamente abriu seus olhos, olhou em volta e somente reconheceu Anderson, a quem ainda conhecia por Anturion e lhe disse:

— Anturion, meu bom amigo... estamos onde? Que lugar é este?

Anderson, de forma serena, se aproximou do imperador e disse a ele com voz branda:

— Senhor, meu verdadeiro nome é Anderson. O senhor foi vítima na batalha contra os bárbaros. Este é o local para onde todos vão depois da morte. Estou aqui para lhe ajudar. Estou aqui para lhe dar o que for preciso para sua compreensão e adaptação. Mas não se assuste muito, todas as coisas aqui são iguais como antes. Inclusive, o senhor poderá continuar sendo imperador.

Atônito, o imperador conseguiu apenas perguntar o que mais lhe interessou:

— Imperador de Roma?

Anderson respondeu:

— Não de Roma. Mas de uma nação ainda maior.

O imperador não acreditava:

— O que pode ser maior que Roma? Nada é maior que Roma. Como isto pode ser possível, Anturion.... ou melhor dizendo, Anderson?

Foi respondido:

— Senhor, estamos em um lugar onde as condições para realizar qualquer tarefa são magníficas, muito maiores do que antes, onde estávamos. Aqui, imperador, o senhor poderá governar um exército maior, mais poderoso e terá meios de conquistar novos territórios, súditos e até mesmo outras nações.

O imperador gostava do que ouvia. Mas perguntou:

— Meu filho poderá estar comigo?

Anderson respondeu prontamente:

— Evidente que sim, imperador.

As perguntas continuaram:

— Isso tudo significa, então, que estou morto? Que estamos mortos? Você também morreu, Anderson? E como sabia onde estava? Como sabia de todas estas coisas? É, por acaso, algum tipo de bruxo ou feiticeiro?

Anderson respondeu de forma tranquila:

— Não sou bruxo ou feiticeiro. Apenas sei como tudo funciona. Também morri, senhor. Nossos corpos já não mais existem, mas temos algo muito melhor. Temos corpos imortais. Isso significa que sua nação será eterna e grandiosa, senhor.

O imperador ficou intrigado com uma colocação de Anderson e lhe perguntou:

— Você diz... sua nação. Não estará comigo? Como farei? Nada conheço destas terras.

Anderson respondeu:

— Estou cansado de nações poderosas, senhor. Vou lhe ajudar a entender, mas depois vou me recolher ao descanso e não mais voltarei.

O imperador sentiu-se inseguro:

— Não, Anderson! Não pode me abandonar agora. Nada sei sobre isto. Precisa estar comigo nesta nova nação maior que Roma. Precisa estar ao meu lado.

Mas Anderson estava inflexível:

— Não, senhor. Meus tempos de grandes nações se acabaram. Serei recluso de tudo e de todos.

O imperador quis utilizar sua autoridade:

— Anderson, isto é uma ordem: você estará comigo nesta nova nação maior que Roma.

Anderson ficou pensativo por alguns momentos e depois respondeu:

— Sendo uma ordem do imperador, posso ficar um pouco, mas como o mesmo conselheiro de antes. O império será seu, senhor.

O imperador sorriu e perguntou:

— E agora? O que faremos?

Anderson sorriu timidamente e de forma maliciosa começou a explicar tudo para o imperador.

Enquanto isso, as forças do bem já haviam conseguido localizar o paradeiro de Anderson, o imperador, seu filho e Patrício. Seria questão de tempo para agirem. O plano era evitar a formação de uma nova potência trevosa e, para isso, precisavam retirar o imperador de perto de Anderson, que tinha pouco tempo para sair daquele local.

Por outro lado, as forças trevosas ainda não tinham qualquer informação sobre o rumo de Anderson, mas continuavam nas buscas. Sendo também questão de tempo para localizarem. Enquanto a nova potência não era construída,

Anderson estava exposto a todo e qualquer tipo de ataque. Do bem e do mal. Ele tinha pouco tempo para explicar tudo ao imperador e iniciar suas ações. Pois depois que a nova nação maior que Roma começasse a ser construída, mesmo que ainda não atingindo seu tamanho almejado, tudo ficaria cada vez mais difícil para os adversários. Do bem e do mal.

Ao terminar as breves explicações, Anderson precisava retirar o imperador daquele local. Voltou-se para Patrício e lhe disse em particular:

— Patrício, o povo do Cordeiro já sente nossa presença. Se sairmos todos juntos, seremos presas fáceis, pois irão nos rastrear. Precisamos confundi-los. Por isso, irei com o imperador para um novo local. Você faça o mesmo. Depois lhe aviso onde estamos e você nos encontra.

Patrício entendeu, mas tinha uma pergunta:

— E o filho do imperador?

Anderson respondeu calmamente:

— Deixe-o aí.

Patrício argumentou:

— Mas se o deixarmos aqui será pego.

Anderson disse:

— Sim. Mas o povo do cordeiro também conta com sua energia em nosso rastreamento. Então nos dividiremos. Uma parte da energia vai para um lado, outra para outro lado e uma fica. Assim ganhamos mais tempo através do despiste. Ele não nos serve. Servirá ao menos uma vez, para nos ajudar a sair daqui.

Patrício entendeu e seguiu para um novo lugar o mais rápido que pôde, pois Anderson sentia as vibrações das falanges do bem cada vez mais próximas.

Anderson, através da força mental, conseguiu deslocar-se de posição junto com o imperador. Mas não foram para longe, apenas o suficiente para saírem da posição inicial, que estava sendo mapeada pelas forças do bem. Do novo local, seguiram algum tempo a pé mesmo e depois Anderson repetiu o movimento, se deslocando mentalmente. E assim ficou, dando saltos de posicionamento, todos pequenos mas imprevisíveis, portanto impossíveis de serem mapeados. Precisava ganhar tempo. Sabia que as forças do bem não desistiriam, mas aquele ímpeto inicial de capturá-lo se desfaria, ao menos, grande quantidade daqueles falangeiros não permaneceriam tanto tempo empenhados somente naquele trabalho sem sucesso.

As forças do bem estavam com dificuldade de encontrar Anderson e o imperador. Mas com facilidade encontraram seu filho, que foi levado para um posto médico da espiritualidade para ser tratado e futuramente ser acolhido pelo bem.

Se encontraram o filho do imperador com facilidade, não tiveram a mesma sorte com Patrício, que conseguia se mover rapidamente, mesmo sem usar o deslocamento mental, como Anderson. Patrício, deslocando-se como estava, poderia ser facilmente mapeado e capturado, pois seguia um padrão linear. O problema é que não haviam identificado Patrício de forma individual. Mapearam o grupo, especialmente Anderson e o imperador. Mesmo com a divisão, continuaram seguindo a trilha energética de Anderson e detectaram que alguma parte da energia do grupo ainda estava no local, por isso localizaram o filho do imperador. A outra parte da divisão, Patrício, estava com a detecção fraca, e como não era prioridade, pois esta era Anderson, foi deixado em segundo plano. Ou seja, as falanges do bem deixaram Patrício fugir.

Mas o maior problema de Anderson não eram as falanges do bem. Eram as forças do mal. As trevas estavam agitadas e sentiam necessidade em ter o imperador. Anderson havia construído um mito. Havia recompensas para quem conseguisse qualquer informação sobre ele e o imperador. Estavam, portanto, sendo caçados. E, mesmo com

seus saltos imprevisíveis de lugar, por quanto tempo mais conseguiria aguentar?

Anderson precisava urgentemente estabelecer uma nova organização, pois assim, teria alguma segurança. Mas para isso, precisava recrutar soldados. Portanto, precisava de Patrício, que tinha uma legião de leais prontos para assumir novos compromissos. Precisava imediatamente de uma solução, não podendo haver demoras.

As trevas o cercavam. As falanges do bem o cercavam. Era o momento de agir.

Capítulo 27

Mentalmente, Anderson se comunicou com Patrício pedindo a ele que recrutasse o máximo de soldados e os levasse para um local que ainda iria determinar. Anderson não quis dizer o local exato naquele momento por temer estar sendo monitorado. Enquanto aguardava, permanecia utilizando a técnica de saltos mentais com o imperador.

Patrício conseguiu alguns soldados, mas não tantos quanto gostaria. A maioria teve medo de entrar na nova organização liderada por Anderson. Era assim que estava sendo tratada a situação. Patrício conversou com um antigo soldado, amigo de muito tempo e ele lhe explicou a situação:

— Patrício, ninguém está duvidando de você ou de Anderson. Mas sabemos que Aluciphel não vai descansar enquanto não capturar vocês. E se fosse só isso... mas não é. Todas as organizações estão querendo esse imperador. Vão atacar Anderson e tomar o imperador dele, na força mesmo. O plano de Anderson foi bom, mas chamou muita atenção. Sem falar que os defensores do Cordeiro também querem sua captura. E... sabe, Patrício, você é meu amigo... mas preciso lhe dizer o que comentam aqui... você ficou um tempo por lá e não tem mais o que tinha antes... pode estar destreinado e mais uma coisa... esse imperador pode querer mandar

demais... será que vai permanecer com você em seu exército?

Patrício estava calado até o momento da dúvida final, foi quando se encheu de cólera, empurrou o amigo ao chão e virou-se de costas, indo embora.

Nesse momento, Anderson se comunicou com ele buscando informações. Patrício respondeu:

— Estamos com problemas. Consegui pouco mais de cem homens. Todos estão com medo de trabalhar para você, pois temem Aluciphel e outros. Dizem que todos querem sua captura.

Anderson argumentou:

— Mas, Patrício, você disse que essa é a organização do antigo imperador de Roma, como lhe disse para fazer?

Patrício respondeu:

— Não é assim que estão tratando, Anderson. Eles sabem da verdade. Sabem que a organização é sua e você quem manda. Muitos me falaram isso. Todos eles sabem que o imperador é apenas uma fachada, mesmo assim o querem. Mas por que o querem se sabem que é só uma fachada?

Mesmo preocupado, Anderson respondeu de pronto:

— Para utilizá-lo como eu utilizo. Como uma fachada....

Anderson ficou pensativo e calado por alguns segundos e depois disse a Patrício, recuperando seu raciocínio:

— Todos sabem o que fiz... e querem o mesmo. Querem o que eu criei... querem tomar minha criação de mim...

Anderson ficou novamente em silêncio. Por isso, Patrício perguntou com voz fraca:

— Para onde levo esses homens?

Anderson respondeu:

— Para as cavernas ao sul.

Anderson estava tão fora de si que não percebeu que deu a localização de sua base. Alguns captaram, mas nem todos. Mas era questão de tempo para a notícia se espalhar.

Enquanto continuava com seus saltos mentais, Anderson pensava no que havia dado errado. Concluiu que trouxe muita atenção para si mesmo. Mesmo tendo ficado nos bastidores, chamou atenção daqueles que comandavam, que eram estrategistas, dos líderes. Estes entenderam seu plano. E naquele momento, todos eles queriam

aproveitar da marca de qualidade “imperador” que havia criado. Todos queriam o fantoche vestido de imperador, assim como havia feito. Muitos ainda diziam que respeitavam o imperador como líder e general, mas não passava de mentira para dissimular suas verdadeiras intenções.

Anderson estava em má situação. Era a primeira vez que havia chamado tanta atenção. Não havia conseguido ficar nas sombras, como sempre fez. E naquele momento, estava de frente com as consequências. Fez o salto para a caverna, para esperar Patrício.

Ao chegar, silêncio e escuridão. Mas de repente uma luz forte se acendeu e Anderson viu um falangeiro do bem, era um dos mentores que retirou Junes do castelo. Tentou sair usando o salto mental, mas não conseguiu e mentor calmamente disse:

— O local está protegido e você não conseguirá sair daqui assim. Estou sozinho aqui e quero conversar. Pode sair de posição de guarda.

Anderson olhou para o imperador, que nada entendia. Portanto, colocou suas mãos sobre a cabeça dele e o adormeceu. O recostou em algumas pedras maiores, olhou para o mentor e disse:

— Muito bem... novamente frente a frente. O que você quer?

O mentor respondeu:

— Quero que pare.

Anderson sorriu ironicamente e disse:

— Parar? Não vejo motivos para isso...

O mentor prosseguiu:

— Você acha que pode ir para onde? Está tudo cercado. Temos milhares de falangeiros cercando o local. Você está sozinho, mas não me preocuparia conosco.

Anderson o interrompeu:

— Sim... você deve se referir às outras organizações... não podem fazer...

O mentor foi quem interrompeu desta vez:

— Podem sim. Você apenas sabe o que elas querem. Mas não faz ideia do quanto elas querem. Você criou um mito. Todos querem esse imperador e farão de tudo para conseguir. Já se fala até de alianças para juntar forças contra você. Patrício, a este momento, já deve estar sendo interceptado e capturado juntamente com sua reduzida tropa. Você não tem mais ninguém. Como vai lutar? Sozinho? Se pegarem você, não terão piedade, você sabe disse. E tem mais uma coisa que você não

sabe... Aluciphel colocou um prêmio por você. Muito alto. Muito alto mesmo. E como ninguém além dele tem interesse em você, ficarão com o imperador e o venderão para ele. Imagine voltar para as mãos de Aluciphel como escravo. A ideia não lhe agrada, não é mesmo?

Anderson não transparecia tensão e perguntou ao mentor:

— O que você quer? Não ficaria aí dizendo tudo isso se fosse apenas me prender. Já teria feito. O que você quer?

O mentor disse:

— Venha comigo. Não como prisioneiro.

Anderson estranhou e riu:

— Não como prisioneiro? O que pretende? O que acha que vai acontecer?

O mentor prosseguiu:

— Anderson... nós vamos te levar. Como prisioneiro ou não. Se for como prisioneiro, não terá volta. Se for de boa vontade, conversamos alguns pontos e você poderá voltar depois, se quiser. Mas o imperador ficará conosco, assim como Patrício.

Anderson tentou argumentar:

— Como pode ter certeza de que não usarei meus poderes contra vocês?

O mentor respondeu:

— Seus poderes estão sendo guardados aos poucos.

Eles se olharam profundamente durante alguns momentos, até que Anderson, que já havia sondado a situação externa mentalmente e comprovou a captura de Patrício e sua tropa, o cerco do bem e a sede de sangue trevosa de Aluciphel, respondeu:

— Eu vou. Não como prisioneiro.

Assim, sob o comando do mentor, alguns magos brancos entraram na caverna e levaram com cuidado, Anderson e o imperador para o mesmo local onde estavam Patrício e os soldados. Era um anexo da cidade espiritual onde residiam os mentores, uma espécie de hospital de segurança máxima. Específico para casos como aqueles.

Assim, Anderson foi levado junto com o imperador. Todas as hordas trevosas o procuraram por dias, sem sucesso, até que houve a comprovação de seu sumiço. As falanges do bem não permitiram que vazasse a informação da ida de boa vontade de Anderson junto com o mentor. A

informação que ficou para as trevas foi que Anderson desapareceu junto com o imperador, Patrício e os soldados. Todas as organizações, aos poucos, foram cessando suas buscas e seus líderes esquecendo a ideia de tentar usar o imperador. Mas Aluciphel estava enlouquecido. Havia chegado perto de capturar Anderson e se vingar da traição, mas ao contrário, viu a oportunidade lhe escapar por entre os dedos. Ele não desistiria e procuraria Anderson por muito tempo.

Anderson fez todo o trajeto da caverna até o hospital de segurança máxima anexo da colônia espiritual do bem em silêncio e ao lado mentor. Nada perguntou. Nada disse. Assim como o falangeiros do bem. Mas ao chegar, foi levado a uma pequena sala. Ao ver-se sozinho com o mentor, quebrou o silêncio:

— Onde está Patrício?

O mentor respondeu:

— Em segurança. Está em outra ala, com maior proteção, uma vez que não reagiu bem à prisão.

Anderson continuou perguntando:

— E os outros soldados?

O mentor respondeu:

— Estavam muito cansados daquela vida. Foram todos adormecidos e agora descansam profundamente.

O silêncio continuou por alguns minutos. O mentor apenas olhava para Anderson, o observando, que fazia o mesmo. Até que um segundo mentor, que também participou do resgate de Junes entrou na sala. Eles trabalhavam em conjunto. O primeiro mentor disse a ele:

— Estava apenas lhe aguardando.

O segundo mentor apenas sorriu e cumprimentou Anderson:

— Seja bem-vindo, meu irmão. É bom tê-lo aqui.

Anderson não respondeu, sequer se interessou em fazer expressão de boa vontade, permanecendo impassível.

O primeiro mentor lhe disse:

— Você deve estar se perguntando o motivo de lhe oferecermos esta vinda para cá em paz e com a promessa de poder voltar, se quiser.

Anderson respondeu com ironia:

— Não. Não estou me perguntando.

O segundo mentor lhe disse:

— Anderson... você já percebeu que há muito tempo não comete um ato de maldade simplesmente pelo ato em si?

Anderson guardou silêncio e o mentor prosseguiu:

— Isso significa que não há maldade em você. Não mais. Há ambição. E você é capaz de agir com maldade para conquistar seus objetivos. Mas não apenas para causar sofrimento e dores desnecessárias.

Anderson sorriu e fez o seguinte comentário:

— Já entendi... vocês me trouxeram aqui porque sou um bom menino e querem que ajude vocês — foi irônico.

Enquanto Anderson mostrava sua expressão de deboche, o primeiro mentor lhe disse:

— Você não é, ainda, um bom menino. Mas queremos que fique conosco, sim.

Anderson tentou entender:

— Vocês querem que eu mude de lado? É isso? Querem que ajude vocês? Do lado do Cordeiro?

Os dois mentores consentiram com as cabeças.

Anderson riu e comentou:

— Vocês estão loucos! É melhor me prenderem logo ou deixar que volte!

O primeiro mentor disse:

— Não estamos loucos e você ainda não pode voltar. Mas já possui o que é suficiente para trabalhar aqui. Entendimento.

Anderson deixou a ironia de lado e falou sério:

— Eu sinto que vocês têm algo a dizer. É melhor que digam logo ou vou me recusar a falar com vocês.

Os dois mentores se entreolharam e o primeiro disse:

— Muito bem... você está certo. Vou lhe dizer.

O mentor fez uma pausa e Anderson continuou com expressão de seriedade, aguardando o prosseguimento. Mas foi o segundo mentor quem disse:

— Você já esteve conosco antes de se juntar com Aluciphel. Já nos ajudou, mas vacilou em seus propósitos e no acordo que fizemos anteriormente.

Por isso que estamos lhe ajudando e não lhe deixamos vulnerável para cair nas mãos de Aluciphel.

Anderson fez expressão de nenhum entendimento:

— Você está me dizendo que já trabalhei com vocês e temos um acordo? É isso? Não pode ser isso, porque não me lembro de nada! Vocês estão mesmo loucos!

O primeiro mentor lhe disse:

— Onde estão seus poderes agora, Anderson? Não os consegue usar, não é mesmo? Já tentou. Tentou durante toda a vinda para cá. Mas seus principais poderes não estão mais acessíveis a você. E um de seus principais poderes é a mente. São as lembranças, a memória. Quando você vacilou em nosso acordo e quis se alistar na organização do castelo, retiramos de você a lembrança do acordo e de que nos conhecia. Porque você tem que retornar, não porque se arrependeu, devido as coisas não terem saído como esperado. Mas porque deseja seguir o Cordeiro, seguir Jesus. Porque se arrependeu de seguir no mal. E precisa fazer isso sem ter as lembranças. Você já concordou conosco antes.

Anderson olhava para os mentores com ar de grande desconfiança. E lhes disse isso:

— Não acredito. Eu não lembro. Vocês não podem apagar minhas lembranças. Não acredito em uma única palavra. Vocês estão mentindo!

O primeiro mentor olhou para o segundo e disse:

— Peça que ele entre.

Anderson ficou curioso e perguntava enquanto o segundo mentor abria a porta e chamava alguém:

— Ele quem? Quem está aí fora?

Foi então que Fabrízio entrou. Anderson reagiu com surpresa:

— Fabrízio? Como veio parar aqui?

O antigo ajudante respondeu:

— Não lembro! Não faço a menor ideia! Mas eles cuidaram de mim e me salvaram. Me trataram e me curaram!

Anderson continuava surpreso:

— Como não sabe como veio parar aqui? Não perguntou?

Fabrízio fez expressão de dúvida e respondeu:

— É mesmo. Nunca pensei nisso. Como vim parar aqui? – Perguntou para os mentores.

Os mentores, e até mesmo Anderson, riram com a pergunta. O segundo mentor explicou:

— Finalmente perguntou, Fabrízio. Entramos no castelo e lhe resgatamos de onde estava. Aluciphel, sequer sentiu sua falta. O entorpecemos e lhe trouxemos para ser tratado. Quando acordou, já estava aqui e melhor, ainda em tratamento, mas melhor. Sentiu-se tão bem que nem perguntou como veio para cá.

Anderson disse:

— Muito bom que esteja bem, Fabrízio. Mas o que tem a me dizer? Eles não o trariam aqui por nada.

Fabrízio chegou perto e disse a Anderson:

— Acredite em mim, Anderson. Eles são bons e falam a verdade. Eu vi. Eles me mostraram. Nós dois já estivemos aqui antes. E um pouco depois de você sair, também quis sair e voltei para a carne.

Anderson não acreditava:

— Você também esteve aqui? Comigo? Estivemos juntos?

Fabrízio respondeu:

— Sim, Anderson. É verdade.

Anderson não acreditava e se dirigia aos mentores:

— Vocês o convenceram disso, mas não irão fazer o mesmo comigo. Ele pode ter a cabeça fraca, mas não eu. Não podem me enganar.

Os mentores ficaram em silêncio e Fabrízio continuou:

— Anderson, me escute, por favor. Eles também apagaram minhas lembranças. Foi tudo muito parecido. E nada foi por acaso. Não foi por acaso que acabamos no mesmo lugar, no castelo. E que acabamos tão próximos e que me salvou da crueldade de Aluciphel. Você teve compaixão por mim porque se importa comigo. Assim como me importo contigo e posso retribuir agora. Não volte para lá, será presa fácil. Fique. Dê uma chance para si mesmo.

Anderson disse a Fabrízio:

— É tudo muito bonito, mas não posso acreditar. Não tenho provas. Eles não têm como provar, Fabrízio. Você acreditou porque é ingênuo, mas não eu...

O primeiro mentor lhe interrompeu:

— Na verdade... temos como provar, sim.

Anderson ficou em silêncio e o segundo mentor explicou:

— Iremos liberar suas lembranças daqui, de todos esses momentos dos quais falamos. Você irá saber por si mesmo. Assim como fizemos com Fabrízio.

Anderson ficou em silêncio. O primeiro mentor continuou a explicação:

— Mas para fazer isso, é preciso uma carga emocional muito grande. Nós não podemos apenas dizer para acontecer. É preciso que você entre em um campo de muita força para que as lembranças sejam liberadas.

O que o mentor quis dizer é que era preciso uma forte carga emocional para que as lembranças fossem destravadas. O cérebro de Anderson precisava de uma descarga emocional para que o conteúdo fosse liberado. Isso significa que o conteúdo esteve acessível o tempo todo, mas era preciso a carga emocional certa.

O mentor prosseguiu:

— É por isso que Fabrízio está aqui. Ele será o que é chamado de contato. Através dele, você conseguirá liberar suas lembranças.

— Não entendo — Anderson disse.

O segundo mentor explicou:

— É preciso alguém com quem se tenha vínculos fortes. Fabrízio, por exemplo, teve suas lembranças de volta quando teve contato com sua mãe da vida anterior, na carne. Além de ter sido sua mãe, havia também vivido com ele outras vezes. De maneira que havia muitos vínculos. Isso acontece também quando as lembranças são retiradas. Uma decepção, por exemplo, pode causar o afastamento de lembranças.

O que o mentor estava dizendo é que um trauma pode causar o esquecimento do passado. E apenas uma emoção compatível pode trazer as lembranças apagadas de volta.

Anderson perguntou:

— Mas por que Fabrízio?

O primeiro mentor respondeu:

— Vocês já viveram juntos algumas vezes. Tem o necessário para trazer de volta suas lembranças, acredite.

Anderson ficou em silêncio e depois perguntou:

— E como faremos isso?

O segundo mentor explicou:

— Basta querer. Deem as mãos e se permitam sentir. O vínculo de vocês é forte o necessário para isso. Aos poucos, as lembranças serão liberadas.

Anderson e Fabrízio deram as mãos e os mentores saíram da sala.

O que os mentores não disseram é que o procedimento poderia dar errado. Teriam que aguardar para saber. Ficaram observando, mas do lado de fora.

Capítulo 28

Durante alguns minutos, Anderson colaborou com aquele processo. Mas ao perceber que nada acontecia, começou a perder a paciência e seu entusiasmo já não era o mesmo. Do lado de fora da sala, porém acompanhando através de uma tela fluídica, os mentores detectaram o problema e conversaram:

— Veja, já não está com a mesma força de vontade do início.

O outro mentor respondeu:

— Já era de se imaginar. Na verdade, era o mais provável a acontecer.

— O que faremos, então? Prosseguimos para o próximo passo ou esperamos mais um pouco?

— Não creio que adiantará esperar, uma vez que ele já não demonstra mais crença na atividade. Acho melhor pararmos agora, para não o irritar.

— Eu achei mesmo que pudesse dar certo...

— Eu, ao contrário, tinha quase certeza de que apelar para o afloramento de qualquer tipo de sentimento mais elevado seria perda de tempo neste momento.

— Então, entremos na sala e iniciemos o próximo passo.

Ao entrar na sala, o primeiro mentor, que estava na caverna com Anderson, lhe disse:

— Anderson... pode, por favor, soltar as mãos de Fabrízio.

Anderson obedeceu e comentou em tom irônico:

— Não me recordo de absolutamente nada, senhores...

O segundo mentor respondeu:

— Isso porque a tentativa não funcionou...

Fabrízio entrou na conversa:

— Será que minha participação não foi suficiente? Será que eu não consegui fazer direito a minha parte? Será que...

Foi interrompido pelo primeiro mentor:

— Pare, Fabrízio, por favor... não é culpa sua. Já conversamos sobre isso... nem tudo que acontece é necessariamente culpa sua...

O segundo mentor disse a Anderson:

— Fizemos uma tentativa, mas não funcionou e não creio que irá funcionar.

Anderson disse:

— Então não tem como provar o que me disseram.

O mentor respondeu:

— Temos sim. Mas de outra forma.

Anderson achou estranho e perguntou:

— Se havia outra forma, por que não foi logo utilizada? Por que me fizeram passar por isto antes?

O primeiro mentor respondeu:

— Fizemos uma tentativa. Seria bom para você se acontecesse. Mas não aconteceu.

Anderson insistiu nas perguntas:

— O que não aconteceu? O que seria bom?

O segundo mentor respondeu:

— Que você lembrasse sozinho.

E o primeiro mentor concluiu:

— Que não precisasse que mostrássemos a você. Que as suas lembranças fossem libertas apenas por você. E não por nós, em um procedimento mais frio.

Anderson afirmou:

— Então queriam que eu participasse. Queriam um procedimento mais quente, o que significa com sentimentos que não tenho.

Sorriu e prosseguiu:

— Se não tenho esses sentimentos, como poderiam esperar que conseguisse? Isso é engraçado...

O primeiro mentor lhe disse:

— Você entende que não os tem... mas estão aí...

Anderson respondeu:

— Podem estar... não duvido de mais nada. Mas acham mesmo que dar as mãos ao Fabrízio iria realizar tamanha transformação? Continua sendo engraçado...

Os mentores não disseram nada a respeito de tal colocação. Mas o primeiro mentor convidou:

— Venham conosco para outra ala. Vamos liberar essas lembranças.

Anderson apenas levantou-se e seguiu os mentores, assim como Fabrízio. Passaram por vários guardas e diversos níveis de segurança para conseguirem trocar de ala. Depois se dirigiram até uma sala onde havia um enorme aparelho. O primeiro mentor explicou, enquanto o outro fechava a porta mantendo, assim, somente aquele grupo no interior da sala:

— Este aparelho é capaz de conseguir todas as informações que existam registradas em quem quer que seja. E, depois, pode fazer com que a pessoa assista, interiormente, a tudo, ou apenas a algumas partes. Nós iremos liberar apenas o que precisa saber para provarmos o que dizemos. E, principalmente, para que você se lembre de toda verdade.

Anderson debochou novamente:

— Toda verdade? Não será mesmo. Se vocês podem liberar o que querem, irão liberar somente o que interessa a vocês...

O primeiro mentor respondeu:

— Toda a verdade para este caso.

Anderson perguntou:

— Então esta máquina é muito poderosa. É possível saber tudo o que alguém sabe? Quero dizer, eu verei as lembranças, pode-se assim dizer, mas se eu quiser saber de informações de outro, também é possível?

Os mentores sorriram, pois perceberam a malícia na pergunta. O primeiro mentor respondeu:

— É possível, sim, Anderson. Mas não realizamos tal procedimento aqui...

Anderson sorriu e fez outra pergunta:

— Por que vocês não liberam mais? Deve ter muita coisa esquecida, não é mesmo? Liberem...

Novamente os mentores sorriram, mas nada disseram. Anderson, então, fez outra pergunta:

— Como posso ter certeza de que o que verei é a verdade e não uma criação de vocês para me enganar?

O primeiro mentor respondeu:

— Porque você não irá ver, como nos vê agora. Irá lembrar. Verá como vê uma lembrança que possui, apenas dentro de sua cabeça. E ademais, aqui é um local consagrado a Jesus, onde apenas a verdade interessa. Eu sei que não está totalmente familiarizado com este conceito. Mas acredite, aqui

buscamos sempre a verdade, mesmo que ela possa ferir nossos próprios interesses.

Anderson se calou porque aceitou as explicações e o segundo mentor explicou sobre o procedimento:

— Anderson, nós três iremos sair desta sala, mas acompanharemos todo processo do lado de fora. Você precisa apenas deitar-se naquele espaço e aguardar. Primeiro virá a fase de calma. A máquina irá trabalhar em você e irá sentir-se como quando sente sono. Depois, virá a calma total e você dormirá. Neste momento, a máquina buscará as informações que indicarmos que busque. Isso pode demorar. Mas depois que as conseguir, passará a você e somente você poderá assisti-las, dentro de sua cabeça. Quando terminar, acordará e essas informações estarão guardadas com você, ao menos até você fazer algo que as apague novamente.

O mentor parou de falar por alguns minutos e depois perguntou a Anderson:

— Está pronto?

Anderson apenas consentiu com a cabeça e se dirigiu para deitar-se no espaço indicado. Fabrízio e os mentores saíram da sala. O primeiro mentor disse:

— Agora é só esperar.

Depois de algum tempo, Anderson entrou em uma espécie de adormecimento e, com a máquina já programada para colher apenas as informações necessárias, ele começou a ver um filme em sua mente. Ele via alguém, diferente dele, mas assistia como se visse a si mesmo. Era uma identificação espiritual, não física. Ele via como seu períspirito estava moldado antes de se tornar quem era, mas sabia ser ele, de forma inconsciente, como o processo se dá.

Esse alguém estava encarnado. Era uma pessoa simples, do povo. Anderson via essa pessoa plantando, colhendo, vivendo com mulher e filhos e filhas. Via essa pessoa feliz. Aparentava ter seus trinta anos. Viviam de forma humilde, no campo, mas eram devotados ao bem e à paz. Viviam isolados da cidade.

Um dia, retornando da lavoura, essa pessoa viu sua casa em chamas. Correu para tentar salvar quem precisasse, mas não conseguiu. Todos os seus filhos estavam mortos. Mas ele não encontrou sua mulher. Ela não estava na casa e nunca mais apareceu.

Anderson continuava assistindo e via trechos saltados no tempo. Ele viu sua antiga personalidade, daquele momento em diante, viver uma vida amargurada, depressiva. Sua mulher

jamais voltou e o incêndio era um mistério. Os corpos carbonizados de seus filhos estavam todos deitados, como se dormissem enquanto eram queimados. A possibilidade de a própria mulher ter posto fogo na casa e ter matado seus filhos passava por sua cabeça.

Aquela personalidade viveu durante mais alguns anos, mas sem esperança e sem alegria de viver. Até que, em um momento de intenso desespero e falta de fé, jogou-se do alto de um precipício, arrancando sua própria vida.

Após o desencarne, a triste realidade dos suicidas. Ele estava em um vale de dor e sofrimento, sem esperança alguma. Lá ficou longos vinte e dois anos, até que conseguiu ter méritos para ser acolhido.

Anderson viu os mentores que estavam com ele passando aquele filme de lembranças, através da máquina, juntamente com vários auxiliares, levando-o daquele lugar para um local de tratamento.

Depois, as lembranças avançaram para outro ponto, onde ele já se via como Anderson, mas naquele mesmo local onde estava agora, conversando com os mesmos mentores. Parecia triste, mas conformado.

Ele viu trechos de vários momentos de isolamento e tristeza. Mesmo na colônia do bem, Anderson não encontrava consolo para sua dor.

Até que as lembranças avançaram e ele pôde se ver discutindo rispidamente com os mentores, a ponto de empurrar um deles ao chão, e depois sair furioso do local, inclusive, saindo da colônia.

Anderson vagou por vales de dor em uma procura, mas não achava o que pretendia. Até que uma entidade sombria surgiu em um desses vales escuros e umbralinos. Eles conversaram, Anderson parecia entender e seguiu aquela entidade até um local bem mais sombrio. E lá encontraram sua antiga esposa, coberta de chagas e pontos escuros por todo períspirito. Depois do choque inicial, ela acabou confessando o que fez. Matou os filhos e fugiu. Anderson saiu atordoado do local tamanho seu desespero ao ouvir aquela história diretamente da mulher que amava e voltou à colônia. Sua conversa com os mentores estava bem menos amigável que a anterior, tanto que soldados da guarda tiveram que ser chamados para contê-lo.

Anderson gritava e se contorcia, de dor e ódio. Naquele momento, ele pôde ver uma luz deixando seu períspirito e uma aura negra assumir o lugar. Fugiu de lá. A última imagem antes de acordar na máquina foi chegando ao castelo de Aluciphel.

Depois de alguns minutos de adormecimento sem lembranças, apenas para repouso, os mentores e Fabrízio entraram na sala e Anderson acordou.

Olhou para os mentores e perguntou:

— Isso tudo é verdade?

O mentor que estava na caverna disse:

— São suas lembranças, Anderson.

Anderson sentou-se, respirou fundo e depois ficou de pé. Andou de um lado a outro, às vezes olhava para os mentores, até que parou e disse:

— Na verdade, não foi muito revelador. Vi trechos, mas não ouvi nada sobre o que me disseram. Não vi, nem ouvi nada sobre acordo algum. Vi que estive aqui, mas também vi, que desde aquela época, já nos desentendíamos...

O segundo mentor explicou:

— Quando você tirou sua própria vida, tentamos o salvar e trazer logo para cá.

Anderson interrompeu:

— Por quê? Já me conheciam?

O primeiro mentor respondeu:

— Sim. O acordo foi antes daquela vida. Você aceitou viver uma vida simples e humilde para se dedicar ao bem. Mas precisava ter sua fé testada.

Os olhos de Anderson brilharam de desconfiança:

— Vocês estão por trás daquele sofrimento... vocês mataram minha família?

O segundo mentor interrompeu:

— Não, Anderson. Nós não fizemos nada. Mas estava planejado, e você aceitou antes de voltar à carne, que uma grande dor iria acontecer. Nós sabíamos disso.

Anderson ficou em silêncio e o mentor prosseguiu:

— Como dizia, tentamos o trazer, mas não havia como, pois as ordens de cima de nós não permitiam isso. Mas ficamos sempre por perto. Até que veio a ordem para o resgatar e nós a atendemos prontamente. Você foi tratado e curado, mas aquela dor jamais passou. Você queria respostas sobre aquela vida...

Anderson o interrompeu:

— Respostas que vocês tinham!

O mentor respondeu:

— Sim, mas não podíamos dizer, Anderson...

— Por quê? — Anderson perguntava angustiado.

O mentor explicou:

— Porque não tínhamos ordens de cima para isso. Você precisava superar sem ter os fatos, pois precisava superar pela fé, não pela razão.

O primeiro mentor prosseguiu:

— Então, no dia em que me jogou no chão, fugiu e foi buscar as respostas nas trevas.

Novamente, Anderson interrompeu e perguntou:

— Eu te derrubei porque não me deu essas respostas?

— Isso, Anderson — o mentor respondeu.

Anderson fez nova pergunta:

— Eu não entendo por que tinha uma aparência antes e depois fiquei com esta, de agora. O que aconteceu? Porque até antes de ser resgatado, mantinha aquela antiga aparência, mas depois de ser trazido para cá, fiquei com esta. Qual o motivo?

O primeiro mentor respondeu:

— Para ser tratado, você precisou ser adormecido e isso durou algum tempo. Sua aparência mudou durante esse processo. Você mesmo fez isso enquanto dormia. Se existe um motivo, está em sua cabeça. Nós não temos como lhe dizer isso.

Fez uma pausa e continuou a explicar:

— Depois que me derrubou porque não te dei as respostas que queria, fugiu para as trevas para tentar encontrar sua mulher... queria saber a verdade. Procurou muito, mas não a encontrou. Até que alguém do seu passado fez o desserviço de lhe levar até ela. Você enlouqueceu. Voltou furioso e queria respostas mais profundas. Nos acusou de assassinos e mentirosos, entre outros xingamentos. Sua fúria foi tamanha, que o pouco de entendimento sobre o bem que havia em você se desprendeu, e em seu lugar, retornou a vontade de agir no mal. Ali, você mesmo começou um processo de esquecimento. Saiu daqui e vagou pelas trevas vários anos, durante os quais, seu ódio fez com que esquecesse tudo isso. Até que conheceu a organização do castelo e foi até lá.

Anderson estava em silêncio, assim como os mentores. Depois de um tempo, Anderson perguntou:

— Que lugar era aquele que vivi com a família?

O primeiro mentor disse:

— Não podemos dizer.

Anderson esbravejou:

— Como não podem? O que é isso? Qual o problema em dizer?

O segundo mentor respondeu:

— Não sabemos qual o problema em dizer, apenas não temos autorização para isso.

Anderson ficou contrariado e não aceitou a resposta, mas seguiu em frente com as perguntas:

— E Fabrízio? Acompanhou esse processo na máquina... está aqui até agora... deve ter alguma participação, caso contrário não estaria aqui ainda... Qual a participação dele nessa sujeira toda?

O primeiro mentor disse:

— Você está certo. Tem participação, sim. E por isso mesmo está aqui. Mas você quer mesmo saber?

Anderson ironizou:

— Ora... hoje é o dia das revelações! Por que não mais uma? Tenho certeza de que nada será tão mais forte do que já vi. Contem tudo de uma vez e parem com essa preocupação excessiva. Já estão me irritando com isso...

O primeiro mentor virou-se para Fabrízio e perguntou:

— Quer contar?

Fabrízio respondeu:

— Não. Prefiro que contem vocês...

Então, o primeiro mentor disse:

— Anderson... Fabrízio foi seu primogênito naquela família.

Anderson riu e argumentou:

— Não... está errado. Não pode ser. Fabrízio foi um gladiador, ou algo assim... eu já estava no castelo... disso eu lembro.

O segundo mentor explicou:

— Fabrízio tinha sete anos quando morreu queimado e voltou à carne pouco tempo depois. Quase não ficou por aqui. Quando retornou à carne, foi quando teve a vida de gladiador.

Anderson ficou em silêncio. Fabrízio também. Até que Anderson disse:

— O que espera? Um abraço? Não vai ter. Foi meu filho e o que pode esperar? Acabou. Para mim você é o Fabrízio do castelo e só. É assim que quero me lembrar de você. E é assim que você também deve se lembrar.

Fabrízio ficou em silêncio, assim como os mentores. Até que Anderson disse:

— Pelas minhas contas... essa família viveu muito perto da época de Jesus, se não na própria época. Estou certo?

Os mentores se olharam e o primeiro respondeu:

— Se suas contas estão certas, não precisa perguntar nada para nós.

Anderson fez expressão de repulsa e respondeu:

— É por isso que não gosto de você. Sempre com uma resposta torta e misteriosa. Tem mesmo motivo para isso ou só faz porque gosta de atormentar os outros?

Os mentores riram e o primeiro falou:

— Anderson, se não tem mais perguntas, nos acompanhe, pois precisa descansar. Assim que possível, conversaremos mais.

Anderson consentiu e seguiu os mentores.

Enquanto isso, no castelo, Aluciphel ardia em ódio, pois Anderson havia sumido e, sendo assim, ele não poderia colocar seu plano de vingança em ação.

Para o lugar de Anderson, o mago negro havia colocado dois ajudantes diretos, como assessores, que estavam há pouco tempo no cargo. Todos dois o orientavam a seguir em frente com os planejamentos da organização, esquecendo, momentaneamente, a caçada a Anderson.

Mas Aluciphel não recebia bem essa informação e esbravejava contra eles:

— Vocês não sabem o que dizem! Se juntar os dois não conseguem ter a metade da capacidade do Anderson!

Os assessores baixavam as cabeças e Aluciphel continuava:

— Ele sumiu e é muito capaz, pode estar por aí tramando contra nós. Temos que capturá-lo antes que venha até aqui ou faça algo.

Um dos assessores argumentou:

— Eu entendo, senhor. Mas nossa organização parou em função disso. Devemos seguir, caso contrário, perderemos força e espaço. Desse jeito, será muito mais fácil para Anderson em um possível ataque.

Mas Aluciphel não aceitava as observações:

— Você está errado. E além de errado ainda questiona minhas decisões.

O assessor se defendeu:

— Não, senhor, não as questiono. Apenas tento ajudar da melhor maneira em suas decisões.

— Desta forma, não ajude, seu incapaz! — Aluciphel bradava.

Depois disso, expulsou os assessores de sua sala e ficou pensativo durante um bom tempo. Aluciphel dava rumos duvidosos para a organização do castelo. Ele perdia tempo demais na procura por Anderson que, na verdade, nada tinha de consonante com a organização, sendo apenas uma vingança pessoal.

Mas essa fixação acabou enfraquecendo a organização, que já estava malvista, devido ao ocorrido com o imperador. Depois do sumiço de

Anderson, essa situação ficou ainda pior, pois que todos nas trevas afirmavam que o antigo general havia dado um novo golpe e sumido junto com o imperador para um lugar remoto, onde não seria possível capturá-lo. Além disso, Aluciphel estava sendo visto como fraco, pois não conseguia, ao menos, ter sua vingança, e que Anderson o fez passar por bobo e inexperiente.

O que os assessores estavam tentando fazer, era alertá-lo quanto à gravidade da situação, mas Aluciphel não conseguia entender. O cenário era muito adverso para ele, pois como todas as outras organizações o viam como fraco, poderiam aproveitar para atacar e destruí-lo de vez. Mas Aluciphel estava cego quanto aos perigos e apenas pensava em planos que pudesse colocar sua vingança em prática. Era o início da derrocada do castelo.

Ainda havia um longo caminho para o fim, mas a organização já estava no alto da ladeira, faltando apenas o último empurrão para cair.

Capítulo 29

Os mentores colocaram Anderson em um quarto para descanso. O primeiro mentor lhe mostrava o ambiente enquanto dizia:

— Anderson, fique bem à vontade. Você terá toda nossa estrutura à sua disposição. Basta que chame um de nossos auxiliares e...

Anderson o interrompeu:

— Você disse que eu poderia ir embora quando quisesse. Caso queira. Entendi errado?

Os mentores se espantaram, pois não acharam que Anderson iria querer ir embora tão cedo. O segundo mentor se pronunciou:

— Você pode ir embora no momento em que desejar, Anderson. Nós apenas queremos que se sinta bem no período em que aqui estiver.

Anderson respondeu:

— Como vou me sentir à vontade com todos esses guardas do lado de fora? Precisam mesmo me vigiar? Já não basta estar sem meus poderes, preciso ser vigiado assim? Essa é a estrutura que está à minha disposição?

O primeiro mentor explicou:

— Aqui é um hospital de segurança máxima. As regras são essas. Todos os pacientes precisam ser vigiados e protegidos. E, tendo toda estrutura à sua disposição, terá também a segurança, que é parte dela.

Anderson sentou-se na cama e disse:

— Podem ir agora. Ainda não quero ir embora. Deixem-me sozinho, preciso pensar.

Foi atendido. Na saída do quarto, o primeiro mentor disse a Fabrízio:

— Agora vamos tratar do outro.

Ele se referia a Patrício, que estava trancado nos porões do hospital, na ala para espíritos de alta periculosidade, em cela de máxima segurança. Eles se dirigiram ao local.

Ao entraram na ala, os mentores foram até a frente da cela onde estava Patrício, que podia vê-los pelo lado de dentro, pois o cárcere era de material fluídico incolor, por isso, o paciente não poderia tocá-los, não importando quanta força fizesse para tanto. Ao identificá-los, correu para tentar alcançá-los, mas os limites da cela não permitiam. Ele ainda estava muito nervoso e gritava descontroladamente. Após algum tempo berrando impropérios, fez uma leve pausa, o suficiente para o primeiro mentor se pronunciar:

— Patrício, não queremos seu mal. Ao contrário, queremos te ajudar, mas com essa atitude não será possível. Podemos te transferir para um quarto, mas você precisa se acalmar.

Em resposta, Patrício apenas se revoltava e batia contra os limites da cela. Dava socos e chutes, enquanto xingava os mentores, os ameaçando com longas e dolorosas torturas.

Esse cenário se alongou durante um bom tempo. Os mentores tentavam conversar, mas não havia possibilidade, pois Patrício estava absolutamente descontrolado.

Os mentores acabaram indo embora. Na saída, o primeiro disse a Fabrízio:

— Queremos falar sobre Anderson e sobre você, mas ele não reage a nenhum estímulo. Não podemos dizer nada com ele nesse estado. Deixe que se canse. É uma pena, mas precisamos aguardar que ele tenha outra postura, bem menos agressiva.

Fabrízio concordou e, em seguida, perguntou:

— E agora? Quais os planos?

O segundo mentor respondeu:

— Vamos aguardar. Apenas aguardar. E olhar as trevas para ver o que estão fazendo... e Aluciphel.

As trevas movimentavam-se no intuito de atacar a organização do castelo. Para espíritos que agem no mal, qualquer sinal de fraqueza é momento oportuno para ataque, para enfraquecer ainda mais ou até mesmo exterminar aquele que a demonstra. É um instinto primitivo de sobrevivência aliado à maldade.

Mas Aluciphel tinha um trunfo: a energia que mantinha o castelo. Ainda havia, pouco, é verdade, mas essa energia era a fonte da resistência e força. Mas precisava ser usada com inteligência e destreza, caso contrário, esvaecia-se.

Seus assessores tentavam comunicá-lo do perigo iminente:

— Senhor, entenda que a situação é grave. Temos notícias de que diversas organizações da maldade planejam ataques ao nosso castelo. Querem nos destruir e tomar nossos territórios e atividades.

Aluciphel, sentado em seu trono, apenas ouvia em silêncio. Outro assessor corroborou:

— Mestre, sabemos que algumas organizações estão tão confiantes em nos derrotar que até

marcaram datas, a fim de sincronizarem seus ataques. Se isto acontecer, será nosso fim. Estamos sem defesa, sem liderança nas tropas... sem qualquer tipo de liderança.

Aluciphel olhou para eles com expressão de indiferença e perguntou:

— E Anderson? Já o encontraram?

Os assessores balançaram a cabeça negativamente demonstrando insatisfação com a reação do mago negro. Tanto, que um deles foi enfático e ousado:

— Aluciphel, é preciso esquecer a busca por Anderson e pensar em se defender dos ataques iminentes. Porque se tomarem o castelo, sua busca por Anderson perderá o sentido, pois como irá confrontá-lo?

O mago negro se irritou:

— Como irei confrontá-lo? Com minhas próprias forças! Posso esmagá-lo quando quiser, a qualquer momento! Como ousa me dizer estas palavras?

O assessor respondeu:

— Não ouso. Apenas digo a verdade. Não duvido de suas capacidades e habilidades para o

confronto. Mas entendo que, antes de pensar em Anderson, devemos nos proteger dos ataques que virão de todos os lados. Eles, sim, poderão nos esmagar...

O mago negro ficou pensativo e depois disse:

— Saiam. Saiam agora. Sei o que fazer.

Sua ordem foi atendida. Assim que os assessores saíram da sala, mentalmente, Aluciphel comunicou-se com outro mago negro, que ainda não havia se pronunciado sobre possíveis ataques.

— Bruhaell... o pior mago que já vi...

— Aluciphel... o mago mais bonzinho que já vi... se não tivéssemos origens parecidas, já teria acabado contigo, de uma forma boazinha, assim como você. Sabe disso, não é mesmo?

— Bruhaell... não me faça rir, seu bastardo miserável...

— Eu que estou rindo... com sua situação. Rindo o tempo todo... como você deixou aquele verme te enganar dessa forma? Na frente de todos? Que humilhação, Aluciphel! Agora todos querem te caçar. E vão conseguir. Vão tomar o seu castelo.

— Não se precipite tanto, querido inimigo bastardo... tenho planos para evitar isso e recuperar o prestígio.

— Não vejo como. Não vejo como. Sei que muitos outros magos já estão com as tropas prontas para atacar e tomar o castelo. Faltando apenas a ordem para isso. E não deve tardar a acontecer. Não queria estar em seu lugar.

— Não precisa estar em meu lugar. Basta estar a meu lado.

Uma sonora gargalhada do outro mago negro precedeu sua resposta:

— É isso mesmo que estou pensando? Você acha que vou lutar junto contigo? Que vou me aliar a você? Não há nenhuma maneira disso acontecer! Nem por todas as almas! É uma luta em vão, se houver luta. Pois, pelo que sei, você está com muitas baixas, contingente reduzido, desmotivado, destreinado, sem liderança e desacreditado. Qualquer um que estiver a seu lado, terá o mesmo fim: a derrota. A humilhante derrota. Humilhante e inevitável derrota. Você não entende que do outro lado dessa batalha estão, tirando a minha, todas as grandes organizações das trevas? Todos, Aluciphel, todos irão lhe atacar. Não há como se defender. Em poucos dias, o castelo estará no chão.

— Não se precipite...

Bruhaell fez uma pausa, que demonstrava meditação sobre a segurança de Aluciphel, e depois disse:

— Você está muito confiante. O que é? Conta-me... não me procurou por nada.

— Tem que vir até aqui.

— Não irei.

— Precisa vir.

— É um território perigoso. Se estiver aí no momento dos ataques, serei alvo também.

— Você virá.

Bruhaell se impacientou:

— Se tiver algo a falar, conte logo, já estou me irritando com isso.

Aluciphel fez uma pausa e perguntou:

— Lembra-se daquela energia que tivemos acesso há muito tempo atrás?

O outro mago negro respondeu:

— Sim. O que tem?

— Sabe seu poder, não sabe?

— Sei. Mas sei também que não há mais dela por aqui.

Aluciphel fez uma pausa e apenas deu um pequeno riso. Bruhaell se interessou:

— O que está querendo me dizer? Você ainda a tem? É isso?

Aluciphel fez mistério:

— Precisa vir aqui.

Bruhaell insistia:

— Não posso me arriscar. Só posso ir se você me confirmar que é verdade. Que ainda possui aquela energia...

Aluciphel perguntou:

— Estamos nos falando de forma segura?

Bruhaell respondeu:

— Sim, estamos.

Aluciphel fez nova pausa e confirmou:

— Sim, é verdade. Ainda tenho um pouco dela.

Bruhaell não conseguia se conter:

— Como? Como conseguiu? Desde aquela época? Ou conseguiu depois? Como conseguiu?

Aluciphel lhe disse:

— Acalme-se, Bruhaell... consegui roubar um pouco e transportá-la para cá, onde montei o castelo e a organização. Não foi difícil. Como o restante foi sumindo, acabei ficando com a última. Na verdade... não é totalmente pura, como era, pois quando retirada do todo e transportada de forma irregular, perde a integralidade. Tive que combinar outras energias, mas ainda é muito potente.

Bruhaell se acalmou:

— Eu sei... não havia pensado nisso... mesmo assim deve ser poderosa...

Fez uma pausa e depois prosseguiu:

— Com ela é capaz de se defender dos ataques. Mas dependendo de quanto tenha, pode terminar com ela apenas se defendendo e não terá mais como agir depois...

Aluciphel explicou:

— É por isso que preciso de você. Traga suas tropas e lideranças. Colocamos um pouco da

energia em todos, nas minhas e nas suas tropas, formando um único exército, fortíssimo, capaz de se defender contra todas as organizações das trevas juntas. E ainda colocamos um pouco da energia na proteção do castelo.

Bruhaell lhe disse:

— Pode dar certo. Mas o que eu ganho com isso?

Aluciphel respondeu:

— Após nossa vitória e eu recuperar meu prestígio, lhe darei um pouco desta energia.

Bruhaell ficou pensativo, mas perguntou:

— Como posso ter certeza de que não está mentindo? Que, na verdade, não há energia alguma?

Aluciphel respondeu com ironia:

— É o que eu dizia desde o início... você virá até aqui e poderá ver.

Bruhaell lhe respondeu:

— Posso ir. Na verdade, vou. Mas como irá me garantir que receberei minha parte da energia depois?

Aluciphel respondeu:

— Ainda terei a maior parte. Você não será ameaça. Refarei minhas tropas. E você terá força, mas não para me vencer.

— É um risco para você.

— Mas um risco que preciso correr. Não tenho saída.

Assim, o mago negro Bruhaell foi até o castelo e constatou a existência da energia. Eles acertaram tudo rapidamente e, no dia seguinte, as tropas da organização de Bruhaell já estavam no castelo para a defesa da organização de Aluciphel. Iriam se proteger e a organização do castelo se manteria.

Capítulo 30

No hospital de segurança máxima da espiritualidade, Anderson, após seu descanso, queria sair de seu quarto, mas foi impedido pelos soldados da guarda. Então, mesmo contrariado, pediu que os mentores fossem chamados. Assim foi feito, mas não prontamente como ele gostaria. Tão logo os mentores entraram no quarto, Anderson disse em tom irritadiço:

— Como podem me tratar como prisioneiro e me dizer que posso sair quando quiser? Isto não está certo! Sou livre ou prisioneiro? Afinal, como estão me tratando? Espere! Eu posso responder: sou prisioneiro de vocês! Vocês esconderam meus poderes de mim e me trancaram neste quarto, que é uma jaula, na verdade! Eu exijo ser tratado de maneira diferente! Da maneira como prometeram! Aqui não é um lugar onde se preza a verdade, como vocês disseram? Pois bem, tratam-me como disseram, caso contrário, estarão mentindo!

Os mentores ouviram a tudo atentamente e com bastante calma. Após Anderson terminar, o primeiro mentor, que estava na caverna com ele, explicou:

— Você não é prisioneiro, Anderson. Pode sair quando quiser, basta que diga. Mas está em uma ala onde não é permitida a livre circulação pelos corredores de quem não esteja autorizado. É

somente isso. Mas se quiser ir embora agora, basta dizer e poderá ir.

Anderson ficou em silêncio durante alguns momentos, mas depois disse:

— Não posso ir embora sem Patrício. Onde ele está?

O primeiro mentor respondeu:

— Em local seguro, mas ainda muito contrariado e furioso. Se quiser, podemos levá-lo até ele.

Anderson disse claramente:

— Está certo. Leve-me a ele e nós dois iremos sair daqui.

O primeiro mentor explicou:

— Anderson... nós oferecemos liberdade a você, não a Patrício. Ele terá de ficar aqui até poder ser tratado de forma pacífica.

Anderson não reagiu bem à explicação:

— O quê? Patrício é prisioneiro? Isso não pode ser! Um absurdo completo! Sabe o que é isso? Uma forma de me prender aqui! Dizem que posso ir, mas Patrício não. Mas sabem que não irei sem ele, com

isso me prendem aqui, mas sem dizer que me prendem!

Anderson parou por alguns momentos e, sorrindo da forma mais debochada que conseguiu, bateu palmas e voltou a falar com bastante ironia:

— Parabéns! Parabéns a vocês dois! São mestres! Mestres do engodo e da trapaça! Conseguiram construir um plano onde oficialmente sou livre, mas na verdade não sou. Deixando apenas para mim a decisão de ir, mas para isso, preciso abandonar meu homem forte. Querem que eu faça isso somente para dizerem a Patrício que eu o traí e fui embora sem ele. Então, se vou, vocês se aproveitam. E se fico, vocês se aproveitam também. Parabéns, sou oficialmente prisioneiro de vocês. Onde estão os ferros e minha jaula? Quero ser tratado como um prisioneiro comum. E quero agora! Quero sair deste quarto já e ir para este lugar seguro onde está Patrício!

O segundo mentor falou:

— Anderson, não tente se ver como prisioneiro. Não há ninguém aqui nesta condição. Alguns apenas não podem sair sem antes poderem ser tratados de forma pacífica.

Anderson debochou:

— Mentiras bonitas de se contar, senhor da lei...

O primeiro mentor disse:

— Não há problemas. Vamos até Patrício agora.

Assim, Anderson os acompanhou até o local onde estava Patrício. Ao chegarem, foram na direção de sua cela. Ao ver Anderson, Patrício reagiu com um misto de sentimentos:

— Anderson! Você está aqui! Que bom! Mas espere, como é isso? Está prisioneiro também? O pegaram?

Anderson respondeu a Patrício de forma simples:

— Sim, Patrício. Me pegaram e estou prisioneiro. Não posso sair, assim como você. Eles me trouxeram aqui, porque agora ficarei na mesma jaula que você.

Anderson disse isso e olhou para os mentores. Ficou claro o que ele tinha feito. Não quis contar que era livre para Patrício, porque não queria abandoná-lo, portanto disse ser prisioneiro. E, dizendo que os mentores o haviam designado para ficar na mesma cela e olhar para eles, foi como uma intimação, não um pedido, pois como ele era livre, poderia escolher onde ficar. E caso os mentores não quisessem isso, não aceitassem o pedido, teriam de administrar um Anderson

contrariado e tenso. Preferiram jogar aquele jogo. Então, o primeiro mentor disse:

— Ele está certo, Patrício. Só espero que com ele perto, você se acalme.

Disse isso e orientou os guardas para que os procedimentos de segurança fossem tomados, de maneira que Anderson pudesse entrar na cela.

Com isto feito, a conversa continuou. Mas com os mentores do lado de fora e Anderson e Patrício do lado de dentro. Anderson disse a Patrício:

— Fabrízio está com eles.

Patrício perguntou:

— Com eles? Prisioneiro também?

Anderson respondeu:

— Não. Foi resgatado por eles e agora os ajuda.

Patrício reagiu mal:

— Traidor! Bastardo!

Mas Anderson conteve seu ímpeto:

— Acalme-se. Ele quer nos ajudar. Podemos contar com ele. Depois, quando eles saírem daqui,

lhe explico tudo. Eles irão ouvir e nos ver, certamente, mas ao menos, não teremos de aguentar esses rostos falsos e suas mentiras.

Os mentores ficaram em silêncio. Anderson continuou:

— Temos de colaborar, Patrício. É o único jeito de sairmos daqui. Se fizermos isso, poderemos ir para quartos, onde teremos melhor liberdade. E, além disso, não há meios de sair, pois estou sem meus poderes. Temos de cooperar.

Patrício ficou em silêncio. Os mentores perceberam uma baixa na energia de raiva de Patrício, com isso, o primeiro mentor disse aos dois:

— Nós iremos agora.

E saíram, deixando Anderson e Patrício conversando. Evidentemente que Anderson estava certo quando disse que seriam vigiados pelos mentores, afinal, estavam sob as guardas deles.

Anderson conversou com Patrício no sentido de acalmá-lo e contou a ele tudo o que havia ocorrido, inclusive sobre suas lembranças recuperadas.

Enquanto isso, nas trevas o cenário era de guerra ao castelo. Literalmente. Diversas tropas do mal atacavam de forma coordenada os limites da

organização de Aluciphel. No entanto, com o auxílio de Bruhaell e suas tropas, e com a combinação da utilização da energia funcionando perfeitamente, todos os avanços contra os muros do castelo eram infrutíferos. O sucesso da defesa era tão grande, que centenas de soldados que os atacavam eram capturados e jogados em masmorras, e somente teriam de volta sua liberdade caso aceitassem atuar no exército do castelo, após a batalha terminar.

Os magos negros que atacavam Aluciphel sabiam do auxílio de Bruhaell e isso lhes intrigava, pois chegavam à conclusão de que Aluciphel era realmente poderoso, a ponto de convencer Bruhaell, que tinha uma reputação considerável, e sua organização, a ajudá-lo na luta.

Após dias de ataques sem sucesso e muitas baixas, as organizações aliadas bateram em retirada. Aluciphel recuperou seu prestígio, assim como a organização do castelo voltou a ser vista como uma das maiores e melhores das trevas. Suas tropas foram engrossadas com os soldados capturados, que aceitaram defender o exército do castelo a partir daquele momento, novos oficiais e um novo general foram nomeados e tudo voltou a ser como antes, com a exceção de Anderson e Patrício, que não contavam mais entre os integrantes.

Aluciphel cumpriu o que prometeu e deu a Bruhaell um pouco da energia do castelo, algo menor que um décimo, mas o mago aliado pareceu satisfeito. Aluciphel não o temia, pois aquela quantidade não seria eficaz contra ele, porque possuía muito mais. E, além disso, com o transporte da energia, ela sofreria perdas em sua composição, a enfraquecendo consideravelmente. Esse processo faria com que não fosse mais a mesma energia, mas sim, uma nova energia, menos potente. Portanto, o que Aluciphel sempre soube, mas Bruhaell não se deu conta, é que ele não estava oferecendo um pouco da mesma energia, e sim, uma energia diferente e menos potente.

Bruhaell foi embora e Aluciphel continuou com sua sede por Anderson, mas com seu prestígio recuperado.

Chamou seus assessores e disse a eles:

— Vocês são fracos e incompetentes! Fiz tudo sozinho enquanto vocês me acusavam de negligência!

Os assessores baixavam suas cabeças e nada diziam. Aluciphel continuou:

— Mas não vou pendurá-los na parede... ainda... vou dar-lhes uma chance... encontrem Anderson e estarão perdoados, ou melhor, não estarão

perdoados, mas não sofrerão minha ira e não irão para a parede.

Os assessores ficaram agradecidos e respiraram aliviados. Mas Aluciphel ainda disse:

— Vocês têm pouco tempo para isso. Achem Anderson. Só preciso saber onde está. Somente isso. Não tentem fugir, pois saberei onde estarão.

Assim, o mago negro dispensou seus assessores e se sentou em seu trono.

Aluciphel estava de volta.

Capítulo 31

Meses passaram-se. Os assessores do mago negro não conseguiram descobrir o paradeiro de Anderson e sofreram com a crueldade de Aluciphel, que nomeou uma comissão de quatro novos conselheiros para lhe assessorar. Ainda buscava saber sobre Anderson, mas todas as suas tentativas eram infrutíferas. Cada vez mais, o mago negro tinha sede por encontrar o antigo assessor. Essa sede não passaria.

No hospital de segurança máxima da espiritualidade, Anderson havia convencido Patrício a colaborar com os mentores, com isso, era possível que convivessem e se falassem, porém o antigo carrasco do castelo não nutria bons sentimentos pelos falangeiros do bem.

Anderson percebeu novas oportunidades no convívio daquele local. Pois além dos mentores que cuidavam diretamente dele, havia outros, com potenciais iguais ou ainda maiores. Era possível aprender. E Anderson sempre gostou muito de saber coisas novas.

Todos os mentores com quem Anderson se comunicava lhe davam atenção, mesmo sabendo quem era. Ele queria aprender tudo o que pudessem ensinar. Mas, naqueles meses iniciais, não conseguiu que nenhum deles lhe passasse alguma técnica mais apurada, algo realmente novo.

Evidentemente que todos tinham seus receios e esperariam um pouco mais antes de passar qualquer informação para ele.

Anderson conversava com o mentor que esteve com ele na caverna. Dizia:

— Apesar de todos me receberem bem e apesar da minha liberdade de circulação por todo o local, até o momento ninguém quis me ensinar nada que já não soubesse. Você me disse que todos iriam cooperar. Eu disse que a vida aqui seria tediosa, caso não houvesse nada novo, e você me garantiu que haveria muito a aprender. Mas não vejo isso acontecendo.

O mentor lhe respondeu:

— Todos sabem quem você é. Tratam-lhe bem, evidente, mas possuem receios quanto à sua conduta. Você ainda é uma grande ameaça, Anderson, é bom que entenda muito bem isso. E o que podem e irão lhe ensinar com o tempo, serão sempre técnicas que poderá usar em benefício próprio e não para lesar outros.

Anderson comentou:

— Eu entendo isso. Posso aprender apenas para meu benefício. Mas não está acontecendo. Se forem esperar eu deixar de ser uma ameaça, pode nunca acontecer. Afinal, isto é um cárcere, não

podemos esquecer. E eu ainda estou aqui por ter esses interesses, não mudei e você sabe muito bem disso. O que vocês esperam?

O mentor explicou:

— Não esperamos uma regeneração completa agora, mas pequenos sinais de uma inclinação a uma possível mudança de caminho. Como percebe, algo simples. Mas que ainda não aconteceu. Somos gratos a você, pois já nos ajudou muito com Patrício. Ele responde bem, mesmo sem saber que é tratado, porque se desconfiar, não irá mais colaborar. Com isso, em pouco tempo, você poderá ir embora daqui deixando Patrício e ele não se ofenderá com isso, pois já terá alguma mudança dentro dele.

Anderson disse:

— Cada um pode fazer o que bem entender. Se Patrício está bem, que fique bem. Não irei me intrometer. E se poderei ir e ele ficará bem, não terei motivos para ficar, caso não me ensinem nada novo. E como você disse, em pouco tempo isso irá acontecer.

O mentor respondeu:

— Não se impaciente. Chegará o momento.

Algumas semanas se passaram e Anderson já dava sinais claros de intensa insatisfação, ao passo que Patrício estava cada vez mais calmo e nem se dava conta disso. Anderson o procurou para conversarem. Disse-lhe:

— Patrício... vejo que está sentindo-se bem aqui... percebo bem?

Patrício respondeu:

— Deixo o tempo passar.

Aquela resposta não era típica do antigo guerreiro sedento de sangue. Anderson desconfiou. Fez outra pergunta:

— Vamos fugir daqui?

Patrício, sem manifestar alterações na expressão ou nas palavras, respondeu com calma:

— É preciso mesmo?

Anderson levantou-se no mesmo instante, deixando Patrício sentado, e foi procurar o mentor. Ao encontrá-lo, disse, furioso:

— O que vocês estão fazendo com Patrício? Ele está um tolo. Vocês estão dando algo a ele para que fique assim. Ele não pode ficar assim e...

O mentor o interrompeu e explicou calmamente:

— Anderson... Patrício está sob nossos cuidados e não tem a mesma liberdade que você possui. Não podemos arriscar deixá-lo livre e ele resolva, simplesmente, atacar a todos, apenas porque quis. Você e ele ainda são ameaças. Você, pelo conhecimento. Ele, pela força. Para que não nos arrisquemos com você, não lhe ensinamos nada. E com ele, não permitimos que fique no estado normal e use sua força.

Anderson pensou alguns segundos e depois disse em tom de decisão:

— Ou alguém começa a me ensinar algo novo agora, ou estou indo embora já.

O mentor ficou observando Anderson. Percebeu que não era um blefe. Então lhe disse:

— Espere aqui, Anderson. Não me demoro.

O mentor saiu da sala e foi procurar seu superior imediato, que já vinha em sua direção. Antes que o mentor dissesse algo, seu superior se pronunciou:

— Autorize que lhe seja ensinada a técnica de busca de conhecimento.

Disse isso e voltou a seus afazeres. O mentor que cuidava de Anderson voltou para a sala e disse:

— Anderson, venha comigo. Irá começar a aprender hoje.

Foram até outra sala, onde estava um senhor, que Anderson ainda não conhecia. O primeiro mentor disse, ao entrar:

— Por favor, Helênico... temos autorização para ensiná-lo a busca de conhecimento.

Um mentor de estatura baixa, com poucos e brancos fios de cabelo, magro e com sorriso cativante, disse:

— Entre, Anderson. Sente aqui e iremos começar.

O mentor da caverna despediu-se e Anderson começou a ter aulas com Helênico.

A princípio, Helênico apenas conversou com Anderson, de forma aberta. Sabia quem ele era, evidente. Mas conversava com tranquilidade, sem mostrar os receios que todos os outros tinham, o que fez com que Anderson se sentisse confortável com ele. Depois de algum tempo de conversa, perguntou ao aluno:

— Você sabe o que irei lhe ensinar?

Anderson respondeu:

— A técnica de busca de conhecimentos.

Helênico novamente perguntou:

— E o que é isso?

Anderson novamente respondeu:

— Com esta técnica poderei buscar todos os conhecimentos que quiser.

— Não — Helênico respondeu.

Anderson fez expressão de surpresa. O mestre prosseguiu:

— Não se trata disso. Você não irá buscar todos os conhecimentos que quiser. Mas saberá como receber os conhecimentos que estão em toda parte.

Anderson perguntou:

— E quem os passará para mim?

Helênico explicou:

— Você mesmo irá buscá-los.

— Não entendo.

— Você irá buscá-los em toda parte, mas somente aqueles que estiverem dentro de sua

condição de entendimento. Aqueles que estiverem fora, não os poderá receber. E se alguém quiser lhe passar algo e estiver dentro do que pode, receberá também.

— E como?

— Apenas com sua tranquilidade e sua *imaginatio animi*.

Anderson ficou pensativo, mas perguntou em seguida:

— Você disse que poderei receber, mas somente se estiver em condição disso. O que isso significa?

Helênico respondeu:

— Você veio do castelo de Aluciphel... fez coisas terríveis em sua última passagem lá embaixo... o mal está em você. Isso faz com que não tenha condições de receber nada que possa fazer o mal aos outros. Mas pode receber o que pode fazer o bem a você mesmo. E fazendo bem a você mesmo, talvez o mal saia de você.

Anderson nada disse. Helênico aproveitou o momento propício e fez uma pergunta franca:

— Nunca pensou em deixar que o mal saia de você?

Anderson ficou mudo, pois não sabia o que responder. Helênico prosseguiu:

— Anderson, caso quisesse o mal ainda mais tempo em você, teria respondido rapidamente que não queria deixar que o mal saísse. Mas isso não significa que já queria algo diferente. Apenas demonstra o início de mudanças.

Anderson nada disse a respeito. O mestre passou, então, a lhe explicar sobre a técnica.

O tempo passava e Anderson se esmerava para aprender todos os detalhes da nova técnica. E era bom aluno. Helênico o elogiava para o mentor da caverna.

Patrício continuava seu tratamento e a dopagem era cada vez menos necessária. Ele conversava bastante com Fabrízio, que lhe aconselhava sobre os caminhos que viriam em breve.

Aluciphel praticamente parou os trabalhos de sua organização e colocou todos à procura de Anderson, mas nada surtia efeito. Isso apenas o deixava ainda mais raivoso.

Anderson estava satisfeito com a aprendizagem. O convívio com Helênico era extremamente benéfico para ele, pois o mestre era muito inteligente, sábio e capaz, características que Anderson prezava e admirava nas pessoas. Eles

conversavam sobre tudo e Anderson aproveitava cada momento.

Muito ainda aconteceria, mas Anderson não tinha mais a intenção de sair daquele lugar, pois o interessava ficar.

Anos passaram-se. E todo o cenário não se alterou. Mas as condições internas eram completamente diferentes, em questão de disposições para mudança, mesmo que inconscientes.

Era chegado o momento de algo novo acontecer.

Capítulo 32

Os mentores que tratavam diretamente dos casos de Anderson, Patrício e Fabrízio, conversavam enquanto caminhavam. O mentor da caverna disse:

— Todos eles fizeram progressos. Mesmo assim, não vejo nada definitivo em nenhum deles.

O segundo mentor concordou:

— Concordo plenamente. No entanto, para nossos planos, creio que Fabrízio seja a primeiro a partir.

— Sim. Uma vez que está a mais tempo por aqui e poderá abrir espaço para os outros, pois dos três, é o que conta com maior abertura para o material do bem, neste momento.

O segundo mentor concordou, mas fez ressalvas:

— Está correto, mas creio que Fabrízio é o que pode nos dar mais problemas.

O mentor da caverna ficou curioso:

— Por quê?

O segundo mentor explicou:

— Fabrízio é frágil, mediante a qualquer pressão pode não funcionar mais ou, pior, funcionar de maneira equivocada.

O mentor da caverna disse:

— Concordo. Mas nesse momento, dos três, é quem tem melhores condições de ir na frente. Basta que o protejamos. Que possamos garantir boas condições a ele.

O segundo mentor argumentou:

— Não seria o colocar em condições confortáveis demais? Parece-me que ele irá buscar o descanso ao invés do trabalho nestas condições.

O mentor da caverna respondeu:

— Mas se o colocarmos em condições por demais adversas, ele pode apenas se queixar e nada fazer ou fazer besteiras.

O segundo mentor concluiu:

— Precisamos, então, dar a ele condições medianas. Boas, para não se queixar ou fazer errado, mas não tão boas a ponto de nada fazer.

O primeiro mentor, da caverna, respondeu:

— Parece ideal.

O segundo mentor mudou de paciente:

— E o segundo a descer? Quem seria?

O primeiro mentor pensou bastante, mas não chegou a uma conclusão. Então, pensou alto pedindo ajuda para decidir:

— O segundo será o filho do meio, o que sempre recebe menos atenção. Isso pode ser bom ou ruim. Caso seja Anderson, pode ser bom. Por ser ele independente, conseguirá resolver seus problemas e não se sentir incomodado com os tratos excessivos dos pais. Mas pode ser ruim, pois pode sentir falta dos cuidados e enciumar-se dos irmãos, gerando um efeito contrário ao que desejamos, uma revolta. Caso seja Patrício, teremos as mesmas situações...

O segundo mentor prosseguiu com o raciocínio:

— Mas Patrício é independente também, no entanto, não tanto quanto Anderson, caso seja o filho do meio, poderá pender mais para o ciúme que Anderson.

— Isso é verdade — o mentor da caverna concordou.

O segundo mentor continuou:

— Podemos colocar Anderson como segundo filho e Patrício como o mais novo. Assim, Patrício receberá os cuidados necessários e não sofrerá muito com os ciúmes dos outros irmãos, mas apenas depois de certa idade, pois Patrício saberá defender-se bem. E terá de defender-se apenas de Anderson, pois Fabrízio já será ainda mais velho. E sobre Anderson, podemos fazer com que seja o preferido, assim, equilibramos para que nenhum deles sinta ciúme e possa arruinar a ida à carne.

O primeiro mentor concordou e complementou com uma pergunta:

— Concordo. Façamos assim. E os pais? Como estão?

O segundo mentor respondeu:

— Estão apaixonados e irão se casar em breve. Temos que nos apressar para lhes dar esses três filhos.

O mentor da caverna continuou a perguntar:

— Terão os filhos, é certo. Mas e a preparação deles para receber esses espíritos como filhos? Sabemos que saíram daqui sem qualquer acordo para casamento e filhos. Fizeram isso apenas agora, durante o sono. Além disso, não são de nossa equipe e não foram preparados por nós. Como estão?

O segundo mentor respondeu:

— São bons. Possuem bom coração, são almas extremamente generosas e caridosas. Ainda estão em preparo, tem muito que aprender, mas em questão de coração, isso não lhes falta. E não podemos esquecer de que foram escolhidos diretamente pelos superiores de nossos superiores. Creio, com isso, que se teremos problemas, não será através da falha deles.

O primeiro mentor perguntou:

— Algum deles, do casal, já viveu com algum desses três?

O segundo mentor respondeu:

— Não. Nenhuma vez. E, pelo que me consta, nunca tiveram contato algum em nenhum momento. Na carne ou fora dela.

O primeiro mentor continuou perguntando:

— Sabe por que eles foram escolhidos? Vieram de onde? Viveram como na carne da última vez?

O segundo mentor respondeu:

— Nada sabemos. Não nos disseram nada. E quando fiz essas mesmas perguntas, responderam-me que não era necessário e não nos diriam nada.

O mentor da caverna comentou:

— Quando é assim não adianta continuar perguntando, porque somente revelam o que querem. E o que não querem, não dirão. Somente quando for necessário.

Assim, continuaram a caminhar. Uma encarnação para Fabrízio, Anderson e Patrício, onde seriam irmãos, estava sendo preparada com todo cuidado.

Mas os três ainda não sabiam de nenhum planejamento. Os mentores não teriam dificuldade com Fabrízio. Poderiam ter algum problema com Patrício, mas de fácil contorno. No entanto, teriam sérios problemas com Anderson, que não desejava abandonar o convívio com Helênico tão cedo.

Porém, não havia jeito. As encarnações já estavam afiançadas pela espiritualidade maior, que inclusive, foi quem escolheu os pais de forma precisa e detalhista. Mas todo o resto estava a cargo dos mentores, que seriam os responsáveis, não apenas por encaminhar as encarnações, como cuidar de todo o processo até o retorno à espiritualidade, no lado do bem. Caso qualquer um deles retornasse ao mal, durante ou depois da encarnação, a missão dos mentores seria considerada um fracasso. Precisavam apenas que vivessem juntos no bem e retornassem às colônias da luz após o desencarne. Essa era a missão de

momento para os antigos comparsas de trevas, que viveriam como três irmãos.

Os mentores conversaram com Fabrízio, que já possuía alguma noção sobre esse planejamento e concordou de imediato e de forma espontânea.

No momento seguinte, foi a vez de Patrício ser chamado à conversa. Ele seria o filho mais novo, portanto, ainda teria tempo para se adaptar à ideia e para se preparar para a encarnação. Ouviu tudo em silêncio. E ao término das explicações dos mentores, perguntou:

— Anderson já sabe?

O mentor da caverna respondeu:

— Não. Ainda não falamos com ele. Viemos conversar com você primeiro.

Patrício se posicionou:

— Então, depois que conversarem com ele, falem comigo. Se ele aceitar, eu vou.

O segundo mentor tentou argumentar:

— Patrício... entenda que para você será apenas benéfico. Esse convívio na carne com espíritos do bem será fundamental para seu crescimento...

Patrício o interrompeu:

— Se Anderson aceitar, eu vou. Caso contrário, podem esquecer.

O primeiro mentor continuou a argumentação:

— Estas idas à carne já estão preparadas e tudo está acertado, inclusive com aqueles que serão seus pais e já estão em terra e...

Patrício interrompeu novamente:

— Tudo está preparado, mas não nos consultaram. Somos prisioneiros aqui, mas não podem nos forçar a ir para a carne dessa maneira. Não podem nos obrigar.

O antigo carrasco do castelo levantou-se e disse antes de sair da sala:

— Falem com Anderson e só voltem a me aborrecer com isso depois que ele aceitar.

O segundo mentor disse ao primeiro:

— Eu disse que isso iria acontecer.

O primeiro consentiu:

— De fato, era esperado.

Após uma pausa para pensamentos dos dois mentores, o segundo respirou profundamente e disse:

— Então vamos ao Anderson. Não podemos esperar mais.

Chamaram Anderson, que estava com Helênico e se recusou a sair até que seu período com o mestre terminasse. Os mentores aguardaram. Assim que a aula terminou, Anderson se apresentou na sala. Foi recebido pelos mentores e sentou-se. O mentor da caverna perguntou:

— Esteve com Patrício depois de estar com Helênico?

Anderson estranhou a pergunta, mas respondeu sem dar pistas disso:

— Não. Vim direto para cá.

O segundo mentor foi direto:

— Você irá à carne em breve. Com Fabrízio e Patrício. Serão irmãos e essa ida será muito importante e benéfica para todos vocês e somente terão a receber... muitas dádivas e oportunidades celestes.

Anderson ouviu a tudo com expressão impávida e ao final do discurso do mentor, apenas disse:

— Não.

O primeiro mentor perguntou:

— Apenas não? É somente o que tem a dizer? Não?

Anderson foi irônico:

— Sim.

O segundo mentor sorriu, pois achou graça na postura de Anderson. O mentor da caverna argumentou:

— Entenda, Anderson, que esta oportunidade é dada, pois...

Anderson interrompeu:

— Preste atenção... estou percebendo que vocês irão falar durante muito tempo e não tenho paciência. Então, vou poupar o tempo de vocês e me poupar dessa conversa sem fundamento. Eu não vou e a conversa termina aqui.

Anderson levantou-se para sair da sala. Mas o mentor da caverna lhe disse:

— Não é uma opção, Anderson. Sente-se e escute o que temos a dizer.

Anderson parou e voltou-se para os mentores com um leve sorriso debochado na expressão facial. Comentou:

— Não é uma opção? Mas que bom... finalmente voltaram a usar os recursos do submundo... isso mostra bem quem são...

O segundo mentor entrou na conversa:

— Anderson, nos provocar não irá adiantar. Precisa nos ouvir. Você não tem opção. Será melhor que aceite, mas caso não aceite, irá assim mesmo.

Anderson olhou fixamente para os mentores e percebeu que não estavam mentindo. Ele sabia que esse tipo de encarnação era possível. Entendeu, portanto, que realmente seria obrigado a encarnar, caso se opusesse. Ficou nervoso:

— É assim? É assim que fazem por aqui? Vocês são tolos, são ridículos! Dizem que querem me ajudar e quando realmente começam a me ajudar me dando o convívio com Helênico, me tiram isso! Não querem me ajudar, querem me torturar! Já não basta me ter como prisioneiro?

O primeiro mentor lhe disse:

— Anderson... não é decisão nossa. Vem de cima.

Anderson sorriu e disse, debochando:

— Mas é óbvio! Tudo o que não é de interesse assumir, vem de cima! Eu não vou perder o convívio com Helênico! Não podem me tirar isso! Não possuem esse direito, se realmente querem me ajudar!

O segundo mentor se posicionou:

— Estamos aqui apenas lhe dizendo o que irá acontecer. Entendo ser melhor que aceite e vá sem criar problemas para si mesmo. Pois caso não queria, irá forçado. Não há opção para você.

Anderson percebeu que não haveria maneira de se livrar daquela imposição. Perguntou:

— E Helênico? Como terei contato com ele?

O primeiro mentor respondeu:

— Será o filho do meio, portanto terá ainda algum tempo com ele antes de ir. E depois, poderá retornar para cá todas as noites e continuar seu convívio com ele, se assim desejar.

Anderson argumentou:

— Vocês sabem como isso é difícil. Ir à carne e visitar o mundo de cá enquanto dorme é muito difícil, pois é raro lembrar-se de eventos, com isso

fica quase impossível de se aprender qualquer coisa de forma eficaz.

O segundo mentor argumentou:

— Mas você fazia isso com Aluciphel...

Anderson respondeu:

— Mas eu tinha meus poderes, aqueles que vocês tomaram. Está claro para mim que não irão me devolver. Portanto, meus caros amigos, não me venham dizer que terei livre acesso a Helênico e isso será bom. Terei acesso, mas não vou me lembrar de nada, de nada! E isso é o mesmo que não ter acesso!

O segundo mentor quis argumentar:

— Mas, Anderson...

Porém, o antigo comparsa de Aluciphel disse e após isso, bateu a porta ao sair da sala:

— Está decidido. Eu vou, porque não tenho opção. Mas não esperem que brinque de família feliz. Vocês sabem o que estão fazendo. Aluciphel vai me encontrar. Não tenho medo disso, porque não tenho medo dele. Mas estarei vulnerável e vocês não se importam com isso. Não poderei ser o bonzinho que esperam que eu seja. Terei de me

defender. Dele e de todos os outros que irão me caçar. Ou vocês esperam que não?

Depois da saída de Anderson, os mentores se olharam e nada disseram. Procuraram Patrício que, sem opção, acabou aceitando também.

O período de preparação dos dois começava. Faltando semanas para a fecundação, Fabrízio já estava pronto para ir. Posteriormente, já poderia começar o processo durante a gestação, ligando-se ao feto.

Iria acontecer. E em pouco tempo, os três já estariam juntos na carne.

Capítulo 33

O tempo necessário passou e Fabrízio já estava encarnado. Era uma criança de três anos quando Anderson iniciava sua preparação. O antigo comparsa de Aluciphel aproveitou até o último momento sua convivência com Helênico e não se comunicava mais da mesma maneira de antes com os mentores, pois os julgavam culpados por tal encarnação. Mas não havia opção para ele.

Até o momento da chegada de Anderson na família, tudo corria bem. Pois Fabrízio ainda era muito pequeno e, portanto, dependente de cuidados e sem oportunidades de expressar qualquer tendência.

Quando Fabrízio completou quatro anos, Anderson chegou à família. E, poucos meses depois, Patrício já se preparava. Portanto, Patrício chegou à família quando Fabrízio tinha cinco anos e Anderson apenas um. A diferença de idade entre eles não era grande, justamente para que não houvesse divergências demais e pudessem ser amigos, além de irmãos.

Os primeiros anos de convivência familiar foram bons e sem surpresas, mas todos ainda eram crianças.

Enquanto isso, no castelo, Aluciphel ainda não tinha qualquer informação sobre o paradeiro de

Anderson, mas não desistia. Um dia, fazendo uma busca mental pelos encarnados, tentando encontrar Anderson através de sua vibração, Aluciphel deparou-se com uma fonte de energia muito forte e parecida com a de Anderson. Ajeitou-se em seu trono e se concentrou ainda mais. Havia encontrado o antigo general. Ele não acreditava. Mas antes de comemorar a descoberta, tratou de usar todos os artifícios para confirmar o achado. Era mesmo Anderson. Aluciphel o havia encontrado. O mago negro sorriu maliciosamente. Ele não imaginava que Anderson pudesse estar encarnado e apenas fez a busca para esgotar todas as possibilidades. Não imaginava uma encarnação, pois sabia da vulnerabilidade do espírito nessa condição, ainda mais com uma organização trevosa inteira e forte o caçando. Aluciphel achou fácil demais e pensou que Anderson tivesse algum trunfo, que estivesse tramando algum plano ou que o estivesse enganando novamente. Portanto, não o atacou de imediato, como pensou. Apenas iniciou um cerco, para estudo e monitoramento. Queria saber se Anderson estava mesmo tramando algo ou se realmente estava exposto a tudo e todos, inclusive ele. O mago negro teve muitas dúvidas. Afinal, tratava-se de Anderson, aquele que entrou para a história das trevas por trair e enganar Aluciphel e, além disso, criar um mito, o antigo imperador de Roma. Portanto, alguém nessa posição, não poderia se expor e ficar tão vulnerável dessa forma. Aluciphel teve dúvidas. E a melhor maneira de agir, segundo pensou, era mesmo monitorar seus

passos e ter certeza do momento da aproximação e, posteriormente, um ataque. Pois, ele mesmo, Aluciphel, temeu se expor.

Todos os três amigos, naquele momento, irmãos, eram monitorados também pelas forças do bem, diretamente pelos mentores, que eram responsáveis por suas encarnações. Evidentemente, como Aluciphel ainda não tinha feito qualquer movimento, através de suas ações não poderiam saber de sua descoberta, mas o próprio Aluciphel era monitorado por eles. E a alteração em sua vibração denunciou que algo novo havia acontecido. Os mentores se colocaram em prontidão máxima na expectativa desse algo novo ser a descoberta do paradeiro de Anderson. Reforços na segurança foram enviados para auxiliar na defesa dos irmãos. Agentes infiltrados no castelo estavam em alerta máximo e passavam diversos boletins informativos diários para os mentores. Eles não permitiriam uma covardia por parte do mago negro.

Esse quadro de guerra velada durou alguns anos. Aluciphel apenas monitorava e nada fazia. E os mentores também apenas o monitoravam, mas tratavam de cuidar da segurança dos, agora, seus pupilos. Os mesmos que antes eram por eles, caçados.

Quando Fabrízio, Anderson e Patrício tinham respectivamente, onze, sete e seis anos, Aluciphel

fez a primeira investida em seu antigo general, mas em sonho. Apenas tentou assustá-lo, através de um pesadelo terrível projetado por sua mente, onde no final, ele mesmo aparecia e apenas olhava para seu antigo comparsa.

Mas Anderson acordou e não conseguiu lembrar-se de absolutamente nada do sonho. Aquilo levantou suspeitas em Aluciphel. O mago negro pensou que alguém como Anderson se lembraria, mesmo criança, mesmo que somente de algumas partes, de um sonho terrível e tão bem-feito. E se não lembrava, algo errado acontecia. Aluciphel começou a suspeitar que Anderson não estivesse poderoso como antes. Isso lhe animou, mesmo assim, continuou com cautela.

Os mentores perceberam o que aconteceu, mas apenas monitoraram, sem agir.

Alguns meses depois, Aluciphel tentou uma aproximação através de materialização direta para Anderson. Apareceria enquanto o menino estivesse sozinho e diria apenas algumas coisas para amedrontá-lo. Faria isso somente para ver sua reação e tentar entender o que se passava.

Mas o mago negro teve uma surpresa. Ao tentar se aproximar da casa daquela família, viu a intensa movimentação de guardas e espíritos falangeiros do bem no local. Ele não entendia. Parou e ficou observando de longe. Nesse ínterim, os mentores,

que sabiam de sua aproximação, foram até ele. Enquanto o mago negro olhava o cenário, o mentor da caverna lhe disse, o pegando desprevenido:

— Surpreso, Aluciphel?

O mago negro virou-se e tomou um susto ao ver o mentor. Reagiu assim:

— Você? O que você tem com isso? O que faz aqui?

O segundo mentor também disse:

— Não tema, Aluciphel... não viemos lhe capturar, apesar de podermos... como você pode perceber.

Aluciphel ficou em silêncio apenas olhando a situação e tramando em sua mente um plano de fuga. Mas o mentor da caverna, que conhecia suas intenções, continuou dizendo:

— Não tente fugir, Aluciphel, pois nós deixaremos que vá. Seu momento de ser capturado ainda não chegou, mas vai chegar.

O mago negro perguntou:

— Então... o que querem?

O mentor da caverna explicou:

— Temos você completamente vigiado. Sabemos de todos os seus passos. Desde que descobriu onde Anderson estava, sabemos o que faz e como faz. Queríamos apenas que soubesse que, agora, Anderson está ao nosso lado e nós o protegeremos de você. Portanto, Aluciphel, não há nada que possa fazer contra ele ou contra qualquer um dos três. Todos estão conosco.

Aluciphel, apesar de surpreso, riu e disse aos mentores:

— Anderson com vocês? Isso é uma brincadeira? Isso era para ser engraçado? Você agora é tolo cômico? Ou espera que seja eu, o tolo cômico? Você quer que eu acredite que vocês estão protegendo Anderson e os outros dois de mim? E que eles agora estão ao lado de vocês?

O mago negro continuava o deboche, mas o segundo mentor o interrompeu, dizendo:

— Olhe em volta, Aluciphel. Tire suas próprias conclusões. Não precisamos que acredite em nós. Veja você mesmo.

O mago negro calou-se e seu sorriso cínico saiu da expressão. O primeiro mentor concluiu:

— Agora volte para seu castelo.

O segundo mentor complementou:

— Saberemos sobre todos os seus passos. Não tente nada. Pois nada conseguirá.

Aluciphel, sentindo-se impotente naquele momento, pois estava sozinho, apenas agitou sua capa e bateu em retirada enquanto podia. Voltou para seu castelo e ainda não acreditava no que havia visto e ouvido. Não conseguia entender qual era o plano de Anderson. Ele não conseguia aceitar o fato de Anderson estar sendo protegido pelas forças do bem. Chegou ao ponto de cogitar a hipótese daquele encarnado não ser Anderson, ser apenas um disfarce. Mas essa hipótese era absurda desde o início e logo a descartou.

Mas não descartou a hipótese de continuar agindo. E de forma mais pesada. Os mentores sabiam que ele iria agir dessa maneira. Mas não temiam. A frase emblemática do mentor da caverna foi essa:

— Se Anderson e os outros caírem, será por descuido deles mesmos. Não por influência de Aluciphel.

Mas o segundo mentor o lembrou:

— Mas se caírem por eles mesmos, também seremos responsáveis. Estão crescendo. Temos de nos cuidar e cuidar da formação deles também.

Anos passaram-se. Fabrízio havia completado dezenove anos, Anderson quinze e Patrício quatorze. Aluciphel, em sua covardia, apenas cercava os irmãos, estudando seus passos. Não atacava. Mas não perdia Anderson de vista. O mago negro queria ter certeza de que saberia onde seu antigo general estaria todo o tempo. Esperava seu momento de vingar-se, uma vez que isto ainda não era possível devido à segurança imposta pelas equipes do bem lideradas pelos mentores.

Os irmãos já não eram mais crianças. E os possíveis problemas começariam a surgir. Anderson era o mais insatisfeito. Muito devido ao fato de ter tentado contato com Helênico durante o desdobramento da noite, com sucesso, mas de nada se lembrar. Evidente que na carne, não conseguia recordar de Helênico, mas em nível inconsciente, essa informação transitava. E a insatisfação demonstrada no consciente, mesmo sem motivo aparente, era oriunda dos níveis subconscientes. Juntando isso ao fato de já ter ido à carne com a promessa de mau comportamento, uma vez que havia dito que não aceitaria o bom convívio em família e culminando com as poucas condições de seus pais de lhe proporcionarem estudos e conhecimentos, Anderson, com certa idade, começou a querer externar de outras formas sua insatisfação. E o primeiro a sofrer com isso foi Patrício, somente porque era o mais novo, apesar da diferença de apenas um ano.

É importante dizer que Anderson escolheu Patrício não por razões pretéritas, mas apenas por ser o mais fácil naquele momento, tendo apenas razões daquela encarnação.

Ele passou a não ajudar mais o irmão em seus trabalhos como antes, passando, inclusive, a cometer pequenos deslizes e agir de forma que a culpa recaísse sobre o mais novo. Eram pequenos atos, mais por desespero de querer agir mal e ainda não ter condições de algo maior. Não agia fisicamente, pois seu irmão, mesmo mais novo, já era maior e mais forte.

Mas nada disso foi forte o bastante para levar danos à amizade. Muito menos para saciar a vontade de Anderson de extravasar sua latente fúria.

Cinco anos depois, quando Anderson completou vinte anos e a situação era tensa na família porque ele agitava o ambiente, ora implicando com um irmão, ora com outro, ora com seus pais, ele tomou a decisão de sair de casa. Durante uma noite, apenas saiu levando alguns de seus pertences. Anderson havia se cansado daquela vida. Nunca mais foi visto por nenhum deles. Nem por seus pais, nem por seus irmãos. Saiu de casa e ficou meses vagando, buscando uma nova cidade e trabalho para se estabelecer. Até que conseguiu. Em uma cidade muito distante da casa de seus pais. Conseguiu emprego em uma lavoura e espaço para

dormir. Era o que precisava. Evidente que não era isso que desejava. Mas era o início para ter um mínimo de independência e poder começar a ter liberdade de ação.

Os mentores acompanhavam a tudo. Tentavam fazer com que retornasse para casa, que desistisse de suas ideias. Mas tudo era em vão. Nos desdobramentos, Anderson os evitava e, muitas vezes, discutia com eles.

Aluciphel acompanhava toda essa movimentação e demonstrava-se extremamente contente, pois que Anderson realizava um comportamento, de certa forma, trevoso.

A segurança dos guardas das falanges do bem sobre Anderson permanecia, apesar de ter diminuído, pois que seus méritos para tanto, igualmente diminuíam. Ele não procurava mais Helênico. No entanto, mesmo com baixa proteção, Aluciphel não o atacava, apenas observava, pois queria ver até onde Anderson iria chegar.

Após a partida de Anderson, Fabrízio culpava Patrício pelo sumiço do irmão, uma vez que, segundo o primogênito, o mais novo era implicante e sem boa vontade com o irmão do meio. O clima entre Fabrízio e Patrício não era dos melhores. E só não piorava, chegando às vias de fato, devido à intervenção de seus pais, que abrandavam a situação. Mas Patrício também começava a

alimentar ideias sobre ganhar o mundo saindo de casa. Ao contrário de Fabrízio, que apenas queria viver com seus pais.

Anderson se negava completamente a ter qualquer tipo de convívio com os mentores. Inclusive, em desdobramento, foi enfático e pediu que retirassem qualquer proteção sobre ele. Disse que estaria usando seu livre-arbítrio e que qualquer segurança por parte dos mentores seria uma agressão à sua liberdade, uma vez que não era mais prisioneiro no hospital de segurança máxima. Mediante a isso, a esse pedido quase formal, mas respaldado de razão, toda segurança foi retirada de Anderson. No entanto, os mentores continuaram a vigiá-lo, pois queriam saber onde estaria e o que faria. Aluciphel comemorou, não porque poderia atacar o antigo general, mas porque provou para os mentores que Anderson não estava ao lado do bem, continuando trevoso como antes, na opinião do mago negro. Os mentores estavam por perto e, caso Anderson precisasse, estariam dispostos a protegê-lo do perigo que fosse, mesmo contra a vontade do pupilo, caso a defesa fosse lícita. Sobre isso, o mentor da caverna comentou:

— Ele pediu que retirassem os guardas e cessassem a segurança. Mas não disse que não poderíamos defendê-lo em caso de extremo perigo ou ataques de Aluciphel ou de outros.

O segundo mentor concordava com a decisão.

No entanto, Aluciphel não atacava. Permanecia apenas estudando e acompanhando Anderson.

Depois de muitas brigas, Patrício também saiu de casa, mas ao contrário de Anderson, avisou que faria e informou para onde iria. Não queria perder o contato total, apenas queria morar em outro lugar. Porém, nunca mais falou com seu irmão, que também não fez questão alguma de se comunicar com ele. A mágoa entre eles era enorme. Era tão grande, que a mãe deles, por ser muito sensitiva, absorveu a energia deletéria e, em pouco tempo, caiu doente e veio a desencarnar em pouco mais de um ano. Ou seja, os desentendimentos sérios entre Fabrízio e Patrício causados pela ausência de Anderson, levaram a mãe à doença e ao consequente desencarne.

Após a partida do espírito da mãe, Patrício revoltou-se completamente contra Fabrízio, pois o culpava por isso. E a mágoa virou ódio, que era recíproco. Eles só não brigaram com facas na mão porque seu pai se intrometeu e impediu o confronto. Mas Patrício nunca mais retornou à antiga casa e tinha contato apenas com seu pai, quando este o visitava.

Fabrízio sentia-se vítima da situação e entrou em uma espécie de depressão, forçada por ele mesmo. Não queria comer, beber ou realizar qualquer atividade. Entrou em inércia voluntária sob o pretexto de não receber da vida o que julgava

ser seu de direito. Isso feria seu pai, que também perdia saúde. Fabrízio abdicou de tudo. Descuidou completamente do asseio pessoal e da alimentação. E, em pouco tempo, adoeceu e desencarnou após ter perdido mais de trinta e cinco quilos. Seu pai, já idoso, encontrou seu corpo ao retornar do trabalho. Ao saber da notícia, Patrício chorou, mas não muito. Pediu que seu pai fosse morar com ele, o que foi feito. Contudo, o mais novo dos irmãos estava com o coração tomado pelo ódio e aceitou convites para matar pessoas em troca de moedas de ouro e prata. Passou o resto daquela encarnação sendo matador de aluguel, assassino profissional. Seu pai, que não sabia das atividades funestas do filho, acabou desencarnando por velhice. Patrício ainda ficou muitos anos sendo assassino após a morte do pai, mas cometeu um erro em um de seus trabalhos e acabou sendo assassinado por alguém que deveria ser sua vítima.

Durante todo esse tempo, Anderson usava sua inteligência para manipular o povo e tornou-se uma espécie de líder popular que reivindicava melhores condições para a população agrícola. Ele levantava questões, representava o povo perante os governantes, discursava e angariava fundos monetários para reformas e para suporte à causa. Mas na verdade, Anderson fazia tudo isso apenas para lucros financeiros pessoais. Sua infância pobre o fez querer tesouros que não teve. Usou sua capacidade de oratória e influenciação para conquistar riqueza para si mesmo. E conseguiu. Era

tão habilidoso, que vivia muito bem e ninguém jamais levantou suspeita sobre suas atividades. Desencarnou por velhice cercado por seus bens materiais.

Portanto, Fabrízio, o mais velho dos irmãos, desencarnou primeiro. Depois foi a vez de Patrício, alguns anos mais tarde. E o último foi Anderson, um pouco mais de duas décadas depois.

O retorno à espiritualidade foi complicado para todos. Fabrízio foi tratado como suicida, Patrício como assassino e Anderson como corrupto.

Os mentores haviam falhado.

Capítulo 34

Os mentores acompanharam todo o processo das encarnações de seus tutelados. Tentaram tudo o que estava à disposição para mudar o quadro, mas não houve jeito. Os três não os ouviam, não mantinham qualquer ligação com eles e se afundaram em antigos problemas. Mas o pior ainda estava por vir, que seria o retorno para a espiritualidade. Os mentores não tinham permissão para resgatá-los de onde estavam, tampouco se comunicar com eles, pois que precisavam cumprir etapas e purgar um pouco do que fizeram em suas vidas em Terra.

Após o término da última encarnação, a de Anderson, e o consequente fim da missão, lamentável fim da missão, os mentores foram chamados por seus superiores imediatos. Mas apenas um deles os recebeu e conversou com eles.

Após os cumprimentos iniciais, o mentor superior disse aos dois:

— A missão não saiu como planejada. Mas, ao menos, vocês esgotaram todas as maneiras e ferramentas que possuíam para consertar os danos. Em muitos momentos, usaram ferramentas fortes demais para determinada situação. Isso não funciona como esperado. Em outros momentos, para situações mais complicadas, novamente cometeram erros de juízo e utilizaram-se de ferramentas fracas. E isso também não funciona.

Devo dizer que em algumas dessas situações, caso usassem a ferramenta correta, os efeitos seriam diferentes. Mas em muitos casos, não. Pois um dano maior já estava em curso e o que aconteceria não passaria de remendo frágil e temporário. Vocês demonstraram determinação e se esforçaram muito. Confesso que não esperava tanto empenho. Eram situações difíceis. Muito complicado de funcionar conforme o planejado... mas vocês sabiam disso desde o início. E aceitaram mesmo assim. Tinham opção. Poderiam não fazer. Mas fizeram. Aceitaram a missão. E mesmo que eu entenda que, apenas julgando as ações de vocês, se saíram bem, tiveram méritos, não posso fechar os olhos e deixar de ver que a missão, como um todo, foi um fracasso. Vocês cresceram como manejadores de instrumentos e ferramentas, como responsáveis pela segurança, como medidores de risco, como negociadores, como organizadores de ações espirituais. Todo o processo fora da carne foi muito bem-organizado e executado. Vocês cresceram nisso, cresceram muito. Mas falharam como mentores. Seus protegidos não os ouviam. Não queriam mais vê-los. Anderson preferiu escolher entender que vocês jamais haviam existido. Entendam que o que fizeram foi bom, mas não o suficiente. A parte que cabia a vocês foi bem executada. Vocês melhoravam a cada momento, a cada passo novo. Mas isso não garantia o sucesso da missão. Vocês precisavam unir as habilidades de organização espiritual e todas as capacidades de manejar instrumentação e ferramental disponível

com as habilidades de relacionamento, com as habilidades de convívio com outros, de convívio sadio. Precisavam saber ouvir mais e não apenas cumprir as etapas planejadas. Em muitas vezes, avançaram no plano, cumprindo etapas e julgaram estar corretos. Mas seus protegidos não estavam prontos para avançar e vocês não sabiam disso. Não sabiam porque não perguntaram, porque não os ouviram, nem entenderam os sinais que emitiram pedindo ajuda, mesmo sem querer pedir. Um mentor espiritual precisa saber a hora de não avançar, pois seu protegido ainda não está pronto. Um mentor precisa saber disto. Precisa estar atento a seu protegido, precisa conhecer todos os detalhes que o cercam. Precisa conhecer seu protegido mais que ele próprio. Precisa saber o que é melhor para ele, mas não pode decidir por ele... precisa mostrar o caminho, mas a decisão é dele... precisa ser. Vocês avançaram quando não deviam e, com isso, atropelaram os desejos e condições de seus protegidos. Mantiveram-se fiéis aos planos e etapas, mas não aos seus protegidos. Foram negligentes com eles, mesmo sem querer ser. Eles não falharam por culpa de vocês. Mas não receberam as ajudas devidas. Em certo momento, vocês não tinham mais qualquer influência nas vidas deles... mas foi quando mais precisaram de vocês. E isso somente aconteceu, porque quando ainda tinham contato e eles os ouviam, não manejaram corretamente essas oportunidades e avançaram erroneamente, porém com boas intenções, julgando estarem agindo bem, em

benefício deles. Portanto, como teóricos, evoluíram. Mas como mentores espirituais, falharam grotescamente. Precisam de renovação em seus conhecimentos. Não vejo outra opção a não ser os afastar de todas as suas atividades como mentores aqui no hospital e encaminhá-los novamente para as aulas. Ficarão nesta condição até serem novamente chamados aqui. E não poderão, sob hipótese alguma, sendo considerado falta gravíssima, ter contato com qualquer um deles, mesmo que, de onde estiverem, clamem por vocês. Do lado de fora da sala, receberão as instruções para as aulas. Tem alguma pergunta? Querem fazer alguma observação? Podem dizer o que quiserem. Pelo tempo que desejarem.

Os mentores apenas não tinham palavras. Todo o detalhamento do cerne da missão havia sido feito com precisão. De certa forma, mesmo que ainda impactados com o que acabavam de ouvir, concordavam com a decisão de seus superiores. Não havia o que ser dito. Eles apenas agradeceram a sinceridade, a confiança e a nova chance de aprender. Cumprimentaram o mentor superior, saíram da sala, pegaram as instruções e, naquele momento, mesmo que temporariamente, não eram mais mentores e sim, estudantes.

Mas, naquele momento da história, Fabrízio e Patrício já haviam desencarnado e retornado à espiritualidade. Anderson é que acabara de voltar. Antes de entender o que se passou com o antigo

general de Aluciphel, é preciso saber o que se passou com Fabrízio e Patrício após o desencarne, enquanto os mentores ainda envergavam essa condição.

Fabrízio foi o primeiro a voltar e teve o tratamento de suicida. Obviamente, por conta da compatibilidade de sua energia de momento, foi parar em um dos vales sombrios e tenebrosos que abrigam aqueles que cometem tal ação. E devido a seu estado frágil, decorrente de todo um processo complicado e degenerativo do corpo físico, estava muito debilitado. Com isso, ficou muito tempo desacordado, caído em pilhas de outros espíritos em situação análoga. Naquele momento, os mentores não podiam fazer nada, pois não tinham permissão. Evidente que essa permissão negada para socorro, além da purga decorrente das próprias ações na encarnação, tinha relação com a posterior suspensão das atividades como mentores, que já era certa, mas que ainda não poderia ser oficializada.

Fabrízio acordou depois de meses, quase um ano. Debilitado e assustado, intimidou-se com o local e seus habitantes. É importante ressaltar que fraqueza moral diante de situações similares já fazia parte do íntimo de Fabrízio, que procurava solucionar o enfrentamento do cenário adverso com autovitimação, com isso, evitava passar pela situação, argumentando que tal cenário era desnecessário de ser vivido, entrando em processo de fuga. E quando não era possível evitar o cenário,

apenas dizia-se vítima da situação, pedindo ajuda a quem pudesse dar. Mas nem sempre isso era possível. Como naquela vez. Fabrízio estava em um vale para suicidas e não podia ter ajuda dos mentores, não podia ter ajuda de ninguém, pois isso lhe foi negado. Precisava enfrentar a situação sozinho e como ela se lhe apresentava, sem direito a nenhuma redução de intensidade.

Fabrízio chorou, pediu ajuda, clamou apoio Divino, sob argumento de que estava frágil demais, que aquilo era demasiadamente pesado para sua situação. E como nada aconteceu, Fabrízio entrou em um modo de autoproteção e, como de costume, tentou fugir do problema. Seu desespero era tamanho que caiu em uma espécie de desmaio induzido por seu inconsciente. Ficou anos desmaiado. Para se ter uma noção do período desacordado, os mentores já estavam em aula, afastados das atividades e Fabrízio ainda permanecia inconsciente.

A história de Patrício foi mais simples e diferente. A energia dele também o fez ir parar em regiões umbralinas. Acordou na espiritualidade bem cedo, ficando apenas alguns meses desacordado. E quando despertou, não se fez de vítima, ao contrário, estava irado. Queria vingança. Havia sido assassinado. Estava furioso, mas não queria caçar aquele que o matara. Queria caçar qualquer um. Quem estivesse em sua frente servia para saciar seu desejo de caça, prisão, tortura e

mais tortura sem fim. Patrício estava cego pela vontade de barbárie. E estava violento ao extremo. Até mesmo aqueles espíritos que já estavam há mais tempo naquele vale trevoso e já estavam acostumados a intimidar os recém-chegados, não ousavam cruzar seu caminho, pois ele perseguia qualquer um que achasse interessante perseguir. Fez um pequeno reinado de terror naquela região de umbral. E estava feliz com isso. Esse período também durou bastante. Tanto que os mentores já estavam como estudantes novamente e Patrício ainda continuava brincando de carrasco umbralino.

O momento de Anderson retornar à espiritualidade havia chegado. Os mentores estavam temporariamente afastados, sendo estudantes e sem permissão para qualquer contato com seus três protegidos. Pior para Anderson, pois Aluciphel estava à espreita e sabia onde ele estava.

Anderson foi tratado como corrupto e sua energia o conduziu a regiões igualmente umbralinas e tenebrosas. Como seu desencarne não exigiu muito do corpo físico, em pouco tempo despertou. Mas tinha um agravante, infelizmente para ele. Anderson estava sem seus poderes, com isso, inicialmente, não se recordava de quem havia sido antes de sua última encarnação, portanto, não se recordava de Aluciphel. O mago negro rapidamente percebeu e usou muito bem essa informação.

Anderson não se intimidou com o cenário no qual estava inserido. Apenas vagou e procurou captar informações que pudessem lhe ajudar a entender o que acontecia e, quem sabe, mudar a situação a seu favor. Portanto, estava suscetível a aceitar ajuda de quem fosse, desde que a oferta fosse coerente e confiável para seu instinto.

Foi nesse momento em que Aluciphel agiu. O mago negro sabia que Anderson recobraria a memória de encarnações e passagens anteriores pela espiritualidade em pouco tempo. E, mesmo que passo a passo, tudo estaria claro novamente para ele. Portanto, precisava agir enquanto seu antigo general não tinha qualquer recordação dele. Mas seu plano não era vingar-se de forma dolorosa, mas de forma moral. Aluciphel percebeu uma oportunidade de transformar Anderson em seu refém por muito mais tempo e de forma proveitosa. Sua vingança não seria com dor e gritos. Mas, silenciosa e inteligente.

Aluciphel aproximou-se de Anderson, que não se intimidou com a presença daquela entidade do mal, pois que Aluciphel fez questão de se mostrar com toda sua pretensa grandeza trevosa, com todo seu esplendor de mago negro. Eles conversaram e Aluciphel, muito engenhosamente, disse que acompanhou a tudo que Anderson fez em sua vida, admirando seu potencial de convencimento das pessoas de que possuía boa índole, quando na verdade, as roubava. Aluciphel agiu de maneira a

ganhar credibilidade com Anderson. Quando percebeu avanços nesse sentido, o mago negro o convidou para conhecer seu castelo e, se quisesse, poderia ficar, pois que ele precisaria de um novo general, uma vez que seu antigo, havia mudado de lado. Aluciphel disse que necessitava de alguém como Anderson junto dele, habilidoso e convincente. Anderson aceitou ir ao castelo, mas não deu resposta sobre ser general daquela entidade que, para ele, era totalmente desconhecida naquele momento.

Como o períspirito de Anderson estava moldado a seu corpo físico anterior, a forma não era do Anderson como todos conheciam. Portanto, ninguém sabia que aquele com Aluciphel era o antigo Anderson. Ninguém sabia: nem no castelo, nem nas trevas. Para todos os fins, aquele era alguém novo. Ninguém desconfiava.

Mas Aluciphel sabia que Anderson recobraria suas lembranças em pouco tempo. Com isso, deu sua cartada de mestre. Lançou sobre ele um feitiço que o impediria de recordar seu passado. Quando tivesse vontade ou interesse em saber, caso tivesse, o feitiço projetaria uma farsa, uma pseudo-realidade criada apenas para saciar a vontade de conhecimento pretérito. Era perfeito. Depois de algumas semanas, Anderson aceitou ser o novo general de Aluciphel, pois seu lado sombrio agia, devido a ter muito mais de trevas em si do que luz.

Anderson encheu-se de energia e propensão para agir nas sombras, na escuridão e tenebrosidade.

Com isso, Aluciphel tinha de volta seu competente general, de que nada se lembrava. E ainda ganhava sua vingança, mantendo Anderson em cárcere semiaberto, mesmo que ele não soubesse disso. Naquele formato, Anderson estava condenado a servir Aluciphel eternamente, pois que estava enfeitiçado pelo mago negro. A vingança de Aluciphel teve requintes de crueldade que nem mesmo ele poderia prever ou planejar.

Os mentores ainda estavam em suas aulas de reciclagem, portanto, afastados de suas atividades e impedidos de se comunicarem com seus protegidos ou buscarem qualquer informação sobre eles. Não sabiam de nada do que acontecia com Fabrízio, Patrício e Anderson. Mas os mentores superiores tinham toda a situação mapeada. Sabiam de tudo e apenas realizavam o monitoramento. Iriam agir, mas ainda não era o momento correto. Pois que eles mesmos tinham ordens de seus superiores de aguardar, mantendo controle total da situação, mas apenas no sentido de possuir as informações. Tudo dependia de ordens do plano superior mais alto, que ainda não haviam sido dadas. Desde a ação nos umbrais com Fabrízio e Patrício, passando pela ação com Anderson no castelo e a liberação dos mentores para o trabalho, tudo dependia da autorização do plano superior mais alto.

Capítulo 35

Alguns anos passaram-se. Os mentores ficaram todo este tempo nas aulas de reciclagem e sem qualquer tipo de contato com seus protegidos e sem ter acesso a qualquer informação sobre eles. Porém, os mentores superiores sabiam sobre seus paradeiros e situações de momento. De certa forma, pode-se dizer que tinham tudo sob controle.

Mas chegou o dia em que os mentores foram chamados de volta à mesma sala para receber instruções do mentor que os havia afastado. Diferentemente da primeira vez, a conversa foi rápida e serviu apenas para oficializar o retorno deles às funções de mentores espirituais. A única orientação era de que eles voltavam a ter permissão para procurar informações sobre Anderson, Patrício e Fabrízio e que poderiam com eles se comunicar. Mas apenas se assim quisessem. Neste ponto, o mentor da caverna interrompeu e perguntou:

— Perdoe-me, senhor... mas poderia explicar melhor? Temos permissão para procurá-los e falar com eles, mas apenas se desejarmos? O que isso significa?

O mentor superior respondeu com a calma habitual:

— Exatamente. Estão livres deste caso.

O mentor da caverna insistiu:

— Perdão, senhor... mas poderia explicar com maior riqueza de detalhes?

O mentor superior prosseguiu sem perder sua calma:

— Vocês não precisam mais retornar ao caso deles. Isso é passado para vocês. Apenas disse que poderão comunicar-se com eles para enfatizar que possuem de volta todas as permissões anteriores, mas receberão instruções sobre novas tarefas e novos casos. Não precisam mais se preocupar com isso. Estão com suas permissões de volta e melhorados. Agora, podem ir. Estão liberados. Receberão suas novas orientações em breve.

Os mentores se entreolharam e não se levantaram de suas cadeiras. O mentor da caverna perguntou:

— Perdoe a intromissão e insistência, senhor... mas quem cuidará do caso deles?

O mentor superior respondeu com calma, mas de forma evasiva:

— Ainda não há definido.

O mentor da caverna não se sentia satisfeito com a resposta:

— Senhor... podemos ainda não ter informações oficiais, mas podemos prever ou suspeitar como estão devido ao que fizeram. Devem estar precisando de muita ajuda. Anderson, por exemplo, pode estar sofrendo com Aluciphel. Caso exista uma orientação de que não poderemos mais atuar com eles, acataremos, mas alguém precisa agir. Com todo respeito, senhor, mas precisa agir com certa rapidez nos casos deles.

Antes que o mentor superior pudesse responder, o segundo mentor fez uma colocação:

— O senhor disse que poderíamos os procurar, mas apenas se quiséssemos e em nenhum momento disse que estávamos oficialmente afastados do caso deles. Disse apenas que isso era passado para nós e que não precisávamos mais retornar ao caso deles. Mas não disse que estávamos proibidos de atuar com eles.

O mentor superior olhou para o mentor da caverna, que pela expressão, apoiava as palavras de seu colega. Ele pensou durante um tempo e depois fez uma pergunta bem clara:

— Vocês desejam prosseguir no caso deles?

A resposta foi uníssona e sem titubear. Os dois disseram:

— Sim.

O mentor superior fez expressão de certa surpresa mesclada com satisfação disfarçada. Explicou:

— Vocês sabem que isso implica em responsabilidades. Vocês não foram afastados do caso porque isso seria uma forma punitiva. E isso não será necessário. Apenas deslocaremos vocês para casos novos, onde o nível de dificuldade não seja tão grande ou as histórias não sejam tão emaranhadas. Que fique claro que vocês estão pedindo para continuar no caso deles. Ninguém os obriga e não podem sentir-se punidos pelo afastamento, pois digo que não estão. Mas ao decidir ficar no caso, serão cobrados por isso, pois terão suas responsabilidades.

Os dois mentores apenas consentiram com as cabeças. O mentor superior prosseguiu:

— Entendam que receberão casos simples, poderão, inclusive, atuar em outras instalações espirituais em conjunto com esta. Instalações com outros mentores, de outras áreas, poderão trocar informações e aprender bastante. Terão acesso a bibliotecas novas com acervos diferentes e interessantes. E terão tempo para isso. Não precisarão se envolver em tramas com magos negos e se expor a perigos neste momento. E tudo transcorrerá sem pressão. Mas se optarem em continuar no caso, apenas porque desejam, serão cobrados por cada situação e serão chamados à

responsabilidade até o momento da transição dos mundos. E terão sua cota de dívida perante o resultado. Sendo mais claro... caso aceitem e alguns deles ou todos sejam degredados, parte disso será responsabilidade de vocês e serão cobrados na mesma medida por isso. Ou podem seguir com outras missões sem pressão e sem perigo de cobranças excessivas para vocês.

Os mentores se entreolharam. Eles se conheciam pelo olhar. Não precisavam confabular para saber o que o outro pensava. Mediante a isso, após o olhar mútuo, o mentor da caverna explicou ao mentor superior:

— Senhor... é certo que podemos aceitar a oferta e tomar o caminho mais confortável e seguro sem efeitos punitivos. Mas jamais nos livraríamos do efeito moral em nossas existências. Aceitar sua oferta, por mais generosa que seja, seria os abandonar. Seria negar o acordo. Como poderíamos nos dizer mentores espirituais se abandonamos protegidos em momentos de perigo e tensão? Entendo que pode nos dizer que eles receberão apoio e serão tratados. Mas não por nós. E isso implica em prejuízo moral para nós. Não temos como aceitar a oferta. Precisamos, porque queremos e porque necessitamos cumprir nossa parte com eles, continuar no caso, mesmo que isso implique em pesadas consequências e que o trabalho seja árduo demais. Mas não poderemos conviver com a culpa por tê-los abandonados.

Somos mentores, não desertores. Temos que protegê-los, não os abandonar.

O segundo mentor completou concluindo o raciocínio e o discurso de defesa do caso:

— Sem contar, senhor, que nos afeiçoamos a eles.

— Isso é verdade? — O mentor superior perguntou ao mentor da caverna.

— Sim, é verdade, senhor — foi a resposta.

O mentor superior balançou positivamente a cabeça e disse:

— Parabéns. Estão oficialmente de volta ao caso. Não há nada mais a se dizer. Peguem a pasta com as atualizações sobre eles do lado de fora da sala.

Os mentores agradeceram e saíram sorrindo da sala. Pegaram a pasta com o assessor do mentor superior onde continha todas as informações coletadas pelos seus superiores sobre o caso enquanto estiveram em reciclagem.

Eles tinham todas as informações e autorizações. Precisavam voltar a agir. Sabiam tudo. Onde estavam, como estavam e com quem

estavam. Era o momento de ação. E eles estavam prontos para isso.

Dentro da pasta havia um documento dando-lhes autorização para as ações e orientando-lhes para tanto.

O documento dizia que Patrício deveria ser contatado e informado de que seu retorno ao hospital de segurança máxima deveria ser imediato. E que lhe seria dada a chance de retornar de bom grado. Mas, caso isso não ocorresse, deveria ser capturado e levado, uma vez que não tinha autorização para cometer os atos que vinha praticando.

Fabrízio deveria ser desperto pelos mentores, mas que não deveriam aparecer para ele. Estes deveriam aguardar suas ações e observar seus movimentos. Fabrízio deveria apresentar um comportamento visando seu progresso, a qualquer ação neste sentido, os mentores deveriam aparecer e levá-lo para o hospital a fim de tratá-lo. Mas Fabrízio não poderia receber ajuda. E caso a solicitasse, isso não seria suficiente para ser resgatado, assim como posturas que o colocassem em situação de vítima ou novamente inércia.

O documento dizia ainda que Anderson deveria ser retirado do castelo e, consequentemente, do domínio de Aluciphel. Não especificava como, mas não colocava nenhuma restrição.

Os mentores iniciaram por Fabrízio, porque precisavam apenas o despertar. Ao fazerem isso, deixaram um enfermeiro e um soldado de guarda apenas para observá-lo, no intuito de verificar se seu comportamento estava de acordo com as orientações dos mentores superiores.

Como sabiam que Fabrízio iria demorar para ter uma ação visando seu progresso sem recorrer à ajuda de terceiros, foram encontrar Patrício.

O antigo carrasco do castelo havia organizado uma pequena masmorra nas trevas e se divertia torturando quem ele achasse que deveria. Fez, portanto, um pequeno tribunal também, onde ele era o próprio juiz. Evidentemente, sem qualquer senso de justiça.

Os mentores foram com bastante escolta, pois sabiam que não seria fácil e Patrício poderia tentar os intimidar pela força, uma vez que não sabiam se Patrício recordaria deles.

Ao chegarem ao local, muitos trevosos que Patrício havia recrutado fugiram com medo das falanges de proteção do bem que acompanhavam os mentores. E os poucos que ficaram apenas esconderam-se sem ter o intuito de agir em momento algum. Ao perceber que estava sozinho diante do pequeno exército, Patrício não fugiu, mas não tentou entrar em embate direto, preferindo a oralidade. Disse, sem se recordar dos mentores:

— Quem são vocês e o que querem? Sumam!

O mentor da caverna lhe disse:

— Sabemos quem você é, mas você ainda não se lembra. Venha conosco. Estamos em missão de paz e somente para lhe ajudar.

Patrício gargalhou e respondeu:

— Não vou a lugar algum com vocês! Ficarei aqui mesmo, onde sou rei!

O mentor da caverna respondeu:

— Você não está em condições de negar nada. E não pode se dizer rei. Afinal, onde estão seus súditos? Onde está o seu exército? Fugiram todos. Você está sozinho. Você somente é rei de si mesmo. Venha conosco e iremos lhe ajudar. Oferecemos ajuda a você.

Patrício não gargalhou, pois percebeu que sozinho não daria conta de toda aquela falange. Portanto, tentou intimidar:

—Nego-me a ir! O que farão a respeito disso?

O mentor da caverna advertiu:

— Não percebe que estamos lhe dando uma chance de ir em paz? Acha que não podemos levá-

lo quando quisermos? Não há saída para você. Seu tribunal do terror acaba aqui. Tem a última chance de vir em paz.

Patrício bufou de raiva porque não havia mesmo chance, mas preferiu lutar ao invés de se entregar. Os mentores perceberam a alteração em sua energia e, com isso, entenderam que Patrício partiria para o ataque. Como tal cenário era previsto e não queriam ter de duelar com ele, já estavam preparados para isso. O mentor da caverna lançou lhe um feitiço para que a memória dos tempos em que esteve no hospital de segurança máxima fosse despertada. Patrício teve um baque. E ficou inerte por vários segundos, de olhos arregalados, em estado de choque, enquanto sua mente assistia suas próprias lembranças. Ao término da catarse, o mentor da caverna disse a ele:

— Patrício... seu retorno ao hospital é solicitado por nossos superiores. Venha conosco em paz para continuar seu tratamento.

Patrício ainda estava sob o efeito dopante do feitiço e nada respondia. Mas caminhou lentamente em direção aos mentores, que apenas esperavam sem demonstrar tensão e, então, lhes disse:

— Não serei prisioneiro novamente. Não irei para jaula novamente. E não irei acorrentado. Caminharei com vocês. Sairei daqui caminhando

ao lado de vocês. Somente assim saio daqui sem lutar.

O mentor da caverna sorriu e lhe disse:

— Que assim seja, meu amigo.

E assim foi feito. Patrício retornou ao hospital e iniciou seu tratamento de maneira pacífica. Enquanto isso, Fabrízio não dava sinais de qualquer avanço em benefício próprio que visasse seu crescimento. Ao contrário, apenas chorava, pedia ajuda a quem pudesse dar e gritava se julgando injustiçado. Os mentores foram até ele, mas sem permitir que os visse, não que Fabrízio fosse deles se lembrar, mas certamente iria percebê-los com condições de tirá-lo de onde estava. Eles apenas observaram e, na impossibilidade de qualquer ajuda, foram embora deixando um enfermeiro e um guarda junto ao protegido.

Era a vez de agirem a respeito de Anderson. Os mentores traçaram um planejamento ousado durante dias e combinaram ações com diversas falanges, inclusive com a utilização de magos brancos. Iriam invadir o castelo, mas apenas para resgatar Anderson e levá-lo de volta ao hospital de segurança máxima.

No momento certo, os mentores receberam informações precisas sobre as atividades de Anderson, passadas por agentes infiltrados no

castelo. Eram fatos novos sobre sua rotina. Isso permitiu que soubessem que uma vez por semana, Anderson saía do castelo para inspecionar as tropas e liderar uma marcha de demonstração de poder por regiões trevosas. Esse era o momento da ação, pois que não precisariam invadir o castelo, como previsto. Aluciphel poderia monitorar a ação, percebendo a aproximação de tantas falanges do bem, mesmo assim, a ação teria menos risco e o sucesso estaria mais garantido.

No dia da marcha trevosa, todas as falanges do bem já estavam a postos, apenas aguardando as instruções dos mentores. Foi quando a marcha saiu do castelo. Sob as orientações dos mentores, as falanges ocuparam suas posições e ficaram em alerta para ação, caso necessário.

O plano dos mentores era aguardar que Anderson se distanciasse um pouco dos muros do castelo e então agir apenas sobre ele, o entorpecendo e levando-o de volta ao hospital. As falanges apenas seriam utilizadas caso este plano não funcionasse e fosse preciso o embate com as tropas do castelo ou com o próprio Aluciphel.

No ponto certo, os mentores buscaram informações mentais sobre Aluciphel. Perceberam que o mago negro não estava conectado com Anderson, portanto, não monitorava seus movimentos. O que eles consideraram estranho,

mesmo assim partiram para a ação. Que foi um sucesso.

Mesmo à certa distância, para que nem Anderson, nem as tropas os vissem, os mentores em conjunto lançaram um feitiço de torpor no general do castelo, que tolhido de muito de seu antigo poderio, não conseguiu prever ou conter. Dessa forma, o líder trevoso apenas parou de marchar, o que fez com que sua tropa também parasse, atônita e surpresa.

Anderson estava imóvel e exposto. Mesmo duvidando de tamanha facilidade, os mentores prosseguiram e, como um voo rasante, passaram na frente das tropas e pegaram Anderson, conduzindo-o até magos brancos, que se encarregariam de adormecê-lo. O movimento foi feito com tamanha rapidez que nenhum membro da tropa foi capaz de perceber a ação. Na percepção deles, Anderson apenas sumiu. Toda tropa ficou sem ação. E Aluciphel, estranhamente, não estava monitorando e não ficou sabendo de absolutamente nada. Soube somente depois, quando foi informado por comandantes do exército sobre o sumiço de seu general. Evidente que cabeças rolaram e que o mago ficou furioso. Tentou rastrear Anderson como fez antes, mas sem sucesso. Aluciphel estava sozinho novamente, mas não desistiria.

Após a chegada ao hospital de segurança máxima com os magos brancos e com os mentores,

todas as demais falanges foram liberadas e agradecidas pela participação na ação. Anderson estava adormecido pelos magos brancos e foi colocado em um quarto com leito, de onde não conseguiria sair. De forma automática com o torpor, os magos brancos também retiraram de Anderson o feitiço lançado por Aluciphel. Com o protegido de volta à sua tutela, os mentores deixaram-no descansando e retornaram para ver Fabrízio, mas este não apresentava qualquer evolução ou alteração no quadro. Os mentores apenas deveriam aguardar.

Na contagem de tempo dos encarnados, passou-se um mês inteiro após o resgate de Anderson. Nem ele havia acordado novamente, nem Fabrízio havia tido alguma ação que possibilitasse que fosse acolhido. Enquanto isso, Patrício ia bem, sem alterações de comportamento e realizando trabalhos em prol de outros em alas do hospital.

Dias passaram-se até que Anderson retornou de seu torpor. Os mentores estavam ao lado dele, pois que havia sinais de que o acordar aconteceria. Anderson olhou em sua volta, estranhou o local e não reconheceu os mentores. O mentor da caverna, então, lhe perguntou:

— Bem-vindo, Anderson. Lembra-se de alguma coisa?

Ele respondeu de forma fraca, pois ainda estava sob certo torpor:

— Não me lembro de coisa alguma e não sei quem são vocês.

Parou um pouco e depois perguntou:

— Como vim parar aqui? Que lugar é esse e o que fazia antes de estar aqui? Quem são vocês?

O mentor da caverna disse com paciência:

— Somos antigos amigos seus, apesar de não se lembrar de nós. Este é um hospital do bem. Aqui será bem tratado. Nós o trouxemos porque lhe retiramos das garras de um poderoso mago negro. Agora está bem, pode relaxar.

Mesmo naquela situação, Anderson duvidou:

— Não creio, pois não me lembro de nada.

O segundo mentor comentou:

— Já esteve aqui antes, conosco.

Anderson continuou reagindo com dúvidas:

— Aqui? Não creio. Com vocês? Não creio. Não me lembro de nada disso. Como posso confiar em vocês?

Os mentores se entreolharam e o mentor da caverna disse:

— Podemos provar para você liberando suas lembranças do passado, de quando esteve aqui.

Anderson respondeu de pronto:

— Então provem.

— Precisa descansar mais um pouco. Daqui a alguns dias faremos isso. Por enquanto, apenas fique aqui — o segundo mentor orientou.

Anderson não discordou e apenas ficou em silêncio.

Dias depois, os mentores realizaram o mesmo procedimento de liberação de lembranças da vez anterior que, por sinal, foi feito muitas outras vezes, antes e depois daquela.

Fizeram a mesma tentativa de liberação espontânea através de emoções de amor. Da vez anterior havia sido com Fabrízio, seu filho em encarnação pretérita. Daquela vez, foi com Patrício, que havia sido seu irmão. Mas, como daquela e de outras tantas vezes, tal procedimento não funcionou e Anderson precisou ir, igual a todas as vezes, para a máquina. E o procedimento foi realizado, mas apenas as lembranças da passagem anterior foram liberadas. Isso sempre foi o bastante.

Após o procedimento, Anderson fez perguntas de teor parecido com todas as outras vezes que isso acontecia. Dava algumas alterações, mas acabava ficando, como aconteceu apenas em vezes mais recentes. Nas primeiras, ele ia logo embora em seguida. De certa forma, já havia progresso. Anderson sabia sobre Aluciphel também, mas com menos detalhes do que a realidade. Pois que, quanto menos soubesse, mais se afastaria da influência do mago negro.

Meses depois, com Anderson colaborando, apesar de sempre muito questionador, Fabrízio ainda apresentava o mesmo quadro.

Anderson pediu para ir junto com os mentores na próxima vez que fossem até Fabrízio. Assim foi feito. Ao chegarem no local, constataram que Fabrízio continuava reclamando e chorando.

Anderson sugeriu aos mentores que ele pudesse ajudar, sem interferir diretamente. Ou seja, sem dar o auxílio a Fabrízio, mas conversar com ele no intuito de tentar despertar a vontade de mudar a situação e fazer algo. Os mentores analisaram o pedido e solicitaram autorização de seus superiores, de forma mental. A permissão veio no mesmo instante.

Anderson pediu para que os mentores plasmassem nele uma forma diferente. Pediu que fosse uma figura andrógena, meio luz, meio trevas,

sem definição precisa de sua origem ou tendência. Portando tal aparência, Anderson caminhou até Fabrízio, que o viu, e lhe disse em tom calmo, mas cativante:

— O que está fazendo aqui? Por que ainda está aqui? Porventura não tem para onde ir? Levante-se desta lama na qual está, seu imundo... já sei o que dirá... que ninguém o respeita, que ninguém o ajuda, que todos estão contra você e que você é apenas um injustiçado. Mas o que você faz por você? Apenas chora, grita e se faz de homem morto... enquanto sentir pena de você, jamais irá superar seu problema. Você precisa fazer e fazer já, sem perguntar ou medir nada... por enquanto você não passa de um imundo chorão e estridente. Mas pode ser melhor.

Anderson disse isso e foi embora, apenas foi embora. Fabrízio nada disse, mas estava impactado pelo que ouviu.

Anderson retornou para perto dos mentores, que acompanharam o discurso, e lhes disse:

— Vamos embora. Deem um tempo para ele. Mas observem, pode ser que isso funcione.

E funcionou. Dias depois, Fabrízio levantou-se da lama onde estava e passou a caminhar na busca de outro lugar, mais bonito e de melhor frequência. Em sua mente começaram a habitar pensamentos

de progresso, no sentido de seu bem-estar. Isso foi suficiente e o plano espiritual alto deu permissão para que fosse acolhido.

Portanto, Fabrízio foi adormecido e levado de volta ao hospital, onde iniciou seu tratamento.

Capítulo 36

Anderson, Patrício e Fabrízio estavam novamente no hospital de segurança máxima sob a tutela dos mentores. O tempo passava e os três já estavam refeitos e aprendendo. Anderson tinha aulas com um novo mentor, muito capaz, assim como Helênico. Mas a vida no hospital não garantia grandes emoções. Emoções estas que ainda não eram indicadas para espíritos nos estágios em que os três estavam. Os mentores sabiam que era preciso um plano de encarnações que pudesse permitir que ficassem no caminho do bem e, principalmente, não retornassem para as trevas ao final de cada experiência na carne. E isso já estava sendo providenciado.

Aluciphel buscava Anderson por todos os lugares, mas não o encontrava. A diferença é que daquela vez não parou com as atividades do castelo para permanecer na busca. Continuou com os intuitos malévolos.

Alguns anos depois, os mentores conversavam sobre uma nova encarnação ser realizada. O mentor da caverna dizia:

— Creio que uma nova ida à carne agora seria necessária para conter suas ociosidades e insatisfações, mas não creio que estejam prontos para isso.

— Sim. Ainda precisariam ficar mais tempo para estarem realmente preparados. Mas não os conseguiremos manter aqui por muito tempo, uma vez que não são mais prisioneiros, já cumpriram as penas para este estágio punitivo. Estão livres, mesmo assim preferem continuar aqui, mas não sei por quanto tempo.

O mentor da caverna continuou o raciocínio de seu colega:

— E se forem embora serão alvo fácil para Aluciphel, que poderá os encontrar, pois que não estarão mais sob o escudo protetor do hospital, que impede que seus pacientes sejam encontrados por buscas desta natureza.

O segundo mentor ponderou:

— Mas poderão também ir se abrigar em outras colônias consagradas ao bem.

O mentor da caverna respondeu:

— Fabrízio certamente faria isso. Patrício... não tenho tanta certeza. E Anderson... não creio que esse seria seu destino. Somente se pudesse continuar aprendendo com grandes mestres. E ele somente tem essa chance, essa permissão para este momento, aqui dentro, por termos alta segurança. Portanto, quando perceber que não pode ter mais suas aulas, não ficará em colônia alguma.

O segundo mentor concluiu:

— Então precisamos ter essas idas à carne bem planejadas.

— E esperar o momento certo. Enquanto conseguirmos os manter aqui em boa convivência, esperaremos. Quando não for mais possível, acionaremos o plano — o mentor da caverna respondeu.

O segundo mentor perguntou:

— E como seria a estrutura da próxima ida à carne?

O mentor da caverna respondeu:

— Não terão laços sanguíneos. Serão de classes diferentes e nada de associativo um com outro. Terão idades parecidas e somente isso. Veremos como se comportam.

Naquele momento da conversa, um dos guardas chegou até eles informando que Anderson e Patrício causavam tumulto na biblioteca. Os mentores se entreolharam e ficou claro para eles de que o momento da próxima encarnação havia chegado. E assim foi feito. Cada um a seu tempo. Em famílias e classes sociais diferentes. Países e possibilidades financeiras igualmente distintas.

A encarnação de Fabrízio se deu sem sustos. Pois que nasceu em família abastada e herdou os negócios de seu pai, os quais administrou sem maiores problemas. Aluciphel nem se deu ao trabalho de procurá-lo. Apesar disso, Fabrízio não teve um desempenho satisfatório na avaliação dos mentores, pois as condições favoráveis lhe causaram certa acomodação. Não procurou qualquer forma de chegar a Deus, inclusive, nem se preocupava com Sua existência, pensando apenas em negócios e bens materiais. Foi uma encarnação de nível fácil para ser vencida. No entanto, Fabrízio teve notas baixas. Retornou para a espiritualidade, cumpriu algum tempo em estações de purga e depois foi acolhido e tratado no hospital, mas foi conduzido a outra colônia, onde permaneceu. Os mentores tinham acesso a ele, mas não residiam lá.

Patrício teve problemas. Apesar de também ter nascido em família abastada, desde criança demonstrou tendências violentas e ao crescer adquiriu uma revolta incompatível com sua situação. Não tardou e entrou em caminhos de brigas, bebedeiras, boemias e danos ao patrimônio público. Patrício teve uma vida fútil e violenta. Aluciphel também não se deu ao trabalho de procurá-lo. Assim como Patrício não procurava Deus. Suas notas foram baixas, assim como Fabrízio. Retornou a espiritualidade, cumpriu seu período em estações de purga, foi acolhido, tratado no hospital e levado para outra colônia, diferente da

que Fabrízio estava e onde os mentores também tinham acesso, mas não residiam lá.

Anderson teve problemas. Muitos. A começar por Aluciphel, que rapidamente o encontrou e passou a encarnação inteira no encalço dele, criando situações e o seduzindo para caminhos errados, gerando condições para distraí-lo de seus objetivos, tentando causar dor e sofrimento. Queria vê-lo sofrer em qualquer situação e que cometesse delitos, graves ou não, para que estivesse vulnerável no retorno à espiritualidade.

Os mentores agiam, mas grandes proteções não eram permitidas todas as ocasiões, os obrigando a enfrentar Aluciphel diretamente. Muitas das vezes, ainda chegavam atrasados.

Apesar de nascer em família pobre, Anderson conseguiu condições melhores com seu trabalho, mas para isso, usou de desonestidade. Em nenhum momento pensava em Deus. Foi uma encarnação bem simplória diante ao que Anderson já havia realizado. Suas notas foram baixas. Retornou à espiritualidade e Aluciphel tentou imediatamente capturá-lo, mas os mentores não permitiram. Aluciphel voltaria com tropas para tal intento, mas Anderson já havia sido levado para um posto avançado e os mentores o imantaram para que fosse impossível ser detectado ali. Depois de purga e tratamento ali mesmo, foi levado para uma terceira colônia do bem, onde não estavam seus amigos. E,

apesar de ter contato com os mentores, estes também não residiam em tal lugar.

Cada um viveu suas experiências nas colônias em que habitavam. Tiveram seus aprendizados, seus mestres, suas dificuldades e seus méritos. Todos trabalharam e colaboraram. Até mesmo Anderson. Foi a primeira vez que ele habitou uma cidade espiritual consagrada ao bem e ligada ao orbe terrestre de boa vontade e sem ser prisioneiro ou paciente em hospitais. Essa foi uma evolução muito comemorada pelos mentores. E por isso, decidiram que eles próprios reencarnariam naquele momento, para cumprir suas missões e vivenciar suas próprias experiências, acumulando méritos ou deméritos. Deixaram seus protegidos sob a tutela provisória de outros mentores e desceram à carne com a garantia do Alto de que seus protegidos não reencarnariam enquanto eles não retornassem e, principalmente, tivessem novamente condições de atuar como mentores.

Isso foi cumprido. E somente depois de aproximadamente 150 anos que voltariam a se encontrar naquela formatação de mentores e protegidos.

Durante esse tempo, Anderson, Patrício e Fabrízio viveram nas mesmas colônias nas quais tinham sido confiados. Aprenderam bastante e já possuíam condições de realizar novas encarnações.

Isso já era programado pelos mentores, que renovados, poderiam ser melhores condutores.

Aluciphel ainda procurava Anderson. Sua sede de vingança não cessava. Mas não conhecia seu paradeiro.

Assim o tempo passava e uma nova leva de encarnações foi feita. Novamente os amigos falharam. Novamente Aluciphel agiu em Anderson na carne. Novamente foram parar nas trevas e novamente Aluciphel tentou capturar Anderson. Novamente os mentores agiram. Novamente cada um deles repetiu seus antigos erros, reflexos de suas limitações. Novamente Anderson precisou ter suas lembranças destravadas na máquina. E novamente tudo voltava ao normal. E isso se repetiu diversas vezes. Em diversas encarnações.

Mas todas as vezes que Anderson, Fabrízio e Patrício entravam na máquina, apenas as lembranças da última vez que estiveram na espiritualidade com os mentores e, em alguns casos, as lembranças da encarnação anterior ao momento na espiritualidade, eram destravadas. Isso significa que o passado no castelo com Aluciphel ficava cada vez mais distante, cada vez mais apagado. É evidente que poderiam lembrar-se disso por eles mesmos, mas era pouco provável. Portanto, lhes dar algo que pudesse fazer ligação com o passado no castelo seria como uma ponte para aquele momento, o que poderia despertar

antigos sentimentos, dos quais os amigos tentavam se livrar. Os mentores sabiam disso e faziam todo o possível para impedir o acesso a qualquer coisa que pudesse levá-los a retomar a vibração de seu passado trevoso. Incluindo os poderes de Anderson.

Seus poderes eram conquistas evolutivas, podendo ser utilizadas tanto para o bem quanto para o mal, assim como o poder de manipulação através da oratória. É possível influenciar qualquer pessoa tanto para fins positivos e saudáveis quanto para finalidades nocivas. Os poderes de Anderson eram utilizados por ele exclusivamente para o mal, no intuito de conquistar seus objetivos trevosos. Por isso foram temporariamente retirados. Mas pertencem a ele. Voltarão a ele. Mas no momento certo. Quando Anderson puder provar, na carne, que não mais os utilizará para o mal[1].

Anderson precisava passar uma encarnação inteira devotado ao bem, às boas ações, dedicado a vencer seus problemas e limitações íntimas, devotado a Jesus e seus preceitos. Sendo homem bom, justo e, acima de tudo, acreditando incondicionalmente em Deus. Precisava ter a fé pura. Acreditando e confiando nas ações, mesmo sem ter motivos para isso. Anderson deveria ser posto à prova durante a encarnação inteira, dentro desses quesitos e vencer.

1. Até o momento da redação destas frases, Anderson não tem seus poderes de volta.

Caso fraquejasse, mesmo no fim, não recuperaria o que é seu, pois não haveria provado ser merecedor de tal atitude.

E quanto mais encarnações passavam e mais ele falhava, mais difícil seria a próxima, pois que teria mais débitos a quitar.

Os mentores não agiam por crueldade com seus protegidos. Apenas precisavam ter certeza de que eles, ao ter acesso ao passado no castelo, não cairiam nas vibrações negativas. E com a transição planetária cada vez mais próxima, mais intenso e complicado ficava todo o processo.

Fabrízio e Patrício também tinham muitas situações a vencer e falhavam. O cuidado com eles também era grande e o formato era o mesmo utilizado com Anderson: precisavam provar estarem aptos a permanecer e atuar no bem.

Mas todos eles, pelo menos em uma encarnação, falharam desastrosamente. Incluindo uma incursão na carne onde em um convento Franciscano os danos foram imensos, a ponto de privarem a humanidade de importantes conhecimentos, por meio da destruição de textos, de forma irrecuperável, da integralidade na qual estavam. Aluciphel agia direta ou indiretamente em, ao menos, dois dos amigos encarnados na igreja católica como integrantes do clero. As sugestões trevosas eram aceitas sem muita resistência, o que

dificultava a ação dos mentores ou de outras falanges do bem, porque qualquer atividade da luz poderia ser um atentado ao livre-arbítrio. Não havia, portanto, uma forma de ação eficaz do bem na tentativa de evitar a destruição irreversível de tais textos dentro dos muros do convento. Aluciphel poderia ter sua ação direta evitada, mas a circulação de espíritos de baixa vibração no local era grande, bastando ao mago negro influenciar espíritos que, fatalmente entrariam no convento, para, mesmo indiretamente, inspirar ações maléficas.

O que era possível ser feito pelas equipes do bem era a ação preventiva, tentando evitar que Aluciphel enviasse mensagens, energias e vibrações para dentro do convento por meio de espíritos ligados às sugestões trevosas. Entretanto, até isso era complicado, pois que havia frades habitantes do convento que permitiam esse acesso, agindo dentro de seus arbítrios. Ou seja, as escolhas dos encarnados envolvidos permitiam que os aconselhamentos de Aluciphel fossem exitosos e, de maneira igual, impediam as ações do bem que, se assim fizessem, poderiam ferir os arbítrios implicados. Restava agir sobre os espíritos que entrariam no convento, mas isso demandava um exercício de probabilidades maior, visto que o mago negro, entendendo o processo, atuava em rodízio, de maneira que prever quem poderia entrar no convento era uma tarefa complexa devido a existência de inúmeras possibilidades.

Além do rodízio, o mago negro sempre conseguia encontrar novos espíritos para atuar no convento, portanto, impossíveis de serem previstos. Os mentores ficaram perseguindo pistas sem obterem sucesso por muito tempo, atuando em níveis secundários, tentando prevenir, visto que impedir os malefícios era praticamente impossível. Pois, afinal, quando as sugestões trevosas chegavam a qualquer um dos amigos, estes, por sua vez, se compraziam em recebê-las.

A destruição de textos foi grande e, proporcionalmente, os danos à missão que visava impedir o degredo dos amigos envolvidos. Esta encarnação em um convento franciscano foi uma das mais terríveis em relação às sequelas dos eventos para o objetivo final. Tendo, de forma desastrosa, incluído muito carma a ser cumprido e, inevitavelmente, pondo mais urgência na missão, pois que havia muito mais a ser pago, utilizando-se do mesmo tempo, uma vez que a evolução dos mundos se aproxima, encurtando as possibilidades.

Esses eventos imprevistos levaram ainda mais pressão aos mentores, que foram responsabilizados em parte, pois que a concepção do plano reencarnatório havia sido produzida por eles. Evidente que tudo foi aceito pelos amigos envolvidos, mas a grande cota de erro no planejamento ficou a cargo dos mentores. A ideia era proporcionar uma encarnação de paz e luz, com acesso a informações valiosas e segurança dentro

dos muros de um convento, um lugar que se imaginava ser de serviço a Deus. Queriam que os amigos envolvidos ganhassem em conhecimento na carne e não somente na espiritualidade. Mas ao invés de se alimentarem dos conhecimentos disponíveis em textos no convento, os destruíram, evitando o próprio avanço através das informações, como também privaram, dessa forma, que os conteúdos de centenas de livros e papiros fossem compartilhados com a humanidade. É certo que a igreja católica os escondia, mas havia de chegar o tempo em que viriam as luzes do esclarecimento e tais informações seriam públicas, o que não foi possível devido à ação dos amigos envolvidos e, de certa forma, do planejamento desastroso dos mentores.

É plausível classificar tal planejamento como desastroso, uma vez que houve a premissa de que um convento franciscano seria um ambiente livre de influências do mal. Obviamente, havia muitos conventos franciscanos assim, mas não era o caso daquele especificamente, o que não foi devidamente checado pelos mentores antes da encarnação se dar, ou mesmo depois, enquanto ainda estava em curso. Grande parte da responsabilidade recaiu sobre a dupla de mentores, que prontamente a assumiu sem mostrar dúvidas sobre o veredito. Tendo, portanto, que tecer ajustes e fazer adaptações para que a missão pudesse ser cumprida.

Consequentemente, juntos ou separados, pelo menos uma encarnação de cada um foi absolutamente desastrosa. E com isso, acumularam débitos pesados e imprevistos. O degredo ficava ainda mais próximo e a salvação cada vez mais difícil.

Eles encarnaram juntos algumas vezes como familiares próximos ou distantes. E não funcionava. Encarnaram como amigos. E não funcionava. Os mentores tentaram encarnar apenas um ou dois, enquanto os outros dois ou apenas o terceiro ficava na espiritualidade. Fizeram rodízio assim. Não funcionava. É preciso que se diga que eles progrediam bastante em diversas questões e cada vez que entravam na máquina, o castelo ficava mais distante. Mas não Aluciphel, que em todas as encarnações descobria o paradeiro dos três e os perseguia. Seu alvo principal era Anderson, mas Patrício e Fabrízio também passaram a sofrer perseguições por parte do mago negro e sua organização.

Porém, as questões principais que precisavam ser vencidas por cada um não eram resolvidas. E a não resolução conduziria fatalmente ao degredo. Havia evolução, mas não na essência da questão de cada um.

Os mentores voltaram a encarnar outras vezes e o procedimento adotado anteriormente foi o mesmo. E sempre funcionou. Mas o tempo passava

e não havia sinais de melhoras. Até que o século XX chegou. Haveria dois ou, no máximo, três ou quatro oportunidades para cada um. Não havia mais espaço para falhas. Era um momento crucial. Os mentores sabiam que Aluciphel atrapalhava demais. Mesmo que não conseguisse derrubar por completo seus antigos colaboradores, atravancava o processo evolutivo deles.

Os mentores, após conversarem bastante, solicitaram audiência junto à Espiritualidade Maior, oportunidade em que defenderam uma tese embasada de argumentos, onde pediram autorização para que Aluciphel fosse capturado, sua organização desfeita e o castelo destruído. A resposta foi positiva. Mas com apenas uma condição não negociável: Anderson, Fabrízio e Patrício deveriam estar encarnados e, de alguma forma, participar do processo.

Como se não já bastasse a dificuldade de todo esse cenário, mais um agravante surgiu. O mentor da caverna, dentro de suas encarnações, estudos em passagens pela espiritualidade, pesquisas e outros projetos, desenvolveu habilidades suficientes para ser um encarnado e receber, mesmo sem ser médium consciente, informações valorosas oriundas do Mais Alto, no intuito de fazer com que importantes descobertas no campo da ciência e da saúde pudessem ser feitas pelos homens, sendo escalado para encarnar um pouco antes dos amigos descerem à carne novamente. Isso significava que,

durante algum período, estariam encarnados juntos, o que dificultaria a condução do projeto. No entanto, o Mais Alto já havia determinado que o mentor da caverna descesse e cumprisse sua elevada e importante missão, pois era o momento dessas descobertas surgirem na Terra, sendo ele o missionário a cumprir tal papel. Assim foi feito.

O mentor da caverna desceu à carne e iniciou sua valiosa e complicada encarnação. Outros mentores foram designados a ajudar o segundo mentor na tarefa de ajuda aos amigos. Anderson, Fabrízio e Patrício se preparavam para a, quem sabe, mais importante encarnação de suas existências até o momento. Nada poderia falhar. Portanto, haveria rigidez e condições favoráveis ao mesmo tempo. Eles recebiam as últimas orientações e realizavam os últimos preparativos. Seriam amigos, mas somente se encontrariam na vida adulta. A ideia era que fossem médiuns da mesma casa espírita. O plano era bom. Mas nada poderia dar errado. A tensão era grande.

Capítulo 37

Eles começaram a descer. Fabrízio foi o último. Todos em famílias diferentes e com idades parecidas, mas no momento certo, suas vidas se cruzariam.

Os amigos cresceram e seus interesses por questões religiosas também. Aos poucos, todos iam, dentro dos potenciais e capacidades, despertando um lado voltado a questões espirituais.

O segundo mentor liderava uma equipe de mentores empenhada em monitorar os destinos dos amigos. Todos iam bem. Anderson, inclusive, demonstrava sinais de que aquela seria a primeira encarnação no planeta Terra cujas tendências nocivas seriam isoladas e as boas resoluções seriam adotadas e seguidas. Os mentores cuidavam de perto para que isso acontecesse.

O mentor da caverna realizava sua missão de forma digna e conseguia chegar às expectativas sobre ele depositadas.

Aluciphel permanecia sedento de vingança e, de algum modo, pressentia que as falanges do bem o encurralariam e ele seria capturado. Se quisesse impedir esse fim, teria de agir. Rápido e de forma eficiente.

Mas os amigos tinham uma grande proteção. Todos eles. As falanges do bem precisavam garantir extrema segurança para que conseguissem chegar ao momento de agirem através de suas próprias forças. Esse momento chegava.

O tempo passou. O mentor da caverna havia cumprido sua missão com eficiência e desencarnou aproximadamente um pouco mais de uma década antes dos amigos se reencontrarem na carne, ou seja, se conhecerem naquela existência. Sua vida foi bem distante dos amigos. Ele cumpriu o que precisou depois do desencarne e, no tempo certo, retornou a seu posto e a suas atividades como mentor. Passou a ter novas atribuições, pois com seu sucesso na missão, a Espiritualidade Maior lhe designara novos tutelados e novos trabalhos a cumprir.

Era preciso que a ação se iniciasse, pois Aluciphel não atuava sozinho. Credores do passado também agiam sobre os amigos naquele momento.

Os amigos moravam na mesma cidade e mantinham interesse pelo Espiritismo. Os caminhos foram afunilando, as histórias foram sendo sincronizadas habilmente pela espiritualidade até que, numa simbiose bem tramada, finalmente se conheceram dentro de uma casa espírita.

Primeiro, Patrício conseguiu ser médium e trabalhador, depois foi a vez de Fabrízio e

Anderson veio na sequência. Não se conheceram todos de uma só vez, mas aos poucos. Nos trabalhos mediúnicos e no convívio social da casa espírita foram se conhecendo melhor.

Alguns percalços tiveram que ser superados para tanto, principalmente em respeito a Fabrízio, que, em sua secular vontade de se vitimizar, atrasou seu início no contato mediúnico espírita. E quando finalmente teve contato com a casa onde deveriam se encontrar, novamente por questões de fragilidade emocional e outra vez se vitimizando, atrasou de novo o reencontro, tendo que a espiritualidade agir para que, no tempo certo, já prorrogado, uma vez que o prazo inicial previsto havia se perdido, os três cruzassem os caminhos.

Com exceção dessas eventualidades, o plano seguia bem. Mas Aluciphel havia se antecipado, reforçando seus exércitos e se organizando para realizar ataques violentos, inclusive no intuito de provocar desencarnes em seus antigos comparsas. Por pouco não acontece a Fabrízio, onde em sua adolescência foi vítima de atropelamento, que poderia ter o privado da existência, não fosse a ação dos mentores. O mago negro, a essa altura, já sabia que teria sérios problemas.

O mentor da caverna, que já realizava trabalhos diferentes de acordo com suas novas atribuições, preocupava-se com o fato deles precisarem atuar contra Aluciphel estando encarnados, agindo

mediunicamente, pois que assim tornou-se necessário. Mas esse não era o maior problema. O mentor da caverna deveria se apresentar como espírito ao grupo durante os trabalhos mediúnicos na casa espírita onde atuavam, conquistando a confiança deles, para guiá-los ao trabalho que se fazia necessário como base para que, posteriormente, o avanço final contra Aluciphel fosse realizado.

Primeiramente, o mentor da caverna deveria ser conhecido pelo grupo de amigos, médiuns encarnados, como um espírito comunicante de livros espíritas, uma das recentes atribuições depois de sua encarnação anterior. Somente em momentos seguintes, toda a informação sobre a missão maior em que estavam poderia ser transmitida, incluindo o passado que compartilhavam. Tal premissa era uma determinação do Mais Alto, não podendo, pois, ser contestada. Ou seja, conheceriam um espírito que pensavam ser alguém novo, pois que envergava, inclusive, nova identidade para os encarnados. Não imaginavam, por consequência, que aquele espírito comunicante de livros de uma nova safra espírita seria alguém de muito tempo de convivência.

Anderson, Fabrízio e Patrício já eram amigos e dividiam trabalhos mediúnicos dentro da casa espírita a qual frequentavam como médiuns. Era o momento do mentor da caverna se apresentar.

Anderson foi intuído para se deparar com o livro de um novo médium, que trabalhava com um novo espírito, ainda desconhecido da maioria dos leitores do movimento espírita. Não houve impedimentos para que as leituras iniciassem. Em pouco tempo, lá estava Anderson se admirando com as novas perspectivas propostas aos praticantes espíritas, se deliciando com a narrativa e vibrando com a personalidade firme do mesmo mentor com quem, por vezes, teve sérios desentendimentos. Durante os trabalhos mediúnicos na casa espírita, não tardou a recomendar a leitura a Patrício e Fabrízio. Obviamente este terceiro, foi o último a se inteirar.

Portanto, todos eles passaram a conhecer um pouco da obra do mentor da caverna, mas sem saber de quem se tratava.

O que eles não poderiam imaginar é que aquele espírito comunicante, dos livros que liam, pudesse se apresentar a eles e desenvolver um trabalho em conjunto. Essa seria uma fase delicada e precisava ser realizada com bastante cuidado.

Mas os contatos foram sendo feitos e, durante um desdobramento, Fabrízio, Patrício e Anderson conseguiram chegar à identidade daquele espírito que conheciam através dos livros. Evidentemente, a identidade que seria revelada correspondia à última encarnação do mentor da caverna, a qual se encerrara pouco mais de dez anos antes.

A revelação desta identidade também foi uma orientação do Mais Alto, que não somente permitiu que fosse realizada, como a colocou como caráter obrigatório para a realização da missão contra Aluciphel. Um dos argumentos defendia que os encarnados estariam mais confortáveis trabalhando com um espírito com pouco tempo de desencarne. Portanto, conhecedor de problemas e situações corriqueiras da vida a qual conheciam. O que, por consequência, daria maior empatia. Sem contar que o material disponível para pesquisas seria mais farto e confiável.

Os mentores do Mais Alto entendiam que a similaridade das épocas vividas na carne entre o mentor da caverna e o trio de amigos, poderia ajudar a encurtar distâncias entre os mundos físico e espiritual, quebrando uma barreira comum, onde o espírito comunicante se assemelha a algo intangível.

Revelar a identidade seria humanizar o espírito, dando-lhe nome, rosto, trabalho, profissão e história, de maneira a aproximá-los, tornando a relação mais íntima, apesar de se dar em diferentes planos habitáveis. Essa humanização se torna mais difícil quando o espírito comunicante apresenta uma identidade vivida em épocas passadas, muitas vezes com séculos de distância. Isso o torna quase inalcançável para os encarnados, pois que não conseguem, de forma realística, conceber as dores, desafios e dificuldades daquele espírito, de acordo

com o cenário de mundo em que viveu. As lições comunicadas por espíritos dentro desse perfil claramente são valiosas e, muitas vezes riquíssimas, porém não conseguem dar senso de urgência aos encarnados devido à distância que se apresenta em decorrência das épocas e costumes distintos. Sem o senso de urgência nas comunicações, os encarnados tendem a relegar as mensagens a planos secundários, pois não conseguem vislumbrar a ideal aplicação prática em suas vidas, como se mensagens sobre amor e paz tivessem época certa de serem comunicadas. Os encarnados não percebem que amar é um verbo atemporal. E a principal barreira para entender isso é que pensam que amar em uma época diferente da sua, possui condições igualmente distintas.

Em certa noite de sono, durante uma ação agitada, pois que as trevas tentaram freneticamente que a informação não fosse levada ao consciente, conseguiram conhecer um pouco mais sobre o mentor, além de estreitar a confiança entre eles.

Os mentores do Mais Alto entendiam que somente dar a informação a médiuns como Anderson, Patrício e Fabrízio poderia ser arriscado, porque eles mesmos poderiam não confiar na informação recebida, devido a inseguranças pertinentes a suas mediunidades. Era preciso, portanto, para dar tons verídicos, que eles recebessem a informação no astral, em desdobramento. Um simples encontro seria preciso:

uma conversa e a revelação estaria feita. Mas havia alguns problemas sobre isso.

Em primeiro lugar, o próprio mentor da caverna não poderia dar a informação, uma vez que não poderia dizer que não era o espírito comunicante dos livros, pois que estaria mentindo. Portanto, dar ele mesmo a informação sobre a identidade do espírito comunicante poderia ser perigoso, visto que Anderson sempre foi muito questionador e curioso. E, caso a pergunta fosse feita, se ele, mentor da caverna e o espírito comunicante dos livros seriam o mesmo, teria de responder com a verdade. E essa, ainda não poderia ser revelada, mas mentiras tampouco poderiam ser contadas.

Outro problema é que Aluciphel e sua horda sempre estavam à espreita, farejando algo que pudessem utilizar a fim de barrar os planos das falanges do bem. Nesse caso não foi diferente. O mago negro, de alguma maneira, desconfiava que mensagens importantes pudessem ser transmitidas em desdobramento, desta forma, estava sempre pronto a impedir que possíveis informações fossem levadas ao consciente depois que os amigos despertassem do sono. Com isso, cercados de cuidados, os mentores deveriam ser muito zelosos e eficientes na transmissão da informação e no retorno dos amigos ao corpo físico.

Neste desdobramento, o segundo mentor deu a eles informações que, devidamente investigadas,

permitiram que chegassem à identidade da encarnação anterior do espírito comunicante dos livros, onde aquele cumprira importante missão no campo científico. Contudo, com Aluciphel à espreita, nada foi tão fácil como poderia parecer.

De posse das informações, os amigos deveriam retornar imediatamente aos corpos físicos, para assim, acordarem e terem a chance de emergir o conteúdo para o consciente. Desta maneira, lembrariam, ao menos, de partes da informação, onde esperava-se que o necessário fosse registrado.

Assim foi feito e os três receberam a mensagem. Entretanto, os mentores sabiam que apenas Fabrízio teria alguma condição de a registrar em sua mente consciente, devido à mediunidade que carregava, recebida muito em virtude dos acontecimentos no convento franciscano. Não que Anderson ou Patrício não pudessem conseguir, mas em termos a facilidades mediúnicas para casos assim, Fabrízio as possuía. Como de fato, aconteceu. Após os mentores certificarem-se de que os amigos estavam de volta a seus corpos físicos, retornaram à colônia na qual habitavam de forma despreocupada com a situação, já voltando esforços a demais afazeres.

Contudo, Fabrízio não se cansava de surpreendê-los. Ele retornou ao corpo físico, mas ao invés de levantar-se, como foi orientado a fazer, seguiu sugestões trevosas, retornando ao

desdobramento do sono. De posse da informação, pois ainda não a tinha no consciente, ele rumou a lugares de baixa vibração da espiritualidade.

O que Fabrízio fez, foi voltar ao corpo e não despertar, impedindo que a informação pudesse percorrer os caminhos da mente até a consciência. Através dessa postura equivocada, colocava em risco a integralidade da comunicação ou, até mesmo, qualquer parte fragmentada.

Quanto mais ficasse em desdobramento, mais atividades poderia ter, com isso, teria acesso a outros conteúdos, que se mesclariam com a informação da identidade do espírito comunicante. Fatalmente, ao acordar depois de tudo isso, lembrar-se do fato mais importante seria algo dificílimo para um médium como Fabrízio.

O mago negro havia sugerido — possivelmente através de um canal de comunicação que o próprio encarnado mantinha de forma anônima com as trevas —, que Fabrízio voltasse ao mundo astral para alguma festa trevosa com comida e mulheres, os dois maiores interesses daquele médium. Se Fabrízio, de fato, mantinha tal canal de comunicação, utilizava-se de seu livre-arbítrio para decidir, não sendo, desse modo, algo passível de ser revertido pelos mentores, visto que, mesmo retirado, Fabrízio voltaria a mantê-lo ativo.

O fato é que Fabrízio voltou ainda com a informação no inconsciente. Era o que Aluciphel precisava e queria. Não havia nenhuma festa, claramente. Mas Fabrízio foi atraído para uma região distante e tenebrosa, além de fria. E, quando se percebeu sozinho, lhe ocorreu estar em perigo. Mas já era tarde demais para retornar em segurança. Aluciphel já estava próximo e havia lançado uma energia que o impedia de retornar de forma imediata ao corpo. Pois, para isso, Fabrízio teria que percorrer alguma distância até um limite fronteiriço, a partir do qual a energia do mago negro não mais surtiria efeito.

O plano de Aluciphel era manter Fabrízio em estado de pânico até que perdesse completamente a informação, depois o liberaria. Não era preciso fazer nada, bastando que Fabrízio ficasse tempo suficiente dentro dos limites onde a energia do mago negro era eficaz. Sabendo disso, enquanto o médium em desdobramento tentava sair calmamente daquele local, o mago negro lhe apareceu do meio da escuridão com todo seu aparato trevoso intimidador. O médium congelou de medo.

Tamanho foi o impacto, que Fabrizio emanou uma energia poderosa, devido ao susto. Tal energia percorreu espaço e chegou até os mentores. Imediatamente entenderam que Fabrízio corria perigo, mas não sabiam como e por quê. Portanto, começaram a seguir os rastros da energia liberada

pelo susto até o encontrarem. Enquanto isso, Aluciphel tentava intimidá-lo, aproximando-se lentamente. Fabrízio não lembrava quem era aquele, mas sabia que estava diante a uma entidade muito poderosa e hostil que, de alguma maneira, o conhecia.

Aluciphel o chamava pelo nome da atual encarnação, em tom de deboche. Dizia que não adiantava ser medianeiro do Cordeiro, pois ele iria matá-lo antes que pudesse ler todo o Livro dos Espíritos. Zombava de Fabrízio, alegando que essa seria a tarefa mais fácil, visto que ele — chamava o nome da atual encarnação — não leria o Livro dos Espíritos nem uma única vez, nem que pudesse demorar mais de cem encarnações, pois era muito relapso e preguiçoso para isso.

Fabrízio não se mexia, pois que Aluciphel falava a verdade. Curiosamente, uma entidade das trevas dizia a verdade, mesmo que para intimidar um médium da Seara do Cristo. Com isso, o tempo passava e as informações do inconsciente recebidas naquela noite iam se perdendo diante ao medo intenso. Quanto mais medo sentia, mais informações Fabrízio perdia.

Em dado momento, uma luz muito forte se abriu na escuridão e, dela, saíram os mentores. Eles estavam acompanhados de entidades de umbanda, tocando atabaques, fumando charutos, cigarros de palha, cachimbos e piteiras. Dançando como em

rituais preparativos para embates, saltitando envoltos em palhas, que cobriam todo o corpo e entoando cânticos antigos poderosíssimos que emanavam energias purificadoras e de proteção.

Em meio a isso, o segundo mentor envolveu Fabrízio e iniciou com ele o caminho de volta até o limite fronteiriço, de onde o médium poderia retornar ao corpo físico.

Importante salientar, que nem mesmo o segundo mentor poderia fazer com que Fabrízio retornasse daquele ponto a seu corpo físico, uma vez que estaria influenciando no arbítrio do médium. Pois devido sua escolha em estar ali, foi envolvido em energias maléficas.

Portanto, cabia ao segundo mentor apenas conduzir o médium até onde a energia do mago negro não teria mais poder de atuação. Assim, o mais rápido que podia, tentava realizar a tarefa. Mas devido à energia deletéria em Fabrízio, a locomoção até o ponto fronteiriço igualmente não poderia ser feita utilizando-se de artifícios das falanges do bem ou técnicas de volitação. Cabia ao segundo mentor "correr", puxando Fabrízio e o incentivando a fazer o mesmo. Naquele ponto, o médium já não mais possuía grande parte da informação recebida, conseguindo reter apenas o sobrenome do espírito comunicante dos livros, pois até mesmo o primeiro nome já havia sido perdido.

Enquanto "corriam" até a fronteira de atuação da energia lançada por Aluciphel, eram perseguidos por espíritos trevosos da horda do mago negro. Mas Fabrízio e o segundo mentor eram protegidos por fortes caboclos e Exus, que faziam a contenção entre os falangeiros do bem e os trevosos.

Aluciphel fugiu no momento em que viu o mentor da caverna diante de si. Mas este ainda ficou no local angariando almas arrependidas, que se converteram ao bem diante às energias liberadas pelo povo de umbanda. Com isso, o mentor da caverna tinha trabalho a fazer com aquelas almas que, naquele momento, tornaram-se prioridade. Outras tantas acompanharam o mago negro na fuga e outras perseguiam Fabrízio e o segundo mentor.

Faltando pouco para chegarem à fronteira de atuação da energia de Aluciphel — o que daria oportunidade ao médium de retornar ao corpo físico —, o segundo mentor, ciente de que apenas o sobrenome do espírito comunicante poderia ser recordado ao despertar, o repetia incessantemente com toda firmeza, para que Fabrízio tivesse a oportunidade de levar ao menos essa informação ao consciente.

O segundo mentor não se preocupava com a segurança, pois a questão era apenas de tempo versus o nível de medo em Fabrízio, visto que nenhum falangeiro do bem suspeitaria que algum integrante da horda trevosa fosse capaz de causar

malefícios a qualquer espírito do bem ali presente. Porém, quanto mais medo Fabrízio sentisse, mais rapidamente a informação se perderia. Portanto, os caboclos e Exus apenas tentavam garantir sensação de segurança à Fabrízio. Em contrapartida, os desordeiros de Aluciphel queriam o oposto: provocar medo cada vez maior para que a informação se perdesse antes da chegada ao ponto fronteiriço.

Ao chegarem na fronteira, Fabrízio mantinha apenas as quatro últimas letras do sobrenome do espírito comunicante dos livros. De toda informação revelada, apenas quatro letras foram salvas. E isso não era, sequer, garantia de que ele se lembraria ao acordar. Da horda de Aluciphel que manteve a perseguição, alguns fugiram e outros foram conduzidos a Aruanda pelos caboclos, com os Exus realizando a escolta. O segundo mentor retornou para auxiliar o mentor da caverna com as almas arrependidas. Aluciphel já estava no castelo.

Já no corpo físico, Fabrízio acordou assustado e lembrou do "pesadelo" automaticamente. Recordava que corria, fugindo de alguém ou de alguma coisa; lembrava que sentia muito medo e de uma caverna — até hoje não se sabe de onde ele tirou essa informação, pois não havia nenhuma caverna. Possivelmente o medo projetou cenários que geram gatilhos, através de fobias. Lembrou também de alguém dizendo — e fez o som das quatro últimas letras do sobrenome do espírito

comunicante dos livros. Aquela informação estava salva. Mas como associá-la ao que de fato desejavam? Afinal, Fabrízio possuía apenas quatro letras que poderiam ser qualquer coisa dentro de um cenário de pesadelo.

De volta à colônia devotada ao bem e à paz, os mentores conversavam sobre como aproveitar a situação para que tudo aquilo não fosse em vão. Concluíram que, em primeiro lugar, haviam angariado almas para Jesus, fato que já deveria ser considerado sucesso e muito comemorado. Mas não poderiam perder a oportunidade em revelar a informação, visto que seria um atraso no planejamento. Foram até à Terra e fluidificaram Fabrízio para que contasse o "sonho" a seus companheiros de casa espírita, Anderson e Patrício.

Atuaram para que Anderson, através de sua curiosidade, fizesse cada vez mais perguntas e começasse a suspeitar da intenção por trás de tudo aquilo. Anderson já havia solicitado saber a identidade, mas não revelou a seus companheiros. Havia feito comentários a respeito, mas que não foram muito considerados por Patrício e Fabrízio.

Quando Fabrízio contou o sonho e Anderson foi intuído de que aquela informação poderia ser uma identidade, a percepção dos três amigos foi de comunhão. Pois que Anderson sugeriu aos demais que aquele som emitido por Fabrízio poderia ser um nome, o do espírito comunicante dos livros que

liam. A sugestão fez sentido aos demais e os mentores intuíram Anderson em pesquisas posteriores à conversa, que resultaram no nome completo do espírito em sua última encarnação. A informação foi revelada a Patrício e Fabrízio e confirmada em sessão mediúnica através do intercâmbio espiritual.

Aquele momento foi um marco, pois dali em diante e de maneira consciente, houve um estreitamento de contatos e de relacionamento entre os médiuns encarnados e o mentor espiritual.

Daquele marco, pouco a pouco o mentor da caverna ganhava a confiança dos amigos, que obviamente, não se recordavam sobre quem realmente eram e sobre a última passagem pela espiritualidade. Apenas afinavam-se com o mentor e sua equipe espiritual. Assim, iniciou-se uma série de trabalhos em desdobramento dentro da casa espírita e durante o sono físico no intuito de prepará-los para o embate com Aluciphel, que nesta altura dos acontecimentos, sentia muito próxima sua prisão, mas não se daria por vencido de forma tão fácil.

A energia que sustentava o castelo, por descuidos de Aluciphel, estava minguando e ele não sabia como interromper o processo. Isso lhe dava medo quanto ao futuro, pois que seus adversários trevosos sentiriam fraqueza no ar. Sua única chance era evitar a prisão, vencendo a batalha

contra os mentores e seus antigos comparsas, o que lhe garantiria força perante a comunidade trevosa, mesmo com o término inevitável da rara energia.

Aluciphel pressentia o ataque, pois sabia que, naquele momento, seus antigos comparsas estavam prontos para agir na carne contra ele. Sabia que os mentores planejavam isso. Sua chance de sobrevivência com sua organização do mal era evitar a prisão e fazer com que seus antigos colaboradores, agora médiuns encarnados, caíssem em falhas, sucumbindo a tentações, o que poderia evitar os avanços. O mago negro iniciou processos para afastar os amigos dos trabalhos mediúnicos e da casa espírita. Aluciphel fez de tudo.

Patrício e Fabrízio foram os mais atingidos, por serem os alvos mais fáceis, devido a suas propensões a sexo, bebida, comida e mulheres. Por muito pouco, não comprometeram as sessões, pois em diversos dias chegavam sem condições adequadas ao local de trabalho mediúnico, em face das energias deletérias que carregavam. Em situações normais, não seria possível a realização do trabalho, mas, mesmo a contragosto, o mentor da caverna garantia que a fluidificação necessária para o equilíbrio acontecesse e, por consequência, a realização saudável do intercâmbio mediúnico.

Mesmo com boas intenções, o mentor da caverna se equivocava nesses momentos, pois que, sem querer, de certa forma, incentivava tal

comportamento dos médiuns. Pois que eles sabiam o que tinham feito, sabiam da baixa energia e fraca conexão, mas quando entravam na sala espírita, tudo se transformava. Isso acarretou falta de comprometimento, despreocupação e relaxamento quanto à seriedade nos trabalhos mediúnicos. Mas o mentor da caverna estava tão comprometido na missão que não percebia o prejuízo que causava, mesmo com boas intenções. Isso se estendeu por algum tempo, mas ficou insustentável quando o segundo mentor o alertou do perigo. Por isso, ele suspendeu tais práticas e informou que quem chegasse sem condições dignas teria de se responsabilizar por seus atos.

Em Anderson, Aluciphel alimentava a curiosidade para que fizesse cada vez mais perguntas e não se satisfizesse com nenhuma resposta. Tudo deveria ser explicado e reexplicado várias vezes; tudo deveria ser questionado e argumentado várias vezes, em vários níveis, com novas perguntas decorrentes de respostas que, por sua vez, decorreram de outras perguntas.

Eram intuições muito bem aceitas por Anderson, que sempre gostou de perguntar e questionar, portanto, não lhe parecia ser algo trevoso ou nocivo. Ao contrário, entendia que quanto mais perguntasse, mais seria útil aos trabalhos. Mas essa era uma tática muito ardilosa e eficiente de Aluciphel. Anderson jamais suspeitaria que estava sendo manipulado por ele, tampouco os mentores.

O fato é que fazer perguntas em excesso aos espíritos comunicantes durante os trabalhos mediúnicos, poderia levar os médiuns que as respondiam à exaustão e, sem ter como interromper, começavam a "inventar" respostas somente para satisfazer Anderson. Com isso, conduzindo a conclusões equivocadas.

Mesmo antes desse fato, Aluciphel já o influenciava quando estavam em reuniões fechadas de aprendizado para novos médiuns. Durante o dia, pois que não entrava na casa espírita ou mesmo mantinha contato com Anderson durante os trabalhos, o mago negro o incentivava a levar livros e ler trechos destes durante as reuniões. Eram bons livros, de maneira que ninguém suspeitasse do conteúdo. Mas as constantes interrupções eram cansativas e, por vezes, inoportunas. Tudo isso dava aspecto moroso aos trabalhos e, em muitos casos, os deixava tensos, devido a perguntas, interrupções e leituras extensas. Além das explanações, que mesmo breves, beiravam a pretensão e preciosismo. Aluciphel conseguia, de certa forma, influenciar nos trabalhos, mesmo que timidamente e sem força para grandes consequências.

Durante os momentos em que estavam nas salas espíritas, em sessões fechadas, as sugestões de Aluciphel não eram um grande problema, visto que havia tempo previsto para a execução dos trabalhos. Portanto, os médiuns que levavam

mediunicamente as respostas das perguntas de Anderson, não se cansavam a ponto de parar a comunicação e dar respostas anímicas.

Mas isso passou a ser um problema em um ponto futuro, após a conclusão da empreitada contra o castelo de Aluciphel.

Assim sendo, muito do que Aluciphel fez atingiu aos amigos, mas nada foi bem-sucedido o suficiente, pois que, como grupo, eram fortes, mais que individualmente. Houve resistência, portanto. Aluciphel não conseguia seu intuito, mas não desistia.

Os meses passavam e os trabalhos de preparação com os mentores continuavam. Em desdobramento, eles faziam incursões a regiões trevosas enquanto atuavam como médiuns em sessões mediúnicas dentro da própria casa espírita. O processo realizado chamasse desdobramento da consciência. E foi muito utilizado enquanto os médiuns estavam realizando outros trabalhos em câmaras mediúnicas, com maior parte da consciência ativada.

Importante frisar algo mais técnico sobre o desdobramento da consciência, pouco conhecido no meio espírita. A diferença primária entre desdobramento do espírito e da consciência, é que para esta última não existem limites, ao passo que o desdobramento de espírito causa torpor no corpo

físico. O desdobramento da consciência permite que o médium esteja ativo em dois ou mais trabalhos ao mesmo tempo, estando semiconsciente em um ou mais de um destes.

O mentor da caverna, ainda enquanto conhecido como espírito comunicante dos livros e, depois, já com a identidade devidamente revelada, orientou aos três amigos a respeito desta prática antes de qualquer trabalho ser realizado. Obviamente, eles já possuíam mais entendimento a nível inconsciente para captar tais ensinamentos com maior facilidade. E, evidente, em desdobramentos durante o sono, mesmo sem recordação consciente ao acordar, igualmente recebiam valiosas instruções.

Devido à organização de recursos humanos da casa espírita onde atuavam como médiuns, normalmente Fabrízio era alocado em uma sala diferente de onde Anderson e Patrício estavam. Por tal motivo, a apresentação do conceito de desdobramento da consciência se tornou necessário. Onde poderiam atuar como médiuns nos trabalhos desenvolvidos em suas respectivas salas, mas igualmente, poderiam desempenhar suas tarefas como médiuns atuando junto à equipe do mentor da caverna em incursões a regiões trevosas. Tais incursões serviam de preparação para o avanço contra Aluciphel e o povo do castelo.

Basicamente, a equipe do mentor do castelo, liderada pelo segundo mentor, realizava

mapeamentos nos vales das trevas procurando identificar almas que pudessem ser resgatadas e levadas a locais de tratamento por equipes do bem. Essa, inclusive, era uma das principais atividades comandadas pela dupla de mentores.

Coerente entender que a espiritualidade não necessita de médiuns para esse tipo de trabalho. Apesar disso, a dupla de mentores atuava em vales trevosos cujas faixas vibracionais eram muito mais baixas. Ora, mas sendo uma frequência baixa, como um espírito que possa ser resgatado está em locais como esse? Não estaria ele em igual sintonia? Muitas vezes não. O padrão é o espírito estar na mesma faixa vibratória que o local, mas em muitos casos, isso pode não ocorrer.

Dá-se o mesmo quando um médium ou uma pessoa encarnada bem-intencionada, com hábitos cristãos e conduta moral sem muitos desvios, encontra-se, por razões diversas, em locais cuja frequência vibracional não corresponde com a sua.

A diferença é que no plano espiritual, o espírito que ali se encontra fica perdido sem conseguir meios de sair daquela faixa, por inúmeras razões, sendo o medo o fator mais preponderante para impedir que volte a vibrar corretamente dentro do que pode.

Em casos assim, o auxílio de encarnados pode ser útil, não fundamental, através da doação de

fluidos animalizados, os quais somente eles possuem. A combinação de fluidos animalizados com os fluidos dos espíritos desencarnados torna-se instrumento poderoso para o resgate e proteção contra os espíritos que o tentam impedir. Visto que tal combinação é utilizada para envolver a alma resgatada de forma mais fácil, pois tem melhor aceitação, visto que esta ainda está muito ligada à matéria, por isso assimila melhor a fluidificação quando há fluido animalizado envolvido no processo.

Com isso em vista, ambos os lados poderiam se beneficiar de tais incursões trevosas, que na verdade, eram resgates de almas nos vales das sombras. Um ótimo exemplo de caridade em ação.

Os mentores se beneficiavam duplamente, pois realizavam seu trabalho de resgate com maior facilidade e treinavam os amigos para as ações contra Aluciphel. Anderson, Fabrízio e Patrício, ação após ação, acostumavam-se com os ambientes inóspitos, com a técnica de desdobramento da consciência, com possíveis ações de irmãos trevosos e como defender-se deles. Os amigos foram conquistando rodagem astral nas trevas, de certa forma, angariando experiências importantes para cumprir com suas partes na tentativa de queda do castelo e seu mago negro.

Meses passaram-se dentro dessas atividades, os mentores gostavam da evolução do processo e os

amigos estavam empolgados com os trabalhos. Tudo corria bem e o momento de começar a agir contra Aluciphel e a organização do castelo chegava. Em conversa no plano espiritual, o segundo mentor perguntava ao mentor da caverna:

— Acredita que realmente estão prontos e podem dar conta do que terão de fazer, sem se influenciar demais com todo o processo?

O mentor da caverna respondeu:

— Precisam estar prontos. Realmente não sei se estão. Mas a evolução que demonstram e a vontade de agir são fatores que não podem ser ignorados. Mesmo que não estejam em condições ideais, não temos muito tempo. Precisa ser agora.

O segundo mentor ponderou:

— Isso pode ser perigoso para eles. Estou certo?

Ao que o mentor da caverna respondeu:

— Sim, pode. Mas daremos apoio. Não acredito que nada de ruim possa acontecer enquanto estiverem concentrados no que fazem e levando o processo a sério.

O segundo mentor continuou perguntando:

— E se sucumbirem às vibrações do castelo e os antigos problemas retornarem? Não teremos tempo de consertar e tudo estará perdido... o trabalho de séculos estará perdido. Não é melhor esperar um pouco mais?

O mentor da caverna lhe disse:

— Você está certo quando diz que tudo pode ser perdido caso eles sucumbam a perfis anteriores, através do contato com o lugar onde habitaram há tanto tempo atrás. Mas não podemos esperar mais.

— Isso é um risco.

— Mas temos de correr esse risco. Aluciphel está tentando afastá-los dos trabalhos... ainda não acertou o ponto certo, mas se continuar tentando, vai acertar e, se um sair, perde-se a unidade de grupo e falhamos em nossa missão. O grande problema são as tentativas de Aluciphel.

— Por que não damos um jeito nisso, nós mesmos?

— Não podemos. Eles precisam fazer.

— Eles precisam fazer?

— Sim. E dentro da casa espírita. Não estão prontos para uma ação desse porte fora da vibração do local.

— E como faremos? De uma vez?

— Não. Será passo a passo. Iremos minar as resistências de Aluciphel aos poucos. Isso garantirá embates curtos e mais seguros, o que dará confiança para eles.

— O que planeja fazer?

— Pediremos que nos mostrem o caminho para as celas das masmorras, para libertarmos algumas almas aprisionadas que já possam ser resgatadas.

— Mas nós sabemos alguns caminhos.

— Não todos. Mas o importante é que eles precisam ser parte funcional do processo. E quando nos conduzirem, ativarão lembranças muito inconscientes para isso, claro, antes daremos auxílio com a máquina. Acessar tais registros garante ação específica no projeto contra Aluciphel que, na verdade, será uma ação particular deles contra suas próprias ações do passado. Mesmo de forma semiconsciente, já garante o necessário.

— Isso não será perigoso para eles? Quero dizer, acessar essas lembranças?

— Sim. É um risco, apesar de não ser tanto, pois que eles se lembrarão do caminho, mas não farão ideia do motivo pelo qual lembram. Poderão apenas supor, mas não terão certeza. Portanto, esse contato

com a energia será parcial e isso garantirá a segurança necessária.

— Faremos quando?

— No próximo trabalho na casa espírita.

— Esta casa está sendo importante...

— Sim, no suporte da energia. Sem contar com os trabalhadores desencarnados de lá, que nos apoiam e auxiliam diretamente no projeto. Não fosse por isso, talvez não conseguíssemos.

— Eles estarão preparados para esta ação?

— Creio que sim... realmente não sei... mas temos de fazer. E fazer agora.

Devido a tantas incursões, trabalhos e estreitamento nas relações, naquele ponto, os espíritos de Anderson, Patrício e Fabrízio já se recordavam de partes de seus envolvimentos com Aluciphel e o castelo, mas não de maneira consciente.

Na noite anterior ao trabalho previsto, todos os três foram convocados para uma reunião na colônia espiritual, para serem postos a parte do que seria feito. Isso se deu durante o desdobramento do sono físico. Estavam presentes, não somente Anderson, Patrício e Fabrízio, mas como o mentor da caverna,

o segundo mentor, alguns magos brancos, os guias espirituais dos encarnados envolvidos, os comandantes das falanges de soldados que garantiriam a segurança e trabalhadores desencarnados da casa espírita. Além do dirigente encarnado do trabalho no qual faziam parte e durante o qual se daria a ação em desdobramento de consciência e mais alguns espíritos desencarnados amigos, que se interessavam por eles e pelo projeto.

Após a chegada e com todos em seus lugares, o mentor da caverna iniciou a reunião. Disse:

— Amados e queridos amigos. Obrigado por todos estarem presentes e atentos. Esta reunião marca o início de nossas ações contra Aluciphel e a organização do castelo. Chegou o momento de encerrar este reinado trevoso. E vocês três, meus amigos — dirigiu-se a Anderson, Patrício e Fabrízio. — Serão fundamentais neste processo.

Imediatamente, antes que qualquer outro irmão pudesse dizer algo, Anderson se pronunciou com seus habituais questionamentos:

— Como assim fundamentais? Por que nós, que somos claramente o elo mais fraco desta corrente do bem, somos ou seremos fundamentais? Eu gostaria que o senhor me explicasse isso...

O mentor da caverna, com calma e paciência, tentava explicar os motivos:

— Já explicamos algumas vezes que vocês conhecem o local e...

Anderson o interrompeu:

— Sabemos disso. Conhecemos o local, pois já vivemos lá. Eu, sinceramente, não entendo como podemos ser tão úteis se apenas sabemos que vivemos lá, mas não temos lembrança alguma, apenas a palavra dos senhores de que tudo o que nos contaram é verdade.

O mentor da caverna esperou Anderson terminar e prosseguiu com a explicação:

— Vocês conhecem o local e, por isso, podem nos conduzir pelos corredores do castelo até a masmorra, onde resgataremos muitos prisioneiros que já podem ser retirados de lá.

Anderson o interrompeu novamente:

— Com todo respeito... primeiro que eu duvido que vocês não conheçam esses corredores. Inclusive já retiraram Fabrízio de lá. Segundo, como iremos mostrar o caminho, se não nos lembramos de estarmos lá? Apenas sabemos através de seus relatos. E, caso realmente vocês não saibam os caminhos, como chegaremos? Não

poderemos guiar por lugares que não lembramos como são.

O mentor da caverna calmamente prosseguiu:

— Anderson... lembra-se da máquina que destrava lembranças? Sua velha conhecida de tantas vezes? Pois então... entrarão nela e trechos de suas estadias serão liberadas. Programaremos a máquina, que fez vários avanços dentro desses séculos, para buscar e destravar lembranças específicas dos caminhos até a masmorra. Além disso, resgatamos Fabrízio de outra ala. Pelas informações que temos, os prisioneiros que desejamos resgatar estão em alas que ainda não entramos.

Anderson continuou duvidando, mas prosseguiu com a conversa:

— Sinceramente, eu duvido mesmo que não tenham essa informação, mas enfim... vamos prosseguir e ver no que dá...

O mentor da caverna continuou:

— Obrigado... vocês nos guiarão pelos corredores porque já estiveram lá e conhecem os caminhos. Além disso, doarão fluidos animalizados para os primeiros socorros no próprio local. Isso será possível porque estaremos invisíveis aos olhos dos guardas, pois nos manteremos em vibrações

diferentes, as quais eles não conseguirão detectar. Mas temos de ser rápidos, pois que a faixa vibracional pode ser alterada por qualquer distração ou desatenção e poderemos ser descobertos. Nesse caso, teríamos de entrar em enfrentamento, o que desejamos evitar.

O segundo mentor continuou a explicação:

— Eu estarei dentro do castelo dando suporte. Mas do lado de fora, contaremos com equipes de guardas e magos. Nossos amigos magos brancos garantirão que Aluciphel não capte a movimentação dentro e fora do castelo. Nossa intenção é entrar e sair sem sermos descobertos.

Um dos espíritos desencarnados, trabalhador e venerado mentor de proeminente casa espírita frequentada pelos médiuns e que seria usada de base para que tal ação pudesse acontecer, dirigiu-se ao sorridente e quieto dirigente dos trabalhos mediúnicos que dariam suporte a toda operação:

— Meu filho... querido dirigente... seu papel é de extrema importância. Apesar de não participar no desdobramento, terá a responsabilidade de manter a ordem dentro da sala física e o bom funcionamento dos trabalhos para que não haja interrupções. Devo dizer que todos nós agradecemos sua ajuda, pois no papel de dirigente, poderia vetar a ação dentro de seus trabalhos. Você concorda com tudo isso?

O dirigente, que aparentava extrema alegria, respondeu com tom feliz:

— Mas é claro que sim! Quem sou eu? É claro que podem fazer o que vocês quiserem! Vocês mandam e eu obedeço! Imagina... o senhor perguntar pra mim se pode fazer alguma coisa! Eu só agradeço a Deus por estar participando disso... vai dar tudo certo, vai sim... vocês vão ver... vai, sim...

O mentor da caverna interrompeu:

— Obrigado, irmão... temos boas expectativas também...

O mentor da casa espírita continuou:

— Portanto, com sua autorização, dirigente... daremos prosseguimento à ação. Outros médiuns podem ser utilizados, mesmo que não estejam dentro da sala de trabalho, mas precisam ser previamente selecionados para que eu dê o aval.

O mentor da caverna continuou com as explicações e detalhou toda a ação, em seus pormenores. Ao final, levou os amigos para a máquina que libera lembranças para que o procedimento pudesse ser realizado. Anderson perguntava:

— Mas nós nos lembraremos disso ao acordar? – Referia-se à reunião e às lembranças destravadas.

O mentor da caverna respondeu:

— Não. Não lembrarão.

Anderson reagiu à resposta:

— Então isso não vale de nada! Com todo respeito...

O segundo mentor o interrompeu:

— Com todo respeito, meu caro senhor... valerá sim, pois as ações serão realizadas em desdobramento. Por isso as recordações liberadas sobre os caminhos para as masmorras estarão bem frescas e limpas em suas mentes, mas não na consciência, quando retornarem totalmente a seus corpos físicos após os trabalhos.

Anderson continuou:

— Mas e as lembranças desta reunião? Eu quero me lembrar de algo tão importante... com espíritos de tamanha envergadura moral. Não teremos acesso? Não recordaremos?

O segundo mentor respondeu:

— Não. Não lembrarão.

— Por quê? — Anderson perguntou.

O segundo mentor respondeu:

— Porque não é necessário.

Neste momento, Anderson já iniciava a caminhada até o local onde estava a máquina, mas fez um último comentário a respeito daquele assunto:

— Tudo bem. Se o jogo é assim... não querem dar recordações, então não deem. Mas fica muito difícil. Hoje estamos em um patamar nos trabalhos, mas entendo que isso irá aumentar... se continuarem me negando informações e me travando possibilidades, vai ficar difícil mais para frente... estou só avisando, mas enfim... quem decide são vocês...

Os três amigos entraram na máquina e as lembranças do caminho foram destravadas. Após isso, eles retornaram aos corpos físicos e de nada recordaram ao despertar. O trabalho nas masmorras estava programado para a próxima noite. Bastava somente esperar a hora de agir.

Capítulo 38

Naquela noite, por questões de organização interna da casa espírita, apenas os médiuns Anderson e Patrício puderam dividir a mesma sala mediúnica. O médium Fabrízio trabalhava no mesmo horário, mas em outra sala. Contudo, isso já era previsto e o dirigente da segunda sala também foi avisado, sendo solicitada sua permissão para o cumprimento ideal dos trabalhos.

Durante as ambientações, o mentor da casa espírita dirigiu-se aos amigos, em desdobramento, para lhes transmitir a seguinte mensagem:

— Este e os demais trabalhos que forem necessários para alcançarmos o objetivo, poderão ser realizados com a participação de vocês em desdobramento de consciência. Isto significa que, mesmo que não estejam na mesma sala de trabalho mediúnico, ou mesmo que não estejam dentro da casa espírita em trabalho, poderão tomar parte da ação. No entanto, caso não estejam em condições físicas ou morais de trabalharem, não serão parte integrante.

Dito isto, os trabalhos foram abertos e, cumpridas as premissas obrigatórias da casa, os amigos rumaram em desdobramento de consciência para a região trevosa do castelo, juntamente com a vasta comitiva espiritual. Todos os trabalhadores desencarnados estavam presentes, entre os quais

contavam os da própria casa e outros magos brancos e protetores da equipe do mentor da caverna.

Toda a organização foi feita de acordo com o planejado pelos mentores e todos assumiram seus lugares. O mentor da caverna, assessorado pelos magos brancos da equipe, que incluía o segundo mentor, geraram o disfarce fluídico. Com isso, os amigos poderiam entrar no castelo sem serem percebidos, assim como aqueles da equipe que os acompanhasse. Porém, esse disfarce poderia ruir a qualquer momento, por falta de concentração dos médiuns, desatenção ou até mesmo descrença no que estava sendo feito, entre outras razões. Que poderiam ser por méritos da guarda do castelo ou do faro de Aluciphel, que estava sendo monitorado por magos brancos para que isso fosse evitado.

Agentes infiltrados no castelo, de aparência trevosa, mas que também respondiam ao mentor da caverna, abriram uma entrada secundária e lateral para que os amigos, o mentor da caverna, o segundo mentor, outro mago branco e alguns guardas de proteção pudessem entrar, além de um pequeno grupo de enfermeiros.

Daquele momento em diante, Patrício, aquele que estava mais familiarizado com as masmorras, tomou a frente do grupo e os conduziu com facilidade até a chegada ao local, através de

corredores tenebrosos, que mais pareciam labirintos.

Eles pararam no acesso principal, o alto de uma escadaria de aproximadamente duzentos degraus, pois lá de cima, era possível ver o hall principal das masmorras repleto de guardas. Patrício cochichou ao mentor da caverna:

— Tem certeza de que não podem nos ver?

A resposta do líder da ação foi:

— Sim. Enquanto estivermos com a concentração ativada, não temos com o que temer.

O segundo mentor orientou:

— Vamos descer. Quando chegarmos lá, vocês se dirijam às celas com os enfermeiros. Nós tomaremos conta da guarda. Quando estiverem diante às celas, os enfermeiros saberão o que fazer.

Neste ponto, os trabalhos mediúnicos fluíam bem dentro das salas onde estavam os amigos, que apesar de terem a maior parte da consciência no espaço físico, mantinham a concentração e conseguiam atuar com tranquilidade no desdobramento astral. Porém, até ali tinha sido fácil. A parte difícil iria começar.

Do lado de fora, magos brancos monitoravam Aluciphel e o mago negro não demonstrava sinais de que poderia perceber a ação.

Bem devagar, os amigos desceram a escadaria liderando a equipe. Ao chegarem ao hall, pararam. Patrício apontou para o local das celas onde estariam as almas que desejavam libertar, pois pelo perfil indicado pelo mentor da caverna, aquele grupo de celas abrigava determinado tipo de prisioneiro. Os amigos e o grupo de enfermeiros dirigiram-se para lá, enquanto o restante do grupo ficou no hall cuidando da guarda.

Era evidente a tensão e os amigos descuidaram-se um pouco da concentração dentro das salas mediúnicas. Isso provocou uma espécie de ruído na frequência vibratória no desdobramento e ameaçou a invisibilidade aos olhos da guarda, que chegou a sentir algo estranho no ar. Porém o segundo mentor agiu rápido, fluidificando os amigos ali mesmo, enquanto o mentor da caverna comunicava-se com o grupo desencarnado nas salas da casa, pedindo para que fizessem o mesmo nos corpos físicos dos médiuns. Com este procedimento sendo executado rapidamente, a concentração voltou, com ela a estabilidade na frequência e a guarda retirou as suspeitas. Eles prosseguiram.

Patrício liderava o grupo por mais corredores e escadarias para baixo, em busca de mais almas. O castelo, se pudesse ser comparado a edificações

físicas da Terra, teria cerca de cinquenta andares subsolos.

Quanto mais desciam, mais escuro e tenebroso ficava. Fabrízio demonstrou certo medo, pois guardava péssimas impressões de lá, uma vez que já havia sido preso e torturado no local. Essa proximidade com aquele passado causou desequilíbrio na corrente vibratória e provocou nova suspeita na guarda de que algo estava errado. Mas dessa vez, alguns soldados foram destacados pelo comando para verificar de onde vinha aquela interferência. Os magos agiram retornando à concentração com os mesmos movimentos de antes. Mas a guarda já estava a caminho para verificar e tomaram o rumo de onde estava a equipe, pois de lá que vinha a interferência que deveriam investigar.

Anderson foi avisado mentalmente pelo mentor da caverna. De pronto, ele pediu a Patrício que fosse o mais rápido que pudesse, pois a guarda estava chegando. A equipe literalmente correu para as celas e não demoraram a chegar. Tinham algum tempo, uma vez que os guardas caminhavam, mas chegariam.

Se a concentração fosse mantida, tudo daria certo e sairia como planejado. Mas a tensão havia aumentado consideravelmente e não era mais possível manter a invisibilidade dos médiuns em desdobramento. Os enfermeiros, a partir deste novo

cenário, passaram a fluidificar alguns prisioneiros a partir de fluidos próprios, dos amigos e de outros médiuns em trabalho na casa espírita. Contudo, não seria mais possível resgatar todas as almas, devido ao tempo escasso. Mesmo assim, os enfermeiros fluidificaram a todos, aliviando o sofrimento. Alguns prisioneiros, sequer os percebiam de tão mal que estavam. Somente um pequeno grupo conseguiu ser resgatado.

O mentor da caverna e o segundo mentor surgiram no local antes dos soldados. A ação foi rápida e permitiu a retirada estratégica dos médiuns que, sem demora, retornaram integralmente às salas mediúnicas de trabalho e em segurança.

Os enfermeiros juntamente com os resgatados, também foram deslocados para fora do castelo. De onde partiram com magos brancos para uma colônia espiritual de amparo e cura.

Os guardas chegaram, detectaram uma movimentação estranha e logo perceberam a ausência de alguns prisioneiros, mas não viram os mentores, que já haviam saído do castelo. O alarme foi soado e Aluciphel deu um salto de seu trono, pois finalmente sentira a vibração diferente dentro de seus domínios.

A equipe do bem conseguiu sair ilesa, embora sem cumprir com o planejado. A missão fora parcialmente executada.

Previsivelmente, Aluciphel ficou irritadíssimo com a ousadia do bem. Após todo acesso de fúria que teve, tramou um plano igualmente ousado e não mediria esforços para impedir ações futuras da equipe do mentor da caverna. Pois que já tinha plena convicção de que o objetivo dos falangeiros do bem seria destruir o castelo e o tirar de circulação no astral. E, fundamentalmente, sabia que as chances do bem eram altas. Portanto, deveria agir rápido e sem limites.

O plano consistia em atuar na casa espírita e em todos os seus médiuns. Pois se não conseguia agir com eficiência nos antigos comparsas, poderia atuar em outros médiuns e trabalhadores da casa, no intuito de dificultar as coisas para os amigos da equipe do mentor da caverna.

Os trabalhos terminaram nas salas mediúnicas e algo foi possível ser levado ao consciente dos médiuns, mas não muito. Perceberam que haviam participado de algum tipo de trabalho nas trevas, mas não sabiam dizer exatamente qual. Os mentores da casa, assim como da equipe, não se pronunciaram e, dessa forma, os amigos não conseguiram levar a suas mentes conscientes o desenvolvimento do trabalho.

A nova postura de Aluciphel, que naquela mesma noite ordenou ataque total à casa espírita e a todos que frequentavam e trabalhavam no local, fez

com que um novo plano do bem precisasse ser traçado. Uma guerra havia sido declarada.

O novo planejamento do bem incluía cautela, bastante cautela. O prazo para o desmonte do castelo havia se perdido, visto que uma ação do mago negro contra a casa espírita e todos que nela entrassem não foi tida como previsível. Portanto, a ousadia das trevas nunca deve ser subestimada. O novo plano contemplava meses e muitos outros trabalhos, dentro e fora da casa.

Após dois trabalhos na casa espírita sem incursões às trevas, tempo utilizado para readaptar o planejamento, os mentores reuniram-se com os amigos em desdobramento do sono. Apenas a dupla de mentores, os amigos e seus guias estavam presentes. O mentor da caverna iniciou:

— Irmãos, vos saúdo.

Mas foi interrompido por Anderson, habitualmente contrariado:

— Pode parar com a palhaçada! Levaram a gente sem necessidade pra fazer aquele circo e ainda deixaram almas nas masmorras! E agora abre a reunião com discurso pomposo... faça-me o favor...

Após o término das considerações de Anderson, às quais os mentores e guias ouviram pacientemente, o mentor da caverna continuou:

— Sejam bem-vindos a este espaço seguro.

Os mentores optaram apenas por ignorar os bravejos de Anderson. O segundo mentor continuou:

— Realizamos o replanejamento e desejamos compartilhar com todos. Contudo, antes disso, precisamos renovar os votos de comprometimento de vocês três, visto que a atual situação nos compele a isto. Aluciphel já sabe de nossas intenções e busca o ataque indiscriminado a quem entrar naquela casa espírita. Continuar, representa perigo a todos, não somente a vocês. Parar agora seria frear acenando bandeira branca ao castelo, mas mantendo a salvo todos que hoje estão em sua mira. E, nesse caso, perdemos tempo, sim, mas protegemos um número maior de encarnados e desencarnados para buscarmos um novo plano em momento mais propício. Mas, caso aceitem, precisam entender os riscos a todos os envolvidos, direta e indiretamente.

Anderson já estava iniciando sua fala, mas foi interrompido pelo mentor da caverna:

— Irmão, por favor. Tente se conter. Desejamos ouvir primeiramente a opinião de Fabrízio.

Mas até nisso, Anderson discordava:

— Mas por que ele primeiro?

Com paciência, o mentor da caverna explicou:

— Porque ele sempre opta com a decisão da maioria, secularmente é assim. E nós acabamos por nunca o escutar realmente e ficamos sem saber o que pensa e acredita. Se vocês dois falarem antes, ele vai optar junto com a decisão de vocês.

Mesmo contrariado, Anderson se calou e o segundo mentor fez sinal para que Fabrízio se posicionasse. Muito tímido e constrangido, ele iniciou:

— Obrigado, irmãos. É muito bom estar aqui. Mas... eu realmente não sei o que dizer. Ambas as opções me parecem boas.

Contudo, o segundo mentor não aceitava esse posicionamento neutro:

— Querido irmão, não há mais tempo para omissões. Diga-nos o que pensa e escolha uma opção. Não haverá julgamentos, apenas entendimento.

Mesmo sem saber o que dizer, Fabrício expressou seus sentimentos:

— Irmãos, entendo que parar a ação agora seria benéfico para muitos e seria ruim para nós. Nesse ponto, entendo que estaríamos nos sacrificando. Mas, ao mesmo tempo, continuar a ação seria sacrificar aos outros, que nada tem com isso. Mas também entendo que Aluciphel está fraco agora, fragilizado, ferido em sua arrogância. Frear nossos avanços nesse momento seria dar tempo para que se recomponha, o que poderia ser fatal para nossas pretensões, mesmo expondo outros irmãos. Então, minha opinião é continuar. Mas com a garantia que a espiritualidade fará todo o possível para proteger a casa, seus trabalhadores e frequentadores.

Anderson fez expressão de concordância e surpresa, enquanto o segundo mentor dizia:

— Muito bem colocado, Fabrízio. Parece que não somente Anderson sabe pensar.

Nesse ponto, Anderson voltou a ter a palavra:

— Concordo com Fabrízio, mas não faço as mesmas palavras dele como minhas, porque diria muito mais verdades sobre esse episódio...

Na pausa de Anderson, o mentor da caverna prosseguiu:

— Bem, já sabemos sua opinião também. Nos falta ouvir Patrício. Deixando claro, irmão, que não

precisa participar junto com os demais. Pode optar por parar, mesmo com o trabalho seguindo.

Patrício apenas respondeu:

— Concordo com Fabrízio. Vamos continuar.

Com o aval dos três, os mentores repassaram todo o planejamento e novas etapas seriam iniciadas já a partir da próxima noite, durante o desdobramento do sono, visto que não estariam nos trabalhos mediúnicos da casa espírita.

Contudo, antes, os mentores trataram de salientar que todas as garantias possíveis foram conseguidas para proporcionar a segurança aos frequentadores. Mas os médiuns trabalhadores da casa entrariam em período de provação, visto que não poderiam blindá-los de sugestões trevosas, às quais responderiam dentro de seus desejos. Evitar que agissem dentro de suas vontades, seria ferir seus arbítrios.

Na próxima noite haveria resgate de almas ligadas ao castelo, mas em seu perímetro, não ultrapassariam, portanto, os muros de Aluciphel.

Tendo isso em vista, o mentor da caverna e sua equipe realizaram todos os preparativos necessários para que não houvesse falhas no trabalho, uma vez que o mago negro poderia intervir diretamente, por estarem tão perto de seus domínios.

O fato é que os mentores sabiam das intenções de Aluciphel naquela noite específica: queria incursionar à Terra onde lideraria um ataque à casa espírita. Mas não de forma a proceder com a invasão propriamente dita, visto que isso configuraria em ação excessivamente danosa e passível, portanto, de captura imediata.

Os planos de Aluciphel consistiam em, de certa forma, bombardear a casa exteriormente, causando danos em sua magnetização do bem, de tal maneira deixando-a mais acessível a vibrações inferiores. Seria um ataque em massa, utilizando-se de grande parte de seu poderio. Os planos dos mentores não consistiam em angariar almas enquanto o mago negro não estivesse olhando. Mas, ao contrário, era evitar que o ataque trevoso acontecesse, utilizando-se da máxima que professa que o ataque é a melhor defesa. Os mentores sabiam das intenções de Aluciphel, mas não o contrário. O mago negro entendia que a equipe liderada pelo mentor da caverna estaria aguardando seus movimentos para agir defensivamente, uma vez que Aluciphel tinha absoluta certeza de que o bem sabia de suas intenções em atacar a casa espírita, o que era verdade. Aluciphel apenas ignorava como o bem agiria. E não seria esperando.

A ideia era iniciar os trabalhos antes da incursão de Aluciphel. Porque, nesse caso, o mago negro ficaria em seu território ocupando-se com as visitas indesejadas, ao menos para ele. E, posteriormente,

os mentores entendiam que Aluciphel poderia atacar, mas não com todo seu poderio, como planejava, visto que iria temer outra ação do bem enquanto estivesse fora. O castelo teria de ser protegido por ele mesmo, sabia disso. Então, sair para atacar e perder o castelo não seria uma boa estratégia. E, mesmo que o castelo não fosse destruído, Aluciphel temia pela energia que mantinha tudo aquilo de pé. Os mentores tinham convicção que a ação daquela noite era fundamental para todo o porvir.

Como o trabalho para os médiuns se daria durante o sono e os mentores desejavam iniciar antes das ações de Aluciphel, as atividades do bem começaram enquanto Anderson, Fabrízio e Patrício ainda estavam acordados. Eles seriam levados até lá com o trabalho já em andamento.

Bem antes da abertura dos trabalhos da noite na casa espírita, a movimentação dos falangeiros do bem se iniciou. Era sabido pelos mentores que Aluciphel planejava atacar no início da noite, horário que mais médiuns e frequentadores circulariam pelo local. E, não somente isso, normalmente os médiuns que trabalham na casa espírita à noite, em sua maioria, tem seus empregos e rotinas durante o dia. Atividades estas que podem causar desconexão energética naturalmente, sendo novamente energizados quando chegam ao centro espírita. O mago negro desejava aproveitar desse momento, em que mais médiuns chegariam com

baixa energia e desconexão, devido a problemas pessoais. E, pior que isso, ainda planejava obsediar alguns médiuns escolhidos diretamente por ele durante o dia, para que chegassem com ideias tortas e, obviamente, sem sintonia com a energia da casa. Portanto, a partir das 18h, no horário da Terra, as ações se intensificariam contra a casa espírita. Mas, já estariam em curso desde cedo, com obsessores junto a alguns médiuns.

A equipe do mentor da caverna e a equipe espiritual da casa espírita em questão, entenderam que não poderiam agir contra os obsessores diretamente ou alertariam ao mago negro. O plano era deixar que os médiuns ficassem com seus guias, pois somente aceitariam sugestões às quais nutriam interesses. Sem dúvida, é certo, ao chegarem na casa espírita, teriam todo o amparo e seriam fluidificados e tratados devidamente, onde qualquer vibração negativa seria afastada. Caso não fossem ao trabalho naquela noite, por alguma razão, seriam fluidificados de igual maneira, mas em seus lares. Nenhum médium seria desamparado.

O perfil de médium escolhido por Aluciphel deveria ser alguém com influência nos demais, que participasse em sessões fechadas e mostrasse interesse por vícios que pudessem causar desequilíbrio rapidamente, como o sexo para médiuns casados, por exemplo. Uma simples sugestão poderia ser o suficiente para uma traição ao casamento antes do trabalho mediúnico. Essas

escolhas, caso acontecessem, não poderiam ser descartadas pela espiritualidade, mas, certamente, teriam o apoio para reverter a possível queda devido às sugestões trevosas.

Durante o dia, os planos de Aluciphel transcorriam sem importunações por parte da espiritualidade. Somente os guias dos médiuns atacados atuavam. E, caso os médiuns entrassem em oração pedindo auxílio, este seria dado. Mas isso não aconteceu, pois todos os médiuns influenciados caíram em tentação. De bom grado. Isso, inclusive, fez Aluciphel não suspeitar do plano dos mentores, visto que sabia que as falanges do bem somente iriam atuar caso o encarnado pedisse ajuda, o que não aconteceu. Então, para o mago negro, tudo estava de acordo com o padrão.

Pouco antes da saída da horda trevosa, liderada pelo próprio mago negro, a equipe do mentor da caverna já estava nas proximidades do castelo agindo em alguns irmãos necessitados. Com a rápida identificação por parte dos vigias do castelo, Aluciphel foi prontamente avisado e se espantou com aquela nova ousadia. Mentalmente, verificou ele mesmo quantos integrantes seriam na equipe do bem. Somente viu os dois mentores e alguns enfermeiros atuando, sem maiores guardas. Vasculhou pelo perímetro onde estavam e tampouco achou mais falangeiros.

Já estava na hora de ir à Terra, mas não poderia perder a chance de atacar os mentores que, para ele, estavam desprotegidos. Quando ordenava que parte de suas tropas avançassem com ele próprio de comandante, os mentores já haviam captado as vibrações e, mentalmente, deram o sinal para o restante dos falangeiros agirem. Aluciphel e seus comandados ainda estavam dentro dos muros do castelo, mas foram surpreendidos com um enorme clarão aberto na escuridão de onde saíam centenas de falangeiros do bem.

Novamente, caboclos, pretos-velhos, Exus, falanges de guerreiros medievais — munidos de atabaques, trombetas, estandartes, cachimbos, charutos, cigarros de palha —, entoavam cânticos de proteção enquanto encantados rodopiavam cobertos de palha, como se fossem piões frenéticos. O rodopio destes liberava uma forte energia de contenção, sendo manipulada pelos magos brancos, que as combinavam com as energias liberadas pelos cânticos, pelo som das trombetas e dos atabaques, de maneira a selar o castelo, tornando impossível, mesmo para Aluciphel, sair de lá enquanto a energia permanecesse. A ideia era manter todos dentro do castelo, sem poder para realizar nenhuma ação até que os trabalhos no centro espírita terminassem, aproximadamente, depois das 22h.

As trombetas soavam incessantemente e os muros estremeciam somente com a vibração que

delas saía; os atabaques ecoavam muito além dos perímetros do domínio de Aluciphel — sua energia pulsante blindava as tropas do bem de ataques externos ao castelo. Os guerreiros medievais formaram uma barreira circular em volta dos muros; os pretos-velhos se mesclavam aos magos brancos na manipulação das energias; os Exus e caboclos rondavam pelo entorno não permitindo que nada pudesse se aproximar, que não fosse energia do bem. Enquanto isso, a equipe composta pelos mentores e enfermeiros, calmamente, permanecia fazendo seu trabalho de auxílio aos necessitados.

Aluciphel ardia em ódio dentro das dependências do castelo. Tentava lançar bolas de fogo em seus próprios portões para conseguir sair, mas nada surtia efeito. Em sua ira, arremessava seus próprios homens contra os muros na tentativa de derrubá-los, mas claramente, nada poderia ser mais forte que o exército combinado montado pela equipe dos mentores e da casa espírita.

Enquanto isso, na casa espírita, os franciscanos da falange de Frei Joaquim refaziam toda a proteção fluídica, reforçando-a. Eram esforços valiosos para redobrar a proteção. Mas o que a manteria seria as ações dos encarnados dentro da casa: suas condutas morais, seus valores aplicados na prática e suas reais intenções.

Falamos de pessoas falíveis. Naturalmente, erros de cunho moral são cometidos. Mas a cada um destes, praticados nas dependências do centro espírita, mais uma baixa na energia de proteção da casa acontecia. De tal maneira que, de tempos em tempos, tudo deveria ser refeito pelos franciscanos. Esta não seria uma exceção.

Os médiuns obsediados durante o dia compareceram aos trabalhos — o que indicava falta de senso crítico —, pois todos haviam cometido graves falhas morais. No entanto, suas posturas ao chegarem à casa eram de ilibada conduta. Mas isso é história para muitos outros livros.

Todavia, foram tratados conforme prometido e devidamente fluidificados, o que lhes permitiu desempenhar seus papéis corretamente durante os trabalhos mediúnicos daquela noite. Contudo, melhor seria se fossem à casa espírita, mas se abstivessem do trabalho, preferindo se recolher em prece para purgar os atos pecaminosos do dia. Ou ainda, mesmo entrando nos trabalhos, mas que permanecessem em silêncio, apenas em postura de receber. Mas ao contrário disso: todos falaram bastante, agiram bastante, orientaram bastante.

Mesmo após as 22h da Terra, com a consequente aproximação do término dos trabalhos mediúnicos na casa espírita, as ações no perímetro do castelo não cessavam. Ainda ficariam por muito mais tempo naquele ritmo.

O primeiro dos amigos a chegar, escoltado por seu guia, foi Fabrízio. Logo em seguida, foi a vez de Anderson e Patrício, igualmente acompanhados de seus bons amigos espirituais. Foram encaminhados ao mentor da caverna depois de reunidos. Quando estavam todos apenas o aguardando, este interrompeu momentaneamente seu trabalho como socorrista, calmamente foi até os amigos e lhes disse em tom pacífico, porém firme:

— Isto é o que o bem pode proporcionar. E muito mais, jamais duvidem. Angariamos almas; protegemos a casa espírita, seus frequentadores e trabalhadores, encarnados e desencarnados; contivemos as hordas trevosas; tratamos os médiuns que sucumbiram à obsessão hoje; interrompemos as pretensões maléficas de Aluciphel; minamos seus planos e o encurralamos. E tudo isso sem nenhuma agressão, sem nenhum ferimento, sem nenhuma forma de violência. Anderson, você está certo quando diz que não precisamos de vocês. Mas tudo isso que podem ver também contém o objetivo de auxiliá-los, de protegê-los e apoiar na missão contra o degredo. Portanto, vocês devem participar. Mas de boa intenção, com alegria e entusiasmo. É de fundamental importância que se envolvam nos processos com potência de agir, com vontade, com garra. Errar, nós erramos. Mas sempre entendemos que o melhor caminho é fazer. Se ficarmos apenas questionando e apontando os defeitos, podem parar por aqui mesmo, agora, de forma definitiva e

irrevogável e aproveitar o restante da encarnação com os prazeres da matéria que lhes interessa, aguardando apenas o degredo chegar. Mas se ainda querem lutar contra esse déspota trevoso e, fundamentalmente, lutar contra suas más inclinações, no caminho da reforma íntima, lutar a favor de si mesmos contra o degredo planetário, renovem a alegria, a motivação e a crença no Deus Vivo diariamente, rotineiramente e larguem as dúvidas morais, descrenças no processo, inquietações pequenas e mesquinhas e murmúrios chorosos e infantis. O momento é agora. Ou continuam aqui e apenas admirem e amanhã retomamos com energia diferente ou podem ir agora mesmo, retornem a seus lares e às suas vidas.

Nenhum dos três se mexeu ou disse alguma coisa. Foi uma das raras vezes em que Anderson se calou.

O cerco ao castelo durou por toda a madrugada e com a presença silenciosa dos amigos, que apenas participaram como observadores. Daquela data em diante, vários resgates foram feitos em situações parecidas com aquela, dentro e nas redondezas do castelo. Todos com arsenal mais potente, com maior contingente de espíritos e com maior proteção sobre os amigos, que participaram de todos, com exceção de alguns trabalhos na casa. Mas somente em casos de falta por força maior ou doença no corpo físico. E para os casos de desdobramento durante o sono, poderia haver faltas

devido a compromissos com outros mentores. Portanto, muitos trabalhos, dentro e fora da casa, foram realizados com dois dos médiuns ou até mesmo com apenas um dos amigos. Mas sempre havia um representante do grupo atuando contra o castelo.

Contudo, o mago negro ardia em ódio e o sentimento de vingança apenas crescia. Mas apesar disso, a maior vitória do bem foi frustrar Aluciphel em sua vontade de atacar diretamente a casa em um ataque grandioso, o que poderia ser terrível. Mas esses ataques aconteceriam e de forma intensa. Na casa e em seus trabalhadores encarnados, que eram considerados o elo mais fraco dessa corrente protetiva.

Mas ao invés de uma única ação inicial, violenta e massiva, como planejava anteriormente, Aluciphel não tardou a começar os ataques de forma similar ao que fez no convento franciscano: atuando sobre os médiuns, um a um, para que estes entrassem com energias baixas e vibrações equivocadas na casa espírita.

Era um trabalho lento, mas potencialmente prejudicial. Latejante como um organismo vivo, alimentando vários outros em sintonia análoga, como em uma cadeia nociva que começou pequena, mas ganhava corpo e força a cada dia, a cada médium que atendia às sugestões trevosas.

E conseguia um excelente resultado. A casa espírita conseguia blindar seus muros, mas não conseguia, por razões óbvias, proteger todos os seus médiuns trabalhadores fora de seus limites. Isso porque estes cediam espaço para induções mentais trevosas e, por conta do livre arbítrio, os mentores da casa não conseguiam defendê-los, somente porque eles exerciam suas vontades, ouvindo os espíritos maliciosos.

Isso fez com que, enquanto estivessem fora dos muros da casa, ouvissem sugestões e orientações de comandantes do castelo e, em alguns médiuns selecionados, do próprio mago negro. E ao retornarem para a casa, para os trabalhos mediúnicos, os médiuns estavam impregnados de fluidos, vibrações e tendências negativas e trevosas.

A casa começou a ser tomada. O ambiente ficava potencialmente perigoso.

Certo dia, na casa espírita, os amigos estavam reunidos no pátio que praticamente fazia divisão entre o muro baixo da frente da casa e os acessos principais. Eles observavam o enorme emblema da casa estampado externamente na grande parede principal, como se fosse um letreiro, um grande cartão de visitas. Patrício e Fabrízio, através de suas mediunidades de vidência, puderam constatar que, do emblema, eram emanadas energias que não correspondiam com vibrações que uma casa espírita deveria projetar. Sendo estas, um

considerável reflexo da capilaridade que Aluciphel e sua horda já conquistavam naquele local. Os amigos confirmavam entre si, através de suas mediunidades, para garantir se o que estavam vendo e sentindo era mesmo verdade. De todas as formas de confirmação feitas, nenhuma apontou a primeira impressão como falsa. Ficaram atônitos, pois que, além de uma grande ousadia da parte trevosa, tomar o emblema da casa e o fazer vibrar com energias deletérias era algo muitíssimo sério, significando que Aluciphel já havia se espalhado rapidamente na casa espírita.

Os médiuns influenciados estavam levando ideias trevosas absurdas para dentro da casa, mas disfarçadas de novidade ou relevância. De modo que tais ideias tomavam o lugar de bons hábitos, uma vez que esses médiuns eram ouvidos e influentes. As ideias se espalhavam velozmente, porque, se o médium que propôs fora inicialmente influenciado, o médium que escutou e aceitou, também se influenciou da mesma maneira.

Os guias da casa tentavam se comunicar com esses médiuns para que se demovessem de tais ideias, lendo mais o Evangelho na abertura dos trabalhos; que se demorassem mais nas leituras de ambientação; que as preces de abertura fossem mais concentradas, mas tudo era em vão. Pois os médiuns em questão estavam iludidos, admirados com suas brilhantes ideias e aspirações.

Porque, além das ideias de novidade e relevância, os obsessores alimentavam as aspirações de poder naqueles e em outros médiuns, para que buscassem com mais ousadia os postos hierárquicos disponíveis na casa. E isso era ainda mais difícil para os guias e mentores combaterem, pois o orgulho e vaidade são as formas mais fáceis de se obsediar o homem encarnado. Aqueles que sofriam com essas sugestões, já guardavam em si vontades de, algum dia, se tudo desse certo, concorrer a algum cargo ou se voluntariar a algo que desse mais visibilidade dentro da casa, em seus entendimentos. Mas nunca tomavam nenhuma postura, visto que havia o respeito com quem já ocupava o posto almejado. Mas, a partir das sugestões bem colocadas pela horda do mago negro e, por vezes, por ele próprio, estes médiuns passaram a sentir uma grande impaciência em conseguir os cargos, não importando quem os ocupava ou se haviam tomado posse recentemente. Fariam força para derrubá-los, se fosse necessário.

E a confusão se fez, porque muitos surgiram com mais ideias, maiores e complexas, para defender suas aspirações a cargos de poder e visibilidade dentro da casa espírita, de maneira que os trabalhos mediúnicos foram relegados à segunda importância. Era mais urgente tecer alianças através de conversas aviltantes nos corredores da casa, que estar em sessões fazendo preces bem-intencionadas e concentradas; era mais urgente cometer maledicências contra o irmão dirigente,

muitas vezes com inverdades, que prestar atenção à ambiência da casa, ouvindo os mentores do lugar.

E, dessas maledicências com verdades e inverdades, muitos assuntos sobre desvio de verbas e apropriações indevidas, de imóveis adquiridos através de doações de frequentadores, eram recorrentes e "esquentavam" os corredores, onde ninguém mais se importava ou tinha tempo de olhar o ambiente espiritual da casa.

A casa, espiritualmente falando, estava ficando abandonada, pois a considerada "nata" dos "grandes" médiuns estava ocupada demais com seus golpes políticos, suas vaidades, ideias revolucionárias e aspirações de poder. Como ouviriam a algum mentor? Como algum mentor poderia intervir sem ferir o livre-arbítrio? Dessa forma que o emblema foi tomado e usado como polo emissor trevoso. Através dos próprios trabalhadores, como uma espécie de cavalo de Tróia, a casa espírita havia sido tomada por Aluciphel.

Os amigos começavam a entender melhor a gravidade da situação e percebiam que outros médiuns, igualmente bem-intencionados, também enxergavam que algo não estava bem. Eles conversavam a respeito nos corredores da casa, mas de forma tímida e em tom baixo, para não serem descobertos. Pois havia quem, ingenuamente, compartilhasse suas suspeitas com médiuns

infectados pelas sugestões trevosas, uma vez que eram referência local. Mas estes ingênuos, eram rapidamente taxados de mistificados, anarquistas, agitadores, revolucionários ou até mesmo de mentirosos. Não havia, pois, como defender os trabalhadores da casa. Mas os mentores podiam defender os frequentadores. E assim o fizeram.

Uma redoma energética protegia a casa espírita em toda sua extensão, de forma que os espíritos da horda trevosa não conseguiam ultrapassá-la e, consequentemente, invadir o local. Eles ficavam do lado de fora, debochando e fazendo ameaças aos mentores e até mesmo a alguns encarnados. Mas os frequentadores e trabalhadores sérios e de bom coração, eram fluidificados ao passarem por tal redoma, que servia também como termômetro, pois media as intenções e energias deletérias de quem a cruzasse. Caso fosse alguém infectado pelas sugestões trevosas, ganhava igualmente a fluidificação, mas esta escorria pelo perispírito como água na pele. Mas caso fosse alguém íntegro ou buscando auxílio, era fluidificado duplamente, de forma a ser "blindado" nas sessões contra possíveis ações dos médiuns atordoados pela ganância. Para os videntes que estavam equilibrados, era possível enxergar os pequenos demônios exclamando impropérios e se batendo contra a redoma energética, ameaçando todos que estavam do lado de dentro. Quando os frequentadores e os médiuns que não participavam do conluio com as trevas passavam novamente pela

redoma, mas para sair da casa, recebiam nova proteção, de maneira que estes desordeiros astrais nada pudessem cometer.

Os mentores da casa podiam, portanto, proteger quem estava escolhendo o caminho do bem. Mas nada podiam fazer com aqueles que optavam pelo caminho da ilusão, da ganância e da vaidade, sob pena de ferir seus arbítrios.

Aluciphel selecionou bem os médiuns nos quais estava agindo. Além da casa estar em alerta, com espíritos trevosos do castelo cercando seus muros e tentando invadi-la, o mago negro conseguia entrada através destes trabalhadores em quem atuava diretamente. Eram médiuns antigos e respeitados, com grande influência no comando e nas decisões da casa espírita. Isso foi um grande problema.

Aluciphel influenciou tanto esses médiuns, que mesmo após sua captura e, consequentemente não ter mais tal controle, eles continuaram a agir como se ainda estivessem sob seu comando.

O mago negro percebia que tinha a casa sob seu suposto controle, pois não atingia aos amigos, que permaneciam firmes e atuantes na equipe do mentor da caverna, sendo ameaças reais ao castelo e a ele mesmo. Deveria, portanto, tomar ações mais fortes contra Anderson, Patrício e Fabrízio. E a ordem foi perseguir os amigos.

Aluciphel fomentou nos médiuns que estavam sob suas sugestões, que passassem a contestar as mediunidades dos três amigos. A ordem era fazer com que seus interesses fossem considerados trevosos, objetivando que saíssem da casa e, com isso, ficando mais expostos sem a proteção dos mentores do centro espírita — o que jamais aconteceria, pois mesmo que os amigos saíssem por esse motivo, os mentores da casa estariam com eles —, mas Aluciphel não imaginava isso.

Os médiuns sob controle de Aluciphel passaram a comentar com os demais e para o comando da casa, que os amigos estavam trabalhando de forma suspeita. A alegação é de que estariam atuando sem a presença de seus guias, os quais teriam se afastado por conta da associação dos médiuns com espíritos mistificadores e, portanto, falsários e de baixa vibração. Reitero: mesmo depois da captura de Aluciphel, tal comportamento permaneceu.

Houve uma espécie de perseguição aos amigos, que se mantinham firmes, porém desconfiados. A notícia se espalhava e todos os outros médiuns que com eles trabalhavam, também ficaram sob suspeita.

A administração desencarnada da casa permitiu que tal comportamento existisse por questões internas e para que todos passassem por suas provas e testes — incluindo os mistificados e a própria direção encarnada. Mas garantiram alguma

proteção para os amigos durante os trabalhos, ao menos até que Aluciphel fosse capturado. Foram momentos difíceis, espiritualmente falando, pois mesmo que alguns atritos existissem no plano físico, não era nada que pudesse intimidá-los. Mas no astral, havia muitas dificuldades.

No entanto, o castelo estava sendo minado. Pois muitas outras salas mediúnicas e sessões públicas, mesmo sem a consciência de seus médiuns, passaram a atuar visando o desmantelamento do castelo e do reinado trevoso de Aluciphel.

O mago negro fazia contas. Acuado pelas forças do bem em seu próprio território, foi audacioso e declarou guerra à casa espírita, no que foi muito exitoso. Entretanto, em relação ao objetivo principal — que era atingir aos amigos e parar a ameaça contra sua tirania —, não havia feito nenhum avanço significativo. Em seguida, passou a usar sua horda e os médiuns da própria casa, mistificados por ele, para tal empreendimento, promovendo uma caça às bruxas contra os amigos. Em que alcançou apenas situações incômodas, mas sem resultado efetivo dentro de seus intuitos.

Ele sabia que os trabalhos mediúnicos contra ele estavam aumentando dentro da casa. Os mentores providenciavam que salas se organizassem apenas com médiuns sérios. E, que parte do trabalho, fosse vibrar para a destruição do castelo, ainda que de maneira inconsciente. Ou seja, o que Aluciphel

fazia, provocava pouco ou nenhum efeito na direção de seu objetivo. Ao passo que o realizado pela equipe do mentor da caverna, incluindo os trabalhos dos amigos e dos mentores da casa espírita, era muito mais eficaz. O mago negro via o cerco se fechar e, dentro dessa contabilidade, sabia que precisava tomar atitudes mais drásticas.

Portanto, de forma desesperada, colocou a "cabeça" de cada um dos amigos à prêmio. E não somente para as hordas do castelo. Qualquer demônio das trevas que conseguisse retirar, seja como fosse, um ou mais amigos de circulação, seria abundantemente galardoado.

Neste ponto, Aluciphel não tinha mais certeza de que somente retirar os amigos do trabalho seria suficiente para se salvar. Mas o ódio por eles era tão grande e tão forte, que desejava que caíssem juntos com ele. Caso perdesse seu reinado, os amigos perderiam a vida e, por consequência, o degredo estaria muito mais próximo para eles. E assim, poderiam novamente se encontrar em outro planeta, em uma próxima oportunidade. E a caçada vingativa prosseguiria cada vez mais forte.

A equipe do mentor da caverna rapidamente tomou ciência do fato, mesmo porque Aluciphel não fez questão de esconder. As trevas estavam agitadíssimas porque a recompensa prometida contemplava, inclusive, postos de alto comando no reinado do mago negro. Era um momento crítico e

todos os recursos do bem deveriam ser utilizados na proteção dos amigos. Imediatamente, mesmo sem solicitação, a equipe de mentores recebeu uma liberação do Mais Alto para que não poupassem recursos e esforços na proteção dos encarnados ameaçados de morte, na contenção de Aluciphel e, por consequência, na destruição do castelo. A ousadia e ódio de Aluciphel assinaram seu destino.

Daquele momento em diante, ninguém mais andava sozinho. Anderson, Patrício, Fabrízio e cada um de seus familiares mais próximos, tinham um Exu sempre ao lado, em qualquer lugar ou circunstância. Suas moradias contavam com a mesma proteção da redoma energética que a casa espírita. Nas entradas de seus prédios ou na entrada da vila de casas, havia sempre soldados medievais de guarda ou uma dupla de Exus, assim como na porta principal de acesso a suas residências. Havia caboclos, literalmente, abrindo os caminhos energéticos por onde passariam, como batedores fazem a segurança de políticos.

Exus faziam a ronda nos perímetros de suas casas, locais de trabalho ou de onde estivessem. Seus filhos, esposas, pais, irmãos ou irmãs e parentes mais próximos, andavam sempre acompanhados. Obviamente, nenhum destes sabiam o que se passava. Mas os amigos tinham ciência de tudo. Patrício e Fabrízio conseguiam, inclusive, enxergar muito do que acontecia. Eles

tinham medo, mas não se acovardavam ou pensavam em desistir.

Os piores demônios estavam à solta e na captura dos três. Mas sempre que um destes tentava algo mais atrevido, um mago branco ou preto velho surgia lhe envolvendo automaticamente. Aluciphel rapidamente começou a perceber que, por mais trevosos que pusesse à caça deles, seria quase impossível cumprir o objetivo. Com isso, em pouco tempo, passou a desviar recursos da mistificação e ataque na casa espírita para a caçada aos amigos. Assim, aos poucos, o centro espírita foi deixando de ser alvo de ataques, voltando à sua rotina normal. Evidente, com a exceção ao estrago feito nas mentes fracas de alguns médiuns que permaneceram atuando como se ainda recebessem as sugestões de Aluciphel, à maneira de um cão que viveu a vida inteira acorrentado e passa a andar sempre no mesmo lugar, quando lhe tiram as correntes. Mas isso foi devidamente tratado pelos mentores da casa com o passar do tempo. Quem teve que ficar, ficou. Assim como quem teve que sair, saiu.

Com a casa já totalmente fora de ataque e de perigo, todos os recursos de Aluciphel estavam voltados a ferir ou desencarnar qualquer um dos amigos ou familiares destes. Mas nada conseguiam. Sempre que algum demônio chegava mais próximo, o dobro ou triplo de entidades do bem aparecia: caboclos, Exus, soldados medievais,

pretos-velhos, magos brancos e boiadeiros. Todos na defesa. Não havia como chegar perto de ninguém. O máximo que conseguiam era rodear e ameaçar, mas sem efetividade. Algum tempo passou dessa maneira e a casa espírita continuava com os trabalhos vibrando, cada vez mais forte, na intenção de terminar com aquele reinado de terror de uma vez por todas.

A esta altura, Aluciphel já sabia sobre seu destino, pois que a guerra que declarou se voltou contra si mesmo. Havia iniciado com apenas os amigos e uma equipe mediúnica interessados em sua captura. Mas naquele momento, todas as equipes de encarnados e desencarnados da casa espírita estavam em batalhas contra seu castelo.

Em pouco tempo, o dia da queda havia chegado.

Capítulo 39

Eram centenas de soldados medievais prontos e enfileirados no astral, assim como dezenas de magos brancos que estavam estrategicamente colocados. Havia caboclos, Exus, orientais, pretos-velhos em suas apresentações características, boiadeiros, indígenas e dezenas de trabalhadores da casa espírita, fielmente trajados e prontos para a ação. Além, claro, do mentor da caverna, do segundo mentor, de amigos desencarnados, da equipe habitual de ação e, evidentemente, dos amigos. Era um dia importante para Anderson, Patrício e Fabrízio.

Aluciphel, pressentindo seu fim, refugiou-se primeiro no castelo, imaginando que estaria a salvo ou que aquele fosse, quem sabe, o lugar mais seguro das trevas para estar naquele momento. Mas não era. Reconhecendo isso, tentou fugir, mas o castelo já estava fluidificado, e uma barreira magnética impedia sua saída. O mago negro estava prisioneiro dentro de seus próprios muros. Cairia junto com sua edificação medieval — e com toda a sua organização

Os amigos entravam na casa espírita para seus trabalhos habituais, sem ter certeza do que aconteceria, mas cientes de que o castelo poderia cair a qualquer momento. Anderson e Patrício participavam de um trabalho fechado, e Fabrízio estava em outro, igualmente reservado ao público.

Ao iniciarem o processo de concentração e ambientação, foram logo avisados pelo mentor da caverna de que chegara o dia da queda do castelo.

Séculos haviam se passado desde que habitaram naquele lugar — vindos de histórias pregressas difíceis e vivendo dias igualmente complicados sob o domínio de Aluciphel — até o dia em que, dentro de uma casa espírita, como médiuns, atuariam no desmantelamento final daquele reinado trevoso de terror.

Este é um ponto fundamental da história, pois este livro — não por coincidência ou descuido — é a continuação de *Trabalhos Mediúnicos na Casa Espírita*. Essa sequência foi planejada justamente para mostrar como os trabalhos mediúnicos podem ser suficientemente fortes e eficazes, a ponto de dissolverem uma organização trevosa que perdurava havia séculos.

Trata-se de um romance, o segundo volume da coleção, cujo primeiro livro tem caráter didático, estruturado em perguntas e respostas. O objetivo é evidenciar o poder dos trabalhos mediúnicos sérios, conduzidos por médiuns comprometidos, mesmo diante das imperfeições humanas e das dificuldades naturais das casas espíritas. É assim para mostrar que o castelo de Aluciphel caiu como resultado direto de trabalhos mediúnicos realizados dentro da casa espírita.

Imaginem o sentimento daqueles três. A libertação que tiveram a partir daquele momento. Não escapariam do degredo por terem participação naqueles eventos, pois, como o mentor da caverna disse aos três, não precisavam deles para tal. Mas, incontestavelmente, avançaram muito em seus objetivos de permanecerem na Terra durante a evolução planetária.

Mas, sem pensarem nessas coisas, os amigos entraram em desdobramento da consciência e se juntaram de forma semiconsciente ao mentor da caverna. Percebam que ao entrarem nas salas separadas de trabalho, não sabiam o que iria acontecer. Tomaram conhecimento apenas quando já estavam fisicamente separados — ao menos Fabrízio, dos outros dois.

Já no astral, o mentor da caverna colocou cada um dos amigos em bolhas fluídicas flutuantes. No entanto, ainda estavam longe do castelo.

Sob o comando e a liderança do mentor da caverna, as diversas falanges se organizaram em fileiras para iniciar os avanços sobre o castelo, cada uma com sua função. Contudo, em vez de já estarem organizadas nas proximidades dos domínios de Aluciphel, estavam relativamente longe e marchariam até lá pelos vales das trevas, mostrando aos demônios que não há força maior que a Divina; que não há resistência que não possa ser vencida pela força de Deus.

Ouviam-se os murmúrios dos trevosos escondidos pelas montanhas, enquanto todas as falanges já estavam prontas. Eis que, de repente, silêncio total, pois uma luz demasiadamente intensa desce à frente das fileiras. Era tão brilhante que iluminava quilômetros trevosos à distância. Como uma bola radiante de luz que se irradiava longe, descia lentamente até parar bem à frente das fileiras. O mentor da caverna se aproximou, pôs a mão dentro da bola de luz e de lá tirou uma espada flamejante. Afastou-se, e a bola subiu, levando sua luz consigo. Nesse momento, o mentor da caverna virou-se para as fileiras, levantou a espada e, mentalmente, deu o sinal de avanço. A marcha do bem começava através das trevas.

As primeiras fileiras eram compostas por pretos-velhos e orientais, mesclados a alguns magos brancos, pois a maioria desta falange estava dispersada pelo caminho até o castelo. Estavam estrategicamente colocados de forma a utilizar as energias emanadas pelas fileiras dos falangeiros, manipulando-as para que servissem de suporte à barreira magnética que já envolvia o castelo e para os mais diversos fins: envolver irmãos arrependidos, impedir a provável tentativa de fuga do mago negro e garantir que a vibração emanada pelo bem fosse inalterável e inabalável.

Sem contar que também poderiam promover maior segurança contra-ataques improváveis — mas possíveis — das tropas de Aluciphel, que, a

esta altura, se empoleiravam frente aos muros do castelo, pois não haviam conseguido entrar devido à redoma energética. Nesses, o pavor perante a iminente chegada dos falangeiros do bem era flagrante. E aqueles que conseguiram voltar para dentro dos muros do castelo antes da colocação da redoma já percebiam a coragem sumir aos poucos. Aluciphel estava em sua sala, apenas assistindo a tudo de maneira inerte.

Uma das possíveis reações esperadas pela equipe do mentor da caverna era que o mago negro lutasse "até o fim" ou, realmente, nem se desse ao trabalho quando tivesse a certeza de sua captura.

As fileiras seguintes eram compostas por caboclos trazendo atabaques amarrados ao corpo. Mais de uma centena de entidades das matas estavam prontas para iniciar os toques que liberariam as primeiras energias a serem manipuladas pelos magos brancos ao longo do caminho. À frente dessas fileiras, havia um grande espírito indígena, usando um imponente penacho branco, verde e vermelho, com expressão séria e agindo como líder e regente daquele grupamento.

Em momento de grande silêncio, quando nem mesmo os murmúrios das trevas podiam ser ouvidos, este grande espírito indígena levantou os braços e, ao abaixá-los, a orquestra de atabaques tocados pelos caboclos rompeu a mudez nervosa das trevas com batidas frenéticas e bem

sincronizadas. A música dos atabaques pôde ser ouvida de muito longe e ecoava pelas trevas como flechas disparadas em todas as direções, originadas dos instrumentos e direcionadas aos espíritos que já se arrependiam do equívoco temporário e podiam ser envolvidos.

Logo em seguida, havia fileiras de soldados medievais, guias e mentores ligados à casa espírita, como a falange dos franciscanos. Todos os falangeiros desse segmento andavam calmamente, com expressões de extrema tranquilidade. Às laterais dessas fileiras, organizados como batedores, estavam tocadores de trombetas, que as utilizavam durante as pausas dos atabaques. A energia liberada pelo toque das trombetas era igualmente manipulada pelos magos brancos do caminho, com os mesmos fins da energia proveniente dos atabaques.

Na sequência, vinham as fileiras de boiadeiros e encantados, rodopiando suas palhas e liberando energias poderosíssimas, que seriam utilizadas pelos magos brancos, distribuídos pelo caminho. Ao final, encerrando a formação, centenas de Exus, absolutamente caracterizados, caminhavam com extrema seriedade e firmeza, em completo silêncio.

Os amigos estavam dentro de bolhas fluídicas — cada um em uma diferente — acompanhados de mentores, entre eles o segundo mentor, além de magos brancos, que flutuavam sobre a marcha das

fileiras de falangeiros. Um pouco adiante, o mentor da caverna se juntaria a eles em mais uma bolha fluídica, quando estivessem mais próximos ao castelo.

Nenhum habitante das trevas ousou se aproximar ou sair dos esconderijos. À medida que a marcha avançava rumo aos muros de Aluciphel, o silêncio nas trevas tornava-se cada vez mais denso, em contraste com o som crescente das trombetas e dos atabaques.

Quando o castelo já podia ser visto de perto, e uma certa distância separava as primeiras fileiras do bem das tropas de Aluciphel — que se espremiam do lado de fora da redoma —, a marcha parou. Nesse momento, o mentor da caverna se juntou ao segundo mentor e aos amigos, nas bolhas fluídicas. Nesse momento, em que nenhum integrante das tropas do mago negro se mexia, as fileiras do bem abriram, sincronizadamente, um enorme corredor central entre elas. Por ele, a falange de Exus caminhou tranquilamente, até estarem todos à frente dos falangeiros. O pânico tomou conta das tropas de Aluciphel, fora dos muros, pois sabiam da capacidade daqueles Exus. Alguns tentavam fugir, mas os magos brancos do caminho, agora concentrados ao redor do castelo, os impediam, utilizando as energias liberadas durante a marcha. Após alguns momentos de imobilidade dos Exus, que ficaram apenas olhando muito seriamente para as tropas de Aluciphel, eles

iniciaram o avanço final contra os muros do castelo. Apenas caminhavam, quase serenamente, apesar da expressão em seus rostos. Alguns soldados de Aluciphel ainda tentaram defender os muros, mas os Exus nem precisavam tocá-los para contê-los — já eram levados pelos magos brancos e pretos-velhos das primeiras fileiras. Os demais, que assistiam àquelas cenas, apenas se entregavam, pedindo para serem levados. Diante disso, não havia mais quem ser combatido fora dos muros. A partir de então, os magos brancos retiraram a barreira magnética ao redor do castelo, mas garantiram que Aluciphel não pudesse escapar.

Os caboclos tocadores de atabaques e os tocadores de trombetas circularam toda a extensão do castelo e intensificaram a liberação de energia através dos sons. A vibração era tão poderosa que, em pouco tempo, o castelo já ruía e seus muros caíam. Não havia resistência. As tropas e integrantes das hordas do mago negro que estavam no interior do castelo se renderam, pois estavam cansados de praticar o mal e queriam ser tratados pelas equipes do bem. Aluciphel se sentou em seu trono e apenas aguardou a chegada da equipe que o levaria para a prisão.

A batalha foi vencida pelas falanges do bem de forma rápida e sem baixas.

A equipe de segurança máxima, sem a presença do mentor da caverna, entrou no salão do trono e

deu voz de prisão ao mago negro, que apenas levantou-se e disse que não resistiria. Mas fez uma pergunta ao comandante da equipe:

— Onde estão os traidores e aquele que anda com eles? — perguntou o mago negro, referindo-se claramente a Anderson, Patrício, Fabrízio e ao mentor da caverna.

A resposta já estava orientada pelo próprio mentor da caverna, caso o mago negro questionasse. O comandante disse:

— Eles não quiseram ver pessoalmente sua queda, pois tiveram a caridade de permitir que você tivesse a dignidade de ser preso sem a presença deles.

Aluciphel se calou e apenas se permitiu levar.

Após a saída de Aluciphel, o castelo já era passado. Apenas ruínas ocupavam o lugar. Alguns focos de fumaça e destroços eram avistados das bolhas onde estavam os antigos integrantes daquela organização que não mais existia. Os trabalhos nas salas espíritas haviam se encerrado, em ambos os planos conscientes, tendo em vista que os amigos participaram da derrocada do castelo utilizando-se do desdobramento da consciência, restando apenas as orações de conclusão. Mesmo em salas separadas, Fabrízio, Anderson e Patrício, de forma consciente, sabiam do desfecho. Assim que o

trabalho onde estava Fabrízio fora oficialmente encerrado, este foi até a sala onde os outros dois amigos estavam e, certificando-se que ali o trabalho também havia se encerrado de maneira oficial, entrou sorrindo e encontrou seus companheiros igualmente sorridentes. Todos se olharam e a frase foi uníssona:

— O castelo caiu.

Epílogo

Os amigos guardavam um sentimento de dever cumprido e de alívio ao presenciarem aquelas cenas. Porém, aquele era apenas um passo. O castelo e a organização de Aluciphel não mais existiam, mas eles ainda tinham um longo caminho pela frente para que evitassem o degredo.

A casa espírita voltou a operar com seus antigos problemas, mas sem a incômoda influência de Aluciphel. Os trabalhadores da equipe encarnada continuam ativos, contudo, devido em parte à perseguição a eles que se manteve, retiram-se da casa espírita, levando seus esforços mediúnicos a outros âmbitos.

Em relação ao mentor da caverna e ao segundo mentor, continuam firmes e atuantes nas frentes ligadas ao bem e paz, na seara do Cristo, Jesus.

Anderson, Patrício e Fabrízio permanecem encarnados, ao menos enquanto este livro é finalizado, no ano de 2024. Seus futuros em relação ao degredo planetário ainda não estão definidos. Porém as expectativas são boas.

Importante registro se faz válido. Este livro começou a ser ditado ao médium no ano de 2012 e fora parcialmente concluído em 2014, tendo o trabalho se desenrolado sem interrupções naquele período. Todavia, por razões particulares, o

médium em questão fora impossibilitado da plena conclusão dos trabalhos mediúnicos de psicografia deste relato, ficando, portanto, o livro incompleto em todas as suas características originais.

No entanto, devido à inesgotável bondade do Pai, o retorno aos trabalhos se fez possível no início de 2024, ano de sua definitiva conclusão, tendo sido acrescidas 53 páginas ao texto comunicado entre 2012 e 2014.

www.mediumfabiobento.com.br